

**CADERNO DE METODOLOGIAS
DE ENSINO E DE PESQUISA DE
SOCIOLOGIA**

LENPES

LABORATÓRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DE SOCIOLOGIA

Copyright©2009 by: Ileizi Fiorelli Silva,
Ângela Maria de Souza Lima, Nataly
Nunes e Alexandre Jeronimo Correia
Lima.

Projeto Gráfico: Fase D. Produtora - Márcio Yuji Fukuji
Foto da Capa: Fase D. Produtora - Nil Gonçalves
Todas as fotos utilizadas no livro pertencem ao acervo do LENPES.

Impressão: Midiograf

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos
da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C122 Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa / organizador Ileizi
Luciana Fiorelli Silva...[et al.]. – Londrina : UEL; SET-PR, 2009.
453 p. : il.

Programa Universidade Sem Fronteiras – SETI/PR .
ISBN 978-85-7846-056-3

1. Sociologia - Estudo e ensino. 2. Ciências e Humanidades. 3. Sociologia
- Metodologia. I. Silva, Ileizi Luciana Fiorelli. II. Paraná. Secretaria
de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Programa
Universidade Sem Fronteiras.

CDU 316:37.02

Número de impressões: 1000 unidades.
Londrina, 2009. Impresso no Brasil

CADERNO DE METODOLOGIAS DE ENSINO E DE PESQUISA DE SOCIOLOGIA

LENPES

LABORATÓRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DE SOCIOLOGIA

Consolidação da Formação de Professores e da Integração entre
Universidade e Escola pela Superação das Desigualdades Sócio-
Educaçãois no Estado do Paraná
(Ações em Ortigueira/ 2007-2009)

Programa “Universidade Sem Fronteiras”
SETI/PR

Ileizi Luciana Fiorelli Silva
Angela Maria de Sousa Lima
Nataly Nunes
Alexandre Jeronimo Correia Lima
Organizadores

Autores

Alexandre Jeronimo Correia Lima
Ana Maria Chiarotti de Almeida
Ana Cleide Chiarotti Cesário
Ana Claudia Rosa
Ângela Maria de Sousa Lima
Beatriz C. do Carmo
Claudia Costa Cabral
Cintia
Cirlene da Ap^a V. Martins
Eduardo Baroni Borghi
Eliana Rossi Mello Migliorini
Edina Aparecida Bessa
Elizete Campos de Sousa Carnellos
Ezequiel Menta
Fernanda Galisteu Lourenção
Giselle Vieira Carneiro
Grazielle Maria Freire
Guiomar Ferreira Kalçoviski
Ileizi Luciana Fiorelli Silva
Inês Monique Miranda de Abreu
Izaíra Ribas Machado
Jaqueline Fabeni
Jessiane B. Gonçalves
João Lucas Taques
Julia Acordi Baumel
Leandro Barroso P. Guilherme
Leniel Harison Mercer
Luana de F. Bartolomei
Luciane Regina Valenga
Lucélia dos Santos Garcia
Luiz Fernando Martins

Luiz Gustavo Larocca
Maria José de Rezende
Maria S. Banach
Micheli Souza da Silva
Nataly Nunes
Maria Elizabeth de Sousa
Maria Inês de Oliveira Martins
Mariana Albuquerque Laiola da Silva
Maurício Aleixo Fernandes
Marina de Lourdes Machado
Marlene dos Santos
Marliane Barboza de Almeida
Neiva Fátima Szmowski Pereira
Neusa Maria de Oliveira
Nilva Giane Trajano Gonçalves
Neudes Hirt
Paula Fernanda Siqueira Rosa
Patrícia Hernandez Franco
Ricardo de Jesus Silveira
Rosangela Menta
Tatiane Vanessa Machado
Taynara Freitas Batista de Souza
Tereza Banach de Goes
Teresa Cristina Mercedes
Sidney Marcelino dos Santos
Vanessa Cristina de Franceschi
Vanessa Viviane Pirolo
Wesley Piante Chotolli
Wellington Gustavo Pereira
Willian João



Professores

Profª Drª Ana Cleide Chiaroti Cesário

Profª Ms. Adriana de Fátima Ferreira

Profª Drª Ana Maria Chiaroti de Almeida

Profª Drª Ângela Maria de Sousa Lima

Profª Drª Ileizi Luciana Fiorelli Silva (Coord. do Projeto)

Profª Drª Maria José de Rezende

Profª Drª Silvana Aparecida Mariano

Profº Dr Ricardo de Jesus Silveira

Estagiária Recém Formada

Nataly Nunes

Estagiários Graduandos

Alexandre Jerônimo Correia Lima

Eduardo Baroni Borghi

Grazielle Maria Freire

Inês Monique Miranda de Abreu

Lucélia dos Santos Garcia

Luciano Roberto Costa

1º Sem/2008

Micheli Souza da Silva

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

Rafael Magalhães Pinto Peretti

2º Sem/2008

Sidnei Marcelino dos Santos

Tatiane Vanessa Machado

Taynara Freitas Batista de Souza

Vanessa Cristina de Franceschi

Wesley Piante Chotolli

APRESENTAÇÃO

O Caderno de Metodologias de Ensino de Sociologia reúne algumas experiências de pesquisa, de registro de memória e um conjunto de oficinas e aulas ministradas no Colégio Estadual Altair Mongruel em Ortigueira-PR.

Tais atividades tiveram um caráter de “experimentos” de pesquisa, ensino e extensão e de metodologias de ensino nos níveis Fundamental e Médio da Educação Básica. Essas ações foram desenvolvidas no interior do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia-LENPES que se insere no Programa Universidade Sem Fronteiras da SETI-PR. Tem, portanto, financiamento com pagamento de bolsas para recém-formados, docentes e graduandos em Ciências Sociais na UEL - Universidade Estadual de Londrina e recursos para equipamentos e custeio.

O grupo envolvido no LENPES se dispôs a realizar diálogos com os professores e estudantes do Colégio Estadual Altair Mongruel, de Ortigueira, buscando refletir coletivamente sobre as metodologias de ensino mais adequadas para a melhoria da educação e dos índices de desempenho no Ensino Fundamental e Médio.

Para isso realizamos vários encontros com os professores do colégio, dois eventos que mobilizaram os alunos, funcionários, professores e comunidade-pais. Os eventos foram os seguintes: Gincana Cultural de Memória em maio de 2008 e a Jornada de Humanidades em outubro de 2008. Para a preparação dos eventos foram realizadas oficinas e reuniões com os envolvidos no colégio. Esse processo possibilitou a socialização das visões, das metodologias e práticas de ensino dos dois grupos, da UEL e do Colégio. Desse diálogo resultaram as ações e encaminhamentos para consecução dos dois eventos.

Neste Caderno apresentamos os planos de aulas e um pequeno balanço sobre as mesmas. Tais aulas e oficinas foram realizadas na Jornada de Humanidades, em outubro de 2008. Muitas dessas aulas originaram-se durante a Gincana Cultural em maio de 2008.

O LENPES dedicou-se ainda a buscar metodologias de pesquisa voltadas para a intervenção no ensino. Dessa forma, realizou ainda uma investigação que levou em conta o sujeito principal desse processo: os estudantes. Através de questões trabalhadas durante palestras em março e abril de 2008 e escritas em cadernos distribuídos para as turmas de Ensino Médio do colégio pudemos identificar como parte desses jovens encaram as desigualdades sociais em seu contexto e como

avaliam sua inserção na escola. Os resultados foram surpreendentes. Contudo, não podemos generalizar os resultados, pois tivemos alguns problemas no retorno dos cadernos dos alunos. Entretanto, o processo de investigação e a bibliografia mobilizada e posta em ação merecem ser socializados neste Caderno de Metodologias, que também registra nossos “experimentos” de pesquisa.

Como resultado das oficinas de memória para preparação da Gincana Cultural, um professor do Colégio animou-se para pedir ao seu pai que contasse a história de uma Estrada importante na região. Disso resultou um livro escrito pelo professor a partir das histórias do seu pai e que foi ilustrado pela artista Claudia Costa Cabral. A Gráfica da UEL fez uma impressão e entregamos esse material na *I Jornada de Humanidades*, em outubro de 2008. Incluímos essa história neste Caderno, pois foi mais uma experiência e um resultado importante de nossas ações.

Agradecemos a todos os envolvidos e especialmente à Lygia Pupatto, Secretária do Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná, à Elizete Campos de Sousa Carnellos, Maria Elizabeth de Sousa e Cláudia Costa Cabral, Diretoras do Colégio Estadual Altair Mongruel que nos abriram as portas de forma generosa e solidária.

*Ângela Maria de Sousa Lima
Ileizi Luciana Fiorelli Silva*

SUMÁRIO

7 Apresentação

Ângela Maria de Sousa Lima; Ileizi Luciana Fiorelli Silva

CONSTRUINDO OS FUNDAMENTOS (D)O PROJETO E (D)AS AÇÕES

15 Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica: Aproximações com os Fundamentos Pedagógicos

Ileizi Luciana Fiorelli Silva

37 Ações de 2008

Oficinas de Metodologia de Pesquisa e de Ensino de
Memória e Patrimônio Histórico-Cultural (Ortigueira-PR)

39 Projeto da I Jornada de Humanidades

Claudia Costa Cabral; Luciane Regina Valenga; Tereza Banach de Goes

43 A Educação como Vocação e a Ética da Responsabilidade:

A Paixão, a Serenidade e a Tolerância - Professores e Funcionários
Ana Maria Chiarotti de Almeida

OS CONTEÚDOS DA SOCIOLOGIA EM AÇÃO - I JORNADA DE HUMANIDADES

ATIVIDADES COM ENSINO FUNDAMENTAL

53 Diferenças × Desigualdades - 5ª e 6ª Séries

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

59 Diferenças × Desigualdades - 7ª e 8ª Séries

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

69 Etnocentrismo - 5ª Série

Ângela Maria de Sousa Lima; Neudes Hirt

83 Memória e Identidade - 7ª e 8ª Séries

Grazielle Maria Freire

89 Cultura ou Culturas: Uma Contribuição Antropológica - 5ª Série

Vanessa C. de Franceschi

99 Desigualdade Social - 7ª e 8ª Séries

Nataly Nunes

107 Escola e juventude - 7ª e 8ª Séries

Micheli Souza da Silva

115 Patrimônio Cultural - 5ª e 6ª Séries

Grazielle Maria Freire

- 123 “Pobreza” Política? - 7ª Série
Ângela Maria de Sousa Lima
- 137 Indústria Cultural - 7ª e 8ª Séries
Wesley Piante Chotolli
- ATIVIDADES COM ENSINO MÉDIO
- 147 Diferenças × Desigualdades - Ensino Médio e Normal Médio
Mariana Albuquerque Laiola da Silva
- 157 Movimentos Sociais no Brasil - Séries: Ensino Médio
Eduardo Baroni Borghi; Taynara Freitas Batista de Souza
- 163 Pesquisa e Educação - 2ª do Normal Médio
Ângela Maria de Sousa Lima; Jaqueline Fabeni
- 175 Sociologia/Antropologia Brasileira:
Os Modos de Navegação Social - 1º e 2º Anos do Ensino Médio
Fernanda Galisteu Lourenção; Maurício Aleixo Fernandes
- 183 Análise do Filme “A Fuga das Galinhas”
Ensino Médio e Normal Médio
Fernanda Galisteu Lourenção; Mauricio Aleixo Fernandes
- 191 Indústria Cultural - 1º e 2º Anos do Ensino Médio
Wesley Piante Chotolli
- 201 Grêmio Estudantil - Ensino Médio
Micheli Souza da Silva
- 209 Memória do Trabalho - Ensino Médio
Grazielle Maria Freire
- 221 Desigualdade Social - Ensino Médio e Normal Médio
Nataly Nunes
- 229 Conceitos de Durkheim
(Coesão, Solidariedades, Instituições e Anomia) - Ensino Médio
Alexandre Jeronimo Correia Lima
- 239 Educação e Mercado de Trabalho - Ensino Médio
*Inês Monique Miranda de Abreu; Lucélia dos Santos Garcia;
Tatiane Vanessa Machado*
- 249 Determinismo ou Liberdade Incondicional
Série: 1º no do Ensino Médio
Rosângela Menta Mello; Eziquiel Menta
- 263 Ideologia - 3º do Ensino Médio
Sidney Marcelino dos Santos
- 269 Movimento Estudantil: Identidade e Representatividade
Ensino Fundamental e Médio (Grêmio Estudantil da Escola)
Ângela Maria de Sousa Lima; Jaqueline Fabeni

COM A PALAVRA: OS PROFESSORES E OS ALUNOS DO
COLÉGIO ALTAIR MOGRUEL DE ORTIGUEIRA-PR

- 281 Redações Selecionadas e Premiadas do Colégio Altair Mongruel
Guiomar Ferreira Kalçoviski
- 282 Bandeira Nacional: O Símbolo da Nossa Nação
Beatriz C. do Carmo - 8º B
- 282 Bandeira Nacional
Cintia - 7ª C
- 283 Polêmica: Hidrelétrica Mauá
Jessiane B. Gonçalves - 2ªA
- 284 Meu País
Julia Acordi Baumel - 1º A
- 284 Usina: Benefício ou Prejuízo
Leandro Barroso P. Guilherme - 3º A
- 285 Bandeira: O Espelho da Nossa Nação
João Lucas Taques
- 285 Nossa Pátria... Nossa Mãe!
Luana de F. Bartolomei - 8ª A
- 286 Construção: Problema ou Solução?
Wellington Gustavo Pereira - 3º
- 287 Esperança
Willyam João - 8ª A
- 288 Hino Ao Colégio Estadual Altair Mongruel
*Lucinéia Ferreira; Franciele Ferreira; Jane Cassemiro; Isis Milene Vieira;
Rita Priscila Vieira - 7ª Série C*
- 289 Relatórios da I Jornada de Humanidade pelos Professores do
Colégio Estadual Altair Mongruel
Claudia Costa Cabral; Luciane Regina Valenga; Tereza Banach de Goes
- 289 Oficina de Matemática: Construção de Jogos
Ana Claudia Rosa; Luiz Fernando Martins; Paula Fernanda Siqueira Rosa
- 293 Confecção de Materiais Didáticos
Giselle Vieira Carneiro; Neiva Fátima Szmoski Pereira
- 295 Teatro e Confecção de Cenário
Izaíra Ribas Machado; Marlene dos Santos
- 297 Educação para o Trânsito
Marliane Barboza de Almeida; Neudes Hirt; Luiz Gustavo Larocca
- 298 Pintura com Moldes Vazados – A Beleza das Cores
*Eliana Rossi Mello Migliorini; Maria Inês de Oliveira Martins;
Vanessa Viviane Pirolo*

- 302 **Higiene e Saúde**
Marlene dos Santos; Teresa Cristina Mercedes
- 306 **Higiene e Saúde – Cuidado com o Piolho!**
Cirlene da Apª V. Martins; Marina de Lourdes Machado
- 309 **DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis**
Edina Aparecida Bessa; Leniel Harison Mercer
- 311 **Como Envelhecer com Saúde**
Edina Aparecida Bessa; Leniel Harison Mercer
- 318 **Valores Humanos**
Claudia Costa Cabral; Nilva Giane Trajano Gonçalves
- 323 **Confecção de Materiais Pedagógicos com Recursos Recicláveis**
Maria S. Banach; Patrícia Hernandez Franco
- 324 **Atividades Culturais Realizadas na
I Jornada de Humanidades em 2008**
Claudia Costa Cabral (org.)
- 339 **Desigualdades e Educação**
**Como o Colégio Estadual Altair Mongruel está tentando diminuir
as desigualdades, superar as dificuldades e garantir uma educação
de qualidade.**
Claudia Costa Cabral
- 247 **Gincana Cultural: Memória, Patrimônio e Identidades**
Graziele Maria Freire
- 351 **Estrada Boiadeira**
Leniel Harison Mercer
- 393 **As Percepções Sociais de Estudantes do Ensino Médio de uma
Pequena Cidade Paranaense: Uma Leitura Sociológica de Suas
Experiências Vividas**
Maria José de Rezende

METODOLOGIAS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

Aproximações com os Fundamentos Pedagógicos^{1 2}

Ileizi Luciana Fiorelli Silva

O Ensino de Sociologia na Educação Básica encontra seus fundamentos e metodologias na tradição teórica e investigativa de dois campos: o campo das Ciências Sociais e o campo da Educação. Na produção das reflexões desses dois campos encontraremos momentos de maior intersecção e integração e momentos de menor interlocução. Contudo, independente das possibilidades de articulação entre os dois campos, será neles que encontraremos os princípios para as metodologias de Ensino de Sociologia na Educação Básica.

Neste artigo buscarei os elementos que possam fundamentar essas metodologias no próprio raciocínio das ciências sociais e nas perspectivas pedagógicas do século XX que disputam a estruturação do discurso pedagógico oficial e das práticas de ensino nas escolas. Parto do pressuposto que as práticas de formação de professores de Sociologia nos cursos de Ciências Sociais e nas salas de aula da Educação Básica são capturadas pelo discurso pedagógico predominante e pelas teorias educacionais em disputa nos diferentes momentos da história da educação. Além disso, a formação do professor e das suas práticas na Educação Básica dependem da compreensão de Ciências Sociais/ Sociologia da agência formadora, do campo das Ciências Sociais e do campo da Educação sobre a pertinência do ensino de Sociologia nas escolas. Essa compreensão é materializada no modo como a Disciplina é ou não inserida nos currículos.

Em suma: a consolidação das Metodologias de Ensino de Sociologia depende por um lado, de fatores ligados à constituição do campo escolar, ou seja, de como o sistema de ensino está organizado e estruturado em termos de condições de trabalho pedagógico e da concepção de escola e de currículo e, por outro lado, de fatores ligados à constituição do campo das ciências sociais que informam os conteúdos a serem selecionados no campo escolar.

¹ Este texto, aqui modificado, foi discutido com os professores do Colégio Estadual Altair Mongruel de Ortigueira-PR no dia 10/05/2008.

² Apresentado no IENSOC – I Encontro Estadual de Ensino de Sociologia-RJ, em 20/09/2008 e publicado, parcialmente, no livro: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (orgs.). A Sociologia vai à Escola: História, Ensino e Docência. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2009, p. 63-91.

O conceito de Educação Básica da LDB - Lei de Diretrizes e Bases de 1996 incorpora todos os níveis desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, ou seja, abarca a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, devendo atender os indivíduos de 0 a 17 anos de idade.

As reflexões partem das experiências com o estágio no Ensino Médio, contudo já estamos, na prática, avançando para o ensino fundamental. As ações do LENPES demonstram essa demanda crescente por metodologias de ensino adequadas aos alunos da 5ª à 8ª série do ensino fundamental.

Cumpramos ressaltar que em Cariacica-ES já há experiências de ensino de Filosofia e de Sociologia na Educação Infantil.

Esse movimento de inclusão da Sociologia na Educação Básica evidencia a urgência de nos debruçarmos na criação e fundamentação das práticas de ensino nas Ciências Sociais.

I. Concepções e condições objetivas gerais que determinam as metodologias de ensino.

As escolhas metodológicas do ensino em geral e do ensino de Sociologia em particular dependem do modo como a escola está organizada, como o trabalho docente se estrutura, como os docentes são contratados, como esses docentes compreendem a função da escola, como pensam a infância e juventude no contexto atual e como estruturam suas aulas.

Assim, as duas grandes linhas pedagógicas denominadas de Pedagogias Diretivas e Pedagogias Não Diretivas serão materializadas em suas diferentes matizes a partir das concepções oficiais, das práticas reais dos professores e de suas condições objetivas para organização do trabalho pedagógico na escola.

Quando perguntamos para os professores sobre qual o papel da escola e de sua disciplina tem sido comum obtermos a resposta: “educar para a cidadania”. Como corolário aparecem outras frases como: “educar para a vida”, “educar para o trabalho”, “ensinar valores”, entre outras. Essas metas gerais ainda não informam como os professores ensinam de fato, mas, indicam orientações teóricas e pressupostos políticos.

Qual a diferença entre afirmarmos que “a escola educa o cidadão”, “prepara para a vida”, “desenvolve o aprender a aprender” e que “a escola socializa os conteúdos/saberes produzidos ao longo da história pela humanidade”, “a escola prepara para a democracia e para o trabalho”?

Qual a diferença entre as afirmações que o professor deve ser um orientador, motivador dos processos de aprendizagem e que o professor deve ensinar os conteúdos? Qual a diferença entre as compreensões implícitas nas

afirmações sobre como as crianças e jovens aprendem, “guiados pelos professores com autoridade e disciplina”, “a partir da mediação do professor respeitando as fases de maturação dos alunos”, “aprendem por si mesmos, com ajuda do professor (um motivador)”?

Note-se que há nessas pequenas frases ligações com as grandes correntes pedagógicas que se desenvolveram no século XX: encontramos nelas as vozes da Escola Nova, da Psicologia e Pedagogia Histórico-Crítica, de Piaget ou do liberalismo, construtivismo de Vigotski e o de Piaget, do Materialismo Histórico, entre outras vertentes que moldaram os discursos e práticas pedagógicas desde os anos de 1920.

Nesses textos que circulam no campo da Educação encontramos as perspectivas liberais marcadas pela Escola Nova, que tendem a defender a não diretividade no ensino e criticam, sobretudo, *o ato de ensinar*, difundindo a idéia de que os jovens e crianças aprendem muito mais sozinhos do que com os professores. Não terei como desenvolver essas teorias aqui e suas conseqüências para a educação e para o ensino de Sociologia. Apenas indicarei que essas perspectivas evoluíram para os currículos elaborados após a LDB de 1996, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares Nacionais que reelaboraram as propostas da Escola Nova e podemos sintetizar nas palavras de ordem que se disseminaram no senso comum pedagógico da década de 1990 em diante: *os alunos devem “aprender a aprender”, os currículos devem ser flexíveis e organizados por módulos ou temas, os professores devem ser animadores, motivadores, os conteúdos são indicados pelos alunos e pelo mercado e sociedade tecnológica.*

As conseqüências para a organização das escolas, currículos, formas de contratação de professores e para a constituição da Sociologia como disciplina e/ou conteúdos são sentidas até hoje e já podemos visualizar que a escola do “aprender a aprender” ajudou a esvaziar o sentido e a função do professor, das Disciplinas e da própria escola.

Precisamos lembrar que organizar currículos baseados na noção de competência exige muito investimento, são currículos que custam caro, pois necessitam de salas com poucos alunos e muitos professores com disponibilidade de tempo para reuniões, trabalhos em grupos e produção de materiais. Tais currículos desenvolvidos em escolas técnicas e no Ensino Superior produzem efeitos interessantes no envolvimento do aluno e da potencialização de sua autonomia intelectual. Contudo, no Brasil disseminou-se esse “modelo” em cima de condições objetivas que só foram deterioradas após 1970: formação de professores aligeirada, escolas sem infra-estrutura, professores pessimamente remunerados, crise social e econômica agravada que afetou o sentido da escola como garantia de acesso aos empregos.

Enfim, a Sociologia começa a retornar para as escolas de Ensino Fundamental e Médio nessas condições objetivas e com essas orientações pedagógicas mencionadas acima, calcadas nas pedagogias não diretivas, na noção de competências e na crítica às disciplinas e à formação de professores especialistas.

É nesse contexto que estamos tentando construir a Disciplina Sociologia, criando orientações para o seu ensino, buscando recursos teóricos e práticos, lutando pelas condições de trabalho, de formação de professores nos cursos de Ciências Sociais e tentando criar espaços como o do LENPES, em que possamos discutir e adensar nossas práticas de ensino de sociologia. Assim, o que discuto na seqüência são elaborações provisórias que poderemos problematizar no debate. Apresento como estou pensando as metodologias, já me posicionando diante das correntes pedagógicas que mencionei anteriormente (ver quadro sinótico no final do texto).

II. Concepções e condições objetivas específicas que orientam as escolhas metodológicas de Ensino de Sociologia

Pensar em maneiras de ensinar a Sociologia nos remete às reflexões epistemológicas da nossa ciência de referência: O que é a “imaginação” sociológica? O que é o “raciocínio” sociológico? Como podemos desenvolver com os alunos a “imaginação”, o “raciocínio”, as “formas de pensar” sociologicamente? O que é “sociologia” ou os “modos de pensar” sociologicamente?

³ Utilizo aqui as edições em português: MILLS, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*. 4ª ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. PASSERON, Jean-Claude. *O Raciocínio Sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural*. Tradução de Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁴ Sem pretender ser exaustiva, cito alguns exemplos de publicações em que se pode encontrar essas discussões: PIAGET, Jean. *A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências* (Volume1). Tradução de Isabel Cardigos dos Reis. Lisboa: Livraria Bertrand, 1971; HABERMAS, J. *La Lógica de las ciencias sociales*. 3ª ed. Madri: Tecnos, 1996; FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. 4ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.; BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, J-C. *A Profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999; BOURDIEU, Pierre. *Método Científico e Hierarquia social dos objetos*. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.33-38; DAHRENDORF, R. *Sociedad y Sociologia: la ilustracion aplicada*. Tradução por Jose Belloch Zimmermann. Madrid, Editorial Tecnos, 1966; IANNI, Octávio. *Sociologia da Sociologia*. São Paulo, Ática, 1989.; BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.; BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

Esses temas foram tratados com esses títulos por dois sociólogos. *A imaginação Sociológica* é título do livro, publicado pela primeira vez em 1959, pelo sociólogo norte-americano Wright Mills. *O Raciocínio Sociológico* é título do livro, publicado em 1991, pelo sociólogo francês Jean-Claude Passeron³. Evidentemente, o problema do que seria o *pensamento sociológico* é recorrente em todos os pensadores clássicos e contemporâneos, dos diferentes países e do Brasil, sendo apresentado com diferentes títulos, em várias publicações⁴. O meu objetivo, aqui, não é o de fazer um balanço sobre essa discussão de forma a mapeá-la com rigor sociológico e filosófico. Em outra oportunidade, poderíamos aprofundar o debate sobre esses estudos e sobre essa temática tão necessária para a construção de pressupostos epistemológicos e metodológicos do Ensino de Sociologia.

Parto desses títulos, porque eles são sugestivos para pensarmos o ensino da Disciplina Sociologia em nossas escolas. Ajudam a refletir sobre o Ensino de Sociologia para os adolescentes, os jovens e alguns adultos que retornam ao Ensino Médio. Talvez ajude, ainda, a indagar sobre o ensino de sociologia nos primeiros anos dos cursos superiores, em que encontramos jovens e adultos, que não foram iniciados em nossa ciência de referência.

Os pressupostos teóricos e metodológicos para o Ensino de Sociologia devem ser buscados no acúmulo de elaborações da ciência, ou seja, nesses cento e cinquenta anos (mais ou menos) de construção da sociologia, o volume de pesquisas e teorias produzidas criou lógicas e formas de pensar os fenômenos sociais que nos informam sobre os modos de pensar sociologicamente. Vários temas foram trabalhados por grandes pensadores, que se tornaram clássicos e que são recorrentes nas pesquisas contemporâneas. É aí que devemos buscar nossos pressupostos de ensino.

Tais pressupostos orientam a seleção dos conteúdos e a criação dos métodos de ensino. O ofício de professor é parecido com o ofício do artesão que aprende os conhecimentos com os mestres de ofício, mas vai criando suas técnicas ao longo de sua vida. A base do ofício é o saber. São os saberes elaborados historicamente sobre a arte, e nosso caso, sobre a ciência. As técnicas nascem das necessidades contemporâneas e do saber acumulado e apropriado pelo artesão e pelo professor.

Dessa forma, não temos motivos para ficarmos totalmente perdidos, desorientados e sem saber por onde começar o Ensino de Sociologia nas escolas. Temos que nos concentrar em duas dimensões da nossa tarefa: o saber acumulado da Sociologia e as necessidades contemporâneas da juventude, da escola, do ensino médio e dos fenômenos sociais mais amplos. Do saber acumulado, definimos princípios lógicos do raciocínio e da imaginação sociológica. Das necessidades contemporâneas, definimos modos de ensinar,

técnicas de criação de vínculos da sociologia com os alunos. Como a Sociologia é uma ciência da modernidade e é relativamente nova em relação às outras, o saber acumulado sobre os mais variados fenômenos sociais é novo, não é de todo superado. Mesmo os estudos dos clássicos, como os de Marx, Durkheim e Weber, guardam alguma atualidade e vínculos com as necessidades contemporâneas de compreensão da realidade. Evidentemente, que há milhares de novos estudos que tentam acompanhar as mudanças rápidas e constantes do mundo moderno e, talvez isso, aumente nossa ansiedade quando vamos definir programas, conteúdos e metodologias de ensino.

Entretanto, no debate coletivo, com nossos pares, professores do Ensino Médio e do Ensino Superior, poderemos, pouco a pouco, ir percebendo que é possível definir princípios partindo da ciência de referência, tendo como parâmetro nossas experiências de ensino. O que já conseguimos ensinar? Como ensinamos determinados conteúdos? Quais técnicas de ensino criamos? Como os alunos conseguiram aprender? Como medimos essa aprendizagem?

Assim como há um acúmulo de conhecimentos na Sociologia que pode nos orientar sobre o ensino, há também um acúmulo sobre como ensinar em geral e como ensinar Sociologia em particular. É verdade que há um descompasso nesses acúmulos. A constituição da Sociologia como Ciência está mais avançada, há mais pesquisas, métodos de investigação, reflexões sobre teorias e metodologias. A Sociologia como disciplina escolar é, ainda, incipiente, não está totalmente constituída, consolidada e com um lugar definido nos currículos das escolas. Dessa forma, existem menos reflexões, estudos e experiências sobre o ensino de sociologia. Estamos numa fase em que temos que estruturar essa dimensão da nossa ciência, a dimensão didática, pedagógica e de reprodução dos conhecimentos científicos nos níveis mais básicos da formação humana nas escolas.

Proponho um exercício que poderá nos aproximar do que seria ensinar sociologia, desenvolvendo a *imaginação sociológica* ou o *raciocínio sociológico* nos alunos do Ensino Médio. Parte dessas propostas desenvolvi em cursos que ministrei no antigo 2º grau, na habilitação de Magistério, na primeira série do curso de Pedagogia, em mini-cursos com alunos do Ensino Médio na UEL, entre outras experiências de ensino.

Esclareço que a minha concepção de ensino, ou do que é o ato de ensinar, funda-se numa visão positiva: ensinar é uma atividade da *práxis humana*, que garante a produção e a reprodução da sociedade e da história. Ensinar não é apenas uma atividade técnica circunscrita na escola, mas é uma ação política que visa a transformação dos alunos. Educar e ensinar

são processos de conflitos, de desestabilizações e de *constrangimentos*. Não saímos do mesmo jeito que entramos nos processos de ensino-aprendizagem. Esse processo é histórico e deve ser baseado no acúmulo de saber que também é histórico. Ensinar Sociologia é uma atividade embasada nos mais de cento e cinquenta anos de história dessa ciência, nas necessidades contemporâneas e nas condições sociais. Nosso ponto de partida é o acúmulo da ciência e o papel do Ensino Médio no processo de construção do tipo de homem e de sociedade que desejamos forjar.

Ao fazer esse esclarecimento estou me posicionando no debate sobre as pedagogias diretas e não diretas, sobre concepções de currículos, de escola e de formação humana. Isso significa que para definir as metodologias de Ensino de Sociologia nós precisamos dialogar com essas teorias que disputam hegemonia e que aparecem e desaparecem dos documentos oficiais que regulamentam a Educação Básica. Ao inserir a Sociologia nos currículos da Educação Básica nós também entramos nesses debates e disputas curriculares e de formação humana que passam por grandes linhas e princípios que resumirei de forma simplificada nesta exposição.

No campo oficial de recontextualização pedagógica, no MEC e Secretarias de Estado de Educação, observamos a produção de diretrizes e de orientações que criticam os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM (1999) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio – DCNEM (1998). As Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio – OCNEM de 2006 demarcam que o ensino de sociologia é disciplinar e tem dois eixos principais em termos de categorias chave da ciência de referência: o estranhamento e a desnaturalização. Os alunos precisam aprender sociologia para desenvolverem uma postura intelectual autônoma diante dos fenômenos sociais em geral. No processo de elaboração das OCNs seus autores fizeram críticas às DCNEM que tratavam a sociologia como tema transversal e não como disciplina. O prof. Amaury Moraes elaborou um parecer que condensa as críticas à perspectiva pedagógica dominante nos anos de 1990. Note-se que ao entrarmos nesse campo fomos obrigados a nos posicionar sobre concepções de currículos e de ensino.

Em cada estado há um processo de elaboração de diretrizes para o Ensino de Sociologia desde a década de 1980, mas já saíram várias propostas, como as do Distrito Federal de 2001 e as de Santa Catarina de 1998. No Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná temos a publicação recente de novas propostas (de 2006 em diante). Não analisei todas elas com cuidado, com exceção das propostas do Paraná que acompanho desde os anos de 1980.

Na proposta do Paraná de 2006, há uma orientação pedagógica explícita: a Pedagogia Histórico-Crítica. Essa visão perpassa todas as disciplinas, nas

diretrizes especiais de cada área, no livro didático público escrito pelos professores e outros textos oficiais da SEED-PR.

Nas minhas aulas de metodologia de ensino de sociologia na UEL e nos projetos de extensão que coordeno e participo temos buscado experimentar essas perspectivas, mesmo antes delas se tornarem oficiais (durante o governo de Jaime Lerner/1995-2002, o direcionamento era claramente empresarial e a noção de competências capturada pela idéia de qualidade total) nós já discutíamos com os professores uma proposta calcada na nossa ciência de referência (especialmente na Sociologia Crítica), portanto, desde os anos de 1990 ‘defendemos’ o currículo científico, baseado nas disciplinas, na perspectiva pedagógica construtivista de Vigotsky e histórico-crítica de Saviani.

Esses pressupostos podem ser operacionalizados a partir da organização dos conteúdos estruturantes e conteúdos específicos, pensando em propostas de unidades e aulas no formato indicado por João Luiz Gasparin, no livro “Uma didática para a pedagogia histórico-crítica”.

Desenvolverei de maneira sumária essas propostas.

Os conteúdos estruturantes são os saberes que identificam o campo de estudos de uma disciplina e que, a partir de seus desdobramentos em conteúdos pontuais, garantem a abordagem de seu objeto de estudo/ensino, em sua totalidade e complexidade. Estes saberes surgiram e foram delimitando o campo de estudos das disciplinas ao longo da constituição histórica das mesmas.

[...] conteúdos estruturantes [são] capazes de estender cobertura explicativa a uma gama de fenômenos sociais inter-relacionados. Conteúdos estruturantes são, portanto, instâncias conceituais que remetem à reconstrução da realidade e às suas implicações lógicas. São estruturantes os conteúdos que identificam grandes campos de estudos, onde as categorias conceituais básicas da Sociologia, – ação social, relação social, estrutura social e outras elegidas como unidades de análise pelos teóricos – fundamentam a explicação científica. Na afirmação de Marx (1977), as categorias simples são síntese de múltiplas determinações (PARANÁ, 2008, p.39, grifos meus).

Existem lógicas e modos de raciocinar sobre os fenômenos que são intrínsecos ao pensamento sociológico construído a partir de categorias que poderão perpassar o estudo dos conteúdos específicos ou das temáticas selecionadas pelos professores e alunos, dessa forma:

Os conteúdos estruturantes não se confundem com listas de temas e conceitos encadeados de forma rígida, mas constituem apoios conceituais, históricos e contextualizados, que norteiam professores e alunos – sujeitos da educação escolar e da prática social – na seleção, organização e problematização dos conteúdos específicos relacionados a necessidades locais e coletivas. (PARANÁ, 2008, p.40, grifos meus).

Tais conteúdos são estruturantes porque fundamentam o estudo dos conteúdos e temas selecionados pelos professores e alunos, porque garantem a contextualização e o vínculo com a ciência, permitindo que os alunos se apropriem dos conceitos e categorias centrais que lhes servirão como instrumentos de apreensão da realidade social em toda sua vida, ou seja, o fará um pensador autônomo capaz de analisar qualquer fenômeno social de maneira mais rigorosa.

São estruturantes os conteúdos que estabelecem essa ponte entre o local e o global, o individual e o coletivo, a teoria e a realidade empírica, mantendo a idéia de totalidade e das inter-relações que constituem a sociedade. Para discutir, por exemplo, problemas como inclusão/exclusão sociais, desemprego, violência urbana e no campo, segurança, cidadania, consumo, individualismo, reforma agrária, educação, saúde, a Sociologia crítica articula-os a fenômenos mais amplos e estruturais: a mundialização da economia, as condições do capitalismo transnacional, o superdimensionamento do mercado, o Estado neoliberal, o mercantilismo nas relações sociais, os conflitos étnico-raciais, a cultura de massa, os estilos de vida individualista e consumista (PARANÁ, 2008, p.40, grifos meus).

Dessa forma, os alunos guardarão consigo não apenas uma lista de temas e conceitos proferidos nas aulas de sociologia, mas aprenderá a compreendê-los em suas múltiplas inter-relações e em sua complexidade, conseguindo pensar a partir da lógica e do raciocínio tipicamente sociológicos. Os alunos aprenderiam a pensar a realidade com métodos, a partir das mediações necessárias para a observação e análise. Esse seria o principal objetivo no ensino de Sociologia: garantir o desenvolvimento de uma postura intelectual diante da vida social e das práticas sociais em que estão inseridos.

A definição dos conteúdos estruturantes deve acontecer em debates e reflexões entre os professores de Sociologia das escolas e universidades, equipes das Secretarias de Educação e agentes interessados. Mas, como forma de ilustração apresento a proposta do Estado Paraná, construída desde

2003 e finalizada provisoriamente em 2007. Nas Diretrizes Curriculares de Sociologia do Paraná sugerem-se os seguintes conteúdos estruturantes:

- O Surgimento da sociologia e teorias sociológicas
- O processo de socialização e as instituições sociais
- A cultura e a indústria cultural
- Trabalho, produção e classes sociais
- Poder, política e ideologia
- Direitos, cidadania e movimentos sociais

No processo de implantação dessas Diretrizes, foram sendo elaborados textos didáticos disponibilizados no Portal da Educação, que serviram de ponto de partida para o livro didático público escrito por professores da rede estadual. Nesse livro sugerem-se listas de conteúdos específicos para cada conteúdo estruturante:

- | | |
|--|--|
| • O Surgimento da Sociologia e Teorias Sociológicas | • Cultura: criação ou apropriação? |
| • Surgimento da Sociologia | • Trabalho, Produção e Classes Sociais. |
| • As teorias sociológicas na compreensão do presente. | • O processo de trabalho e a desigualdade social |
| • A produção sociológica brasileira | • Globalização. |
| • O processo de socialização e as instituições sociais | • Poder, Política e Ideologia. |
| • Instituição Familiar | • Ideologia |
| • Instituição Escolar | • Formação do Estado Moderno. |
| • Instituição Religiosa | • Direitos, Cidadania e Movimentos Sociais |
| • A cultura e a Indústria Cultural | • Movimentos Sociais |
| • Cultura ou culturas: uma contribuição antropológica. | • Movimentos Agrários no Brasil |
| • Diversidade cultural brasileira. | • Movimento Estudantil |

Apresento essa experiência como uma possibilidade e não como um “modelo” já pronto e testado devidamente. Note-se que as escolhas dos conteúdos estruturantes e específicos são arbitrarias, porém buscam uma coerência metodológica e é isso que quero ressaltar. A importância de pensarmos os pressupostos teóricos que orientam a seleção dos conteúdos de Sociologia.

Como desdobramento metodológico nas aulas apresento a perspectiva pedagógica que incorpora a interdisciplinaridade e a contextualização como métodos e não como princípios organizadores dos currículos e dos

conteúdos. Isso significa que a disciplina é a referência, mas não pode ser uma perspectiva narcisista, voltada só para si mesma e daí seria conteudista e estéril diante dos alunos. Se levarmos a sério o princípio de que as necessidades contemporâneas dos jovens devem ser problematizadas e incorporadas pelas práticas de ensino, poderemos superar esse risco de tornarmos a sociologia mais uma coleção de conceitos e temas deslocados da realidade.

Assim, compreendemos que: a interdisciplinaridade pressupõe a existência das disciplinas escolares; as disciplinas são constructos históricos, produto da maneira pela qual o conhecimento é produzido; as disciplinas constituem-se como campos do conhecimento – científico, artístico e filosófico. E, por isso, ela busca a integração entre os saberes a partir de novas maneiras de se trabalhar os conteúdos curriculares; quer a aproximação das disciplinas e seus referenciais conceituais para a explicação de um determinado conteúdo; quer ampliar o conhecimento do aluno sobre aquele conteúdo e lança um olhar político sobre a sociedade, sobre a educação, sobre o currículo e sobre as Disciplinas.

Nesse sentido, a Pedagogia Histórico-Crítica traz uma contribuição para os procedimentos didáticos que sejam coerentes com essas concepções de currículo e de conhecimento.

Gasparin (2002) propõe que os planos de unidade e de aulas sigam os seguintes passos:

1 Prática Social Inicial do Conteúdo

1.1 Conteúdo

1.1 Vivência cotidiana do conteúdo

a) O que os alunos já sabem sobre o conteúdo

b) O que os alunos gostariam de saber a mais

2. Problematização

2.1 Discussão sobre problemas significativos

2.2 Dimensões do conteúdo a serem trabalhadas

- | | |
|--------------------------|--------------|
| • Conceitual/ científica | • Legal |
| • Histórica | • Ideológica |
| • Econômica | • Filosófica |
| • Social | • Religiosa |
| • Política | • Ética |

3 Instrumentalização

3.1 Ações didático-pedagógicas

3.2 Recursos Humanos e materiais

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do aluno

4.2 Expressão da síntese

5 Prática Social Final

5.1 Nova postura prática

5.2 Ações dos alunos

A Prática Social Inicial consiste no primeiro passo do diálogo que o professor mediará entre os alunos e os conhecimentos, pois nessa fase o professor deve buscar compreender as práticas sociais dos sujeitos do conhecimento, os alunos. Assim, o professor informa sobre os objetivos dos conteúdos a serem trabalhados e inicia a contextualização dos conteúdos, identificando o que os alunos já sabem sobre os temas e o que eles gostariam de saber mais. É a fase primordial de mobilização dos jovens para a aprendizagem e construção do conhecimento. Pode-se utilizar recursos e materiais motivadores (elementos sedutores), como jornais, revistas, livros, filmes, slides, dinâmicas, entre outros. Nesse momento é importante anotar registrar o estado de compreensão e de conhecimento dos alunos sobre o conteúdo. Concomitante a isso verificar o que os alunos gostariam de saber, quais suas dúvidas e questionamentos, pois elas desafiarão os professores e os alunos a ultrapassar o cotidiano, o imediato, o aparente.

A Problematização é o segundo passo em que se inicia o trabalho com o conteúdo sistematizado, é o momento da transição entre a prática e a teoria, entre o fazer cotidiano e o conhecimento elaborado. Na origem de todo conhecimento está colocado um problema, oriundo de uma necessidade e o processo de busca para solucionar as questões em estudo é o caminho que predispõe o espírito do educando para a aprendizagem significativa, quando se levantam situações problemas que estimulam o raciocínio. O professor deverá fazer o questionamento da prática social e do conteúdo escolar, encaminhando a discussão no sentido de torná-la mais compreensível para o aluno. Identifica os principais problemas sociais postos pela prática social inicial e os problemas colocados pelo próprio conteúdo (teóricos e conceituais). Nesse momento discute-se as razões pelas quais os estudantes devem aprender o conteúdo, não por si mesmo, mas pelas necessidades sociais. Dessa forma, elabora uma série de questões voltadas para as diferentes dimensões do objeto proposto, garantindo que método incorpore a interdisciplinaridade, pois buscará dialogar com as várias dimensões estudadas por diferentes áreas do conhecimento. Aqui, os estudantes devem estar mobilizados pelos conteúdos contextualizados e, portanto, problematizados.

Dessa primeira visão, partindo para a Instrumentalização, o professor trabalhará para “confrontar os sujeitos da aprendizagem e os alunos, com o objeto sistematizado do conhecimento – o conteúdo (GASPARIN, 2002, p.51).” Como mediador social do conhecimento científico, o professor deverá preparar cuidadosamente os conteúdos conectados à realidade social dos alunos e aos conhecimentos científicos do objeto de estudo das aulas. Deverá manter os alunos mobilizados diante dos problemas levantados e para isso terá que indicar caminhos, posicionar-se diante dos conteúdos, sendo fiel ao campo científico e ao acúmulo de saberes existente até o momento das aulas. Nessa fase, o professor procederá a análise e definirá para cada conteúdo, as categorias, as dimensões a serem trabalhadas, as ações e os recursos. Tudo isso deverá estar em níveis que desafiem os alunos para além da prática social inicial e da problematização. Do ponto de vista prático, pode-se elaborar quadros definindo claramente as ações do professor e as ações dos alunos nessa fase de análise, de aproximação e apreensão da realidade e dos conteúdos.

Como forma de avaliação do que foi possível apreender e elaborar pelo aluno diante das três primeiras fases da unidade, torna-se fundamental desafiar o aluno a elaborar sínteses. “A Catarse consiste na operação de síntese do cotidiano e do científico, do teórico e do prático a que o educando chegou, marcando sua nova posição em relação ao conteúdo e à forma de sua construção social e sua reconstrução na escola. É a expressão teórica dessa postura mental do aluno que evidencia a elaboração da totalidade concreta em grau intelectual mais elevado de compreensão. Significa, outrossim, a conclusão, o resumo que ele faz do conteúdo aprendido recentemente. É o novo ponto teórico de chegada; a manifestação do novo conceito adquirido (GASPARIN, 2002, p.128).”

Isso se manifestará em redações, dissertações, elaborações de tabelas, gráficos, pesquisas e resultados, elaboração de novos problemas e questões (teorizados), cartazes, maquetes, dramatizações, experimentos, entre outros.

“A Prática Social Final é a nova maneira de compreender a realidade e de posicionar-se nela, não apenas em relação ao fenômeno, mas à essência do real, do concreto. É a manifestação da nova postura prática, da nova atitude, da nova visão do conteúdo no cotidiano. É, ao mesmo tempo, o momento da ação consciente, na perspectiva da transformação social, retornando à Prática Social Inicial, agora modificada pela aprendizagem (GASPARIN, 2002, p.147).”

Nessa fase seria interessante debater as intenções e propostas de ações dos alunos e professores diante dos fenômenos estudados. Tendo passado

por um processo de síntese, análise e síntese, será possível identificar as novas visões e disposições diante da realidade social, lida a partir dos conhecimentos científicos.

Como já afirmei anteriormente, temos pontos de partidas para fundamentação das metodologias de ensino de sociologia, contudo ainda estamos formulando nossa tradição pedagógica específica, identificada com nosso campo científico e por isso minhas reflexões são provisórias e limitadas, mas expostas às críticas e contribuições poderei continuar problematizando e realizando novas sínteses. Neste artigo não há espaço para pormenorizar os passos da proposta didática da Pedagogia Histórico-Crítica e nem para aprofundar as teorias do conhecimento que a sustentam.

Para finalizar resalto que essa proposta pedagógica é interessante porque o método é um método que também influenciou a constituição do raciocínio ou da imaginação sociológica. Assim, ao operarmos a partir dele estamos, ao mesmo tempo, buscando desenvolver os conteúdos necessários para a imaginação sociológica dos alunos e exercitando nossa própria imaginação sociológica.

Os planos de aulas das palestras e oficinas realizadas pelos docentes e estagiários do LENPES fundamentaram-se nesta proposta didática, conforme se verá ao longo deste caderno.

O segundo passo, futuramente, será analisar mais detidamente os limites e as possibilidades da pedagogia histórico-crítica, mas em outra frente de pesquisa como continuidade das tarefas do LENPES.

Metodologias de Ensino

Concepções gerais que determinam as metodologias de ensino	PEDAGOGIAS DIRETIVAS			PEDAGOGIAS NÃO DIRETIVAS		
	Cientificista - Republicana	Construtivismo Vigotski	Histórico-Crítica	Liberal - Pragmática	Construtivismo Piaget	Escola Nova
1) função da escola	Educar o cidadão	Socializar os saberes historicamente construídos	Socializar os saberes historicamente construídos	educar para a democracia e trabalho	desenvolvimento das potencialidades (natas) / espíritos racionais	educar para a democracia e trabalho
2) função do professor	ensinar ciência e moral	ensinar os saberes e mediar o conhecimento e o aluno	ensinar os saberes e mediar o conhecimento e o aluno	orientar, animar, motivar	orientar, animar, motivar, conduzir quando necessário	animar, motivar
3) quem é o aluno e qual seu papel na escola e no processo educativo	passivo, deve receber os conteúdos	sujeito histórico e ativo no ensino	sujeito histórico e ativo no ensino	sujeito ativo no ensino	sujeito ativo no ensino	sujeito ativo no ensino
4) como os alunos aprendem (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos).	com autoridade, disciplina, guiados pelo professor	a partir da mediação do professor, dependendo do estágio de desenvolvimento biológico e social/cultural	a partir da mediação do professor	aprendem por si mesmo com a ajuda de tutores, monitores professor (pois ele pode atrapalhar)	aprendem por si mesmo. Às vezes com ajuda do professor (pois ele pode atrapalhar)	aprendem por si mesmo com a motivação do professor
5) Currículos – como organizar os saberes na escola - ciência e consciência?	ciências naturais como paradigma e moral laica	ciências humanas e naturais emancipação humana	ciências humanas e naturais emancipação humana	a partir das demandas da sociedade e do mercado	a partir das etapas de evolução dos indivíduos – e das ciências naturais e humanas	a partir das demandas da sociedade e do mercado
6) a função da aula e da sala de aula – modos de organizar o trabalho educativo na escola	fundamental local de transmissão são dos conteúdos	fundamental local de transmissão são dos saberes	fundamental local de transmissão dos saberes	relativa pode-se não organizar aulas e salas	humanas relativa pode-se não organizar aulas e salas	relativa pode-se não organizar aulas e salas

Concepções específicas que determinam as metodologias de ensino	PEDAGOGIAS DIRETIVAS			PEDAGOGIAS NÃO DIRETIVAS		
	Cientificista - Republicana	Construtivismo Vigotski	Histórico-Crítica	Liberal - Pragmática	Construtivismo Piaget	Escola Nova
1) O raciocínio de cada ciência – discurso pedagógico predominante	informa o conteúdo e o estilo da aula	informa o método de apreensão	informa o método de apreensão	informa a tecnologia a ser aplicada	informa a tecnologia a ser aplicada	informa a tecnologia a ser aplicada
2) As visões pedagógicas – discurso pedagógico predominante	tradicional	construtivista	histórico-crítica	pragmático “aprender a aprender”	construtivista interacionista “aprender a aprender”	construtivista interacionista “aprender a aprender”
3) Os procedimentos didáticos de todas as atividades na escola	hierarquias fortes com funções bem definidas controle explícito	hierarquias fracas, mais autonomia controle implícito	hierarquias fortes, c/ espaços de negociação controle explícito	hierarquias fracas controle implícito	hierarquias fracas controle implícito	hierarquias fracas controle implícito
4) A aula – indutiva, dedutiva, dinâmica, dialógica, tradicional, motivacional, etc.	dedutivas, tradicionais	indutivas, contextualização dos conceitos	indutivas, contextualização dos conceitos	indutivas	indutivas	indutivas
5) Os recursos didáticos	voz do professor, quadro negro, mapas, textos, etc	voz do professor, quadro negro, textos produzidos pelo professor, resoluções de problemas, pesquisas	voz do professor, quadro negro, textos produzidos pelo professor, resoluções de problemas, pesquisas	a voz do aluno prática social e de trabalho	a ação dos alunos de acordo com as etapas de desenvolvimento	a voz do aluno prática social e de trabalho
6) As atividades, tarefas e avaliações dos alunos: dependem de toda a concepção que orienta todos os outros itens.	exercícios de reprodução dos conteúdos dos professores	pesquisas textos reprodução dos saberes agregando novidades	pesquisas textos reprodução dos saberes agregando novidades nova prática do aluno	atributos personalidade prática aplicabilidade dos conteúdos	atributos cognitivos amadurecimento dos conceitos operando com os conceitos	atributos personalidade amadurecimento dos conceitos operando com os conceitos

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Marcos César; TOMAZI, Nelson D. Individuo e Sociedade. In: TOMAZI, Nelson D. (coord.). Iniciação à Sociologia. São Paulo: Atual, 1993, p.11-36.
- APPLE, Michael. Ideologia e Currículo. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARON, R. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. 3ª ed. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes; Brasília, DF: EDUnB, 1990.
- ARTHUR RIOS, Jose. Contribuição para uma Didática da Sociologia. In: Sociologia – Revista Didática e Científica. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política da USP, vol.XI, nº 3, p. 309-316, set/1949.
- BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983. 247pp.
- BERNSTEIN, Basil. A Estruturação do Discurso Pedagógico: classe, códigos e controle. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996
- BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, J-C. A Profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 328pp.
- BOURDIEU, Pierre (coord). A Miséria do Mundo. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Método Científico e Hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA. M. A; CATANI, A. (Orgs). Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.33-38
- BRASIL. GOVERNO FEDERAL. Lei nº 9.394 20 de Dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- BRASIL.MEC.CNE. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL.MEC.CNE. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Área Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, DF, 1999.
- CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org). Sociologia e Ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2004. 392p.
- CHARLOT, Bernard (org). Os Jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2001.
- CHARLOT, Bernard. Relação com o Saber e com a Escola entre estudantes de Periferia. In: Cadernos de Pesquisa, nº 97, p.47-63, trad. Neide Luzia de Rezende, maio de 1996

CIAVATTA, Maria e FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004. (338p.)
 COSTA PINTO, L.A. Ensino de Sociologia nas Escolas Normais. In: Sociologia–Revista Didática e Científica. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política da USP, vol.XI, nº 3, p. 290-308, setembro/1949.
 DAHRENDORF, R. Sociedad y Sociologia: la ilustracion aplicada. Tradução por Jose Belloch Zimmermann. Madrid, Editorial Tecnos, 1966
 DUARTE, Newton. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. In: Cadernos CEDES, Campinas: EDUNICAMP, vol.19, nº 44, abril/1998. Disponível no site: www.scielo.br em 20/dezembro/2004.
 DURKHEIM, E. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1978. (tradução Lourenço Filho)
 DURKHEIM, Emile. A divisão do trabalho social I. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
 DURKHEIM, Emile. As Regras do Método sociológico. São Paulo: Editora Nacional, 1990.
 DURKHEIM, Emile. A filosofia nas universidades alemãs. 1887.
 DURKHEIM, Emile. O ensino filosófico e a agregação de filosofia. 1895.
 FERNANDES, Florestan. A Natureza sociológica da Sociologia. São Paulo, Ática, 1976
 FERNANDES, Florestan. A Sociologia no Brasil. Petrópolis-RJ, Vozes, 1980.
 FERNANDES, Florestan. Ensaios de Sociologia Geral e Aplicada. São Paulo: Pioneira, 1976
 FERNANDES, Florestan. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. 4ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
 GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
 GIDDENS, Anthony. Capitalismo e Moderna Teoria Social. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
 GRAMSCI, A. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1989.
 HABERMAS, J. La Lógica de las ciencias sociales. 3ª ed. Madri: Tecnos, 1996.
 HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1984. (pp 137-151)
 IANNI, Octávio. Sociologia da Sociologia. São Paulo, Ática, 1989.
 IANNI, Otávio. Sobre a inclusão da sociologia no curso secundário. IV Congresso dos alunos da FFLCH da USP. In: Revista Atualidades Pedagógicas, ano VIII, nº 40, jan-abril de 1957, pp 19-20

JESUS, Antônio Tavares de. O pensamento e a prática escolar de Gramsci. Campinas: Autores Associados, 1998. 129p.
 MACHADO, Celso de Souza. O Ensino da Sociologia na Escola Secundária Brasileira: Levantamento Preliminar. In: Revista da Faculdade de Educação da USP, nº 13 (1), p.115-142, São Paulo, 1987
 MANACORDA, Mario A. O Princípio Educativo em Gramsci. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
 MARX, K. O Capital: crítica da economia política: Livro I (Volume 2). 18º ed. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 (2v.: 966pp.)
 MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. Tradução de Pietro Nasset. São Paulo: Martin Claret, 2002 (texto de 1848)
 MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. 2ª ed. Tradução de Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2000
 MILLS, C. Wright. A Imaginação Sociológica. 4ª ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 246pp
 MORAES, Amaury César; GUIMARAES, Elisabeth Fonseca; TOMAZI, Nelson Dácio. Sociologia. In: MEC.SEB. Depto. de Políticas do Ensino Médio. Orientações Curriculares do Ensino Médio. Brasília-DF, 2004, p. 343-372. (400pp.)
 MORAES, Amaury. Licenciatura em Ciências Sociais e Ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. In: Tempo Social, vol. 15, nº 1, p.5-20, São Paulo, FFLCH-USP, 2003.
 PARANÁ. SEED. Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná. Curitiba, 1990
 PARANÁ. SEED. Proposta Curricular de Sociologia para o Ensino de 2.º grau. Curitiba, 1994.
 PARANÁ. SEED. Diretrizes Curriculares de Sociologia para o Ensino Médio. Curitiba: SEED-PR, 2008. Doc.PDF enviado por e-mail.
 PASSERON, Jean-Claude. O Raciocínio Sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural. Tradução de Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995. 485pp.
 PENTEADO, Heloisa Dupas. O Sociólogo como Professor no Ensino de 1º e 2º Grau. In: Revista da Faculdade de Educação da USP, nº 7 (2), p. 85-96, São Paulo, 1981;
 PIAGET, Jean. A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências (Volume1). Tradução de Isabel Cardigos dos Reis. Lisboa: Livraria Bertrand, 1971
 PIERUCCI, A Flávio. Ciladas da Diferença. São Paulo: Editora 34, 1999. (pp 104-176)

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto unitário de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: CIAVATTA, Maria e FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004, p.37-52. (338pp.)

RECH, Pedro Eloi. A Formação do Professor: uma análise de Faxinal do Céu-Pr. In: HIDALGO, Ângela M.; SILVA, Ileizi L. Fiorelli. Educação e Estado: as mudanças nos sistemas de ensino do Brasil e do Paraná na década de 1990. Londrina: EDUEL, 2001, p.291-333. (362 pp.)

SAVIANI, Demerval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 35ª ed. Revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOCIOLOGIA – Revista Didática Científica, vol. XI, nº3, setembro de 1949. Symposium sobre o Ensino de sociologia e Etnologia. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política da USP, p. 275-336.

SUCHODOLSKI, Bogdan. A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas. 5ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 9ª ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

WEBER, Max. Burocracia. In: Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 229-282. (organização e introdução de H.H. Gert e Wright Mills; tradução de Waltensir Dutra)

WEBER, Max. Economia e Sociedade - Fundamentos da Sociologia Compreensiva, Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, Editora UNB, Brasília, 1999, vol. 1 e 2;

WEBER, Max. Os letrados Chineses. In: Ensaio de Sociologia p.471-501.

ZALUAR, Alba. A Autoridade, o Chefe e o Bandido. In: *Instituto de Estudos Avançados da USP*, Documento, nº 4, Série Educação, junho de 2001, p. 38-51. 14 folhas.

BIBLIOGRAFIA PARA O ALUNO (LIVROS DIDÁTICOS)

COSTA, Cristina. Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MARCONDES, Ciro. Ideologia. O que todo Cidadão precisa saber sobre ideologia. São Paulo: Global, 1985.

MARTINS, Carlos B. O que é Sociologia. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MEKSENAS, Paulo. Aprendendo Sociologia: a paixão de conhecer a vida. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1987.

MEKSENAS, Paulo. Sociologia da Educação: uma Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1988.

MEKSENAS, Paulo. Sociologia. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Luiz F. e COSTA, R. C. R. Sociologia Para Jovens No Século XXI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio e Editora do Livro Técnico, 2007.

OLIVEIRA, Pésio Santos de. Introdução a Sociologia. 23ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

PARANÁ. LIVRO DIDÁTICO Público de Sociologia. Curitiba: SEED-PR, 2006.

QUINTANEIRO, Tania et all. Um Toque de Clássicos: Durkheim, Marx, Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

RIDENTI, Marcelo. Política pra quê? São Paulo: Atual, 1992.

SEVERINO, A. J. Métodos de Estudo para o 2º Grau. Campinas: Papirus, 1989.

TOMAZI, N. D. Sociologia da Educação. São Paulo: Atual, 1997.

TOMAZI, Nelson D. (org.). Iniciação à Sociologia. São Paulo: Atual, 1993.

VIEIRA, Evaldo. Sociologia da Educação: Reproduzir e Transformar. São Paulo: FTD, 1994.



I Jornada de Humanidades 30 e 31/10/2008 – Apresentação cultural dos alunos.

AÇÕES DE 2008

OFICINAS DE METODOLOGIA DE PESQUISA E DE ENSINO DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL (ORTIGUEIRA-PR)

Memória e Identidade Social: Metodologia das Histórias de Vida

Realização: Período de 12 de fevereiro a 30 de junho de 2008

Protocolo/Uel: nº 29625/2008

Apresentação da Produção do IPAC/Londrina-Uel

Proposta de trabalho com a escola: divisão de tarefas

Ministrantes: *Profª Drª Ana Maria Chiaroti Almeida e Profª Drª Ana Cleide Chiarotti Cesário*

Coleta de Fotografias e Documentos de Ortigueira

Elaboração de estratégias para envolver mais professores na pesquisa
Organização de uma Gincana Cultural para potencializar a coleta de materiais sobre memória

Ministrantes: *Profª Drª Ana Maria Chiaroti Almeida e Profª Drª Ana Cleide Chiarotti Cesário*

Apresentação da Metodologia da Coleta de dados e da Construção da Memória de Ortigueira

Ministrantes: *Profª Drª Ileizi Luciana Fiorelli Silva e Profª Drª Ângela Maria de Sousa Lima*

Formação dos Grupos na Escola, junto com Alunos do Ensino Médio e do Curso de Formação Docente para Educação Infantil e Séries Iniciais no Ensino Fundamental para aplicar a Metodologia da coleta de dados sobre a Memória

Ministrantes: *Profº Giovanni Biancardi; Profº Marcos Flávio Sindici Sebastião e Profª Nilva Giane Trajano Gonçalves*

Trabalho nos Quatro Grupos Formados e Reprodução da Metodologia de Pesquisa sobre Memória para os Novos Integrantes do Processo de Pesquisa

Ministrantes: *Profº Giovanni Biancardi; Profº Marcos Flávio Sindici Sebastião e Profª Nilva Giane Trajano Gonçalves*

Organização e Descrição do Material Coletado e Exposição nas Salas de Aula, por Temática: Memória da Escola; Memória do Trabalho; Memória do Patrimônio Cultural e Memória do Patrimônio Natural de Ortigueira

Ministrantes: *Profº Giovanni Biancardi; Profº Marcos Flávio Sindici Sebastião e Profª Nilva Giane Trajano Gonçalves*

Análise do Material em cada Equipe

Ministrantes: *Profª Drª Ana Maria Chiaroti Almeida e Profª Drª Ana Cleide Chiarotti Cesário*

Exposição no Grupo Maior das Análises de Cada Equipe, por Temática

Ministrantes: *Profª Drª Ana Maria Chiaroti Almeida e Profª Drª Ana Cleide Chiarotti Cesário*

Coordenadoras do Evento: *Profª Drª Ileizi Luciana Fiorelli – CCH/UEL, Elizete Campos de Souza Carnellos e Maria Elizabeth de Sousa*

PROJETO DA I JORNADA DE HUMANIDADES

Colégio Estadual Altair Mongruel (Município de Ortigueira)

30 e 31 de Outubro de 2008.

Pró-Reitoria de Extensão - Diretoria de Planejamento e Apoio Técnico

Divisão de Eventos - Evento: I Jornada de Humanidades

Período: 30 e 31 de outubro de 2008.

Horas Teóricas: 06 **Horas Práticas:** 24

Total: 30 Horas-Aula

Protocolo/UEL: n. 31926/2008

Responsável (IS) na UEL:

Ângela Maria de Sousa Lima

Ileizi Luciana Fiorelli Silva

Adriana de Fátima Ferreira

Ana Cleide Chiarotti Cesário

Ana Maria Chiarotti de Almeida

Maria José de Rezende

Ricardo de Jesus Silveira

Responsável (IS) na Escola:

Claudia Costa Cabral

Luciane Regina Valenga

Tereza Banach de Goes

Com base nos objetivos do Projeto de Extensão “*Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa de Sociologia (LENPES)*”: consolidação da formação de professores e da integração entre universidade e escola pela superação das desigualdades sócio-educacionais no Estado do Paraná (ações em Ortigueira/ 2007-2008)”, pretendemos com este evento:

- a. desenvolver e apresentar metodologias de ensino que possibilitem ampliar a formação continuada dos professores ativos nas escolas e inovar os processos de ensino-aprendizagem, com vistas à diminuição da evasão e das reprovações, através da disseminação das ciências nas escolas e da articulação duradoura entre universidade e sociedade;
- b. conhecer melhor o universo sócio-educacional de alunos e professores da escola e com eles partilhar diferentes experiências de ensino;



- c. desenvolver metodologias de ensino que levem em conta a percepção dos alunos sobre os conteúdos, o universo social em que se socializou e os recursos pessoais e coletivos que poderão ser mobilizados no processo de ensino-aprendizagem;
- d. propiciar a formação de elementos teóricos e sociais que contribuam para o ensino de uma cultura escolar de inclusão das diferenças;
- e. instituir na escola, por meio de uma nova metodologia, espaços de construção de identidades, por meio do direito à memória, envolvendo os alunos, os professores e a comunidade em pesquisas e projetos sobre Patrimônio, a partir de uma concepção antropológica de cultura;
- f. possibilitar maior interação com a comunidade escolar no sentido formar professores, funcionários e alunos comprometidos com a superação das desigualdades sociais de nosso país;

I Ciclo de Debates Sobre Desigualdade/UEL
Mostra de Fotos - 2008



Estagiária do LENPES no
Colégio Estadual Altair Mongruel - 2008



I Ciclo de Debates Sobre Desigualdade/UEL - 2008



Temas das Oficinas, Palestras e Atividades Culturais que Ocorreram na I Jornada de Humanidades

- A arte da pintura
- A educação como vocação e a ética da responsabilidade: a paixão, a serenidade e a tolerância (um diálogo com os professores e funcionários)
- A relevância da língua inglesa na sociedade, escola e juventude
- Atividade cultural: dança country
- Atividade cultural: dança do ventre; hip hop
- Atividade cultural: música e educação; atividade cultural: música e educação; dança; teatro na escola
- Atividade cultural: música e escola; kung fu; dança flamenga
- Atividade cultural: dança flamenga
- Atividade cultural: teatro na escola
- Atividade cultural: teatro na escola
- Brasileiro: ser ou não ser?
- Como envelhecer com saúde
- Confecção de materiais didáticos com recursos recicláveis
- Confecção de materiais para educação física, a arte da pintura
- Cultura e culturas: uma apropriação antropológica
- Cultura e culturas: uma apropriação antropológica
- Cultura e etnocentrismo
- Desigualdade racial no Brasil
- Desigualdade social
- Desigualdades raciais
- Desigualdades sociais no Brasil homo-parentalidade
- Determinismo ou liberdade incondicional valores humanos
- Diferença e desigualdades
- Doenças sexualmente transmissíveis, confecção de materiais didáticos
- Educação
- Educação fiscal
- Educação para o trânsito
- Fuga das galinhas: uma análise sociológica, desnaturalizando o cotidiano
- Globalização
- Grêmio estudantil
- Higiene e saúde
- Higiene e saúde
- Indústria cultural
- Instituições sociais
- Juventude e as suas relações com o saber: um diálogo com os pais
- Memória e patrimônio cultural
- Memória e trabalho
- Oficina de jogos matemáticos
- Participação política
- Pesquisa e educação
- Pobreza política? A importância da participação política dos jovens, conscientização e participação política, sociedade e desigualdades
- Preconceito racial e respeito à diferença, juventude, escola e violência
- Racismo e eugenia
- Representatividade e identidade: grêmio desigualdade e gênero
- Saúde, educação e prevenção: DST e AIDS, desigualdade e trabalho
- Teatro e confecção de cenário
- Trabalho e memória
- Trabalho e sociedade
- Trabalho, racismo e desigualdade
- Valores humanos
- Violência: uma reflexão sociológica

Oficinas e Palestras Ministradas pelos Professores do Colégio Altair Mongruel na I Jornada de Humanidades nos dias 30 e 31/10/2008

Tema	Professores	Tempo
Higiene e Saúde	<i>Marlene dos Santos</i> <i>Teresa Cristina Mercedes</i>	3 Períodos
A Arte da Pintura	<i>Maria Inês de Oliveira</i> <i>Vanessa Viviane Piolo</i>	3 Períodos
Oficina de Jogos Matemáticos	<i>Paula Fernanda Siqueira Rosa</i> <i>Ana Claudia Rosa</i> <i>Luiz Fernando Martins</i>	3 Períodos
Como Envelhecer com Saúde	<i>Maria Ap^a Zandonadi Santos</i> <i>Valéria Paulino da Silva</i> <i>José Paulino Teixeira Sobrinho</i>	2 Períodos
Higiene e Saúde	<i>Cirlene da Ap^a dos S. V. Martins</i> <i>Marina de Lurdes Machado</i>	2 Períodos
Doenças Sexualmente Transmissíveis	<i>Edina Aparecida Bessa</i> <i>Leniel Harisson Mercer</i>	2 Períodos
Confecção de Materiais Didáticos	<i>Neiva de Fátima S. Pereira</i> <i>Giselle Fabrício C. Vieira</i>	1 Período
Confecção de Materiais Didáticos com Recursos Recicláveis	<i>Patrícia Hernandez Franco</i> <i>Maria Semchechen Banach</i>	8 Horas
Educação para o Trânsito	<i>Marliane Barboza</i> <i>Luiz Gustavo Larocca</i> <i>Neudes Hirt</i>	2 Períodos
Metodologia da Educação Física	<i>Tereza Gabriel Maia</i>	4 Horas
Confecção e Montagem de Cenário	<i>Izaíra Ribas Machado</i> <i>Marlene dos Santos</i>	8 Horas
Valores Humanos	<i>Nilva Giane Trajano Gonçalves</i> <i>Claudia Costa Cabral</i>	2 Períodos

Professores e Estagiários do LENPES – 2008



Reunião LENPES – Casa do Pioneiro/UEL

Temática

**A EDUCAÇÃO COMO VOCAÇÃO E A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE:
A PAIXÃO, SERENIDADE E A TOLERÂNCIA**

Atividade dirigida aos Professores e Funcionários

Ana Maria Chiarotti de Almeida

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Compreender e reconhecer que o profissional da educação desempenha papel fundamental na construção da cidadania quando exerce a ética da responsabilidade, através dos valores da paixão, da serenidade e da tolerância; conhecer os argumentos de Max Weber sobre a Ciência, aqui deslocada para a Educação como Vocação, bem como a necessidade de desempenhá-la com paixão (professores e funcionários) e enquanto agentes coletivos do processo educativo; reconhecer, através da argumentação de Norberto Bobbio, o valor da serenidade para o reconhecimento do *outro* e da prática da educação enquanto liberdade e tolerância, desconstruindo preconceitos.

1.2 Listagem de Conteúdos

Significado teórico dos termos;

- A importância, na educação, da prática dos valores da paixão, serenidade e tolerância;
- A educação enquanto prática da liberdade e luta por direitos;
- A relação entre educação e construção de cidadania.

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

- a. O que os professores e funcionários já sabem sobre: Educação como Vocação e como Ética da Responsabilidade; a relação entre educação, paixão, serenidade e tolerância?
- b. O que gostariam de saber a mais?

No Colégio Altair Mongruel existe uma necessidade de se colocar cotidianamente em prática a educação como vocação, capaz de desenvolver a ética da responsabilidade, assumindo os valores da paixão e serenidade, superando preconceitos através da tolerância.

2 Problematização

Questões detectadas no âmbito da prática social e que devem ser trabalhadas para serem dominadas. Questões: como professores e funcionários participam das discussões sobre o projeto pedagógico da Escola? Os problemas da Escola são discutidos coletivamente? Como funcionários e professores assumem responsabilidades coletivas no âmbito da Escola?

2.1 Discussão sobre o Conteúdo

O que significa a educação como vocação? O que significa a educação enquanto ética de responsabilidade? Quais valores que conhecem ligados à educação? O que significam os valores liberdade, paixão e serenidade na educação? Quais outros valores que reconhecem como importantes na prática educacional? Qual a relação entre educação e construção de cidadania? O que significa a tolerância? O que significa reconhecer o *outro*? Por que é importante para os profissionais da educação desconstruir preconceitos? O que esta desconstrução significa para a prática da liberdade e para a prática da cidadania?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Histórica:** O sistema Educacional Brasileiro e Paranaense revela um comprometimento com a ética da responsabilidade?
- **Social:** A prática da cidadania é um valor desenvolvido pelo sistema educacional brasileiro e paranaense?
- **Econômica:** O sistema educacional aplicado no Estado reduzir as desigualdades sociais e econômicas regionais e locais?
- **Política:** Como cobrar do Estado uma Educação como prática de liberdade, realmente formadora de cidadãos comprometidos com uma ética de responsabilidade e transformadora?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Ler com os participantes a alegoria sobre o Mito da Caverna de Platão e texto elaborado sobre o conteúdo;
- Solicitar aos participantes que leiam vários trechos do texto distribuído, com base nos autores que fundamentam as discussões;
- Explicar sobre os assuntos da aula, utilizando os textos;
- Debater sobre questões pertinentes ao tema e relatadas através de texto realizado em grupo pelos professores e funcionários.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Textos
- Dinâmica de Grupo
- Relatórios

3.2.1 Texto Didático

A EDUCAÇÃO COMO VOCAÇÃO E A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE: A PAIXÃO, A SERENIDADE E A TOLERÂNCIA.

Ana Maria Chiarotti de Almeida

(Texto inspirado em excertos das obras: WEBER, Max. *Ciência e Política Duas Vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1968; BOBBIO, Norberto. *Elogio da Serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.)

Para Weber (1968, p.11) o homem está constantemente enfrentando e sendo obrigado a realizar opções orientadas pela oposição entre a *ética de condição* (imperativos do cientista) e *ética de responsabilidade* (moral necessária para a ação política).

Quando se pensa na Educação como Vocação não seriam estas duas éticas que governam a prática cotidiana daqueles que se dedicam ao processo educacional?

À luz da leitura de Weber sobre a vocação do cientista (1968, p.22), aqui deslocando para a educação, todo jovem/adulto que acredita em sua vocação para o magistério e/ou em se dedicar à educação deve ele possuir não apenas qualificações do cientista/professor, mas também incorporar uma *ética de responsabilidade* que transcende a sala de aula e que se traduz em um compromisso para a ação (entendida por Weber por política), que se traduz em valor moral de responsabilidade para com o **outro**.

Jamais um profissional da educação (professores e funcionários) poderá ter certeza em alcançar qualquer coisa de verdadeiramente valioso no domínio da Escola, sem possuir o que Weber (1968, p.25) denomina de **vocação**: uma paixão, uma embriaguez singular, de que zombam todos aqueles que estão afastados do cotidiano escolar. Sem essa paixão, sem essa certeza de que *“milhares de anos se escoaram antes de você ter acesso à vida e milhares de anos se escoarão em silêncio”*, melhor será que se dedique a outra atividade.

Argumenta o mesmo autor (WEBER, 1968, p.25), *“para o homem, enquanto homem, nada tem valor a menos que ele possa fazê-lo com paixão”*, essa paixão que junto com a inspiração, é fator decisivo para o trabalho e a ação. *“Aquele que põe todo o coração em sua obra, e só nela, eleva-se à altura e à dignidade da causa que quer servir”* (1968, p.28). Portanto, não estamos sempre diante de escolhas?

No domínio da Ciência, aqui deslocando para a educação, uma escolha ao ser construída poderá envelhecer rapidamente, diante do suceder de gerações e dos imperativos da ciência e das transformações da sociedade e/ou que poderá ser sempre renovada pela *'ética de responsabilidade'* que podemos assumir, numa ação política contínua de *“estar prontos para incorporar o novo e agir para a mudança”*. Pois, para Weber, devemos sempre estar prontos para nos vermos ultrapassados. (1968, p.29)

As perguntas a que devemos dar respostas são as seguintes: Qual a posição pessoal do profissional da educação (professores e funcionários) perante sua vocação? Será que sabemos como se constrói a máquina (o trem, num sentido figurativo) que tem condições de deslizar? Outra pergunta e mais fundamental ainda: Qual o significado de educação no contexto da vida humana e qual o seu valor?

Nesse momento, lembramos o significado da Alegoria do Mito da Caverna de Platão, através de leitura coletiva.

Quem adota, em nossos dias, essa mesma atitude de quem enxerga a luz no Mito da Caverna diante da Educação? Como algo que liberta, rompe com as correntes e ilumina a vida?

Concordando com Weber que as diversas ordens de valores se defrontam no mundo, em luta incessante (1968, p.41), pode-se considerar como bem afirma este autor, que a sabedoria popular pode nos ensinar que uma coisa pode ser verdadeira, porém nem sempre ser bela nem santa e nem boa. O que significa dizer que o que muitas vezes um grupo confere *'valor'* outro grupo rejeita, acentuando outros *'valores'*, especialmente quando estamos falando de um universo como a Escola, onde diferentes gerações e grupos se defrontam, numa luta cotidiana e silenciosa por

afirmação de valores. O lugar onde muitas vezes a voz que se ouve é a do professor, condenando ao silêncio alunos e funcionários.

Necessário reconhecer que se, de um lado, funcionários e especialmente alunos esperam dos professores qualidades de líder, por outro lado, não se pode esquecer que o valor de um ser humano não se põe, necessariamente, na dependência das condições de líder que ele possa possuir (WEBER, 1968, p.44). Em nosso entendimento, o que transforma um homem em cidadão é sua capacidade de assumir uma *'ética de responsabilidade'* em relação ao Outro, capaz de agir e lutar por direitos coletivos, mesmo diante das adversidades, das situações de conflitos e da violência nos vários contextos, especialmente na Escola.

Por isso o valor da *'serenidade'*, enquanto *'moderação'* ou *'suavidade'*, como considera Bobbio (2002, p.8-11), se soma ao valor da *'tolerância'*. Não como virtudes que representam a passividade ou o conformismo, mas valores assumidos por aquele homem que ao enfrentar o conflito com os demais não tem o objetivo de competir para destruir, de vencer, de se vingar, de guardar rancor, de ganhar poder para submeter o **outro**. Mas que maneje os conflitos de modo a fazer com que a solução em que todas as partes ganhem e possa ser por isso aceita por todos.

Segundo Bobbio em suas reflexões, o indivíduo *'sereno'* e *'tolerante'* ao mesmo tempo em que conduz a luta entre valores (aqui considerando o cotidiano escolar) utilizando métodos que não ameaçam os interesses vitais dos opositores e dos diferentes grupos, que apelam aos melhores traços daqueles em contenda, usa métodos de luta que tendem a humanizar e não desumanizar o **Outro** (2002, p.11). O que significa realizar um esforço em reconhecer e conviver com as diferenças e, acima de tudo, desconstruir preconceitos de todas as ordens (étnico-raciais, políticos, econômicos, sociais e culturais).

Segundo o autor, *“a não-violência é, portanto, o canal através do qual a 'serenidade' se converte em força, uma força distinta e que opera de modo distinto da violência”*. O homem sereno refuta a violência sem ter por isso que se retirar da política (enquanto ação); *'desmente'*, com seu agir, a definição da política como o reino exclusivo da raposa e do leão, pois apesar de negar a violência não se submete e nem abre mão de seus direitos e valores, mas luta por uma não-violência ativa, onde há o lugar para a *'tolerância'* e para o **Outro**, visando o bem comum e de todos (2002, p.11-13).

A serenidade e a tolerância se somam à paixão – dimensões fundamentais para se exercer a **Educação como Vocação e a Ética da Responsabilidade**.

4. Catarse

4.1 Síntese Mental

Solicitar aos participantes que se dividam em pequenos grupos que tenham professores e funcionários trabalhando juntos para realizarem texto de pelo menos 20 (vinte) linhas sobre o entendimento do tema desenvolvido, que será relatado por um dos integrantes do grupo.

4.2 Expressão da Síntese

Os relatores de cada grupo formam um novo grupo para juntar todas as idéias em um único relatório sobre o entendimento do conteúdo e que deve se transformar em referência para avaliação dos participantes.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

Compreender a importância de trabalho coletivo na Escola e da educação voltada para a prática da liberdade e enquanto superação das desigualdades e da desconstrução de preconceitos. Desenvolver uma prática educacional orientada por uma ética da responsabilidade e que estejam presentes os valores da paixão, a serenidade e a tolerância.

6 Análise dos Resultados

Apesar de não se ter conseguido cumprir com todos os passos das ações didático-pedagógicas, a exemplo da formação de grupos e desenvolvimento de relatório final, por problemas do tempo determinado para o encontro com os funcionários e professores, acredita-se ter atingido parte dos objetivos propostos, tendo em vista os comentários coletados entre funcionários e professores sobre as discussões, especialmente no que diz respeito à necessidade de se iniciar uma prática de desconstrução do tratamento desigual conferido aos funcionários da escola que não são considerados também como profissionais da educação e também atores do processo. O que significa exercitar valores como tolerância, serenidade e respeito ao OUTRO. Valores fundamentais para o exercício da educação como prática de liberdade e superação de desigualdades.

REFERÊNCIAS

- WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.
- BOBBIO, Norberto. *Elogio da Serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

TEXTO DE APOIO DIDÁTICO

Alegoria Sobre o Mito da Caverna de Platão

(IN: WEBER, Max. *Ciência e Política Duas Vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1968, p.32)

“Lembremos a maravilhosa alegoria que se contém ao início do livro sétimo da *República* de Platão, a dos prisioneiros confinados à caverna. Os rostos desses prisioneiros estão voltados para a parede rochosa que se levanta diante deles; às costas o foco de luz que eles não podem ver, condenados que estão a só ocuparem das sombras que se projetam sobre a parede, sem outra possibilidade que a de examinar as relações que se estabelecem entre tais sombras. Ocorre, porém, que um dos prisioneiros consegue romper suas cadeias; volta-se e encara o sol. Deslumbrado, ele hesita, caminha em sentidos diferentes e, diante do que vê só sabe balbuciar. Seus companheiros o tomam por louco. Aos poucos, ele se habitua a encarar a luz. Feita essa experiência, o dever que lhe incumbe é o de retornar ao meio dos prisioneiros da caverna, a fim de conduzi-los para a luz. Ele é o filósofo, e o sol representa a verdade da ciência, cujo objetivo é o de conhecer não apenas as aparências e as sombras, mas também o ser verdadeiro”.

CONSTRUINDO OS FUNDAMENTOS (D)O
PROJETO E (D)AS AÇÕES

ATIVIDADES COM ENSINO FUNDAMENTAL



Estagiária do LENPES no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008

Temática

DIFERENÇAS × DESIGUALDADES

Séries: 5ª e 6ª

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

A aula tem como objetivo contribuir para o resgate da identidade dos alunos negros (pretos e pardos) e o respeito à diversidade, diminuindo os estereótipos e idéias pré-concebidas, onde normalmente não se está presente à informação, fazendo da educação uma porta para o reconhecimento ao diferente. Com isso pretende-se contribuir para uma identidade positiva isenta de estigmas e preconceitos historicamente construídos, que afastam os indivíduos da sala de aula, e conseqüentemente excluindo-os socialmente.

1.2 Listagem de Conteúdos

- Período Escravocrata no Brasil;
- Construção do Preconceito Racial no Brasil;
- Abolição e a vinda dos europeus para embranquecer o País;
- Racismo e Desigualdades Sociais;

1.3 Vivência Cotidiana dos Conteúdos

a. O Que já Sabem?

Escravidão, racismo, preconceito, desigualdades, abolição, negros, brancos, poder, violência, exclusão, desvalorização, respeito, valorização.

b. O Que Gostariam de Saber?

O que é preconceito? O que ele causa? Como nós praticamos racismo no nosso cotidiano? O porquê de fazermos distinção entre as raças (brancos, negros e indígenas)? Escravidão e como foi o seu fim? O que são desigualdades raciais?

2 Problematização

2.1 Discussão Sobre o Conteúdo

Quais são as nossas diferenças físicas? O que foi a escravidão? Há como medir a capacidade de cada um pela cor? O que é racismo? No Brasil existe racismo? Como o racismo resulta na desigualdade social? Como praticamos o racismo? Racismo é uma forma de violência? Todos nós temos os mesmos direitos? Somos iguais?

2.2 Dimensões

- **Conceitual/Científica:** O que é preconceito racial? E o porquê ele é praticado?
- **Social:** Todos têm as mesmas oportunidades? Como o preconceito racial resulta na desigualdade social?
- **Histórica:** O que é o período escravocrata no Brasil? Que mudanças ocorrem no Brasil após a abolição da escravidão?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Em círculo, pedir para eles se desenharem nas folhas de papel;
- Misturar as folhas desenhadas e redistribuí-las entre eles, para que identifiquem os colegas;
- Discussão sobre a existência de preconceito racial no Brasil;
- Cada um deve falar uma característica física do colega ao lado que seja diferente das suas características, também devem apontar algo que eles admiram na personalidade do colega;
- Falar sobre como somos diferentes e formamos um grupo, como também a importância da existência desse grupo.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Folhas de papel sulfite;
- Lápis de cor.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

O foco é fazer com que o aluno questione as causas da existência do racismo e reflita sobre as desigualdades sociais que atinge a população negra brasileira. Que eles observem como algumas brincadeiras, risos e/ou piadas que façam menção às características culturais ou físicas de pessoas/grupo são formas de praticar o racismo, pensar nas razões pelas quais ele acontece (desvalorização das características de um grupo para a melhor dominação dele) quais são os resultados dessa prática (exclusão), identifiquem e valorizem as diferenças que temos enquanto grupo heterogêneo e percebam que essas diferenças estão presentes em todas as nossas relações sociais.

4.2 Expressão da Síntese

Cada um deve falar uma característica física do colega ao lado que ele não possua, e também apontar uma característica da personalidade do colega que eles admirem.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Observar como nos deparamos com a diversidade cotidianamente, como ela é importante para nossa formação pessoal e social;
- Questionar sobre como as práticas racistas afetam e excluem aqueles que são vítimas;
- Respeitar a todos, indiferente da sua cor de pele, traços físicos e culturais;
- Valorizar tanto as suas características físicas, assim como respeitar aqueles que são diferentes deles, seja fisicamente, culturalmente ou socialmente;
- Refletir sobre as desigualdades sociais e raciais como um problema social e não como um problema individual;

6 Análise dos Resultados

Busco iniciar as aulas com uma breve explicação dos conteúdos que serão tratados em sala, dependendo do tamanho da sala peço para que organizem as carteiras em círculo a fim de proporcionar que todos possam se ver

e participar das atividades. As aulas com as turmas de 5ª e 6ª séries foram ministradas com o intuito de fazê-los repensar as suas relações em sala de aula, tratar do racismo a partir do cotidiano deles e mostrar como essa prática não é isolada e principalmente apontar no que ela resulta.

Na prática social inicial distribuí as folhas e os lápis para que cada aluno pudesse fazer o desenho, dei um pequeno tempo para que fizessem à atividade, quando todos entregaram, misturei e redistribuí os desenhos e pedi que cada um tentasse reconhecer quem era a pessoa no papel, pergunto a eles se o desenho está parecido com a pessoa? Se há diferença, que ele aponte-a e que a pessoa explique por que se retratou daquela forma.

É uma pequena dinâmica que tem como objetivo mostrar a existência de diferenças entre eles, verificar como eles se enxergam, o que buscam esconder e até mesmo modificar, já que muitas vezes se retratam diferente do que são, além de trazer maior interação, pois normalmente, apesar de serem da mesma sala de aula, os alunos não interagem muito entre si, formam as chamadas “panelas”, dessa forma a atividade é feita com a participação de todos.

Nessa primeira etapa, surgiu, no início, um pouco de receio em se fazer o auto-retrato, diante das falas dos alunos fica evidente que é devido ao período de transição que muitos estão passando a pré-adolescência, mas todos acabaram participando. Explico o porquê da dinâmica e a importância da existência de nossas diferenças para sala de aula, pois cada um tem algo a acrescentar de novo, também trato da importância do respeito uns com os outros para que haja uma maior interação do grupo.

A partir desse ponto passei para a segunda etapa da aula, que é problematização do tema proposto, onde discuti com eles a existência do racismo nas nossas práticas cotidianas, através de piadas e apelidos, mostrando o que tais brincadeiras podem causar, da aonde surge à falsa idéia de grupos “inferiores” e “superiores”, o que ocorre com a população negra com o fim da escravidão no Brasil, como o racismo resulta nas desigualdades sociais.

A aula contou com a participação dos alunos que compreenderam bem o que se estava discutindo em sala, alguns relataram casos de racismo ocorridos na escola com outros colegas e até com eles mesmos, falam dos apelidos e das piadas. Houve tentativas por parte de alguns alunos durante a aula de fazerem piadas/brincadeiras de fundo preconceituoso, questionei esse aluno sobre o porquê da brincadeira e realmente se ele achava engraçado.

Como que seria se fosse ao contrário? O que ele havia entendido sobre a aula? E qual era a opinião dos demais alunos? Fazendo com que ele refletisse sobre as brincadeiras, que elas podem resultar na desistência do aluno alvo da escola, peço para que os outros digam o que sentem quando assis-

tem tais brincadeiras ou quando são vítimas delas, a fim de tentar fazê-los pensar sobre o racismo. Fica evidente que eles reconhecem a existência de um problema racial brasileiro, que tem a necessidade de ser superado.

Na catarse cada um falou uma característica física do colega ao lado que ele não possuía e também apontou uma característica da personalidade do colega que fosse admirada. Também houve uma pequena dificuldade no início da dinâmica por que eles sentiram muita dificuldade (vergonha) em falar sobre o colega ao lado, algumas características de personalidade citadas se repetiam entre as duplas. Alguns afirmavam que não conheciam muito bem o colega, então apontavam características que ficavam evidentes em sala, como por exemplo: “ela é muito quieta.”

Finalizei a aula perguntando o que eles haviam achado. Alguns gostaram muito, outros nem tanto, mas foi importante que as turmas participaram das dinâmicas e principalmente das discussões, colocando seu ponto de vista para a sala. O que observei de interessante é que aqueles alunos mais tímidos participaram da aula, derrubando alguns medos e receios.

REFERÊNCIAS

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 2ª ed.- Campinas, SP:Autores Associados, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. COSTA, Ricardo César Rocha da. Onde você esconde seu racismo? Diversidade e desigualdades raciais. In: Sociologia para Jovens do Século XXI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007. p.133-152.



Estagiários do LENPES no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008

Temática DIFERENÇAS × DESIGUALDADES

Séries: 7ª e 8ª

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

A aula tem como objetivo contribuir para a valorização da identidade dos alunos negros (pretos e pardos) e o respeito à diversidade, diminuindo os estereótipos e idéias pré-concebidas, onde normalmente não se está presente à informação, fazendo da educação uma porta para o reconhecimento ao diferente. Com isso pretende-se contribuir para uma identidade positiva isenta de estigmas e preconceitos historicamente construídos, que afastam os indivíduos da sala de aula, conseqüentemente excluindo-os socialmente.

1.2 Listagem dos Conteúdos

- Período Escravocrata no Brasil;
- Construção do Preconceito Racial no Brasil;
- Abolição e vinda dos Europeus para embranquecer o País;
- Racismo e Desigualdades Sociais;
- Mão-de-obra escrava e assalariada;

1.3 Vivência Cotidiana dos Conteúdos

a. O que já sabem?

Escravidão, racismo, preconceito, desigualdades, abolição, negros, brancos, poder, violência, exclusão, desvalorização, miscigenação, respeito e valorização.

b. O que gostariam de saber a mais?

O que é preconceito? O que ele causa? Como nós praticamos racismo no nosso cotidiano? O porquê fazemos distinção entre as raças (Branços, Negros e Indígenas)? Escravidão e como foi o seu fim? O que é miscigenação? O que são desigualdades raciais?

2 Problematização

2.1 Discussão sobre o Conteúdo

Como ocorre a formação da população brasileira? Como as populações indígenas e afro-brasileiras foram oprimidas pelo processo de colonização? O que foi a escravidão? Qual o contexto histórico e político que no período da abolição? Por que o governo brasileiro no final do século XIX e início do século XX financia a vinda de europeus para o país? Diferença entre mão-de-obra escrava e assalariada? Há como medir a capacidade de cada um pela cor? O que é racismo? No Brasil existe racismo? Como o racismo resulta na Desigualdade Social? Como praticamos o racismo? Racismo é uma forma de violência? O que é miscigenação? Todos nós temos os mesmos direitos? Somos iguais?

2.2 Dimensões

- **Conceitual/científica:** O que é preconceito racial? Por que ele é praticado?
- **Social:** Todos têm as mesmas oportunidades? Como o preconceito racial resulta na desigualdade social?
- **Histórica:** Que mudanças ocorrem no Brasil após a abolição da escravidão? Por que o Governo brasileiro financia a vinda de europeus para o país?
- **Econômica:** Desigualdade Social, quem ganha com ela?
- **Legal:** O que a Lei 10.639/03 propõe?

3. Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Passar o filme “Vista a minha pele”, iniciar a conversa buscando saber quais foram as impressões sobre o filme;
- Ler o texto didático com eles, cada um lê um pouco; discutir as questões propostas;
- Passar diversas imagens sobre o Brasil, a África, os indígenas, pedir para que eles escrevam o que sentiram ao ver as imagens, se sabem de onde elas são, fazer um texto de 10 linhas.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Filme;
Texto didático;
Imagens.

3.2.1 Texto Didático

DIFERENÇA × DESIGUALDADES

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

Preconceito: conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento do fato, julgamento ou opinião formada sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se de algo previamente julgado.

Discriminação: separar; distinguir; estabelecer diferenças. A discriminação racial corresponde ao ato de apartar, separar, segregar pessoas consideradas racialmente diferentes, partindo do princípio de que existem raças “superiores” e “inferiores”, o que ficou comprovado pela Ciência que não existe.

Racismo: teoria que sustenta a superioridade de certas raças em relação a outras, preconizando ou não a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas minorias.

O preconceito está presente na nossa sociedade, mas não segrega ou discrimina; já a discriminação promove, baseada em certos preconceitos, a separação de grupos e pessoa. Por outro lado, o racismo mata, extermina, produz ódio entre grupos e indivíduos.⁵

⁵ OLIVEIRA, Luiz fernades de; COSTA, Ricardo César da. Onde você esconde seu racimo? Diversidade e Desigualdade Raciais in Sociologia para Jovens do Século XXI. Editora Imperial Novo Milênio e Editora ao Livro Técnico. 2007.

Mas como essa idéia popularizou-se?

No Brasil, desde a chegada dos portugueses no século XVI, até o século XX, na pós-abolição, a idéia de inferioridade de algumas raças e de superioridade de outras foi amplamente difundida por intelectuais, políticos, artistas, escritores, jornalistas. A idéia de que o negro e os indígenas eram inferiores aos brancos europeus, resultou em 400 anos de escravidão negra no Brasil e extermínio de grande parte da população indígena que aqui vivia muito antes da chegada dos portugueses. Quando chega o fim da escravidão em 1888, essa idéia ainda permaneceu no cotidiano das pessoas, onde os negros eram considerados incapazes e por isso deveriam permanecer fazendo trabalhos braçais, pesados, de pouco prestígio na sociedade. Assim, a inserção da população negra no mercado de trabalho após a escravidão não ocorreu, a mão-de-obra foi rapidamente substituída pelos europeus e asiáticos que aqui começaram a chegar ao final do século XIX e início do século XX.

O argumento usado pelos brancos europeus de que alguns grupos étnicos eram inferiores a outros, era uma forma de garantir que esses homens que já estavam no poder, continuassem nessa posição. Para isso, tudo que era relacionado aos povos africanos e indígenas foi considerado ruim, como, por exemplo, as características físicas, cabelo, boca, corpo, as características culturais, religião, organização social e passaram a ser motivos de piadas e principalmente motivo da não inclusão social. Dessa forma, o fim da escravidão não trouxe a inclusão social e digna dos povos negros e nem dos povos indígenas na educação, na saúde, no mercado de trabalho. Não eram assegurados a eles os mesmos direitos que as pessoas brancas tinham, não foi feita nenhuma política pública que garantisse algum direito para as populações afro-brasileiras e indígenas.

Atualmente

A resistência negra diante do racismo e da desigualdade social que dele resulta sempre existiu, hoje, ainda com muita luta dos movimentos negros que existem em todo o país e de diversas propostas para a mudança da constituição, essa população tem garantido por lei os mesmos direitos que a população branca, trabalhando para uma inclusão digna dessa população na sociedade, que as suas características físicas não fossem fator determinante para a sua posição social, mas essa igualdade de direitos escrita na lei, necessariamente não é seguida, como vemos nos dados abaixo ela modificou pouco na vida das pessoas negras, nesses dados vemos que ainda existe muita desigualdade social com a população negra resultado do racismo que essa população esta submetida diariamente.

Brasil: Número e percentual de pobres e de indigentes, por cor, 1992 e 1999.

	Números		Percentual		
	1992	1999	Varição em %	1992	1999
POBRES					
TOTAL	57.866.000	52.866.000	-08	100,00	100,00
Branços	19.008.000	19.008.000	-14	38,56	35,95
Afrodescendentes	33.638.000	33.638.000	-04	61,44	64,05
INDIGENTES					
TOTAL	27.130.000	22.329.000	-18	100,00	100,00
Branços	8.966.000	6.861.000	-23	33,04	30,72
Afrodescendentes	18.092.000	15.974.000	-15	66,96	69,28

Fonte: IPEA,2001

3.2.2 Sinopse do Filme

Filme: Vista a Minha Pele

Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra, enquanto os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa-de-estudo que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. A maioria de seus colegas a hostilizam, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade. Maria quer ser “Miss Festa Junina” da escola, mas isso requer um esforço enorme, que vai desde a superação do padrão de beleza imposto pela mídia, onde só o negro é valorizado, à resistência de seus pais, à aversão dos colegas e à dificuldade em vender os bilhetes para seus conhecidos, em sua maioria muito pobre. Maria tem em Luana uma forte aliada e as duas vão se envolver numa série de aventuras para alcançar seus objetivos. O centro da história não é o concurso, mas a disposição de Maria em enfrentar essa situação. Ao final ela descobre que, quanto mais confia em si mesma, mais capacidade terá de convencer outros de sua chance de vencer.

3.2.3 Jornais

- Watson dá uma declaração racista a jornal. Um dos descobridores da estrutura do DNA afirma que africanos são menos inteligentes que ocidentais.
- 7 em cada 10 jovens assassinados no Brasil são negros, diz ONU. Perfil das vítimas da violência, revelado em relatório, é tema de debate na Folha.
- Justiça admite erro e liberta 'João Negro'. Criminoso deveria ter deixado a prisão em 2005, mas continuou detido porque recebeu pena de homônimo branco.
- Menino levou 30 choques; 2 no coração. Carlos Rodrigues Júnior foi abordado por PMs por suspeita de roubo; segundo o laudo, ele também levou choque na cabeça e no escroto.
- Watson se desculpa por declaração racista. Co-descobridor da estrutura do DNA afirma, no entanto, que questionar bases genéticas da inteligência não é racismo.

3.2.4 Texto

A **Mulher Negra** - a situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período da escravidão com poucas mudanças.

4 Catarse

4.1 Síntese mental do aluno

O foco é fazer com que o aluno questione o porquê que existe racismo e como ele contribui para a existência da desigualdade social que atinge a população negra brasileira. Que eles observem como ocorre o preconceito na sociedade em geral, através de risos e/ou piadas das características culturais ou físicas de pessoas/grupo (o racismo não é velado), o porquê ele ocorre (desvalorização das características de um grupo para a melhor dominação dele) quais são os resultados dessa prática (exclusão). Percebam como a existência da diversidade é importante para a formação da sociedade Brasileira, que ela faz parte da construção deles como indivíduos, que há muito mais história além daquela apresentada como oficial nos livros didáticos.

4.2 Expressão da Síntese

Algumas imagens da África, do Brasil e dos indígenas serão passadas para os alunos, as imagens serão de pessoas, manifestações culturais, comidas, festas e etc. Depois vou pedir para que os alunos escrevam sobre o que sentiram quando viram aquelas imagens, da onde elas são? O que elas representaram para eles?

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Observar que nos deparamos com a diversidade cotidianamente, como ela é importante para nossa formação pessoal e social;
- Questionar sobre como as práticas racistas afetam e excluem aqueles que são vítimas;
- Respeitar a todos, indiferente da sua cor de pele, traços físicos e culturais;
- Valorizar tanto as suas características físicas, assim como respeitar aqueles que são diferentes deles, seja fisicamente, culturalmente ou socialmente;
- Analisar como durante a história do Brasil algumas idéias foram introduzidas, inicialmente a idéia de inferioridade racial e no século XX após os anos 50 a falsa idéia de “democracia racial” que atrasou as discussões sobre relações raciais no Brasil num âmbito geral, idéia que perpetua até hoje resultando na desigualdade racial;
- Refletir sobre as desigualdades sociais e raciais como um problema social e não como um problema individual;

6 Análise dos Resultados

Nas turmas de 7ª e 8ª séries busquei discutir com eles a origem do Brasil. Pretendi abordar como diante da formação da nação brasileira as populações indígenas e afro-brasileiras foram oprimidas pelo processo de colonização, tratei da questão das diferenças e das desigualdades, seu contexto histórico e como praticamos racismo diariamente.

Na prática Social Inicial passei o filme “Vista a minha Pele”, todos prestaram muita atenção, houve espanto de alguns alunos na sala por conta da proposta do filme. Quando acabou pedi para que os alunos me dissessem o que acharam, me explicassem a história, se essa situação ocorria no Brasil. A princípio ficaram calados, até que um aluno disse que no Brasil existe discriminação só que com os negros e não com os brancos. A partir da fala desse aluno iniciou-se a conversa, todos começaram a dizer o que sentiram ao ver o filme e entraram em um consenso de que o racismo existe no Brasil e na escola também. Os alunos começaram a relatar alguns casos de racismo que já presenciaram. Uma das turmas até questionou o número de professores negros na escola, chegando à conclusão de que são poucos.

Seguindo com a discussão sobre racismo relacionada com o filme, quis através do enredo apresentado, questioná-los e iniciar a aula tratando da formação da população brasileira, a vinda dos povos africanos, dos europeus e o encontro deles com a população que já estava aqui presente: os indígenas. Mostramos de que forma se deu a escravidão e o período da abolição, que o racismo está presente na nossa cultura, que faz parte do

nosso cotidiano e principalmente como ele é maléfico, excluindo socialmente aqueles que são vítimas, partindo do contexto do apresentado na ficção, respondendo as questões levantadas por eles ao final do filme.

Na problematização li com os alunos o texto didático. Cada aluno leu uma parte. À medida que era lido cada trecho explicava-o e perguntava se havia dúvidas. Algumas dúvidas surgiram sobre a questão das cotas raciais, questionaram se são uma forma de racismo ao contrário. Ao responder os alunos informei que o regime de cotas existe em outros países, que ele é uma política pública que visa a inclusão de um grupo, que em algum momento da história estava em desvantagem social. O objetivo é alcançar a igualdade perante outros grupos na sociedade. Diferentes posicionamentos surgiram na sala, alguns contra e outros a favor, mas o importante foi que a discussão realizou-se com toda a sala, despertando interesse pela temática, principalmente devido ao filme.

Na catarse propus as imagens, mas devido a alguns problemas no *pen-drive* elas não foram passadas. Dessa forma substituí a atividade pela proposta que trabalhei no ensino médio com os jornais. Pedi para que sentassem em grupos, distribuí algumas matérias de jornais que de alguma forma tratava de racismo, solicitei que lessem os textos, depois apresentassem para a sala a matéria e a opinião do grupo.

Dessa forma, faríamos uma pequena discussão sobre a matéria. Todos leram, mas somente algumas pessoas falaram e discutiram o jornal do outro grupo, mas houve a adesão de toda a sala na atividade. Alguns alunos pediram para levar as reportagens para casa. O foco foi fazer com que o aluno questionasse o porquê que existe racismo, como o mesmo contribui para a existência da desigualdade social que atinge a população negra brasileira, como o mesmo é praticado no Brasil, como essa prática resulta em exclusão.

Perguntei a uma turma de 7ª série, ao final da aula, o que eles acharam sobre a atividade. Responderam que nunca que tinham ficado tanto tempo quietos para ver um filme e que não costumavam participar tanto da aula, principalmente com perguntas.

Apesar de ter tido problemas com as imagens, a atividade com jornais rendeu uma boa participação dos alunos que refletiram sobre o racismo no Brasil. Para os alunos de 6ª série, outra atividade que pode ser realizada foi uma dinâmica que discutiu a desigualdade, a falta de oportunidades iguais a todos.

Quando divididos em grupos, foi entregue um kit para fazerem um desenho, sendo que somente um grupo recebeu o kit completo (4 lápis de cor, na cor que o professor quiser e folha de papel sulfite). Os outros

grupos receberam seus kits com algum material faltando, a regra é não usar materiais fora do que foi entregue pelo professor e não emprestar do outro grupo.

Solicitei que desenhassem, por exemplo, uma criança com a cor verde, uma casa em azul, uma flor com lápis marrom e um sol com o amarelo. Na folha que foi entregue, somente um grupo fez o desenho todo. Os outros provavelmente ficaram irritados. Ao final da tarefa cada grupo explicou o desenho. Questionei se eles queriam desenhar e o porquê não completaram a atividade.

Eles disseram que não terminaram por falta de material. A partir daí expliquei que houve falta de oportunidade na hora de desenhar, que a distribuição do material foi desigual, privilegiando um pequeno grupo e excluindo os outros. Deste modo, iniciei a aula tratando da questão da desigualdade racial com os alunos de 6ª séries.

REFERÊNCIAS

- GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 2ª ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- Em cada 10 jovens assassinados no Brasil são negros, diz ONU. Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano. 15/10/2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u127058.shtml>. Acesso: set 2008.
- TÓFOLI, Daniela. Justiça admite erro e liberta 'João Negro'. Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano. 26/08/2006.
- BEDINELLI, Talita; MESTRINELLI, Bruno. Menino levou 30 choques; 2 no coração. Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano. 19/12/2007. (agencia folha em Bauru)
- GARCIA, Rafael. Watson dá uma declaração racista a jornal. Folha de São Paulo. Caderno Ciência e Saúde. 18/10/2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u337682.shtml>. Acesso: set 2008.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. COSTA, Ricardo César Rocha da. Onde você esconde seu racismo? Diversidade e Desigualdades raciais in Sociologia para Jovens do Século XXI. Ano 2007.
- Silva, Maria Nilza. A mulher negra. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm. Acesso em: junho 2008.
- Filme Vista a minha Pele. Direção: Joel Zito Araújo. Duração: 15 minutos. Roteiro: Joel Zito Araújo & Dandara. Ano de Produção: 2004. Entidade produtora: CEERT - Centro de Estudos e Relações de Trabalho e Desigualdades.



I Ciclo de Debates Sobre Desigualdade/Uel - Professores do Dep. Ciências Sociais

Temática ETNOCENTRISMO

Turma: 5ª Série

*Profª Ângela Maria de Sousa Lima
Prof. Neudes Hirt*

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Trabalhar com os alunos os conceitos de cultura; diversidade e pluralidade cultural; etnocentrismo; indústria cultural e influência cultural dos meios de comunicação de massa; pois pretende-se que eles se abram a um conhecimento maior do outro e passem a deter um respeito maior pela sua cultura, sua riqueza e suas diferenças.

1.2 Listagem de Conteúdos

- Etnocentrismo;
- Cultura;
- Diversidade cultural;
- Indústria Cultural e Meios de Comunicação de Massa;

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem?

Provavelmente os alunos da 5ª. série do Ensino Fundamental consigam perceber que existem semelhanças e de diferenças nos seres humanos, do ponto de vista biológico e do ponto de vista cultural e que ambas as dimensões são diferentes.

b. O que gostaria de saber a mais?

O que é etnocentrismo? O que é cultura? O que é significa ser cultural? Podemos nos identificar enquanto brasileiros, paranaenses, crianças, jovens e adolescentes, negros, membros de comunidades indígenas, moradores de Ortigueira, alunos desta escola e desta sala, pertencentes da família X ou Y, ao grupo da igreja K, dentre outros grupos? O que define essa identidade? Com o que outros grupos cada um se identifica? O que são valores culturais? O que é diversidade sociocultural? O que é “ser social”? Por que tendemos a considerar nossos costumes como mais importantes do que os dos outros? Por que respeitar a cultura do outro? Por que e quando conseguimos prever o comportamento dos outros? O que é herança cultural? O que é um sistema cultural? Como aprendemos com os outros, quando, por quê? A cultura se transforma? Ela é dinâmica ou estática? Todos têm cultura? Alguém pode ter mais cultura do que outro?

2 Problematização

2.1 Discussão sobre os Conteúdos

Por que estudar o que etnocentrismo?

Por que estudar o que é cultura?

O que é cultura popular? O que é cultura erudita?

Por que estudar o que é diversidade cultural e respeito a diferença?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Conceitual:** O que significam estes termos: etnocentrismo, cultura, diversidade? É importante refletir sobre as diferenças culturais? Como elas se manifestam na escola?
- **Histórica:** O que seus pais e avós faziam que hoje vocês não fazem mais ou fazem diferente, no campo: do lazer, da educação, do relacionamento, da linguagem, etc?
- **Pedagógica:** Qual o papel das instituições sociais, em especial da escola e da família, no nosso aprendizado social e cultural?

O conhecimento mais aprofundado desses termos pode ajudar no processo educativo dos alunos?

- **Social e Econômica:** As manifestações culturais das pessoas que possuem menor poder aquisitivo são respeitadas hoje, no Brasil e em Ortigueira, da mesma maneira que as pessoas com maior poder aquisitivo? Tendemos a considerar mais culto e bonito o que está revestido de mais poder aquisitivo?
- **Ideológico:** A TV (exemplo: novelas) tende a nos mostrar um padrão de vida, a dizer como devemos nos comportar culturalmente? Que exemplos podem ilustrar essa influência no nosso cotidiano?
- **Psicológico:** Já aconteceu algum episódio em sua vida, ou de seus familiares, de desrespeito a algum elemento de sua cultura? Já ocorreu alguma forma de desrespeito a um comportamento que você tenha demonstrado em grupo, ou seja, que tenha sido “reprovado” pelos integrantes desse grupo? O que este fato trouxe de conseqüências para você? O que você sentiu neste momento?
- **Política:** Como cobrar a implementação de políticas públicas no Brasil que garantam a manifestação democrática dos diferentes grupos culturais? Os movimentos sociais são importantes nesse sentido?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático Pedagógicas

Formação de um círculo de debate na sala; Exposição no quadro várias fotos e imagens que espelhem costumes, comportamentos diferentes; e práticas de violência contra a cultura de diferentes povos; distribuição das questões, citações e imagens e para cada aluno; explicação aos alunos do objetivo da aula e da sua sistematização didática; leitura com eles da história “minha mãe é a mais bela mulher do mundo”, encontrada no artigo de Raymond H. Muessig e Vincent R. Rogers; Elaboração de textos individuais e em grupo acerca das questões discutidas em sala;

Nesta etapa da aula pretende-se, com os alunos, identificar na história, lembrando o que já estudaram, a trajetória dos povos indígenas no Brasil e dos povos africanos, a fim de verificar como estes grupos sofreram as conseqüências da imposição cultural de outros povos; possibilitando que eles possam conhecer o que diz a Antropologia (nesta aula, em específico, o que dizem Raymond H. Muessig e Vincent R. Rogers, assim como Everaldo P. Guimarães Rocha) sobre o tema, a fim de agregar mais conhecimentos a respeito do conceito a ser debatido em sala, ampliando o grau de compreensão e de argumentação dos alunos;

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Livros, textos, roteiro de atividades;
Painel, charges e fotos;
Citações impressas;
TV *pendrive*;

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

Almeja-se que os alunos compreendam que somos diferentes também, e principalmente, do ponto de vista cultural; que a diversidade deve ser respeitada e apreciada por eles; que não há grupos e pessoas sem cultura; que não podemos hierarquizar a cultura, dizendo que uns a possuem em mais e outros em menos escala; que essa diferença é responsável pela riqueza e diversidade cultural existente em nossos grupos humanos;

4.2 Expressão da Síntese

Em duplas e individualmente, construir textos e imagens, a partir de atividades sugeridas por Raymond H. Muessig e Vincent R. Rogers, explicitando os conhecimentos adquiridos e revisitados sobre o tema;

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

Perceber que existem mudanças culturais ao longo da história e que a cultura é um fenômeno dinâmico, rico, complexo, em construção e reconstrução constante; abrir-se mais para o conhecimento da cultura do outro, seja na dimensão da escola, da família, dos grupos de amigos, do município ou dos demais círculos em que convivem, enquanto crianças e adolescentes; passar a respeitar mais a cultura do outro, em especial a cultura da comunidade kaingáng e dos grupos de alunos que pertencem a zona rural do município de Ortigueira;

5.1 Ações dos Alunos

Fazer um passeio dirigido a comunidade kaingáng do município de Ortigueira, conhecer mais de perto sua cultura e divulgar o trabalho da comunidade na escola;

6 Análise dos Resultados

A aula em questão foi ministrada, em turmas diferenciadas, nos dois dias da Jornada de Humanidades. No dia 30 de outubro, no período vespertino, trabalhamos com uma sala de 5ª Série, com vinte e cinco alunos. No dia 31 de outubro, na parte da manhã dialogamos com uma turma de 5ª Série, com vinte e três alunos e a tarde com uma sala de 6ª série, com 29 alunos. Tentamos utilizar a mesma proposta de aula em todas as turmas em que debateríamos a temática do “etnocentrismo”, mas, como já se pode prever pedagogicamente, as aulas não foram idênticas.

Em todas as turmas, já de início, pedimos aos alunos que escrevessem suas interpretações sobre a temática da cultura. Para isso utilizamos uma atividade, proposta no texto de Rogers e Muessig “Sugestões de Métodos para professores”. Antes, porém, explicamos, pausadamente, utilizando linguagem adequada e muitos exemplos próximos ao cotidiano dos estudantes os oito princípios trabalhados no artigo pelos autores sobre cultura. São eles:

1. “Parece que os seres humanos, em toda parte, modelam suas crenças e comportamento em razão dos mesmos problemas e necessidades humanas fundamentais” (1977, p.102);
2. “Praticamente todas as diferenças importantes no comportamento humano são compreensíveis como variações nos padrões aprendidos de comportamento social – não diferenças no aparato biológico, tipo de sangue ou qualquer outro mecanismo geneticamente herdado” (1977, p.108);
3. “Toda sociedade tem padrões de comportamento regulares que possibilitam as pessoas prever o comportamento mútuo e agir de acordo com essa previsão” (1977, p.112);
4. “A forma pela qual o indivíduo vê suas experiências é fortemente condicionada pela herança cultural e ele tende a considerar seu modo de vida como o mais sensato e natural” (1977, p.116);
5. “Todo sistema cultural humano é lógico e coerente em seus próprios termos, segundo os conhecimentos e suposições básicos à disposição da comunidade específica” (1977, p.123);
6. “O indivíduo tem capacidade de adotar, adaptar e reconstituir as idéias presentes e passadas, as convicções e invenções de outros que estão vivos ou mortos” (1977, p.127);
7. “Todo sistema cultural é composto de uma rede interligada de padrões de comportamento. Nenhum sistema é completamente estático: as modificações numa área geralmente levam a modificações em outros segmentos do sistema” (1977, p.130);
8. “As percepções, predisposições e valores pessoais complicam o estudo do homem pelo homem”. (1977, p.138).

Usando as palavras dos autores, explicamos aos alunos que “assim como o conhecimento agrônômico pode ajudar no rendimento para o agricultor, o conhecimento antropológico pode aumentar o conhecimento das generalizações individuais” (1977, p.101). No artigo os dois autores propõem a leitura de um poema que fala sobre as crianças no mundo e as suas diferenças culturais no que tange às suas vestimentas, às suas comidas, à cor de suas peles, às suas línguas, às suas moradias, aos seus países de origem e às suas brincadeiras. Explicamos que há problemas e necessidades que são fundamentais, embora os meios para chegar a soluções possam ser diferentes: comer, dormir, proteger, procriar, nascer, morrer, explicar o sol e a lua, e que é campo da Antropologia, entender como o indivíduo vê os problemas e como os soluciona. Nossa pretensão era que os alunos dessem continuidade ao poema, inserindo nossos aspectos e escrevendo dados de sua realidade.

Colocamos algumas respostas dadas pelos alunos do Colégio Altair Mongruel, em todas as turmas em que ministramos essa aula;

“Algumas crianças acreditam em histórias e outras não. Algumas não acreditam em religião. Alguns têm família e outros não, porque são mortos. Outros têm muito sentimento e alguns não têm. Igual eu tenho muito sentimento sou alegre e muito, muito, muito...” (Jocélia); “Algumas crianças têm família, amigos e, outros não. Seus familiares são diferentes as crianças não. Algumas têm uma crença outras não. Essas crenças são diferentes mais as crianças são iguais a você. Algumas vão a escola, outras não. Seus jeitos são diferentes, mas as crianças são iguais a você. Algumas têm sentimento outras não, seus sentimentos são diferentes, mas as crianças são iguais a você” (Cintia); “Não porque cada uma tem um tipo de ser, não porque eu não como nada cru, tudo tem que ser bem feito. Todas as crianças têm que ter um pai para cuidar e ensinar a fazer o que é certo” (Jocimar); “As crianças são diferentes tanto a sua origem, mais todas são crianças. Somos todos iguais, cor, hábitos diferentes, mas todos têm os mesmos direitos de ser feliz. Às vezes somos racistas porque os outros têm cor diferente, mas temos que ser felizes. Merecemos a felicidade” (Adrielle); “Cor, comida, língua, rampas, moradias, origens, brincadeiras e transporte; família, amigos igreja, religião, história, professores e sentimento Algumas crianças têm família, outras não; moradia, outras não” (Luiz H); “Preconceito não aceito ignoro, igualdade eu apoio” (Leandro);

Esse primeiro grupo de alunos destacou elementos como a religião, os sentimentos das crianças, a família e seus direitos. Ao comentar sobre as “crianças em geral”, muitos alunos falaram de si mesmos, de suas condições, de seus sentimentos e de suas realidades. Assim, afirmamos porque muitos assim falaram durante o processo de elaboração da atividade.

“Algumas crianças são ricas outras pobres, umas negras outras brancas, mas as crianças são iguais a você. Algumas têm pais outras não, umas têm brinquedos outras não, umas são legais outras são chatas, algumas gostam de estudar e outras não, mas nunca vão deixar de ser crianças igual a você” (Ataislaine); “Algumas crianças gostam de dançar e também gostam de brincar, mas elas são iguais” (Luiz); “Algumas crianças moram em lugares e cidades diferentes, têm crianças, brincadeiras, comem, mas são iguais a você. Algumas pessoas falam coisas que não dá para entender, mas somos todos iguais. Sei que minhas palavras são uma gota no oceano, mas sem essa violência seria ainda melhor” (Thaís); “Umam dançam outras não, dizem palavrões outras não, fazem lição outras não gostam do professor, mas são todas iguais a você” (Thaís); “São diferentes nas comidas, vestuário, falar, morar, cultura, no jeito de andar, mas as crianças são todas iguais a você. Têm crianças que gostam de dançar outras não, gostam de materiais diferentes de coisas diferentes, mas são iguais a você” (Suzen); “Algumas vestem roupas novas, outras roupas velhas, são ricas outras pobres, umas gostam de brincar de brinquedo de controle remoto outros não, Uma comem macarrão outras de arroz, mas elas são todas iguais a você” (Ariel); “Algumas pessoas dançam outras cantam ou fazem gestos, seus gostos são diferentes, mas todas as crianças são iguais a você” (Luana); “Algumas crianças curtem HEP, outras HIP HOP, outras funk, sertanejo tudo isso seria diferente, mas as crianças seriam iguais! Algumas crianças gostam de professores de matemática, outras de português, ciências, artes, mas as crianças seriam iguais a você” (Ronaldo); “Umam pessoas não têm país, amizade, alguns acreditam em religião outros não”; “Algumas crianças sentem amor, carinho, ódio, outras alegria, seus sentimentos são diferentes, mas as crianças são iguais a você”; “Há crianças que tem vários amigos, gostam de rezar, outras não acreditam em rezar, não gostam de histórias, mas são todas crianças iguais, mas de culturas diferentes”;

Nesse segundo grupo vemos que elencaram, além dos aspectos trabalhados no poema: condições econômicas e sociais das crianças, seus costumes, danças, músicas, jeito de andar. Percebemos que os alunos conseguiram durante a aula, o que Rogers e Muessig propõem no artigo, ou seja, se abrir ao conhecimento maior sobre as culturas, passando a demonstrar mais respeito por elas.

Algumas crianças têm amigos, que assim como eu ou até mesmo você, são iguais. Algumas têm pouca amizade, podem ser diferentes, mas as crianças são iguais a você”; “As crianças têm família diferente, mas todas são muitas amadas e são todas muito felizes. As crianças têm histórias diferentes, mas todas têm sua cultura e também tem suas festas. As crianças têm professores diferentes, mas todos são bem educados para sejam grandes pessoas. Todas as crianças são iguais a você” (Regiane); “Algumas têm família grande outras não, baixinha ou alta, algumas vão para a escola de ônibus, outras de camionete, a pé de moto ou de carro, táxi, mas são todas iguais a você. Algumas são crentes outras católicas ou evangélicas, mas todas são iguais a você”; “Tem gente que estuda outras não, têm amigos ou não, tudo isso seria diferente, mas as crianças seriam iguais. Acreditam em Maria, gostam de estudar outras não, tudo tem diferença, mas as crianças seriam iguais”; “A família é a coisa mais preciosa, amigos vamos ter para sempre, religião todo mundo tem que ter. Histórias, muitas lembranças, professores muito legais, sentimento uma coisa que machuca”; “Nos temos amigos, eles não. A religião dele é diferente da minha, tem pessoas que gostam de histórias outras não”; “Algumas crianças têm família, professores, outras nem estudam, mas elas são iguais a você”; “Crianças têm mãe, pai, outras não. São brancas outras são negras. Algumas têm moradia outras não”; “Algumas crianças têm pai, outras não, acreditam em Deus, têm amigos outros são triste e não é alegre”; “As crianças são iguais a você, umas tem família, mas alguma não, têm amigos para repartir as histórias”; “As crianças são iguais nas brincadeiras, nas danças, todas as crianças são iguais e diferentes, mas não deixam de ser crianças”; “Algumas crianças comem arroz na mesa vermelha e algumas comem em cima da cadeira. Algumas crianças comem feijão preto, tem muitas crianças que não gostam de seu jeito, mas todas as crianças são iguais não importa o jeito”;

Nesse terceiro grupo escreveram sobre: seus professores, seus amigos, suas condições biológicas, suas históricas, mas deixando claro que em muitas características elas são iguais.

“Quem ama sofre, quem sofre sente, quem sente luta, quem luta vence”; “Algumas crianças são brancas, outras morenas, comem coisas diferentes, por exemplo, salgadinhos, doces e outras crianças comem de outro jeito. Brincam com carrinhos, gostam de matemática outras de várias matérias, mas todas as crianças são iguais”; “Algumas moram em casas diferentes, dançam, escutam músicas diferentes, pais, falam diferentes, comem coisas e brincam diferentes, mas todas deveriam ser iguais a você”; “Algumas crianças riem, outras choram, algumas vivem com os pais, outras sozinhas. Algumas são felizes outras tristes. Sua vida pode ser diferente, mas as crianças são iguais a você”; “Não pensam na escola, nos colegas nem nos seus pais, nos melhores amigos, mas são todos iguais. Algumas comem arroz e feijão e algumas saladas, algumas crianças ganham de verdade e outras de jogos, são crianças todas iguais a você”; “Umam comem peixe, outras carne, couve, cenoura, tomate, mas todas as crianças são iguais, umas não compram carrinho de plástico outras fazem de pau, uns vestem roupas novas, outros velhas, moram em casas bonitas outros em feia, mas todas são iguais a você. Umam pessoas são grandes outras pequenas”; “Tem crianças que gostam de brincar com seus pais, outras gostam de brincar com os amigos, têm crianças que gostam de dançar pop e rock, tem crianças que falam outra língua, que gostam de seus pais, outras não”; “Ah, como seria bom se as crianças do mundo todo respeitassem os mais velhos, mas as crianças seriam iguais”; (Assustadoras). “Eu gosto de brincar de pipa e minha irmã gosta de brincar de boneca. Eu vou com o meu pai à cerâmica e me divirto muito, meus tios e primos trabalham lá e eles passam muitas brincadeiras de noite. Eu gosto de desenhar e contar histórias assustadoras”; “Todas as crianças são iguais, mas mudam no gosto na cor e na raça, algumas crianças comem sopa, outras comem fígado, mas são todas iguais a você”; “Falam diferentes comem e brincam, algumas são quase azuis suas cores são diferentes, mas as crianças são iguais a você”; “As crianças podem gostar de rock outras de hip hop, umas gostam de brincar outras não, Podem ser brancas ou morenas, mas nunca foram diferentes” (Alexandra); “Algumas comem macarrão, alguns estudam outros não, alguns não tem família não tem amor, mas pensam na tragédia, mas são iguais a você”;

Na outra atividade pedimos que os alunos narrassem como se divertiam durante o dia. Antes lemos com eles um trecho de uma história descrita em Rogers e Muessig, que contava as brincadeiras de um garoto chamado Tommy. Depois que interpretaram o texto, solicitamos que contassem suas histórias de brincadeiras.

“Eu me divirto jogando bola, vôlei, basquete, etc. De vez em quando eu solto pipa lá na casa da vó, eu vou pescar, nadar, brincar de esconde-esconde. As meninas daqui brincam de boneca, vôlei e de pular corda; (Kaioan Chona)

“As crianças aqui brincam jogando bola, brincando de carrinho, esconde-esconde, pega-pega, brincando de mãe, jogando vôlei e nadando; (Alison)

“Gosto de brincar de boneca, bola, mãe, esconde-esconde, pega-pega, ciranda, amarelinha, queima casinha e de andar de bicicleta; (Amanda)

“As crianças divertem-se dançando, jogando bola, vôlei e brincando de bicicleta. As crianças do sítio se divertem fazendo casinha e boizinho de abacate. As crianças da cidade gostam de brincar de pular corda, andar de bicicleta, skate. Eu fico andando com minhas amigas. No colégio é muito bom o lanche. Antes quando brincava de boneca, a boneca era de milho. Eu gosto de brincar de escolinha, de boneca, de bicicleta e às vezes de jogar videogame”; (Roberta)

“Aqui em Ortigueira as crianças se divertem brincando de carrinho e de boneca. A crianças do sítio, na época do milho, gostam de brincar com os cabelos do milho para fazer bonecas. As meninas e meninos gostam de brincar na cama elástica também. No recreio da escola, nós brincamos de vôlei, de futebol ou de queimada. Na hora da saída sempre é um tumulto para ir logo embora”; (Kelly)

“Aqui brincamos de vôlei, futebol, queimada, boneca, nadar no rio, peteca, carrinho, xadrez, jogo da moeda, diversão na escola, ir ao sítio e andar a cavalo, de lancha, de ler livros na biblioteca, de andar de bicicleta, de jogar videogame, de brincar de escolinha, de pular corda, ir à cachoeira, ouvir música, estudar e desenhar; (Suzenkely)

A fim de mostrar para as crianças e os jovens que nossas atitudes não são neutras, que as experiências e as emoções se desenvolvem dentro de um contexto, que quando ingressamos em outro grupo, levamos nossa herança cultural, lemos também para eles a história da “Mulher mais Linda do mundo”. Em seguida pedimos que os alunos descrevessem três elementos que consideravam muito bonitos e depois explicassem os motivos, justificando-os oralmente para a turma. Solicitamos ainda que colocassem-los em um grau de hierarquia. Destacamos os trabalhos de alguns alunos;

“Natureza, família e Deus; porque a natureza é cheia de coisas lindas, minha família porque eu sou muito feliz e Deus porque ele criou tudo, todas as coisas e todas as coisas que ele cria são lindas” (Kaioan Chona)

“Minha mãe, meu pai e meus avós; Mãe significa amor pelo filho, pai porque ele é muito bom para mim e meus avós porque eles são queridos” (Alison)

“Amor, família e amizade; Sem amor a pessoa não é feliz, a minha família é a mais importante e sem a amizade as pessoas se sentem solitárias” (Amanda)

“Meus pais, irmãos e minha igreja; Meus pais me dão amor e educação. Meus irmãos porque gosto deles, porque eu tenho amor por eles. E a igreja porque eu gosto de ir à missa e rezar” (Roberta)

“Amizade, unidade e respeito; A amizade é uma coisa muito bonita, boa e legal de se fazer e também é um laço que se estabelece; A unidade é uma coisa muito legal e importante, o povo unido jamais será vencido; O respeito é uma coisa que todo mundo tem que ter” (Kelly)

“Pais, avós e irmã; Porque eles são muito legais, bons comigo. Eles não fazem nada mau comigo, têm um coração muito agradável e gosto deles” (Suzenkely)

Um dos pontos mais altos da aula pode ser compreendido pela presença das zeladoras, faxineiras e cozinheiras do Colégio Est. Altair Mongruel. A participação das funcionárias propiciou um diálogo bem mais envolvente

com as crianças. A cada intervenção e atividade proposta elas contavam sobre suas vidas, suas histórias, seus costumes e suas infâncias.

Percebemos que os alunos se interessaram por ouvi-las e, com respeito, valorizaram todas as suas colocações, alguns com “ar de surpresa”, inter- pelando que as mesmas detalhassem mais cada trecho que narravam.

O modo como ocorreu a participação das funcionárias na aula pro- porcionou a concretização de um dos nossos objetivos mais importantes, que era desenvolver com os estudantes o respeito à cultura, à trajetória história e aos anseios do outro, iniciando o exercício pelo “outro” mais próximo dentro de sua realidade educacional, que neste caso foram as próprias funcionárias.

Assim projetamos a aula porque acreditamos, como nos levam a pensar Rogers e Muessig (1977), que é importante que o professor faça o possí- vel para “ajudar a criança e o jovem a compreender as relações existentes entre o comportamento de um grupo e a forma pela qual esse grupo es- tabelece os seus valores” (1977, p.124). “O indivíduo precisa compreender seus semelhantes. Seu futuro depende desse conhecimento [...] A cultura é a esperança da humanidade”. Como dizem os autores, “felizmente al- gumas coisas não são transmitidas geneticamente: crueldade, fanatismo, egoísmo e a insensibilidade”, então, mais uma vez, não é muito afirmar a importância que tem a educação na construção de uma sociedade melhor, onde as manifestações culturais das pessoas sejam mais respeitadas e va- lorizadas. (1977, p.144).

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 6ª edição. Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1984 (Coleção: Primeiros Passos, nº36).
- ROCHA, Everaldo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos, nº124).
- ROGERS; MUESSIG. *Sugestões de Métodos para professores*. In: PELTO, Pertti J. *Iniciação ao Estudo da Antropologia*. 4ª edição, RJ: Zahar Editores, 1977. (Biblioteca de Ciências Sociais).
- SANTOS, Jose Luiz dos. *O que é cultura*. 9ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, nº110). Sem data. (1ª. edição de 1983).
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. RJ: Civilização Brasileira, 1974.
- TOMAZI, Nelson Dácio. (org). *Iniciação a Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993.



Estagiária do LENPES no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008

Temática
MEMÓRIA E IDENTIDADE

Séries: 7ª e 8ª

Graziele Maria Freire

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Discutir com os alunos os conceitos e as definições básicas sobre o tema “memória e identidade”, na intenção de estimular uma reflexão a respeito dos conceitos e do tema proposto. Construir com os alunos uma interpretação de memória para desenvolver uma reflexão a respeito das identidades do município, bem como conhecer a noção de cidadania, com a finalidade de possibilitar uma construção de referenciais de identidades compartilhadas entre os sujeitos, e consolidar a noção de cidadania enquanto prática e ação cotidianas da escola. Identificar com os alunos diversos tipos de memória compreendida na escola, para verificar a relação existente entre instituição escolar como lugar de memória e identidade do município.

1.2 Listagem de Conteúdos

- O que é memória: memória e identidade;
- Memória e escola;
- Escola: instituição de memória;
- A instituição escolar como lugar de memória;
- Reflexão sobre a memória compreendida na escola;

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

O que já sabem sobre o tema;

Memória: lembranças, histórias, etc;

Identidades: gostos, valores, desejos, gestos, etc;

O que gostariam de saber a mais;

O que vocês conhecem sobre memórias?

O que vocês conhecem sobre identidade?

Qual a memória que se apreende na escola?

Qual a relação que existe entre memória e identidade?

Como podemos compreender a noção de cultura a partir do tema: memória e identidade?

2 Problematização

2.1 Discussões Sobre o Conteúdo

- Por que estudar o que é memória?
- Por que os sujeitos guardam uma memória e não outras?
- Por que nos esquecemos de algumas memórias?
- O que é memória individual e memória coletiva?
- Por que memória e identidade estão relacionadas?
- Qual a noção de memória na escola que aprendemos até hoje?

2.2 Dimensões de Conteúdo

- **Conceitual:** o que é memória no contexto da análise sociológica, a relação entre memória e identidade, memória caracterizada na escola;
- **Social:** quais as memórias que compreendemos no cotidiano, qual a memória da escola;
- **Cultural:** qual a memória social construída coletivamente no município;
- **Política:** qual a memória oficial do município e quais as memórias subterrâneas;

3 Instrumentação

3.1 Ações Didáticas Pedagógicas

Para o desenvolvimento da aula deve haver uma apresentação do tema: “Memória e Identidade”. Nessa aula é necessário construir um debate com os alunos relacionando os conceitos já adquiridos. Em seguida, apresentar uma introdução teórica do tema, bem como: definir os conceitos, possibilitar um estranhamento e uma análise crítica a respeito do tema, e levantar exemplos que os alunos conhecem por memória, identidade e escola. Na atividade em sala, apresentar na “TV *Pendrive*” algumas fotos selecionadas sobre a “Memória da Escola”, assim, propor para os alunos uma dinâmica em grupo, na qual são motivados a escrever um texto sobre o tema e o que aprenderam a partir da aula.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- TV *pendrive*;
- Caixa de lápis de cor (para cada grupo de alunos);
- Caderno de arte (para cada grupo de alunos) ou papel sulfite (para cada aluno);

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

A memória é um fenômeno coletivo, comum aos grupos sociais, constituída por significados individuais e coletivos. Através da produção das memórias, são construídas as identidades, as quais compreendem a vivência entre os sujeitos na sociedade. Existem as memórias subterrâneas, silenciadas por grupos ou fatos históricos, políticos, econômicos, étnicos.

4.2 Expressão da Síntese

Realização de um texto sobre memória e identidade de Ortigueira, relatando o cotidiano, a sociabilidade, os conflitos e a dinâmica social.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Identificar e valorizar as memórias subterrâneas;
- Compreender a produção de culturas sociais a partir da construção de memórias;
- Compreender a diferença entre memória individual e coletiva;
- Refletir sobre o processo de silenciamento de algumas memórias;
- Analisar a relação entre memória e identidade;

6 Análise dos Resultados

Com o tema “Memória e Identidade” foi realizada uma aula para a 7ª e 8ª séries, na qual a prática social inicial começou com uma apresentação do assunto proposto para debate. No começo da aula os alunos comentaram o que entendem por memória e por identidade, apresentaram alguns exemplos, como: lembranças, “preferência identitária”, sentimento, etc.

Nessa aula os alunos não interagiram muito durante a prática social inicial, dessa forma na tentativa de aumentar suas participações, foram apresentadas ainda antes da atividade as fotos coletadas na Gincana Cultural; deste modo, relacionou-se a atividade das fotos com as questões da fase de problematização.

Durante a exposição das fotos os alunos ficaram motivados a falar sobre o município e a escola, articularam a respeito do dia-a-dia de cada um. Enquanto cada foto era apresentada também levantava-se questões relacionadas à problematização, dessa maneira, os alunos comentavam as fotos.

Posteriormente os alunos dividiram-se em grupo para escrever o texto sobre “Memória e Identidade”. Como os alunos formaram grandes grupos, passou-se a maioria do tempo debatendo sobre o assunto, dessa maneira, quase todos os textos desenvolvidos acabaram ficando curtos.

Essa atividade constituiu a fase catarse, na qual mesmo em poucas linhas os alunos demonstraram o que compreenderam.

REFERÊNCIAS

- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. – Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, nº10,1992, p.200-212.
- . Memória, Esquecimento, Silêncio. São Paulo: Estudos Históricos, 1989.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. - Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- MARTINS, Jose de Souza. História e Memória. In. *A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

Temática

CULTURA OU CULTURAS: UMA CONTRIBUIÇÃO ANTROPOLÓGICA.

Série: 5ª

Vanessa Cristina de Franceschi

1 Prática Social Inicial do Conteúdo

1.1 Objetivos

Trabalhar junto aos alunos a possibilidade da existência de múltiplas Culturas e não somente de uma única. A partir disto, apresentar alguns conceitos conhecidos sociologicamente e antropologicamente. A intenção geral da discussão é incentivar os alunos a perceberem suas práticas cotidianas, não de forma “natural”, mas sim, questioná-las e, então, ser possível percebê-las a partir de um certo “estranhamento”, isto é, tentar compreender que nossos hábitos culturais são formados socialmente e não naturalmente, e que, portanto, é possível a existência de diversas culturas.

1.2 Listagem de Conteúdos

- O que a Ciência Antropológica estuda;
- Apresentar as definições antropológicas/sociológicas dos conceitos de culturas;
- Definição de Estereotipo;
- Definição de Etnocentrismo;
- Discussão sobre Preconceitos Étnicos no Brasil (questões raciais);

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

O que já sabem?

Imagino que os alunos já conheçam, mesmo que de forma superficial, alguns conteúdos a serem trabalhados em aula, tais como: a existência de uma ciência chamada antropologia; das diferentes práticas culturais encontradas pelo mundo, mas talvez percebam somente grandes diferenças mas não estejam atentos nas inúmeras variações dos comportamentos encontrados entre eles mesmos, em seu cotidiano.

Município de Ortigueira



2 Problematização

2.1 Discussão sobre o Conteúdo

O que é Cultura? Quantas culturas existem? Qual é a melhor a ser utilizada? E a pior? Existe alguma prática cultural que o aluno gostaria de adaptar ao seu dia-a-dia? Por que? Existe alguém que “manipula” nossas práticas culturais? Quem? E por que? É possível não seguir tais manipulações? Como? Se você pudesse ser dono do seu bairro, o que você gostaria que as pessoas comessem a ter o hábito de fazer para melhorá-lo? Vocês conseguem perceber ligações entre Cultura e Preconceito? Quem cria as culturas? E quem cria o preconceito? Você já sentiu preconceito? Já sentiram preconceito de você? Já deixaram de ter preconceito de você após terem te conhecido mais a fundo e vice-versa? Será que preconceito está ligado a falta de conhecimento do Outro?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Dimensão científica:** A cultura pode ser explicada cientificamente?
- **Dimensão social:** Como conviver com culturas tão distintas?
- **Dimensão cultural:** Como cada sociedade percebe sua cultura e a do Outro?
- **Dimensão psicológico-afetiva:** As culturas são sempre vistas de forma positiva? Se não, existe preconceito? É possível romper com ele?

Estagiários do LENPES e estudantes no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008



3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Formação de círculo na sala;
- Distribuição de papéis em branco para que os alunos se desenhem da maneira que se imaginam daqui dez anos;
- Cada aluno mostrará aos demais colegas como e porque se imagina da forma desenhada;
- Discussão acerca das diferenças encontradas na percepção de futuro e da representação pessoal futura;
- Explicação teórica sobre conceitos antropológicos/ sociológico sobre Cultura, padronização de culturas, estereótipos, preconceitos, entre outros conceitos;
- distribuição de folhas com exercício já impresso propondo que os alunos escrevam uma carta, pois estão perdidos no mar, explicando porque querem ser salvos.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Papel para desenho;

Papel para redação;

TV *pendrive* (para apresentação dos conceitos teóricos).

3.2.1 Texto Didático

CULTURA OU CULTURAS?

Vanessa C. e Franceschi

Pense no lugar que você mais gosta de freqüentar em seus horários livres. Pensou? Agora pergunte aos seus colegas de classe quais são os lugares que eles mais gostam de freqüentar. Esses lugares são os mesmos? Muito provavelmente sua resposta é não, não é? Mas qual de vocês tem mais bom gosto? Não, não vale dizer que é você simplesmente por defender que os lugares que você gosta são melhores que os de seus amigos, afinal, esse é o seu ponto de vista. Que não é nem melhor e nem pior que o de seus amigos, mas simplesmente diferente, isto é, de acordo com as suas opiniões, preferências, costumes e valores, você preferiu escolher um certo lugar e não outro. Já uma outra pessoa, que tem outros costumes, outros gostos, outros valores e opiniões decidiu então escolher um

local que tenha a ver com as preferências dele. Por serem pessoas e, portanto, costumes e gostos diferentes, não podemos definir quem é melhor ou pior, pois estaríamos comparando coisas diferentes que não podem ser medidas.

Esse exercício que fizemos agora sobre os lugares que você mais gosta pode ser muito útil para nós estudarmos sobre as diferentes culturas existentes.

E o que exatamente é essa tal de **Cultura**?

A Antropologia foi a primeira a estudar os fenômenos culturais de forma científica. Um antropólogo chamado Magnani nos explicou o significado de Cultura da seguinte maneira:

Na tradição antropológica mais recente, o conceito de cultura é associado, por oposição, ao de natureza para ressaltar seu caráter artificial, convencional e extrínseco. Enquanto os demais seres vivos, desde microorganismos até formas mais complexas têm seu comportamento determinado por orientações intrínsecas, fixadas e transmitidas pelo código genético, o homem é pobremente equipado de tais orientações, quando analisa seu comportamento tipicamente humano e sua vida em sociedade. [...] o homem recebe de fora os códigos que regem seu comportamento, resultando daí, a maior dependência do [...] grupo social que pertence, num processo de aprendizado dos sistemas simbólicos que sob a forma de regras e normas regem a sua conduta coletiva. (MAGNANI, 1985; p.02)

Assim, podemos entender que a cultura faz de nós seres humanos, isto é, o que diferencia nosso comportamento dos outros animais, pois estes agem de acordo com seus instintos naturais e nós, agimos de acordo com o que é nos ensinado e transmitido ao longo de nossa vida.

Então, a cultura pode ser a forma como falamos, nosso jeito de se vestir, nossos saberes, nosso modo de agir, práticas culinárias, danças típicas, entre muitas outras coisas.

Deu para entender como o seu gosto e o gosto de outras pessoas pode ser diferente de acordo com a cultura de cada um?

E quando as pessoas não aceitam outras formas de pensar e agir diferentes das que já estão habituadas?

Esse tipo de comportamento é considerado preconceituoso, pois acaba negando outras opiniões. Muitas vezes isso acontece porque a pessoa não tem conhecimento sobre o que é diferente do que ela sempre faz, e então, antes mesmo de saber sobre o outro e então acaba rejeitando tais atitudes.

Mas, infelizmente, algumas vezes as pessoas mesmo tendo conhecimento sobre outras formas culturais, acham que suas atitudes e costumes são melhores do que as de outras pessoas. Esse tipo de pensamento é chamado de etnocêntrico. Assim, quando um grupo considera como correta sua cultura, seus valores e costumes e a partir de então se posiciona com superioridade em relação aos demais grupos e suas culturas, ele está tomando um posicionamento etnocêntrico e que *“é responsável, em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais”*. (LARAIA, 2002: p.72).

Você percebeu como é realmente importante discutir sobre nossos comportamentos no dia-a-dia? E que tal repensar nossas atitudes? Como você está agindo com as pessoas a sua volta?

Agora que aprendemos várias coisas importantes, podemos agir e nos relacionar de forma consciente para respeitarmos os outros e para que os outros também nos respeite!

REFERÊNCIAS

- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MAGNANI, J. G. C. *Patrimônio Cultural: notas para discussão*. Curitiba, 1985.
- LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ROCHA, E. P. G. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SANTOS, J L. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

4 Catarse

4.1. Síntese Mental do Aluno

Os alunos, ao final das aulas, devem estar aptos a perceberem as diversidades e com isto, se interessarem pelo mesmo, pois após a discussão sobre a cultura humana como produto de nossos próprios hábitos e costumes, não há motivo para discriminação no encontro entre alteridades.

4.2 Expressão da Síntese

Os alunos farão um texto no fim da aula em forma de carta a algum desconhecido e tentarão demonstrar quem são, como agem e por que merecem ser atendidos. Será necessário utilizar os conceitos apresentados em aula, mesmo que estes não apareçam em formato de pergunta e resposta, mas pretende-se que os alunos ao redigirem suas cartas, demonstrem domínio do conteúdo e uma visão mais crítica acerca de seus costumes. O formato da questão encontra-se anexado ao final deste material.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- viabilização de uma nova concepção de cultura individual e coletiva por parte dos alunos;
- conhecimento de suas origens familiares e sociais;
- valorização de suas histórias de vida e conseqüentemente, de sua auto-estima;
- respeito e compreensão das diferenças culturais;

6 Análise dos Resultados

Exercício Entregue aos Alunos do Colégio Altair Mongruel, na I Jornada de Humanidades Realizada nos dias 30 e 31/10/2008.

Você foi fazer um loooongo passeio que já contavam com 5 meses de duração. Mas sua bússola caiu no mar... o tempo fechou e começou uma ventania que te levou para beeeem longe. Perdido e aflito, você tem a idéia de escrever uma carta e colocá-la em uma garrafa e depois soltá-la no mar pedindo ajuda ou pelo menos deixando um registro do que aconteceu com você...

Mas lembre-se: As pessoas que talvez receberão este papel podem não conhecer os seus hábitos, os hábitos de sua família, de seu bairro ou até mesmo de seu país, pois vivem em um lugar bem distante e com costumes

completamente diferentes dos seus. Então, peça ajuda ao possível leitor que encontrará sua garrafa e explique quem você é!

Explique de onde veio, como veio, como morava, com quem morava, o que costumava fazer, o que gostaria de fazer, e etc. E por que merece ser resgatado vivo daquele barco perdido no mar.

Algumas Respostas dos Alunos ao Exercício Proposto acima:

“Eu sou Rafaela Karina, tenho 13 anos, vim de Banhadão com um ônibus, com meus pais num lugar muito bonito e legal, andar de cavalo, pescar, assistir tv, brigar com meu irmão, cantar, dançar, nadar, estudar, trabalho com minha,(vou) a igreja, sair com os amigos, ir na casa da minha vó, viajar, pintar, ficar sozinha, ficar com o Marcelo, arrumar meu quarto, contar piadas, pescar bastante em todo esse período, aproveitar longe da família, dormir a vontade, nadar, e escreveria assim.

Quem está lendo essa carta peço ajuda para encontrar a minha família, para não ficar, perdido. Então esse período que vocês estiveram aqui foi ótimo aprender mais coisas com vocês. É tudo isso que tenho a escrever, espero que goste.”

“Preciso de ajuda, estou perdido já faz 5 meses eu perdi minha bússola.

Eu moro em um cidade muito pequena no Paraná.

Peço que tentem me resgatar ainda com vida”

“Eu mereço viver porque tenho família e amigos que me esperam com muito amor e carinho. Eu costumava sair com meus amigos e familiares. Eu gostaria que quando essa mensagem chegasse até vocês e vocês pegassem e mandassem um recado para minha família e dizer (que) todos eles estão em meu coração e que eles me resgatem porque eu sei que eles todos gostam de mim e tenho certeza que vão me resgatar porque eu mereço muito e nada e ninguém vão impedir que isso aconteça. Eu moro em Ortigueira e quero que vocês me ajudem. Hoje dia 30/10/2008 se vocês encontrarem eu agradeço desde já.”

“Meu nome é Kátia, estou em sérios apuros perdida em pleno mar sem comida e sem água bebível, preciso muito de sua ajuda, pois moro com meus pais na cidade de Ortigueira-PR, Brasil.

Tenho 15 anos com muitos sonhos a realizar ao longo do meu caminho, pois sei que se me salvar terei um futuro brilhante e te agradecerá eternamente pela ajuda. Tenho muitos planos para minha vida.

Por favor me ajude...”

“Me ajude por favor, eu sou uma pessoa muito boa. Sou de Ortigueira e estava vindo de lá num navio, moro com meus pais.
Por favor me ajude”

Após leitura das cartas dos alunos, notei, de maneira geral que, quase todos eles escrevem uma carta dramática, demonstrando muito medo de morrer e que precisam ser resgatados vivos porque são jovens e porque querem ver a família novamente.

Assim, foi possível perceber que os alunos:

- têm medo de morrer;
- prezam pela juventude;
- tem muitos sonhos a serem realizados ainda;
- prezam pela família;
- utilizaram tom de tragédia;
- imploraram para serem salvos;
- gostam de Ortigueira;
- têm boa visão de si próprio;
- repetem o cabeçalho para redigir o texto, entre outras coisas;

Em relação a outra atividade proposta no início da aula, que pedia que os alunos se desenhasssem da forma que se imaginam daqui dez anos, foi possível perceber que na maioria dos desenhos aparecia o aluno, a instituição familiar, uma casa e um carro. E então podemos notar como a idéia da constituição tradicional de família encontra-se presente no imaginário juvenil conforme foram apresentados nos desenhos.

Nas classes em que lecionei, de maneira geral, as aulas foram ministradas normalmente, foi possível trabalhar todos os conteúdos programados em algumas salas; em outras percebi que a parte teórica chamou pouca a atenção dos alunos, e por isso, preferi trabalhar os conteúdos de forma mais rápida e como uma conversa mais descontraída, deixando mais tempo para que confeccionassem as cartas e o desenho pedidos.

Na grande maioria das aulas, os alunos participaram de forma satisfatória, demonstrando interesse em apreender os conteúdos e em relacioná-los com seus cotidianos.

REFERÊNCIAS

- SANTOS, J L. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
ROCHA, E. P. G. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
LARAIA, R. B *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Temática
DESIGUALDADE SOCIAL

Série: 7ª e 8ª

Nataly Nunes

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Criar condições para que os alunos da 7ª e 8ª séries iniciem compreensões acerca da desigualdade social existente no Brasil. Propiciar a percepção de que estas questões não fazem parte, apenas, de suas vivências individuais, mas que estão relacionadas com a formação histórica e atual do país, considerando os aspectos sociais, políticos e econômicos.

1.2 Listagem de Conteúdos

- A história do Brasil e a desigualdade;
- Brasil um país desigual e não um país pobre.
- Pobreza: crescimento econômico (Governo FHC) × desigualdade

Estagiários do LENPES e estudantes no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008



1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem?

Desigualdade, violência, pobreza, fome, riqueza, preconceito, desemprego, países ricos e pobres, escravidão, colonização, concentração de renda, crescimento econômico, que existem governantes.

b. O que gostariam de saber a mais?

Quais as origens da desigualdade e por que ela existe? A desigualdade social está relacionada com a história do país? Por que o Brasil é tão desigual? Qual a relação entre desigualdade, pobreza e crescimento econômico? O que poderia ser feito para diminuir a desigualdade? O que os governantes têm feito? Quais as consequências da desigualdade social? O Brasil é um país rico ou um país pobre? O que é renda per capita e PIB? Qual a relação entre os dois?

2 Problematização

2.1 Discussão sobre Conteúdo

Existe alguma relação com a história do país e a desigualdade presente na atualidade? Que fatos ou característica da história estão relacionados com a desigualdade? Por que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo? Existe algum culpado por existir tanta concentração de renda no nosso país? Quem? O Brasil é tão pobre quanto é desigual? O crescimento econômico é fundamental para a diminuição da desigualdade? Alguma coisa mudou com Plano Real? Primeiro combate-se a pobreza ou a desigualdade? Quanto maior o PIB menor a desigualdade? Quais as consequências da desigualdade social? Qual parcela da população sofre mais com isto?

2.2 Dimensões

- **Histórica:** A colonização do Brasil já revela elementos responsáveis pela desigualdade?
Quais as contribuições dos primeiros pensadores sociais?
- **Social:** o Brasil é pobre ou é um país que concentra a renda?
- **Econômica:** O crescimento econômico consegue reduzir o número de pobres no Brasil?
- **Política:** A maneira como os governantes conduziram/conduzem o Brasil está de alguma forma relacionada com a desigualdade social? Qual exemplo do governo FHC?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Mostra de fotos
- Pedir para que os alunos comentem sobre o que visualizaram
- Explicação do professor
- Leitura e discussão do texto didático
- Pedir para que os alunos escrevam suas compreensões

3.2 Recursos Humanos E Materiais

- TV *pendrive*
- Texto didático
- Folha de papel sulfite

3.2.1 Texto Didático

DESIGUALDADE SOCIAL E ECONÔMICA

Nataly Nunes

O que é Desigualdade Social?

Existe quanto poucos recebem muito e muitos ganham pouco. Por exemplo, no Brasil os 10% mais ricos detêm cerca de 50% do total da renda e os 50% mais pobres detêm 10% da renda total. Existe uma concentração de renda. Isto resulta na desigualdade social, pois as enormes diferenças nos salários resultam em diferentes acessos à educação, à saúde, trabalho, moradia, alimentação, transporte e lazer.

Existe Desigualdade no Brasil? Desde quando?

No Brasil estas desigualdades existem e não são atuais, pois desde que os portugueses iniciaram a chamada colonização em 1.500, existia o objetivo de exploração e de concentrar riquezas.

Com isto, os primeiros pensadores sociais da realidade brasileira, desde o século XIX (1800), já traziam elementos que revelavam a existência das desigualdades, pobreza e violência como herança da história, herança da colonização.

Mas quem eram estes Pensadores???

Silvio Romero (1888) marca a primeira fase da sociologia no Brasil e desde então já revela que as condições sociais (escravidão), e econômicas

(latifúndio, monocultura e trabalho escravo estabelecidas na colônia, fixaram as desigualdades no país. Euclides da Cunha também revelava aspectos que geravam a desigualdade, para ele, a mineração (1665 -1800), foi fundamental para elevar a miséria e a pobreza, pois houve uma mistura: o ouro e a escravidão, ou seja, a riqueza de um lado e de outro a pobreza, um exemplo revelador da desigualdade econômica e social. Euclides da Cunha em sua obra Os Sertões, de 1902, relatou minuciosamente o movimento de Canudos (1893 -1897), este movimento revelava as condições de miséria, pobreza e desigualdade em que se encontravam grande parte da população brasileira. A atitude dos governantes em relação ao movimento foi de abafar, silenciar e exterminar os integrantes.

É possível observar elementos que constatam a origem das desigualdades econômica e social desde a colonização e que desde então até o momento atual nada foi feito para alterar esta situação.

Temos, então, que a desigualdade econômica e social como também o descaso por esta questão, não é particular a nossa época, aos dias atuais, como também não é um caso específico de algumas cidades ou estados, é um processo que marca a história do Brasil, presente em toda nossa sociedade.

O que aconteceu no Governo FHC????

Para compreender um pouco melhor estas questões, vamos tratar de um dos momentos da nossa história, que é a permanência da desigualdade no Governo FHC, que compreende o período que vai de 1995 a 2002. Trata-se de um debate bem mais atual, cujas mudanças ocorridas continuam presentes até hoje, como o caso do Plano Real.

Este período é interessante para compreender a permanência da desigualdade, pois ao mesmo tempo em que o Plano Real favoreceu o crescimento econômico, não conseguiu minimizar a desigualdade econômica e social. O Brasil continua sendo um país com a renda concentrada, possui muitos pobres, mas não é um país pobre: 64% dos países do mundo têm renda per capita inferior à do Brasil, mesmo assim é o terceiro país mais desigual do mundo.

Tem-se, então, que mesmo que o Brasil cresça e se desenvolva economicamente, como ocorreu em alguns momentos do Governo FHC, não será o suficiente para diminuição da pobreza, pois as riquezas vão continuar concentradas nas mãos de poucos.

O que fazer para reduzir a Desigualdade?

Associado ao crescimento econômico deve haver uma melhor distribuição de renda, ou seja, diminuir as desigualdades criando oportunidades através da educação, por exemplo. Muitos estudos demonstram que o desenvolvimento econômico é importante, *mas não dá para deixar de lado investimentos na educação, na saúde e emprego, como forma de criar oportunidades para os mais pobres.*

Tem-se que no Brasil o combate a desigualdade econômica e social é fundamental para diminuição da pobreza (entendo a pobreza como insuficiência de renda que não permite o acesso adequado às condições mínimas de sobrevivência como alimentação, moradia, saúde, educação e trabalho).

Durante o Governo FHC deveria existir, junto ao crescimento econômico, políticas sociais redistributivas, o governo deveria gastar mais em áreas que as pessoas mais pobres precisam, pois desta maneira estaria contribuindo para redução das desigualdades, criando oportunidades para os menos privilegiados.

REFERÊNCIAS

- BARROS, P. R. HENRIQUE, R; MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.15, nº 42, 2000.
- BARROS, P. R. HENRIQUE, R; MENDONÇA, R. Pobreza e políticas sociais. SP, Fundação Karad Andanauer, 2000.
- OLIVEIRA, L.F; COSTA, R.C.R. Sociologia para jovens do século XXI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 20
- REZENDE, M.J. de. Boletim Revista da Área de Humanas. N 40, UEL, CCH, Jan.jun 2001.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

Possibilitar que os alunos percebam a desigualdade social existente no país. Mas que percebam os elementos (históricos, sociais, políticos e econômicos), que ao longo da história propiciam a reprodução destas condições, ou seja, permitir que os alunos identifiquem o porquê de tanta pobreza existente no Brasil, mesmo este não sendo um país pobre, como também as consequências deste alto índice de desigualdade para a população.

4.2 Expressão da Síntese

Será feita através de dissertação envolvendo as dimensões discutidas. Segue alguns comentários de alunos.

Comentário

Essa oficina me ajudou a saber de desigualdade social, me ajudou a saber que enquanto muitos ganham pouco poucos ganham muito, exemplo do filme que a professora passou: a mulher tinha de sobra e os pobres tinham quase nada para comer, eles iam para o lixo para se alimentar, e em cima disso o proprietário do rio valorizava mais os peixes do que os pobres.

Aluno da 7ª série A do Colégio Estadual Altair Mongruel.

O que mais me chamou a atenção, foi o modo em que as pessoas pobres vivem, como elas vivem por um custo de comida, roupa e higiene e ficam horas na fila esperando chegar sua vez, mais aqui a mais impressionante é que os pobres tem prioridades. É tudo isso devido a desigualdade social e neste maior problema que vem se agravando durante anos e eu confesso não tenho as pessoas que isso vai mudar um dia.

Desigualdade é a ~~forma~~ má distribuição de renda, tem poucas pessoas que ganham muito, e muitos pessoas que ganham pouco.

Aluno da 8ª série C do Colégio Estadual Altair Mongruel.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Perceber o Brasil como um país desigual devido a sua história e às práticas dos governantes
- Compreender que a população pobre não recebe condições para superar as situações de pobreza devido à concentração de renda e de oportunidade.
- Analisar criticamente as relações entre desigualdade, crescimento econômico e pobreza

6 Análise dos Resultados

Esta oficina foi desenvolvida com os alunos da 8ªC e 7ªA. De uma forma geral foi possível seguir o plano de aula. O item 'o que já sabem', de fato, se confirmou, os alunos tinham as primeiras impressões sobre a desigualdade social, assim, não houve dificuldades em dar continuidade ao proposto.

Os alunos das duas séries ficaram impressionados com as fotos apresentadas na TV *pendrive*, o que motivou a participação durante a explicação, pois no momento da exibição das fotos, a opinião da turma era solicitada. Isto motivou uma dinâmica de diálogo que permaneceu durante toda a oficina, de modo que os educandos puderam manifestar suas impressões e dúvidas sobre o que lhes era apresentado.

O final da oficina poderia ter sido melhor aproveitado, deveria ter realizado uma dinâmica ao invés de pedir que escrevessem sobre o assunto. Os alunos das duas séries não se interessaram em escrever, na verdade houve uma ruptura com todo o andamento da oficina. Uma avaliação mais dinâmica, em grupo poderia despertar mais as impressões, aproveitar mais o foi debatido.

REFERÊNCIAS

- BARROS, P. R. HENRIQUE, R; MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.15, nº 42, 2000.
- BARROS, P. R. HENRIQUE, R; MENDONÇA, R. Pobreza e políticas sociais. SP, Fundação Karad Andanauer, 2000.
- GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2002
- OLIVEIRA, L.F; COSTA, R.C.R. Sociologia para jovens do século XXI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.
- REZENDE, M.J. de. Boletim Revista da Área de Humanas. N 40, UEL, CCH, Jan.jun 2001



Estagiária do LENPES e estudantes no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008

Temática ESCOLA E JUVENTUDE

Série: 7ª e 8ª

Micheli Souza da Silva

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Desenvolver junto aos alunos de 7ª e 8ª séries uma visão acerca da escola e seu papel bem como quais as expectativas com relação à escola

1.2 Listagem de Conteúdos

- A escola ao longo da história;
- A escola como espaço de sociabilidade dos jovens;
- A dicotomia da escola para o mercado de trabalho e a escola para desenvolver o espírito.

1.3. Vivência Cotidiana do Conteúdo:

a. O que já sabem?

Todo mundo precisa ir para escola; sem estudo é mais difícil encontrar emprego; a escola é um espaço de encontro com os amigos; vir para escola esta relacionado a vir para a cidade.

b. O que gostariam de saber a mais?

A escola sempre foi assim? Todas as escolas são iguais? Para que serve todas as matérias que temos na escola? Como a escola pode ser mais do que um ambiente de socialização?

2 Problematização

2.1 Discussões Sobre O Conteúdo

Como e quando a escola passou a ter este modelo? Existem diferenças entre as escolas? Quais? Para que serve a escola? Qual a importância da escola na vida dos alunos? O que é mais interessante na escola? O que alunos mais gostam o que menos gostam na escola? Qual a importância da escola para os alunos?

2.2 Dimensões

- **Histórica:** Quais as principais mudanças na escola na atualidade?
- **Política:** A formação cidadã (geralmente proposto pelos PPP) dos jovens, como ela tem se realizado? Que tipo de cidadão pretende-se formar?
- **Social:** A escola tem proporcionado a construção de conhecimento e problematizarão dos conhecimentos historicamente acumulados?
- **Econômico:** Diferença da escola pública e privada, qual o papel de cada uma delas? Há alguma diferença?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

Propõem-se que se inicie a aula com o filme “Pro dia Nascer Feliz” a partir da exibição do documentário pedir aos alunos que realizem um levantamento dos problemas que também encontram na escola e como buscam superá-los. Problematizar questão da educação no Brasil, os investimentos, as propostas para a educação se ela atende os anseios dos jovens e o que se espera da escola. Levantar questões que tratem da problemática acerca da educação e do mercado de trabalho, conhecimento para leitura da realidade e a permanência na escola.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Documentário: *Pro dia Nascer Feliz*;
- Imagens que retratem o ambiente escolar (pré-selecionadas);
- Quadro;
- Discussão em sala.

3.2.1 Texto Didático

JUVENTUDE E ESCOLA

Micheli Souza da Silva

Você já pensou como a escola começou? Para que ela foi criada? Como eram as escolas de antigamente? Estas parecem perguntas sem importância, mas diante de toda mudança que a escola apresenta na passagem da Idade Média para a Modernidade nos parece ser suma importância discutir junto aos jovens que estão nas escolas por todo país como surgiu esta instituição na qual passam cerca de doze anos de suas vidas.

Na passagem da infância para a adolescência, um dos primeiros ambientes de socialização de jovens da mesma faixa etária, gostos musicais entre outras características é a escola. O ambiente escolar bem como as relações estabelecidas com outros jovens permite a estes a sensação de pertencimento a um grupo. Embora devamos reconhecer que a escola, pode exercer um papel integrador destes jovens esta também pode ser o local onde se reproduz as desigualdades presentes na sociedade.

A escola no início da modernidade reflete com exemplar eficiência as desigualdades sociais que vinham se acentuando com a divisão cada vez mais clara da sociedade em classes sociais distintas (burgueses e proletários). Com o objetivo de manter esta dicotomia social o ambiente escolar também foi pensando de forma diferenciada para ambos os grupos. Uma escola que valorizasse o estudo das humanidades a valorização do espírito e em contra partida há a criação de escolas voltadas para a formação de mão-de-obra, para profissões de pouco prestígio social.

Esta é uma questão que ainda hoje vem sendo discutida. Se pensarmos no caso do Brasil, há pouco tempo, em termos históricos, também se procurava esta divisão diante de um eminente processo de desenvolvimento industrial brasileiro e a necessidade cada vez maior da formação de mão-de-obra especializada, mas de forma rápida e barata. Coube escola pública durante um período conhecido como tecnicismo (entre 1960 e 1970) que tinha como característica uma educação mecânica.

Vale lembrar que se trata de um período na qual o Brasil se encontrava sob regime militar, e a escola também passou a servir como uma das formas de controle do regime.

Embora a educação como um todo tenha passado por diversos processos de modificação, é possível ainda percebermos os resquícios de períodos anteriores. Neste breve texto não seria possível dar conta de todas as influências, mas acentuamos uma com exemplo de características observáveis ainda hoje. Podemos pontuar alguns aspectos, tais como os que se referem à forma de organização dos conteúdos, às metodologias utilizadas e mesmo à organização física das escolas, resquícios observáveis de períodos anteriores da educação brasileira.

Apontamos em nossa discussão questões mais imediatas acerca da escola hoje, qual seu papel na vida dos estudantes e quais as expectativas depositadas nessa instituição. A escola ainda abriga um espaço em que há uma concentração muito grande de jovens e passa a ter para estes um papel fundamental em suas vidas. Quando lemos o pequeno texto de Paulo Freire “A escola”, a imagem que o autor passa, parece representar muito bem o sentimento dos alunos. No texto, vemos a escola para além das salas de aula, dos quadros e dos programas. A escola é como um espaço de socialização dos jovens.

Porém, esta não é a única preocupação, embora pareça a mais latente entre os alunos. Ao assistirmos documentários como “Pro dia Nascer Feliz”, observa-se a preocupação com os rumos da escola, um debate acerca da qualidade de ensino e as expectativas depositadas na escola pelos jovens. Buscar na escola aprender a ler e escrever é uma questão elementar para os jovens, mas o que se busca além disso?

Imaginamos e esperamos que a escola possa ser, como alguns autores expressariam, um lugar de “enriquecimento do espírito”, na medida em que os conhecimentos escolares acumulados possibilitem a compreensão do mundo, olhar o mundo ao redor e ter a possibilidade de compreendê-lo.

3.2.2 Sinopse do Documentário

Documentário “Pro dia Nascer Feliz”. Sinopse: Documentário sobre as diferentes situações que adolescentes de 14 a 17 anos, ricos e pobres, enfrentam dentro da escola: a precariedade, o preconceito, a violência e a esperança. Foram ouvidos alunos de escolas da periferia de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco e também de dois renomados colégios particulares, um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro. Gênero: Documentário; Tempo: 88m. Pedir aos alunos que selecionem apenas um trecho do documentário.

4. Catarse

4.1 Síntese Mental

A escola durante os séculos passa por mudanças, mas ainda sim mantém algumas características que resistiram durante os séculos. O ambiente escolar é um ambiente de socialização dos jovens e especificamente em Ortigueira passa a exercer um papel fundamental, na qual a escola que se localiza no centro da cidade, possibilita que alunos vindos de bairros distantes e da zona rural tenham uma relação o centro da cidade. Além de um espaço de socialização a escola exerce uma função específica que se refere à construção do conhecimento, levando em conta o já acumulado e sistematizado historicamente.

4.2 Expressão da Síntese

A partir dos debates realizados e da exibição do filme, propor aos alunos que eles produzam um pequeno texto acerca das expectativas em torno da escola, o que ela pode proporcionar para ele e como os conhecimentos escolares atuam na vida cotidiana. Junto às folhas para a realização do texto, anexar tiras em quadrinho da Mafalda que retratem a temática (segue como sugestão as tiras). Os textos produzidos pelos alunos podem constituir um material para pesquisas posteriores.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Visão crítica do ambiente escolar;
- Compreensão do papel da escola na sociedade atual;
- A percepção do contínuo processo de mudança da escola ao longo da história e que possam se notar enquanto agentes ativos do processo de ensino e aprendizagem.

6 Análise dos Resultados

Optamos em exibir somente o primeiro trecho do documentário para os alunos, tendo em vista que o filme é longo e os distintos trechos tratam de diversas questões do universo escolar, a escolha de determinado trecho estava relacionada a realidade apresentada no documentário que pode de certa maneira se aproximar da realidade dos alunos de Ortigueira.

Diante do documentário, no início, os alunos não se interessaram muito, e acabaram rindo devido ao sotaque das personagens que estão narrando.

Embora eles apresentassem essa reação, ao prosseguir o documentário o que observamos foi que eles começaram também a reconhecer problemas semelhantes e passaram a se interessar mais pelo documentário.

O que pareceu-nos importante foi a possibilidade desses alunos perceberem que os problemas acerca da escola se repetem de norte a sul e de leste a oeste do país. Nos debates eles sempre apontavam questões relacionadas à estrutura da escola, problema que também surge no documentário, mas que pareceu ser uma questão que incomoda muito os alunos.

No início das aulas eles não demonstraram muita disposição para debater acerca dos problemas e expectativas que tem com relação à escola, mas no decorrer da aula demonstraram algum interesse no que se refere a estas questões. Algumas turmas participaram com mais entusiasmo no que se refere às expectativas acerca da escola e da educação, que tem o interesse em continuar estudando, mas sempre apontando as dificuldades para tal, como por exemplo, a necessidade de trabalhar muito cedo, não ter faculdade perto, entre outros motivos. Já os alunos que não vêm na escola uma alternativa, tentamos fazer a discussão apontando aspectos que valorizassem a escola e o papel do conhecimento historicamente acumulado, assim como a possibilidade de uma leitura da totalidade social. Esses alunos demonstraram uma visão pragmática da escola, a escola como um mecanismo que os projetasse para o mercado de trabalho.

Não utilizamos dados que apontassem como estão estas questões acerca da educação e do mercado de trabalho, mas essa pode ser uma boa alternativa para enriquecimento do debate.

As observações que tecemos acerca destas problemáticas apontaram a dificuldade de ainda debater com os alunos questões sobre a escola e a educação.

REFERÊNCIAS

- CHARLOT, Bernard. (org.). Os jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- DAYRELL, Juarez. *O Jovem Como Sujeito Social*. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: nº24, p.4-13, set/dez 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- , Professora sim, tia não: *Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1997. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Professorasimtiano.pdf> acessado em 20/10/2008.
- PRO Dia Nascer Feliz. Produção de Flávio R. Tambellini e João Jardim. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes. 2006. 1 DVD. 88 min. DVD, color.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico Crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o Século XXI: No Loop da montanha russa*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

Temática
PATRIMÔNIO CULTURAL

Séries: 5ª e 6ª

Graziele Maria Freire

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Apresentar aos alunos algumas definições que lhes ajudem a compreender as relações sociais cotidianas, tendo em vista a introdução do tema proposto, bem como possibilitar a interpretação da realidade social local. Estimular uma reflexão sobre o conceito de patrimônio cultural, para que os alunos possam conhecer e interpretar os bens patrimoniais culturais da cidade e da região.

1.2 Listagem de Conteúdos

- Origem latina da palavra patrimônio (*patrimonium*);
- O que é Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental;
- O que é Patrimônio Cultural;

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem sobre o tema?

- Patrimônio histórico: relacionado aos bens patrimoniais oficiais, ou seja, os monumentos, as praças, os prédios, etc.
- Patrimônio cultural: lago, dança, festas, etc.

b. O que gostariam de saber a mais?

- O que é patrimônio?
- O que vocês conhecem sobre patrimônio?
- Vocês sabem a diferença entre patrimônio cultural e histórico?
- Qual exemplo que podemos destacar de patrimônio cultural do Paraná?
- Quais as manifestações culturais da região e de Ortigueira que vocês consideram que seja patrimônio cultural ou histórico?

Alunos do Colégio
Estadual Altair
Mongruel,
em atividades
promovidas pelo
LENPES.



2 Problematização

2.1 Discussões sobre o Conteúdo

- Qual a noção de patrimônio que compreendemos;
- Por que o conceito de patrimônio está relacionado à noção de cultura;
- Por que a idéia de patrimônio cultural está relacionada à idéia de patrimônio coletivo;
- Qual a diferença entre patrimônio cultural e patrimônio histórico;

2.2 Dimensões de Conteúdo

- **Conceitual:** o que é patrimônio cultural e patrimônio histórico, ressaltando a diferenças entre os dois conceitos. Patrimônio e cultura, cultura e identidade, patrimônio e sociedade, reconhecendo o significado do patrimônio no âmbito social;
- **Social:** como os atores sociais se identificam com os mesmos patrimônios culturais e sociais;
- **Cultural:** patrimônio cultural do município que se identifica coletivamente;
- **Política:** patrimônio coletivo que as instituições sociais consideram patrimônio cultural;

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didáticas Pedagógicas

A aula deve começar com a apresentação do tema proposto, sendo que é necessário discutir com os alunos a importância e o objetivo da aula. Desse modo, é preciso levantar os conceitos já adquiridos pelos alunos a respeito do tema, escrever no quadro os exemplos e as definições que eles apresentarem. Na prática social inicial, demonstrar na “TV *pendrive*” fotografias de patrimônios culturais do Paraná e fotografias coletadas na “Gincana Cultural” (21/05/2008). Posteriormente, realizar uma atividade com os alunos de identificar e caracterizar o patrimônio cultural local, na qual o “Caderno Chico Memória” serve de apoio para que os alunos construam um “caderno” sobre bens patrimoniais culturais e sobre memória da cidade e região.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- TV *Pendrive*;
- Caixa de lápis de cor (para cada grupo de alunos);
- Caderno de arte (para cada grupo de alunos) ou papel sulfite (para cada aluno);

3.2.1 Texto didático

NOÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO

Graziele Maria Freire

A palavra patrimônio (*patrimonium*) é de origem latina, ela se referia a tudo o que se pertencia ao pai, por isso está relacionado aos valores sociais hereditários, ou seja, costumes, hábitos que são passados de pais para filhos. Hoje essa palavra pode ser usada para:

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

O conceito de patrimônio está relacionado à conservação de praças, edifícios, fotografias, documentos (carteira de trabalho, carteira de identidade, registro de nascimento, etc.). Tradicionalmente é considerado patrimônio histórico um bem material concreto, como por exemplo, um monumento, são objetos de valor material ou simbólico para a nação, pois se imagina que neles estejam contidos valores comuns que são compartilhados por todas as pessoas na sociedade.

PATRIMÔNIO CULTURAL

Todo homem produz cultura, através dela que podemos nos diferenciar dos outros animais. É pela cultura que o homem se constitui, então podemos considerar patrimônio cultural toda obra material (praças, prédios, fotografias, monumentos, etc.) e imaterial (festas, danças, crenças, costumes, rituais religiosos, etc.) que revele essência de um determinado grupo social.

Existem os patrimônios culturais institucionais, que por intervenção do Estado são bens preservados por tombamento, por exemplo, a ilha do mel, considerada bem patrimonial do Estado do Paraná. Esses bens patrimoniais culturais são considerados oficiais, mas existem os bens patrimoniais não oficiais, que expressam as identidades e a cultura da população de determinada região. Podemos caracterizar os patrimônios culturais não oficiais como: modos de vida, tradições, culinárias, músicas, rituais, lazer e outras práticas culturais.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

O “Patrimônio Cultural” está relacionado à vida cotidiana dos cidadãos, são através das culturas sociais que se constroem identidades. Desse modo, o patrimônio cultural é qualificado pelos patrimônios históricos, artístico e ambiental de determinadas sociedades ou grupos sociais e individuais. É pela produção cultural que são definidas as identidades.

4.2 Expressões da Síntese

Realização de um “caderno” sobre patrimônio cultural da cidade e região, tendo como base o caderno “Chico Memória”. Nessa dinâmica os alunos se organizam em grupo e desenvolve um “caderno”, a proposta é que eles desenhem e escrevam sobre a memória e os bens patrimoniais de Ortigueira.

5 Prática Social Final

5.1 Nova postura prática

- Reconhecer cotidianamente os bens patrimoniais de Ortigueira;
- Preservar e conservar os patrimônios culturais;
- Refletir sobre os patrimônios coletivos e individuais de cada cultura;
- Valorizar os bens patrimoniais históricos, artísticos e ambientais da região de Ortigueira;

6 Análise dos Resultados

As aulas para a 5ª e 6ª séries começaram com a *prática social inicial*, esta foi desenvolvida a partir de uma pequena apresentação do tema, debatendo com os alunos o que conheciam a respeito do assunto; na tentativa de compreender a interpretação dos alunos frente aos bens patrimoniais culturais do país, bem como do Paraná e do Município.

Das fases do plano de aula sobre Patrimônio Cultural, a prática social inicial foi seguida completamente em quase todas as aulas, estimulando os alunos a comentarem e a identificarem principalmente exemplos sobre bens patrimoniais do município. Dessa maneira, foi escrito no quadro os exemplos relatados pelos alunos. Depois dos exemplos identificados, foi exposto na “televisão *pendrive*” algumas fotos adquiridas durante a Gincana Cultural do Colégio Estadual Altair Mongruel, realizada no dia 21 de maio de 2008, bem como a exposição de algumas imagens sobre patrimônio cultural brasileiro.

Houve grande participação dos alunos nesta primeira etapa das aulas, eles se interessaram com as fotografias da cidade, do colégio, dos professores e dos colegas, tanto que em algumas aulas a prática social inicial ocupou a maioria do tempo.

Durante as práticas sociais iniciais das 5ª e 6ª séries, foi consolidada uma aproximação maior com a realidade social cotidiana na qual os alunos convivem, assim, percebeu-se que em muitos momentos eles refletiram sobre a riqueza cultural da região em que vivem, identificando lugares que antes eram comuns aos seus olhos.

No desenvolvimento da fase de *problematização* consolidou-se a definição de conceitos como: *patrimônio histórico*, *patrimônio ambiental*, *patrimônio artístico*, relacionando esses conceitos com definições de bens patrimoniais oficiais e não oficiais.

Nesta etapa de problematização foram levantadas as questões: “Por que o conceito de patrimônio está relacionado à noção de cultura? Por que a idéia de patrimônio cultural está relacionada à idéia de patrimônio coletivo?”, para que os alunos comesçassem a refletir sobre a aproximação e a relação entre cultura e bem patrimonial.

Para a realização da “dimensão do conteúdo” foi confeccionado o texto didático: “*Noções Sobre Patrimônio*”, onde estão descritos os conceitos relevantes para a construção e desenvolvimento da aula, principalmente na fase de problematização. Muitos alunos gostaram desse texto, eles leram em conjunto e individualmente, isso dependia do diálogo com as turmas.

Na *catarse* os alunos teriam que construir um “caderno de memória e patrimônio cultural” a respeito do município, utilizando o “Caderno Chico Memória” como um documento de referência. Porém, essa atividade não ocorreu em todas as turmas, assim, percebeu-se que para sua realização é preciso no mínimo duas aulas com a mesma turma, de preferência duas aulas seguidas.

Apenas uma turma construiu o caderno, as outras turmas, como o tempo foi somente de uma aula, foi realizada uma atividade alternativa, na qual os alunos construíram desenhos sobre o tema “Patrimônio Cultural de Ortigueira”; Ainda que seja uma atividade alternativa, é uma atividade lúdica que permite compreender através dos desenhos as reflexões que os alunos adquiriram após as aulas.

A partir das atividades propostas na *catarse*, podem-se apreender as percepções que os alunos adquiriram com as aulas. Dessa maneira, percebe-se que durante os debates e mesmo nos desenhos eles acabaram respondendo as questões levantadas na fase de problematização.

Analisando as aulas sobre Patrimônio Cultural, observa-se que a maioria dos alunos começou a desenvolver reflexões sobre as questões abordadas, de tal modo que em muitos momentos falavam da importância de valorizar todas as culturas da região; eles refletiram sobre o “Patrimônio Ambiental” de Ortigueira, identificando o processo de poluição que ocorre no Lago Municipal.

Dessa forma, transformou-se num conjunto de resultados, no caso a valorização cultural e ambiental, os quais acabaram formando uma Prática Social Final, construída entre estagiário e alunos durante o procedimento das aulas.

REFERÊNCIAS

- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HORTA, Maria de Lurdes Parreiras. *Educação Patrimonial: o que é educação patrimonial*. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/espacousp/>> Acesso em: 06 de outubro de 2008, às 9h.
- MAGNANI, Jose G. Cantor. *Patrimônio Cultural*. Curitiba: Secretária de Estado da Cultura e do Esporte, 1985.
- MARTINS, Jose de Souza. *História e Memória*. In. *A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. São Paulo: Estudos Históricos, 1989.
- LACERDA, Maria Thereza B. MARCHESINI, César Antonio. *Chico Memória*. Curitiba: Coordenadoria do Patrimônio Cultural, 1983.

Temática
“POBREZA” POLÍTICA?

Turma: 7ª

Ângela Maria de Sousa Lima

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Trabalhar a relevância da participação dos alunos, para instrumentalizá-los politicamente a se tornarem mais questionadores em relação aos seus direitos políticos, civis e sociais;

1.2 Listagem de Conteúdos

- Pobreza política;
- Cidadania e direitos;
- Conscientização política;
- Consciência transitiva e consciência intransitiva em Paulo Freire;
- Movimentos sociais;

1.2 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem?

Imagina-se que os alunos já saibam o que significa pobreza, consigam identificar tipos diferentes de pobreza, tomando por referência sua realidade social.

b. O que gostariam de saber a mais?

O que significa pobreza política? Que outros tipos de pobreza você conhece? O que significa direitos? Quais são os direitos que você conhece? Que outros direitos você gostaria de conhecer? O que significa cidadania? Você se considera um cidadão participativo? Por quê? O que são direitos sociais? O que são direitos políticos? O que são direitos trabalhistas? O que são direitos civis? O que diz o ECA sobre os direitos das crianças e dos adolescentes? Houveram mudanças em relação a participação política das pessoas da ditadura militar para cá? Que mudanças foram estas? O que é democracia? Por que é importante conhecer seus próprios direitos? O que fazer quando os direitos das pessoas não são respeitados? O que são movimentos sociais?



2 Problematização

2.1 Discussão sobre os Conteúdos

- Por que estudar o que é “pobreza” política?
- Por que estudar o que é direito?
- Por que estudar o que é cidadania?
- Qual a importância dos movimentos sociais na conquista da cidadania e na efetivação de uma sociedade melhor?

2.2 Dimensões do Conteúdo

Conceitual: O que significam os termos teoricamente; cidadania, “pobreza” política, consciência transitiva e consciência intransitiva, direitos, movimentos sociais?

Histórica: Seus pais e avós conheceram os seus próprios direitos na escola? Na história do Brasil, as pessoas sempre foram respeitadas em seus direitos mais básicos?

Social e Econômica: Todas as pessoas possuem os mesmos direitos, independente de suas condições sociais e econômicas? O que ocorre na prática? Podemos fazer uma relação direta entre pobreza econômica e pobreza política?

Legal: quais são as leis que rezam sobre os nossos direitos políticos? E sobre os direitos das crianças e dos adolescentes?

Psicológico: Já aconteceu algum episódio em sua vida, ou de seus familiares, de desrespeito a algum direito fundamental? O que este fato trouxe de consequências para vocês?

Política e Histórica: Como cobrar políticas públicas que auxiliem na garantia dos nossos direitos como cidadãos? Os movimentos sociais são importantes nesse sentido? Como era durante o regime militar no Brasil? Como é agora? Que censuras continuam existindo? O que dizem seus pais sobre essas transformações políticas no Brasil e em Ortigueira especificamente?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático Pedagógicas

Ler com os alunos o poema “Analfabeto Político” de B. Brecht; Pedir que os alunos leiam vários trechos de textos sobre o tema e comentem o que compreenderam;

Demonstrar e discutir o filme “Platão e o Mito da Caverna”, pedindo que façam relações com os textos trabalhados e suas experiências cotidianas; Debater as questões pertinentes da aula, em círculo; Elaborar atividades escritas que exponham o que foi aprendido durante a aula;

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Livro, texto e atividade impressa;
- Filme;
- Documentos (ECA e CF-88);
- Poema de B. Brecht;
- Papéis impressões com as questões;
- TV *pendrive*;

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

Espera-se que ao final da aula os alunos compreendam que são cidadãos, portadores de diversos direitos e que devem se organizar politicamente para garanti-los e cobrá-los se querem ser sujeitos constituintes e construtores de uma sociedade mais justa e democrática.

4.2 Expressão da Síntese

Atividade: responder atividades previamente elaboradas sobre os temas. O objetivo é que eles explicitem o que compreenderam sobre o assunto, de uma forma mais dinâmica e coletiva. Ao final, usando a estratégia de um sorteio de nomes, solicitar que leiam para a turma os textos e respostas construídas, que serão depois apregoadas no painel da escola com a autoria dos autores. Pretende ainda que os alunos consigam, ao final da aula, identificar na história, lembrando o que já estudaram, o que pode provocar a chamada “pobreza política”; verificar que relação existe entre educação (além da formal) e a conscientização política dos alunos; conhecer os seus direitos políticos, enquanto cidadãos, para julgar se estes são ou não praticados no cotidiano; conhecer o que dizem os autores sobre o tema, a fim de agregar mais conhecimentos a respeito do conceito a ser debatido em sala, ampliando o grau de argumentação dos alunos;

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

Conhecer mais profundamente sobre os termos trabalhados em sala: “pobreza política”, cidadania, direitos, política, ditadura militar, democracia, entre outros;

Exigir seus direitos como cidadãos nos ambientes em que freqüentam como crianças e adolescentes;

Compreender a relevância da leitura na formação do seu senso crítico;

Aprender a valorizar a importância dos movimentos sociais na consolidação dos seus direitos;

5.2 Ações do Aluno

Exercitar o que aprenderam durante os dias do evento (Jornada de Humanidades) em futuros diálogos com os demais professores e alunos da escola; apego maior a leitura e ao conhecimento de seus direitos, por meio de diferentes canais de informação a que tem acesso; no diálogo com os diferentes profissionais da universidade, presentes na instituição durante a efetivação das atividades previstas no Projeto LENPES, retirar dúvidas que possam surgir acerca das temáticas trabalhadas na oficina;

6 Análise dos Resultados

Esta aula ocorreu no período matutino, na sala da 7ª série do Ensino Fundamental, com trinta e nove alunos, das 8h30 às 10h30 do dia 30 de outubro, durante a Jornada de Humanidades. A prática inicial planejada pode ser concretizada com êxito. Sobraram algumas expectativas apenas diante da quantidade de alunos por sala e da dificuldade de ouvir as manifestações de todos os estudantes sobre as questões propostas.

Como nos permite pensar a proposta de Gasparin, quando nos abrimos para ouvir anteriormente o que os alunos já sabem sobre os temas que iremos tratar nas aulas, erramos menos tentando explicar o que já sabem, repetindo questões já absorvidas e perdemos menos do tempo precioso da aula que exige de nós escolhas acertadas para o aprofundamento teórico dos conteúdos.

De antemão, deixamos claro os nossos objetivos para aquela intervenção pedagógica, já que se tratava de um evento. A temática estava relacionada ao objetivo central da Jornada de Humanidades. Tentamos estabelecer relações entre a palestra anterior e as demais que seriam ministradas para esclarecer a correlação entre as propostas oferecidas no evento. Nesse momento pudemos ouvir mais alunos narrando suas expectativas, dúvi-

das e contribuições sobre o tema, que já estava descrito no quadro negro. Uma das atividades sugeridas aos alunos objetivava que eles escrevessem um pouco sobre suas impressões em relação à política local, narrando o comportamento de alguns políticos ao longo dos anos no município. Abaixo, ilustramos alguns exemplos de respostas fornecidas pelos mesmos;

“Um mês antes começam a fazer obras e para e enriquecem, depois de oito anos volta e termina a obra para enriquecer de novo, porque já tinha perdido tudo o que ganhou roubando do povo”; “Candidato que compra votos, será um candidato honesto ou vai ser um corrupto” (Eveli); “Eles prometem coisas, mas quando são eleitos não fazem nada”; “Ajuda as pessoas, quando o mandato estiver acabado, ou dar cesta básica ou oferecem dinheiro pelo voto”; “Quando um vereador bandido se oferece a ajudar num velório, ele pede o seu voto, mas pagou tudo. Ele fala para a pessoa ‘se eu perder a eleição você vai me dar cada centavos que eu gastei’”; “Por exemplo: quando chega na hora da votação ele promete que vai fazer qualquer coisa e depois não faz” (Erielson); “Fazer as obras apenas no final do mandato, para que possa ganhar votos” (Henrique); “Eles sempre falam em melhorar a educação e a saúde; mas nada disso melhora” (Lazlaine); “Propostas em comício. Ele mesmo se dá conta que não tem fundamento, quando é impossível ser realizado”; “Ajudar só a sua família e não ajudar as outras pessoas”; “Ele é eleito e no final de quatro anos de mandato ele começa a fazer as mudanças na cidade. Ir na casa das pessoas comprar voto” (Leandro); “Fazer as obras apenas no final da sua candidatura, para que as pessoas lembrem o que ele fez para tentar se reeleger” (Flavia); “Candidato diz que é honesto prometendo demais e só cumpre quando rouba bastante dinheiro da Prefeitura”; “Um candidato que já está na Prefeitura deixa para fazer tudo o que podia ter feito, só para poder ganhar de novo”; “Diz que vai fazer e cumprir as propostas e só mente, não cumpre nada”; “Vai nas casas de pessoas prometer alguma coisa que o pessoal não tem” (Jéssica); “Fazer propostas e antes de ser eleito começar cumprir proposta e depois de ganhar o mandato para com tudo que começou a fazer na cidade e fica na prefeitura ou na câmara municipal só para enriquecer” (Diessica).

Nas falas dos alunos percebemos um misto de indignação, desesperança/esperança, vontade de mudança e de intervenção, crença/descrença nas ações de políticos conhecidos por eles. Claro que na escrita surgiu um

misto de impressões sobre a realidade vivida, a realidade visualidade na TV e as reinterpretções próprias de cada um diante das suas experiências com relação ao assunto em pauta.

“Quando o candidato promete coisas demais e engana as pessoas. Quando o candidato quer comprar voto”; “Fazer obras só no final do mandato para a reeleição”; “Política deveria ser de ano em ano, pois só quando está no ano de eleição eles fazem obras para enganar seus eleitores. Mas pelo menos ele faz alguma coisa e têm outros que nem fazem” (Jéssica); “Quando ele promete coisas demais. Rouba dinheiro e gasta em coisas pessoais e diz que ele não sabe de nada. Quando ele compra votos” (Marcos); “Ajudar as pessoas de forma desonesta, fazer caridade com o dinheiro público, para fazer a cabeça das pessoas na hora de votar, como dar carona, etc”; “Fala em construir escolas, creche nos bairros para ganhar votos e depois ganha e não faz nada disso” (Francelly).

Alguns não escreveram, mas manifestaram suas impressões oralmente no momento da aula. Um aluno comentou “aqui na cidade são sempre os mesmos candidatos”. Depois de comentarem, ora por escrito, ora oralmente sobre a temática em questão, solicitamos que ilustrassem com desenhos o que pensavam a respeito do tema em debate. O primeiro desenho mostra uma cena de compra de votos;

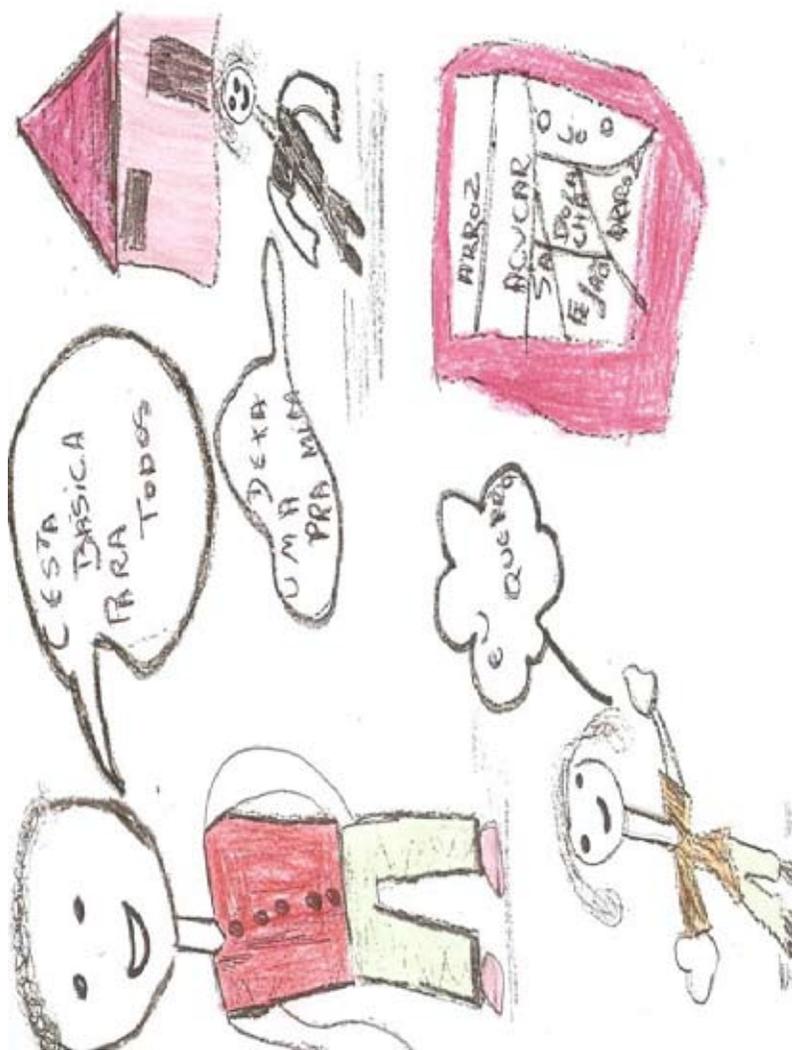


Sentimos que os alunos tinham muitas informações pertinentes sobre a questão da política local. Eles conseguiram estabelecer relações interessantes entre os textos lidos, a explicação teórica a eles ministrada e a interpretação da realidade cotidiana. Durante a oficina fizeram também uma série de definições, por meio de desenho, da fala e da escrita, demonstrando como vêem a categoria “pobreza política”.

O segundo desenho, de um grupo de alunos da 7ª série, também ilustra uma cena de compra de votos, mas agregando-a ao contexto de uma realidade menos favorecida economicamente;



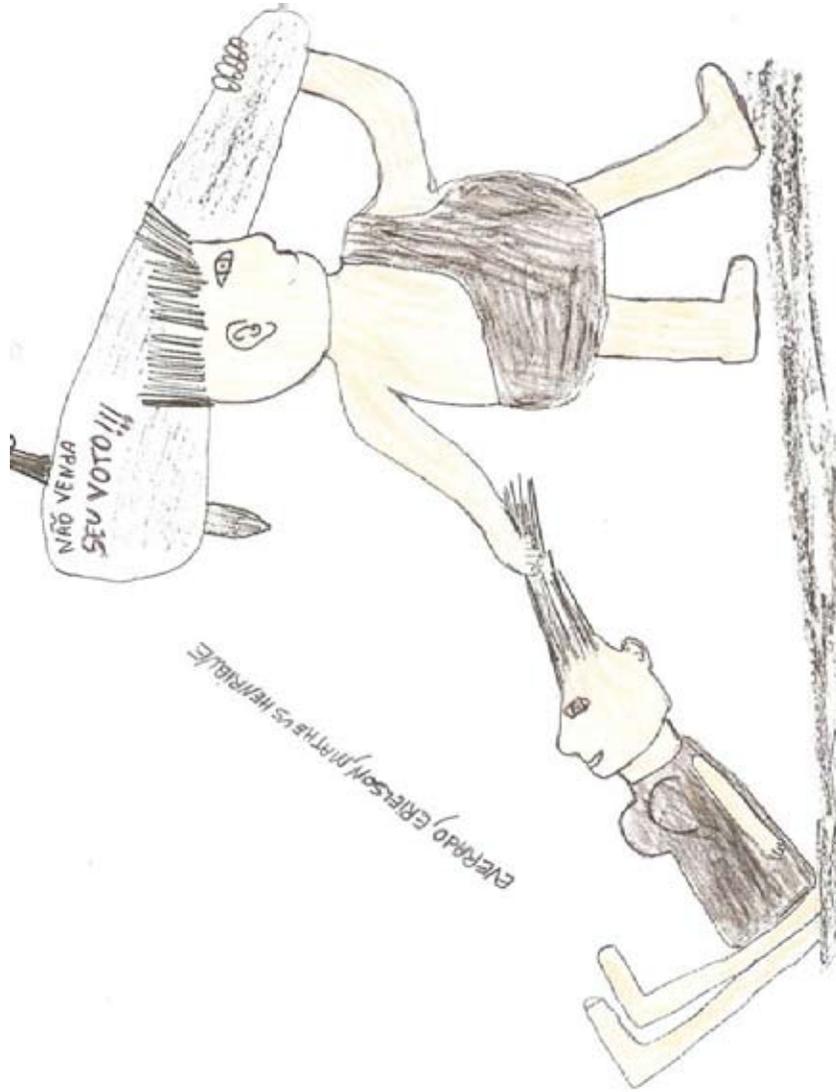
A preocupação com a compra de votos também foi o tema do terceiro desenho realizado pelos alunos, aqui demonstrado pelo fornecimento estratégico da cesta básica aos eleitores.



O trabalho de Joyce e de Sandro nos chamou a atenção pelo nível de detalhes elaborados. Os alunos trabalharam, com muita criatividade e conhecimento, sua imagem a respeito da atuação enganosa de alguns candidatos nos períodos de eleições municipais.



Já bem parecido com a versão demonstrada no livro de Dimenstein, os alunos abaixo criaram uma versão para demonstrar o comportamento político violento de determinados candidatos na busca ostensiva pelos votos.



Ainda bastante focado na interpretação da imagem/identidade do candidato, um dos alunos interpretou, com bastante criatividade e originalidade, a frase por ele destacada “as aparências enganam”.



Outra atividade proposta era que lessem, interpretassem e comentassem trechos do livro de Gilberto Dimenstein *“Como não ser enganado nas eleições”* e depois continuassem escrevendo a lista de pistas que permitissem desconfiar de alguns candidatos em períodos eleitorais. Os alunos deram respostas bastante curiosas sobre o assunto. Destacamos algumas em seguida;

“Dar dinheiro, cestas básicas a pessoas negras e carentes”; “Dar dinheiro em troca de votos”; “Conversa com todas as pessoas e sabe quem são seus parentes e pergunta sobre todos eles” (Flávia); “Ajuda a quem precisa, mas com o dinheiro da prefeitura, ajuda nisso, naquilo, mas na realidade ele só pensa nele mesmo no seu voto e como diz o ditado, quando a esmola é demais o santo desconfia”; “Diz ele: pago tudo a uma pessoa, mas na véspera da eleição” (Tatyana Mayara); “Eles começam a dar doces, brinquedos para todas as pessoas”; “Oferece presente para as pessoas e pergunta para as crianças o que elas querem?” (Eveli); “Promete qualquer coisa, pega na mão de todo mundo e depois que ganha não faz mais isso” (Erielson); “Cumprimentar todos, parar para conversar com as pessoas que ele nem conhece na rua” (Loizlaine); “Mostra que tem tudo e todos ao seu redor, freqüentam diversos lugares diferente que não é muito freqüentado” (Ramon E); “Dá presente a todos para dizer que é caridoso”; “Fala de outro político e diz que se fosse ele, não iria fazer aquilo. Quando o eleitor está precisando de dinheiro ele ajuda, mas na verdade o dinheiro nem é dele” (Leandro); “Candidato promete mais empregos e explorando o trabalho dos jovens”; “Cumprimenta todas as pessoas carentes, tira dinheiro do seu próprio bolso para dar a todas as crianças” (Débora); “Não sendo bom, mas nas imagens aparece legal com um sorriso no rosto” (Adriana); “O candidato aparece em telões ou na TV, no meio da comunidade carente e necessitada; ajudando” (Diessica); “Ajuda as crianças para ganhar confiança dos pais” (Jéssica); “Eles dão dinheiro das cestas básicas. E alguns oferecem trabalho e não cumpre” (Matheus); “Defende todas as pessoas e critica os candidatos falando mal”; “Às vezes vai a algum lugar e faz cara de bom”; “Cumprimenta todos. Defende todos, independente de raça, cor ou etnia” (Jéssica Fernanda); “Dão dinheiro as crianças dizendo que são os eleitores do futuro. Aparecem as obras dos outros, dizendo que é ele quem mandou construir” (Marcos); “Aparece simpático e bem humorado na frente dos eleitores, quando na verdade é mal humorado e até estúpido com as pessoas próximas”; “Vai na casa dos outros, promete tudo, que vai ajudar as pessoas, aumentar o salário dos trabalhadores e não faz nada que prometeu” (Francelly).

Novamente, os alunos manifestaram concepções que descreveram suas impressões sobre a vivência no âmbito da política local, suas interpretações com base nas informações propiciadas pela mídia, o conhecimento adquirido durante a oficina e particularmente reelaborado no processo de execução das demais aulas ministradas pelos professores do próprio colégio, pois, como muitos estudantes narraram, os professores de diferentes disciplinas já vinham debatendo, com bastante seriedade, a temática das eleições com eles, aliás, desde o início do segundo semestre.

Ficamos muito satisfeitas com os retornos proporcionados pela participação efetiva dos alunos da 7ª série em todas as atividades propostas, na verdade, embebidos de ânimo e de esperanças no poder da educação como ação objetiva, intencional e política na formação de cidadãos mais questionadores e críticos.

REFERÊNCIAS

- DIMENSTEIN, Gilberto. *Como não ser enganado nas eleições*. São Paulo: Ática, 1994.
- BETO, Frei. *O valor do voto*. Friday, June 02, 2006 10:26 am; Acesso em 04 de junho de 2006; Inserido em http://popmail3.pop.com.br/webmail/src/read_body.php. Acesso em: janeiro de 2006.
- DEMO, Pedro. *Pobreza Política*. 5ª edição. Campinas, SP: Editora Autores Associados. 1996 (Polêmicas do nosso tempo)
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 28.
- GADOTTI, Moacir. *Lições de Freire*. Revista da Faculdade de Educação, ISSN 0102-2555 Rev. Fac. Educ. v. 23 nº1-2 São Paulo. 1997.
- HARPER, Babette. et al. *Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*. São Paulo: Brasiliense. 2003. p. 8 a 117.
- NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação, saber, produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez, 1993.
- SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais “Orgânicos” em Tempos de pós-Modernidade*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, nº70, p. 373-391, set./dez. 2006, Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: outubro 2008.
- SILVA, Ileizi F. *A cidadania e suas formas na história contemporânea. Texto didático*. Laboratório de Ensino de Sociologia; Depto. Ciências Sociais da UEL, 2003, 3pp (Mimeo)
- SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. *A imaginação sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes: experiências e práticas de ensino*. Simpósio Estadual de Sociologia. Curitiba: SEED, 20 a 22 de junho de 2005. (roteiro para mini-curso)
- TOMAZI, Nelson Dácio. (org). *Iniciação a Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993.
- BUFFA, Éster; ARROYO, M; NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* SP: Cortez, 1987.

Temática INDÚSTRIA CULTURAL

Série: 7ª e 8ª

Wesley Piante Chotolli

1 Prática Social

1.1 Objetivos

Definir com os alunos o conceito de Indústria Cultural através de uma construção histórica dos conceitos de “indústria” e de “cultura” para que os mesmos possam compreender que este tipo de indústria não se concentra somente na produção de informações e costumes, mas que também opera como uma ideologia manipuladora e capitalista. Por isso, possibilitar ao educando outra compreensão sobre a indústria cultural, com ênfase nos meios de comunicação. Permitir que o mesmo possa perceber algumas sutilezas dentro do seu contexto social, ou seja, de todas aquelas informações que lhe são transmitidas e qual o interesse nessa prática.

1.2 Listagem de Conteúdo

Construir os conceitos de indústria e de cultura;
Definir o conceito de indústria cultural;

I Jornada de Humanidades – 2008 - Viagem para Ortigueira



1.3 Vivência Cotidiana dos Alunos

a. O que já sabem?

Meios de comunicação, influência da mídia, informações rápidas, empresa, lucro das empresas.

b. O que gostariam de saber a mais?

Qual a influência das informações dos meios de comunicação em nossas vidas?

Qual a finalidade destas informações?

Existem objetivos na indústria cultural? Quais?

Como a indústria cultural surgiu?

2 Problematização

2.1 Discussão sobre o Conteúdo

- A indústria cultural é manipuladora?
- Quais as finalidades da indústria cultural?
- O que ela influencia em nosso contexto social?

2.2 Dimensão do Conteúdo

- **Dimensão científica:** o conteúdo é um dos temas da Sociologia.
- **Dimensão social:** até que ponto a indústria cultural exerce influência sobre nós?
- **Dimensão histórica:** quando surgiu e como surgiu a indústria cultural?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Desenvolver os conceitos de indústria e de cultura;
- Definir Indústria Cultural;
- Mostrar que não existe uma cultura, mas várias culturas, visto que ela é uma produção humana;
- Demonstrar que a cultura possui objetivos próprios e definidos seguindo uma lógica particular;
- Trabalhar com o filme “O Show de Truman” (The Truman Show. Diretor: Peter Weir) e a partir dele com a influência que a televisão exerce na vida cotidiana, na criação de hábitos, costumes, entre outros.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

3.2.1 Texto Didático

INDÚSTRIA CULTURAL

Wesley Piante Chotolli

Ao analisarmos nossa vida cotidiana, vemos alguns fatores que fazem parte do nosso dia-a-dia e que são importantes para nós, seja por ser algo que nos diverte ou por noticiar tudo aquilo que acontece no mundo. Estamos falando dos meios de comunicação, ou seja, da televisão, do rádio, dos jornais, das revistas, entre tantos outros. Mas qual é a influência que eles exercem sobre nós? Esta é uma forma de indústria? E se é uma indústria seria uma indústria cultural?

Se utilizarmos as próprias palavras sobre o tema proposto, ou seja, indústria cultural, e analisarmos as mesmas de forma separada, porém dependente, é possível chegarmos a alguma conclusão? Possivelmente sim, e isso talvez possa servir para nos orientarmos nesta discussão.

O termo indústria é relativamente novo. Surgiu com a Revolução Industrial no século XVIII. Se procurarmos no dicionário, veremos que indústria é algo que modifica e transforma a natureza, ou seja, produz mercadorias.

E cultura, o que nos remete? A definição de cultura pode apresentar diversos significados, porém aqui será considerado que cultura é toda aquela produção de costumes, hábitos, crenças e mentalidades produzidas pelo homem. Portanto, dentro dessa ampla definição, o folclore, a moda, a música, entre outros, são exemplos de produção cultural.

Agora que sabemos o que significa tais termos, como podemos definir indústria cultural?

Como já vimos, a cultura é uma produção humana. Se é uma produção humana, ela existe desde que o homem existe. Agora a cultura não é algo geral, que apresenta os mesmos traços em todas as sociedades. O que isto quer dizer? A resposta é simples. A cultura europeia não é a mesma dos índios brasileiros, por exemplo, se considerarmos o período do descobrimento.

No entanto, se falamos que a indústria modifica a natureza e a cultura não é única, como podemos falar de indústria cultural?

A indústria cultural pode ser entendida como uma empresa que produz hábitos e costumes para uma grande população, ou seja, que possibilita o acesso a mesmas informações de uma sociedade. A televisão faz isto. A informação que você recebe é a mesma que eu recebo. Ou seja, ela produz uma cultura.

A cultura, como qualquer outro aspecto da sociedade, torna-se uma mercadoria. Ela passa a ser vendida, produzida para um consumo em

massa, ignorando os aspectos que definem os limites de cada cultura. O acesso a notícia é muito rápido. A notícia, a informação, os fenômenos que acontecem em todo o planeta podem ser descobertos em questão de segundos. Os hábitos, as verdades, o que se deve ler, escutar e vestir podem ser controlados, visto que o controle que a televisão possui em nossas vidas.

Portanto, devemos considerar que como uma empresa, a televisão tem seus objetivos e em última análise, necessita de lucro. Para isso acontecer, é necessário investimentos em propagandas e que ela chegue ao maior número de pessoas possíveis. Por exemplo, existe um tênis que faz uma propaganda na televisão. Quanto mais pessoas assistirem essa propaganda, maior o número de consumidores, conseqüentemente maior o lucro da televisão, que cobrará mais caro o anúncio. Isso é um exemplo apenas.

A televisão mexe com nossas vidas. Ela produz a informação que nos é passada. Cabe a nós selecionarmos o que devemos absorver desta indústria.

3.2.2 Filme

O Show de Truman – The Truman Show

Diretor: Peter Weir

Sinopse: Pacato vendedor de seguros (Jim Carrey) tem sua vida virada de cabeça para baixo quando descobre que é o astro, desde que nasceu, de um show de televisão dedicado a acompanhar todos os passos de sua existência.⁶

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

O aluno deve apresentar a compreensão sobre o conceito de indústria cultural e como ela interfere no nosso cotidiano. Além disso, perceber que a indústria cultural também é uma indústria que têm objetivos e metas, e que ela é uma produção humana.

⁶ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/show-de-truman/show-de-truman.asp>>. Acesso em 15/03/2009 às 12h24min.

4.2 Expressão da Síntese

Avaliar os alunos conforme a participação em sala de aula e do domínio dos conceitos trabalhados, através de perguntas orais em sala de aula.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Nova compreensão de indústria cultural;
- Críticas sobre a indústria cultural;
- Percepção de que ela é um produto humano;
- Compreensão dos objetivos dos meios de comunicação.

6 Análise dos Resultados

O tema de nossa aula foi escolhido devido ao público para o qual foi proposta a atividade, ou seja, pensamos em trabalhar algo que fosse importante para a formação desses alunos, mas que ao mesmo tempo não se tornasse algo estranho e desinteressante, visto que eles ainda não tiveram um contato com a Sociologia. Para isso, anteriormente ao início da atividade sobre a Indústria Cultural, fizemos uma apresentação das Ciências Sociais, de forma simples e objetiva, explicando o objeto de estudo e as três grandes áreas existentes no curso.

Essa foi a maior dificuldade que tivemos. Como os educandos não tiveram acesso à Sociologia, ou se tiveram, foram informações iniciais, isto tornou-se um grande problema para nós. Como explicarmos o tema para que os alunos entendessem os conceitos e questionassem a própria vida social?

Pensamos também em desmistificar a televisão e para isso utilizamos o vídeo “O show de Truman”, de Peter Weir. Com o filme nossa intenção era mostrar os interesses da televisão, as propagandas existentes e que nem tudo que se passa nessa mídia é verdade. De fato, fizemos uma crítica a este meio de comunicação. Ao mesmo tempo não poderíamos ofender este aluno ao questionar os valores passados pelo filme e muito menos divulgar a idéia de que os expectadores são todos alienados. Para isso selecionamos trechos de filmes que consideramos próprios para esta prática.

Um grande problema que tivemos, e isto foi por um descuido nosso, foi não notar que o filme era somente legendado. Isto “tirou” o interesse de alguns alunos e prejudicou nossa atividade. Portanto, este é um ponto a ser observado. Outra dificuldade foi não saber que os alunos sabiam ou não do tema. Porém, com as questões iniciais que propomos no início da aula, pudemos perceber algumas idéias sobre o que eles já dominavam. Isso foi essencial para o andamento da aula.

O objetivo principal da aula foi alcançado, ou seja, mostrar outro olhar sobre a televisão para os alunos. Porém, devemos questionar a nossa própria metodologia e ver como atingimos o público de nossa aula. Para isso, a sugestão seria de uma avaliação, mas não aquela tradicional. Poderia ser em forma de pesquisa, através de entrevistas com outras pessoas e dependendo da facilidade de acesso, com jornalistas e radialistas. Como trabalhamos com questões orais, pudemos perceber que os alunos captaram as noções principais, mas caberia agora trabalhar com estes conceitos de maneira empírica.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Filme: *O Show de Truman*. Direção: Peter Weir. Estúdio: Paramount Pictures, 1998.

ATIVIDADES COM ENSINO MÉDIO



I Ciclo de Debates Sobre Desigualdade/UEL

Temática

DIFERENÇAS × DESIGUALDADES

Séries: Ensino Médio e Normal Médio

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

A aula tem como objetivo contribuir para o resgate da identidade dos alunos negros (pretos e pardos) e o respeito à diversidade, diminuindo os estereótipos e idéias pré-concebidas, em que normalmente não se está presente a informação, fazendo da educação uma porta para o reconhecimento ao diferente. Com isso, pretende-se contribuir para uma identidade positiva isenta de estigmas e de preconceitos historicamente construídos, que afastam os indivíduos da sala de aula e, conseqüentemente, excluindo-os socialmente.

1.2 Listagem de Conteúdos

- Período Escravocrata no Brasil;
- Construção do Preconceito Racial no Brasil;
- Abolição e Vinda dos Europeus para Embranquecer o País;
- Racismo e Desigualdades Sociais;
- Mão de obra Escrava e Mão de Obra Assalariada;
- Políticas Públicas que visem à diminuição do preconceito racial, lei 10.639/03;

1.3 Vivência Cotidiana dos Conteúdos

a. o que já sabem?

Escravidão, racismo, preconceito, desigualdades, abolição, negros, brancos, poder, violência, exclusão, desvalorização, miscigenação, respeito, valorização, cotas raciais e ações afirmativas.

b. o que gostariam de saber?

O que é preconceito? O que ele causa? Como nós praticamos racismo no nosso cotidiano? Por que fazemos distinção entre as "raças" (brancos, negros e indígenas)? Escravidão e como foi o seu fim? O que são desigualdades raciais? O que são políticas de cotas? Ações Afirmativas existem em outros países?

2 Problematização

2.1 Discussão Sobre o Conteúdo

Como ocorre a formação da população brasileira? Como as populações indígenas e afro-brasileiras foram oprimidas pelo processo de colonização? O que foi a escravidão? Houve resistência por parte da população negra? Qual o contexto histórico e político no período da abolição? Por que o governo brasileiro, no final do século XIX e início do século XX, financia a vinda de europeus para o país? Conhecem a política de embranquecimento? Qual a diferença entre mão-de-obra escrava e assalariada? Há como medir a capacidade de cada um pela cor? O que é racismo? No Brasil existe racismo? Como o racismo resulta na Desigualdade Social? Como praticamos o racismo? Racismo é uma forma de violência? O que é miscigenação? Todos temos os mesmos direitos? Somos iguais? O que são Políticas de Ações Afirmativas?

2.2 Dimensões

- **Conceitual/científica:** O que é preconceito racial? E porquê ele é praticado?
- **Social:** Todos têm as mesmas oportunidades? Como o preconceito racial resulta na desigualdade social?
- **Histórica:** Que mudanças ocorrem no Brasil após a abolição da escravidão? Por que o governo brasileiro financia a vinda de europeus para o país?
- **Econômica:** Desigualdade Social, quem ganha com ela?
- **Legal:** Lei 10.639/03 o que ela propõe?

- **Política:** Quais foram as políticas do século XX relacionadas à questão racial? O que é Política do embranquecimento? O que são as Ações Afirmativas?
- **Religiosa:** As religiões de matriz Africana foram formas de resistência dessa população?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Passar o filme "Vista a Minha Pele"; depois, pedir para que os alunos exponham as suas impressões;
- Ler o texto didático junto com os alunos (cada um lendo um trecho) e discutir as questões propostas;
- Em grupo, distribuir as reportagens de jornais (para que os alunos leiam e escrevam um texto) e comentem quais as impressões do grupo sobre elas, dizendo como se relacionam com a aula. Mínimo de 15 linhas.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Filme;
- Texto didático;
- Imagens.

3.2.1 Texto Didático

DIFERENÇA × DESIGUADES

Mariana Albuquerque Laiola da Silva

Preconceito: conceito ou opinião formado antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento do fato, julgamento formado sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se de um pré-julgamento, isto é, algo previamente julgado.

Discriminação: separação; distinção; estabelecimento de diferenças. A discriminação racial corresponde ao ato de apartar, separar, segregar pessoas consideradas racialmente diferentes, partindo do princípio de que existiriam "raça" e "raças" "superiores" e "inferiores".

Racismo: teoria que sustenta a existência de "raças" e a superioridade de certas "raças" em relação a outras, preconizando a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas minorias.

O preconceito está presente na nossa sociedade, mas não segrega ou discrimina; já a discriminação promove, baseada em certos preconceitos, a separação de grupos e pessoas. Por outro lado, o racismo mata, extermina, produz ódio entre grupos e indivíduos.⁷

Mas como essa idéia popularizou-se?

No Brasil, desde a chegada dos portugueses no século XVI, até o século XX, no pós-abolição, a idéia de "inferioridade" de algumas "raças" e de "superioridade" de outras foi amplamente difundida por intelectuais, políticos, artistas, escritores, jornalistas. A ideia de que o negro e os indígenas eram inferiores aos brancos europeus resultou em mais de três séculos de escravidão negra no Brasil e em extermínio de grande parte da população indígena que aqui vivia muito antes da chegada dos portugueses. Quando terminou a escravidão em 1888, o preconceito permaneceu na sociedade para quem os negros eram considerados incapazes e por isso deveriam apenas realizar trabalhos braçais, pesados e de pouco prestígio na sociedade. Assim, a inserção da população negra no mercado de trabalho após a escravidão não ocorreu, a mão-de-obra foi rapidamente substituída pelos europeus e asiáticos que aqui começaram a chegar ao final do século XIX e início do século XX.

O argumento usado por muitos brancos europeus de que determinados grupos étnicos seriam inferiores a outros era uma forma de garantir que esses grupos, que já estavam no poder, continuassem nessa posição. Para isso, relacionou-se aos povos africanos e indígenas tudo que era considerado ruim (por exemplo, as características físicas, cabelo, boca, corpo, as características culturais, religião, organização social). Negros e indígenas passaram a ser motivos de piadas e, principalmente, motivo da não inclusão social. Dessa forma, o fim da escravidão não trouxe a inclusão social dos povos negros e nem dos indígenas na educação, na saúde, no mercado de trabalho. Não era assegurado à eles os mesmos direitos que as pessoas brancas tinham. Não foi feita nenhuma política pública que garantisse algum direito para as populações afro-brasileiras e indígenas.

Atualmente

A resistência negra diante do racismo e da desigualdade social que dele resulta sempre existiu. Hoje, ainda com muita luta dos movimentos negros que existem em todo o país e de diversas propostas para a mudan-

⁷ OLIVEIRA, Luiz fernades de; COSTA, Ricardo César da. Onde você esconde seu racimo? Diversidade e Desigualdade Raciais In *Sociologia para Jovens do Século XXI*. Editora Imperial Novo Milênio e Editora ao Livro Técnico. 2007.

ça da constituição, essa população tem conseguido algumas garantias e, por lei os mesmos direitos que a população branca, enfatizando que as suas características físicas não sejam fator determinante para a sua posição social.

Contudo, essa igualdade de direitos escrita na lei, necessariamente não é seguida, como podemos observar nos dados abaixo. Ela modificou pouco a vida das pessoas negras. Nesses dados vemos que ainda existe muita desigualdade social com essa população, resultado do racismo a que está submetida diariamente.

Brasil: Número e percentual de pobres e de indigentes, por cor, 1992 e 1999.

	Números		Percentual		
	1992	1999	Variação em %	1992	1999
POBRES					
TOTAL	57.866.000	52.866.000	-08	100,00	100,00
Branços	19.008.000	19.008.000	-14	38,56	35,95
Afrodescendentes	33.638.000	33.638.000	-04	61,44	64,05
ÍNDIGENTES					
TOTAL	27.130.000	22.329.000	-18	100,00	100,00
Branços	8.966.000	6.861.000	-23	33,04	30,72
Afrodescendentes	18.092.000	15.974.000	-15	66,96	69,28

Fonte: IPEA, 2001

3.2.2 Sinopse do Filme

Filme: Vista a Minha Pele

Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra, enquanto os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa de estudo que tem pelo fato, de sua mãe ser faxineira nesta escola.

A maioria de seus colegas a hostiliza, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade. Maria quer ser “Miss Festa Junina” da escola, mas isso requer um esforço enorme, que vai desde a superação do padrão de beleza imposto pela mídia, onde só o negro é valorizado, à resistência de seus pais, à aversão dos colegas e à dificuldade em vender os bilhetes para seus conhecidos, em sua maioria muito pobres. Maria tem em Luana uma forte aliada e as duas vão se envolver numa série de aventuras para alcançar seus objetivos. O centro da história não é o concurso, mas a disposição de Maria em enfrentar essa situação. Ao final ela descobre que, quanto mais confia em si mesma, mais capacidade tem de convencer outros de sua chance de vencer.

3.2.3 Jornais

- Watson dá declaração racista a um jornal. Um dos descobridores da estrutura do DNA afirma que africanos são menos inteligentes que ocidentais.
- 7 em cada 10 jovens assassinados no Brasil são negros, diz a ONU. Perfil das vítimas da violência, revelado em relatório, é tema de debate na Folha.
- Justiça admite erro e liberta ‘João Negro’. Criminoso deveria ter deixado a prisão em 2005, mas continuou detido porque recebeu pena de homônimo branco.
- Menino levou 30 choques; 2 no coração. Carlos Rodrigues Júnior foi abordado por PMs por suspeita de roubo; segundo o laudo, ele também levou choque na cabeça e nos testículos.
- Watson se desculpa por declaração racista. Co-descobridor da estrutura do DNA afirma, no entanto, que questionar bases genéticas da inteligência não é racismo.

3.2.4 Texto

A **Mulher Negra** - a situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período da escravidão com poucas mudanças.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

O aluno deve questionar o porquê do racismo, como o mesmo contribui para a existência da desigualdade social que atinge a população negra brasileira, como é praticado no Brasil (velado?) e como nós o praticamos, mes-

mo que inconscientemente, no cotidiano o porquê dele ocorrer (desvalorização das características de um grupo para a melhor dominação dele), quais são os resultados dessa prática (exclusão). A partir disso, repensar a importância da política de cotas (Ações Afirmativas) para a sociedade brasileira como um todo.

4.2 Expressão da Síntese

Em grupo, os alunos devem ler as reportagens de jornais e escrever um texto, com as impressões do grupo, totalizando no mínimo de 15 linhas.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Observar que nos deparamos com a diversidade cotidianamente, como ela é importante para nossa formação pessoal e social;
- Questionar sobre como as práticas racistas afetam e excluem aqueles que são vítimas;
- Valorizar as suas características físicas, assim como respeitar aqueles que lhe são diferentes deles, física, cultural ou socialmente;
- Analisar como, durante a história do Brasil, algumas ideias foram introjetadas: inicialmente, a de inferioridade racial, no século XX após os anos 1950, a falsa ideia de “democracia racial”, que atrasou as discussões sobre relações raciais no País (num âmbito geral, tal ideia perpetua-se resultando na desigualdade racial);
- Refletir sobre a política de Ações Afirmativas e a sua importância na luta contra o racismo;

6 Análise dos Resultados

As turmas do ensino médio e do magistério, normalmente estavam mais quietas do que as outras. Acredito que o cansaço e a idade sejam os fatores que tornam as aulas mais calmas. Com esses alunos, o objetivo da aula foi tratar sobre quais seriam as ações históricas, sociais e econômicas que resultaram nas desigualdades raciais e sociais.

Para a Prática Social Inicial, passei o filme “Vista a minha Pele”. Todos prestaram atenção; alguns acharam engraçado, a troca de papéis proposta pelo filme. No final, questionei os alunos para saber suas impressões sobre o contexto proposto pelo diretor, Joel Zito Araújo.

A afirmação de que esse contexto existe no Brasil foi unânime entre eles, porém, a maioria permaneceu calada ou concordou com gestos. Questio-

nei se alguém já havia presenciado alguma situação racista, ou sabia de alguém que tivesse passado por situação parecida. Alguns relataram que sim, que já haviam visto alguma situação que envolvesse piadas racistas. A partir desses relatos, que não foram muitos, falei sobre a escravidão, a abolição, a vinda dos europeus para o Brasil, a diferença entre trabalho escravo e trabalho remunerado, a exclusão da população negra no final do século XIX e início do século XX, a política de embranquecimento, a luta do movimento negro e as ações afirmativas. À medida que relatei o contexto histórico, alguns questionavam e opinavam sobre o racismo no Brasil.

A outra etapa da aula consistiu na leitura do texto didático. Cada aluno leu uma parte. Conforme era lido um trecho, eu explicava-o e perguntava se existiam dúvidas. Algumas foram surgindo e experiências foram compartilhadas, os alunos fizeram paralelo com personagens da televisão. Como por exemplo, o Chris da série americana “Todo mundo odeia o Chris” (Programa que retrata a vida de um menino negro nos EUA da década de 1980).

Na catarse propus que se sentassem em grupos. Distribui algumas matérias de jornal, cujo enfoque era o racismo. Cada grupo tinha que ler e escrever um texto, com suas impressões sobre as matérias dos jornais. Todos fizeram a atividade e a dificuldade maior foi a apresentação para a sala.

Alguns falaram sobre a sua matéria, outros preferiram vir conversar comigo. Outros ainda leram não só uma, mas quase todas. Algumas reportagens causaram indignação por parte dos alunos, pois eram muito violentas. Uns custaram a acreditar que fossem verdade; mas outros ainda, também usaram desse momento para fazer relatos pessoais.

Ao fim da aula, perguntei o que acharam. Alguns afirmaram ter gostado, outros ficaram para conversar um pouco mais sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 2ª ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- Em cada 10 jovens assassinados no Brasil são negros, diz ONU. *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano. 15/10/2006. Inserido em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u127058.shtml>. Acesso: set 2008.
- TÓFOLI, Daniela. Justiça admite erro e liberta ‘João Negro’. *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano. 26/08/2006.
- BEDINELLI, Talita; MESTRINELLI, Bruno. Menino levou 30 choques; 2 no coração. *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano. 19/12/2007. (agência folha em Bauru)
- GARCIA, Rafael. Watson dá uma declaração racista a jornal. *Folha de São Paulo*. Caderno Ciência e Saúde. 18/10/2007. inserido em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u337682.shtml>. Acesso: set 2008.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. COSTA, Ricardo César Rocha da. Onde você esconde seu racismo? Diversidade e Desigualdades raciais In *Sociologia para Jovens do Século XXI*. Ano 2007.
- SILVA, Maria Nilza. A mulher Negra. Inserido em: www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm. Acesso em junho de 2008.
- Filme "Vista a minha Pele". Direção: Joel Zito Araújo. Duração: 15 minutos. Roteiro: Joel Zito Araújo & Dandara. Ano de Produção: 2004. Entidade produtora: CEERT - Centro de Estudos e Relações de Trabalho e Desigualdades.

Temática
MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Séries: Ensino Médio

Eduardo Baroni Borghi
Taynara Freitas Batista de Souza

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Fazer entender e conhecer uma interpretação do que seriam os movimentos sociais, no Brasil, em luta por uma transformação social. Mostrar a forma como se organizam. A relação deles com o Estado e sua contribuição para uma mudança no convívio social. E também contribuir para uma nova visão desses movimentos, tendo em vista que a mídia transmite uma imagem distorcida, o que não condiz com a realidade desses movimentos.

1.2 Listagem de Conteúdos

- A história dos movimentos sociais no Brasil;
- Como eles se organizam;
- MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra);
- MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto);
- Movimentos sociais, o papel do Estado e da mídia;

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabe?

Movimentos sociais. Violência. Estado. Moradia. Mídia.

b. O que gostaria de saber mais?

Por que as pessoas participam de movimentos sociais? A luta de tais movimentos é legítima? O que é reforma agrária? Como são os movimentos sociais? Você participaria de um movimento social? Qual ou Quais?

Estagiários do LENPES no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008



2 Problematização

2.1 Discussão Sobre o Conteúdo

- Por que estudar o que são os movimentos sociais?
- Por que estudar a organização desses movimentos e suas reivindicações?
- Por que estudar a relação dos movimentos com o Estado e com a classe dominante?
- Por que estudar o papel da mídia?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Social e Econômica:** Todos os brasileiros têm direito a uma moradia (rural ou urbana)? O que ocorre na prática? Podemos fazer uma relação direta entre desigualdade social e movimentos sociais?
- **Política:** Como cobrar do Estado (dos governantes) quando nossos direitos de cidadãos não são respeitados? Os movimentos sociais são importantes nesse sentido?
- **Histórica:** Como surgem os movimentos sociais? Como a história política e econômica do Brasil permitiu a organização de movimentos como o dos "sem terra" e a dos "sem teto"?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Expor historicamente os movimentos sociais no Brasil;
- Pedir que os alunos respondam o que entendem a respeito de movimentos sociais, fazendo discussões sobre as reportagens;
- Perguntar se já leram ou ouviram alguma reportagem sobre movimentos sociais;
- Distribuir uma reportagem de visão distorcida sobre um determinado movimento social;
- Discutir os vídeos sobre MST e MTST; fazer relação com as reportagens;
- Explicar a real relação dos Movimentos Sociais com o Estado, a mídia e a sociedade;

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Filmes

Revistas

TV *pendrive*

Papéis com as questões

Textos

3.3 Texto Didático

MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Eduardo Baroni Borghi e Taynara Freitas Batista de Souza

O que são os movimentos sociais e como se organizam?

São organizações coletivas que lutam por alguma mudança ou conservação de privilégios, valores, normas, regras e direitos. Os movimentos sociais são conflitivos; pelo fato da incapacidade do Estado em atender as reivindicações ou em razão do conflito direto entre capital e trabalho. Todo movimento social possui um objetivo e, para alcançá-lo precisa de estratégias e de organização para possibilitar o sucesso de sua ação. No Brasil, os movimentos sociais surgem com o objetivo de construir uma sociedade melhor. Tenho em vista que o país possui uma estrutura social desigual que remonta o início de sua colonização. Os movimentos sociais do período colonial foram motivados em oposição à opressão econômica e política que Portugal exercia sobre o País. Como exemplo, em 1858, no Rio de Janeiro, os trabalhadores gráficos realizaram a primeira greve reivindicando melhores salários que foi o início da organização da classe operária no Brasil.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

O MST surge em 1979, em Santa Catarina; na década de 1990 se torna o movimento popular mais importante em nível nacional. Porém, a luta por um pedaço de terra no Brasil surge na época da colonização, momento em que um pedaço de terra para produzir e habitar já era um sonho da maioria da população pobre do campo). O significado da conquista desse pedaço ultrapassa a questão de habitar e produzir. Trata-se de uma questão de reconhecimento como cidadãos a partir dessa conquista. O Brasil carrega uma política que permite e beneficia uma minoria e ignora o restante da população. Como, desde a colonização, a terra estava nas mãos da classe dominante. O MST luta por um problema localizado na raiz das desigualdades sociais do País. A estratégia básica dos sem-terra é a invasão e posterior ocupação (que são sempre planejadas com muita antecedência) de terras consideradas improdutivas, sejam elas públicas ou particulares. A partir dessa ocupação, pressionam os órgãos públicos a negociarem com o movimento e executarem o assentamento definitivo na terra, através da legalização de título de posse.

O que é Reforma Agrária?

É uma política de distribuição de terras, para famílias que queiram viver e sobreviver a partir dela; ou seja, é importante ressaltar que a terra possui uma função social. No Brasil, a Reforma Agrária não se concretiza devido à resistência dos proprietários rurais, especialmente os latifundiários, com grande influência sobre os governos.

MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

O “movimento sem-teto” no Brasil teve mais visibilidade a partir dos anos 1960 e 1970. Com a industrialização, a demanda por mão de obra provocou um rápido crescimento urbano. Esse crescimento fez com que aumentasse continuamente o preço da terra urbana e; com isso, houve um impedimento que a população migrante fosse assentada de modo adequado. Políticas adotadas pelo governo brasileiro nos anos 1990 agravaram, ainda mais, as condições de habitação nas cidades, em razão da redução dos salários. Muitos dos trabalhadores, identificados com o problema da falta de moradia urbana, criaram, em 1997 o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, cujo objetivo é a conquista da habitação digna no espaço urbano.

O Estado e a mídia

O papel do Estado diante dos movimentos sociais foi de omissão; com isso, o Estado favorece a classe dominante e deixa nas mãos dos trabalhadores. Questões como saúde, educação, previdência. O uso policial para reprimir tais movimentos é recorrente, na medida em que a ordem social deve ser mantida. A mídia, por sua vez, ao transmitir/publicar reportagens sejam movimentos sociais, cria uma “realidade” que não condiz com a dos movimentos e com a da sociedade brasileira. Tais movimentos estão reivindicando mudanças, já que o Estado não exerce seu papel e a os mídia inverte, colocando esses movimentos como baderneiros e o Estado como aquele que restabelece a ordem social. Mas, se o Estado exercesse o seu papel, fornecendo educação, trabalho, moradia, previdência para toda população, os movimentos sociais não precisariam se organizar e entrar em conflito para reivindicar seus direitos.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

Criar situações de aprendizagem para que o aluno compreenda o que são os movimentos sociais (MST, MTST, como movimentos legítimos que lutam por melhores condições de vida), a atuação do Estado; procurar que analisem as reportagens surgidas na mídia sobre os movimentos sociais e que reflitam sobre a atuação dos movimentos sociais na sociedade.

4.2 Expressão da Síntese

Entrega de um breve questionário para que respondam objetivamente, com base nas informações que receberam da exposição do professor, dos vídeos e das análises das reportagens.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Possibilitar uma nova visão em relação aos movimentos sociais;
- Contribuir para uma formação política dos indivíduos, participando ativamente e reivindicando seus direitos;

6 Análises dos Resultados

Esse plano não foi utilizado na I Jornada de Humanidades. Contudo, é uma proposta didático-metodológica a ser utilizada na abordagem do assunto com alunos do Ensino Médio, sendo este aplicado em junho de 2009 na III Jornada de Humanidades do Colégio Estadual Maria do Rosário Castaldi, em Londrina-PR.

REFERÊNCIAS

BOITO Jr., Armando. Neoliberalismo e lutas sociais no Brasil. *Revista Idéias*, Unicamp, nº9 p.13-48. Campinas, 2002.

Descrições e informações sobre as ocupações do MTST. Inserido em: www.mtst.info. Acesso em abril de 2009.

Entrevista: O assentamento Anita Garibaldi: entrevista com MTST. *Crítica Marxista* nº14, 2002.

Movimento sem Terra. *Construindo o caminho*, 1986 [Sem autor e editora].

GONH, Maria da Glória. *Os sem-terra, ONG's e cidadania*. São Paulo: Cortez, 2000.

KOWARICK, Lúcio. *As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente* (Lúcio Kowarick, coordenador; apresentação Ruth Correa Leite Cardoso). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PINHEIRO, Jair. Nem teto, nem mãe gentil: luta dos sem-teto pelo solo urbano em São Paulo. *Lutas Sociais*, nº13/14 - Semestre 2005(160-170). São Paulo: NEILS-PUC, 2005.

SILVEIRA, Ricardo de Jesus. "Os movimentos sociais". In: *Iniciação à Sociologia*. TOMAZI, Nelson Dácio (Coordenador). São Paulo: Atual, 2000.



I Ciclo de Debates Sobre Desigualdade/UEL - Professores e Funcionários do Colégio Estadual Altair Mongruel

Temática

PESQUISA E EDUCAÇÃO

Turma: 2ª do Normal Médio

Ângela Maria de Sousa Lima
Jaqueline Fabeni

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Mostrar aos alunos do Curso Normal Médio a importância da pesquisa enquanto princípio educativo na formação dos professores; porque espera-se que eles consigam depois selecionar procedimentos e técnicas para elaboração, produção e expressão do trabalho científico, que privilegiem melhores formas de atuação em prol da qualidade da educação infantil e do ensino fundamental, onde atuarão futuramente como educadores;

1.2 Listagem dos Conteúdos

- Pesquisa e educação;
- Teoria, métodos e procedimentos;
- A pesquisa na proposta da Pedagogia Histórico Crítica;
- Projetos de pesquisa e de ensino;
- Positivismo, fenomenologia e dialética;
- Ética na pesquisa;

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem?

Supõe-se que alguns alunos pensem que a pesquisa seja privilégio de cientistas, uma realidade distante deles. Hipotetiza-se ainda que alguns entendam a pesquisa apenas como meio para a elaboração de trabalhos científicos, centrada quase que exclusivamente no âmbito da universidade.

b. O que gostariam de saber a mais?

O que é pesquisa? O que é ciência? O que metodologia? O que é ética na pesquisa? O que é ter espírito crítico na pesquisa? Como evitar o plágio? Onde surgiu este termo? Como fazer referências de alguns materiais, como vídeo, CD, propaganda, telejornal, e-mail etc? O que é mais importante em um trabalho científico: sua essência (produção) ou a estética (capa, modo de apresentação) e o por quê disso? O que são Normas da ABNT? Para que servem? O que é um projeto? Quais as etapas do projeto? Você conhece o PPP da escola? Como foi confeccionado? Você participou desse processo? O que é importante na elaboração de um projeto na escola? Que relação existe entre um projeto, um plano de aula e a pesquisa? Qual a diferenciação entre conhecimento popular (ou de senso comum) e conhecimento científico?

2 Problematização

2.1 Discussão sobre os Conteúdos

Por que a pesquisa é importante no seu processo de ensino e aprendizagem como educador e no processo de ensino e aprendizagem das crianças? Como ser ético na pesquisa? Por que a pesquisa precisa ser princípio educativo e prática cotidiana na escola? O que é fazer pesquisa na era da informática? O que é conhecimento empírico, filosófico, teológico e científico? Que relações há entre esses diferentes tipos de conhecimento? É difícil estudar, nas ciências humanas, o “objeto” (sujeito) homem. Quais os limites e dificuldades disso? Qual a importância da leitura para a elaboração de uma boa pesquisa? O que é fazer pesquisa e qual a concepção de pesquisador nas diferentes linhas teórico-metodológicas: positivismo, fenomenologia e dialética? Por que é importante fazer corretamente uma citação e colocar uma fonte completa no trabalho, principalmente nas atividades elaboradas para as crianças? Por que ensinar isto para as crianças desde a educação infantil e fundamental? Que relação há entre estágio e pesquisa?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Conceitual/Científica:** O que significam teoricamente os termos trabalhados em sala hoje?
- **Social:** Por que é importante conhecer e aplicar os princípios da pesquisa na formação de crianças? Isso pode promover alguma diferença na vida delas? E na sua vida como profissional? A pesquisa científica pode ser um procedimento dinamizador do processo de ensino e aprendizagem?
- **Psicológico-afetivo:** O que você sente quando o professor pede a elaboração de um trabalho científico? Você gosta de fazer? Tem dificuldade para confeccioná-lo? Onde tem mais dificuldade? Por quê? Sente-se habilitado para realizá-lo? Quando não se sente, de quem procura auxílio?
- **Política e Legal:** Qual a importância de Normas da ABNT para a elaboração de um trabalho científico?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático Pedagógicas

- Formação do círculo na sala;
- Distribuição aos alunos, em material impresso, de todos os *slides* que serão utilizados na TV *pendrive*;
- Solicitação para que cada aluno leia em voz alta e diga o que entendem das citações e das imagens, antes da explicação do professor;
- Explicação teórica dos *slides* (parte expositiva), correlacionando-os com exemplos vivenciados pelos alunos durante o estágio;
- Confeção de textos (poemas) pelos próprios alunos e leitura, em voz alta, de um dos textos dos alunos para a sala toda;

Quando assim pensamos as ações didático-pedagógicas, almejamos, entre outros propósitos: permitir que os alunos compreendam como a pesquisa foi utilizada ao longo da história da educação; mostrar porque ela nem sempre foi “princípio educativo na formação dos professores”; demonstrar a aplicabilidade da pesquisa hoje, para que os alunos possam dar importância à ela, assim como sistematizar e organizar melhor seus estudos através de técnicas e de procedimentos que facilitem a apreensão do conhecimento; mostrar a relação entre pesquisa e ensino pela proposta da Pedagogia Histórico-Crítica, a fim de que consigam estabelecer relações entre a formação que recebem na escola hoje e as diretrizes voltadas ao processo ensino-aprendizagem para o Curso Normal Médio; propiciar meios para que compreendam o que é ciência e o que é pesquisa, de forma a capacitá-los a elaborar e a executar diferentes tipos de pesquisa, perce-

bendo sua importância no processo de ensino-aprendizagem; possibilitar-lhes a compreensão e a análise dos diversos tipos de conhecimentos e suas distinções conceituais; identificar as principais correntes do método científico, para que possam entender a relação educador/educando/sociedade; discutir com os alunos a distinção e a correlação entre técnica de pesquisa e técnica de ensino, mostrando a aplicabilidade da pesquisa no processo educacional infantil e fundamental; demonstrar à eles as principais normas que são importantes na confecção de um trabalho científico, para habilitá-los no desenvolvimento das pesquisas na escola, por meio dos próprios planos de aula, dos relatórios de estágio, da confecção de uma proposta pedagógica, de um projeto científico, entre outros trabalhos coletivos importantes na escola; e desenvolver a capacidade dos alunos para a seleção, a organização, a interpretação e a crítica dos fatos e dos conhecimentos sobre a realidade, incentivando-os a buscar e a experimentar soluções e estimulando-os a adequarem hábitos de estudos interdisciplinares.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Livros de metodologia de pesquisa;
Poemas;
Documentos (LDB-96);
Papéis com as questões;
TV *pendrive*;

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

Do ponto de vista da dimensão conceitual e científica, espera-se que os alunos do Curso Normal Médio apreendam que a pesquisa é um princípio educativo que deve nortear as ações dos professores, de todas as disciplinas, no trabalho pedagógico com as crianças no estágio e, posteriormente, nas escolas onde atuarão como educadores.

4.2 Expressão da Síntese

Confecção de um texto pelos alunos, que deverá ter algumas palavras previamente solicitadas: pesquisa, educação das crianças; metodologia, papel do educador etc.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

Agregar uma nova concepção sobre a pesquisa, entendendo-a como caminho metodológico na apreensão, na sistematização e na instrumentalização dos conhecimentos durante o curso de formação de docentes;

5.2 Ações dos Alunos

Espera-se que, quando os alunos do Curso Normal Médio se tornarem professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ou da Educação Infantil, possam trabalhar com as crianças as noções básicas da pesquisa enquanto princípio educativo, tornando-as mais questionadoras, curiosas, criativas e organizadas;

6 Análise dos Resultados

A aula se deu na quinta feira, no dia 30 de outubro, no período noturno, na sala do 2º Normal Médio com dezoito alunas e dois alunos, quatro professoras e quatro funcionárias do colégio, em um período de duas horas.

Os alunos auxiliaram na leitura e no debate das questões teóricas, que foram paulatinamente sendo expostas por meio da TV *pendrive* e em tiras digitalizadas entregues a cada um antes da aula.

Antes da explicação de cada citação exposta e de cada imagem (retirada da obra “*Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*”, de Babette Harper *et al*) os mesmos interpretavam-nas e externaram suas expectativas e dúvidas a respeito delas, relacionando-as com suas experiências de estágio.

Trechos de autores foram utilizados como prática social inicial, para estimular o diálogo sobre o que os estudantes já conheciam a respeito do assunto a ser trabalhado. Em nosso ver, a estratégia estimulou bastante o debate. Em círculo, a discussão das experiências ocorreu concomitantemente à explicação teórica do assunto.

Avaliamos que o tempo planejado para a aula não foi suficiente para trabalhar todas as questões propostas. Desse modo, ficamos devendo a explicação de alguns elementos-chave para a compreensão do assunto. Por outro lado, surpreendemo-nos com as contribuições enriquecedoras dos alunos e, ao percebê-las, dedicamos um tempo maior que o previsto no planejamento para o diálogo circunstanciado com a turma. Se por um lado deixamos de falar sobre algumas categorias, por outro, entendemos que as concepções teóricas trabalhadas foram bem analisadas e correlacionadas à realidade deles, ressignificando consideravelmente suas experiências educacionais.

No final da aula, pedimos para que todos elaborassem poemas sobre os temas trabalhados. A fim de estabelecer um ponto de partida, lemos e nos inspiramos em um poema, disponibilizado pelo Sindicato dos Professores do Paraná (NRE-Londrina, 1997), intitulado “Ser educador”. Na atividade gostaríamos que sintetizassem algumas concepções que tinham sobre o papel do educador, já que essa temática acabou sendo o fio de boa parte das discussões feitas em torno da concepção de pesquisa e de educação.

Abaixo listamos alguns dos textos produzidos pelos alunos do Curso Normal Médio durante a aula.

“Ser educador é compartilhar e respeitar a experiência do aluno, ensinar com transparência para o aluno sempre ampliar nos seus conhecimentos. Ser educador é ter responsabilidade para a vida toda, pois ele sempre será o “modelo” ou espelho que seus alunos irão seguir. Ser educador responsável pelo futuro dos seus alunos”.

“Ser educador é compreender que é importante ver mais de um ponto de vida. Ser educador é saber que pode criticar, comentar e opinar. Ser educador é perceber a importância de um trabalho. Ser educador é ter ética em realizar as práticas estudantis. Ser educador é ter participação em tudo que a tecnologia nos oferece de melhor para o mundo”
(Adilson Macedo Moraes).

“Ser educador é não ser o dono do conhecimento, mas sim ser aprendiz do mesmo, que o tornará um bom sabedor. Ser educador é ser participativo naquilo que ensina, ora sendo aluno, ora sendo mestre, sem deixar de ser solidário com as dificuldades de quem o escuta. Ser educador é usar métodos de acordo com o conhecimento de seus alunos, não forçando seus potenciais, não prejudicando seu intelecto” (Osnivaldo Antonio Taques).

“Ser educador é ser compatível com a educação, sem depressão e sim com percepção nas aulas. Ser educador é ensinar se exagerar, praticar e participar, criticar quando necessário. Ser educador é além de tudo tem que ter humanização, observação e participação e educação”
(Sidney Nicola de Oliveira).

“Ser educador é dom de Deus é ensinar com carinho, ensinar e ter conhecimento do que esta ensinando e ser fiel no compromisso e nas tarefas que lhe foi confiada como educador” (Dejanira Vidal).

“Ser educador é o espelho para as crianças e por isso que deve sempre buscar mais conhecimento. E aprender conhecer cada uma de suas crianças. Ser educador é ser um pesquisador da educação, e seu objetivo é trazer criatividade para a educação. Ser educador é ter participação na vida dos educandos, é conseguir trazer conhecimento e humanização para todos. Ser educador é ter objetivo do querer, saber e respeitar seus educandos sem deixar o seu planejamento escolar de lado e cumprir seus objetivos. Ser educador é ser uma pessoa capaz de entender e de aprender sempre, ser capaz de aceitar as críticas construtivas e usufruir dela”
(Verenice Silva Maciel).

“Ser educador é pesquisar para poder dar o seu melhor para o aluno, melhorar a educação que falta, é ter ação coletiva com a turma. Sempre tendo ética e metodologia para alcançar seu alvo principal. A educação. Ser educador é ter saberes para melhor ensino, e não apenas ensinar, mas aprender também. Ser educador é ser pesquisador, tendo conhecimento, ética e respeito com a criatividade dos alunos. Ser educador é observar com transparência a leitura da turma, o processo e técnica. Ser educador é respeitar e ser respeitado, na escola e em outros locais. Ser educador é Ser Professor e para ser professor tem que ser educador e ter saberes pedagógicos. Mas sempre buscar do mais para ele e para quem irá aprender”
(Denise Corrêa da Silva).

“Ser educador é ter amor no que faz, no que ensina. É fazer com que o aluno se interesse cada dia mais. É ajudar quando surge uma dificuldade. Ser educador é saber que nunca se sabe tudo. É saber que, mesmo dando aula para os pequeninos sempre vai aprender alguma coisa com eles. Ser educador é transmitir confiança mesmo que os alunos sejam levados, é deixar claro que sempre que precisar ele estará ali. Ser educador é pesquisar e inovar seus objetivos de aula para que seu dia não fique monótono. É respeitar conforme as diferenças, ter uma ação coletiva em sala de aula, para que fique cada vez mais produtivo. Ser educador é participar da vida escolar dos seus discentes, sempre lhe passar conselhos, deixar claro que não é apenas professor, mas também um grande amigo. Ser professor é ter a arte de amar sempre com criatividade” (Bárbara Hobal).

“Ser educador é ensinar e aprender com o aluno experiências, e dividir sabedoria. Ser educador é ter criatividade de elaborar uma aula em que seus alunos se interessem e não queiram sair da sala. Ser educador é ter interesse na vida do aluno demonstrando que ele é especial” (Silvana S. Lima).

“Ser educador é ser psicólogo, ser pai, ser mãe e ser também um doutor. Pois as crianças hoje passam maior parte do tempo na escola e podem sentir alguma dor. Ser educador é saber avaliar na criança sua forma de pensar. E assim quando precisar saberá no que e como ajudar. Ser educador é ser novamente criança, relembrando os fatos que aconteceram na escola, analisando o que aconteceu e que marcou a sua infância. Ser educador é chegar ao fim de cada dia chegar em outro dia com a mesma alegria. Ser educador é deixar acreditar que só com a educação que a sociedade poderá mudar” (Simone Aparecida Araújo).

“Ser educador é ser pesquisador onde ele consiga a extrair conhecimento atualizado para passar para os alunos, e com isso ele consegue aprender mais com os alunos. Ser educador é ser o espelho onde os alunos irão se espelhar para viver no futuro. Ser educador é trabalhar a teoria e a prática, fazendo que o aluno aumente sua sabedoria. Ser educador é fazer da leitura a base da sua teoria” (Gilciane Ott).

“Ser educador é se aprofundar no oceano do conhecimento buscando a sabedoria e saberes, pois assim conseguiremos educar não só para aprender, mas também para o respeito e o amor” (Janáina Marcela de França).

“Ser educador é ser o mestre da educação. Ser educador é ser o amigo do aluno. Ser educador é saber compreender o aluno. Ser educador é ter conhecimento da sabedoria. Ser educador é por em prática seu planejamento, conhecimento e sabedoria” (Tatiane Rodrigues).

“Ser educador é ter conhecimento de seus alunos, ensinar com amor e colher com paciência. Ser educador é ter ação de inovar o ambiente escolar, observar sua classe e respeitar as dificuldades de cada um. Ser educador é tentar passar para os alunos o conceito de humanização e principalmente ter muita observação. Ser educador é sempre ir em busca da sabedoria dos saberes para passar um conhecimento verdadeiro e inovador a seus alunos” (Valdirene de Oliveira Mattos).

“Ser educador é ser responsável, sem ser careta, é ser amável. Ser educador é ter que aprender com quem aprende. Ser educador é um constante estágio observando e sendo observado. Ser educador é ser transparente, para que eles possam usar os seus saberes para respeitar o planejamento e o ambiente didático” (Jéssica Rogowski).

“Ser educador é ser exemplo, pois seremos como um espelho da vida de alguém e gostaríamos de ver uma ótima imagem. Ser educador é respeitar a sabedoria dos alunos, pois ninguém é inteligente o bastante a ponto de ser dono da verdade. Ser educador é tratar um aluno como um diamante que quando bruto não tem brilho, mas trabalhado e lapidado brilha intensamente. Ser educador é respeitar o ser humano que existe em cada um apesar de suas dificuldades e classe social. Ser educador é ter a sabedoria de sempre estar aprendendo à prática e criatividade de outros pesquisadores da humanidade” (Solange Gralil Otl).

“Ser educador é chegar na sala de aula, dar e receber conhecimentos sem nenhum preconceito de assunto. Ser educador é observar todo e qualquer conhecimento, em busca do novo, de educar para o crescimento, passando da teoria à prática. Ser educador é respeitar o outro, mesmo antes de obter dele o respeito, é se humano. Ser educador é se mestre, ser exemplo, bom exemplo, é deixar em cada aluno um pouco de seu carinho e levar em consideração os sentimentos deles. Ser educador é ter criatividade para fazer de uma aula de História uma viagem para o passado, em busca de conhecimento, enfim ser educador é construir o futuro” (Leila RONALDA Ribas dos Santos).

“Ser educador é ser dominador de saberes que podem contribuir ou até mudar a vida das pessoas. Ser educador é ser você mesmo, porque sendo nós mesmos, nós podemos enxergar quem as pessoas são de verdade. Ser educador é refletir, dia após dia, qual é o nosso papel na escola e na formação dos nossos futuros cidadãos. Ser educador é dominar a teoria e planejar a prática, observar e respeitar o sujeito da educação que futuramente fará parte da nossa nação. Ser educador é ser feliz com o que faz, e antes de amar o próximo aprender a amar a si mesmo” (Fabiola Mariana de Andrade).

“Ser educador é amar e respeitar o aluno, e procurar saber do aluno se estão entendendo o que ele está ensinando. Ser educador é educar e cuidar, porque quando você é professor é preciso ser como um responsável (Pai, Mãe, etc.) Ser educador é ter equilíbrio diante do problema do aluno (quando existir) principalmente quando brigam na sala. Ser educador é ser companheiro, amigo e dar segurança para o aluno. Ser educador é sempre estar renovando as atividades para que os alunos tenham interesse na sala de aula” (Jacira de Barros Raimundo).

Assim como ocorreu na aula em que ministramos pela manhã em uma turma de 7ª Série do Ensino Fundamental, um dos pontos altos do trabalho realizado no período noturno, na sala do Curso Normal Médio, pode ser compreendido pela presença das zeladoras, faxineiras e cozinheiras do Colégio Est. Altair Mongruel. A participação das funcionárias propiciou um diálogo bem mais envolvente com as futuras educadoras. Percebemos que as alunas gostaram muito de ouvir suas concepções sobre “educação e pesquisa”. Uma delas, que esteve presente durante toda a aula, descreveu algo que elegemos como síntese do trabalho e da análise de seus resultados;

Você não veio ao mundo simplesmente por vir, não é professor por acaso. Tem um lugar a ocupar, uma missão a cumprir. Os apelos são feitos a cada dia e a sua resposta é urgente e inadiável. Você não vive sozinho. É parte dessa humanidade, que depende da sua decisão, ação, otimismo, estudo, compreensão e amor. Se você se esquivar, negar seu compromisso ou fazê-lo, mal haverá uma lacuna que ninguém irá preencher (DEJANIRA, out/2008).

REFERÊNCIAS

- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- DUARTE, Newton. *Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar*. Cad. CEDES v.19 nº44 Campinas Abr. 1998.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FACHIM, Odília. *Fundamentos de Metodologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- GASPARIN, João Luiz. *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- GIROUX, Henry A. *Os Professores Como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Tradução de Daniel Bueno. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.
- HARPER, Babette. et al. *Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*. São Paulo: Brasiliense. 2003. p.8 a 117.
- LAKATOS, E. e MARCONI, M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1998.
- MATTAR NETO, João Augusto Mattar. *Metodologia Científica na Era da Informática*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena; *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004.
- RUIZ, João Álvaro. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1987.
- SAVIANI, Demerval. *Os saberes implicados na formação do Educador*. In: BICUDO, Maria Aparecida; SILVA JUNIOR, Celestino (orgs) *Formação do Educador*. São Paulo: UNESP, 1996.
- SEVERINO, A J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SOBRE O CRIME DE PLÁGIO. FONTE: Texto extraído do Jus Navigandi. Inserido em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3493>. Acesso em 03-2008.
- TRIVINOS, Augusto N.S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. São Paulo: Atlas, 1992.
- ZEICHNER, Kenneth M. "Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico". In: GERALDI, Corinta M.; FIORENTINI, Dario & PEREIRA, Elisabete M. (orgs.) Cartografia do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, Mercado de Letras? ABL, 1998. pp. 207-236.

Temática

SOCIOLOGIA/ANTROPOLOGIA BRASILEIRA: OS MODOS DE NAVEGAÇÃO SOCIAL.

Turma: 1º e 2º Ano do Ensino Médio

Fernanda Galisteu Lourenção

Mauricio Aleixo Fernandes

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Passar aos alunos idéias e conceitos de teóricos brasileiros importantes, para que possam refletir sobre algumas características do povo brasileiro. Buscamos com esse tema entrar em uma área, a Sociologia brasileira, tentando expor aos alunos acontecimentos cotidianos que autores como Roberto DaMatta e Sérgio Buarque de Holanda, estudaram e transformaram em teorias sociológicas. Trabalhar com os alunos conceitos e teorias que eles talvez nem pensem como teorias, pois são temas cotidianos (por exemplo, o "jeitinho" brasileiro). Auxiliar na compreensão de algumas teorias e conceitos da Sociologia brasileira partindo do cotidiano dos alunos, buscando familiarizá-los com a Sociologia, para que vejam que não é uma ciência isolada, além de muito relacionada com seu dia-a-dia.

1.2 Listagem dos Conteúdos

Sociologia brasileira

Identidade brasileira

Sociedade brasileira

Cultura Política brasileira

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem?

As idéias prévias e estereotipadas do brasileiro;

Os costumes típicos brasileiros;

A imagem que estrangeiros têm sobre os brasileiros;

b. O que gostariam de saber a mais?

Como e por que é feita essa construção do brasileiro pelos autores da sociologia? Quais são os povos que contribuíram para a mistura que somos hoje? Os autores, ao pesquisar, comparam o Brasil com algum outro país? Desde quando o Brasil tem o "jeitinho"?

2 Problematização

2.1 Discussão sobre o Conteúdo

- Como caracterizar o brasileiro?
- O que faz o Brasil, Brasil?
- Por que as pessoas usam o "jeitinho" brasileiro para burlar as leis?
- O que vocês entendem por "malandragem"?
- Conhecem algum caso de uma pessoa que tenha se utilizado do "você sabe com quem está falando?"
- E o "jeitinho"?
- E a "malandragem"?
- Acreditam que essas "navegações sociais nacionais" possam, de alguma maneira, ser positivas?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Conceitual/científica:** quais os significados científicos dos conceitos/palavras utilizados na aula?
- **Social:** por que é importante compreender e estudar elementos que são cotidianos em nossa vida?
- **Psicológico-afetivo:** vocês já passaram por experiências negativas com relação ao assunto da aula? E positivas? Sentiram-se bem ou mal, utilizando essas navegações "sociais nacionais"?
- **Política e Legal:** O tipo de relação que os brasileiros estabelecem com as leis e com o Estado, como se explicitam essas dimensões no conteúdo?

3 Instrumentalização

Captar dos alunos as idéias que eles têm do Brasil e do brasileiro para, a partir daí, iniciar a aula:

- Explicar o contexto em que Roberto DaMatta escreveu o seu livro e por que ele o escreveu;
- Identidade social - explicar que para DaMatta escrever seu livro, ele, assim como Sérgio Buarque de Holanda, tiveram que fazer uma construção da identidade social;
- O que faz o Brasil, Brasil? - mostrar que o que faz isso é a disponibilidade, a mistura etc;
- O "jeitinho" brasileiro - explicar os conceitos de "jeitinho brasileiro" e de "malandragem" como "navegação social", colocando seus pontos positivos e negativos;

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Iniciar a aula com o vídeo da apresentação do personagem Zé Carioca;
- Buscar as impressões que os alunos tiveram do filme e, de maneira geral, sobre o tema;
- Pedir para que, oralmente, façam uma caracterização social, cultural, física e psicológica de como seria o brasileiro ideal (fazer isso pensando em como um estrangeiro que vem a passeio ao Brasil pensa do habitante do País);
- Explicação do filme e teoria (parte expositiva com a participação dos alunos);
- Apresentar *slides* na TV *pendrive* sobre o "jeitinho brasileiro" e comentar com os alunos;
- Fazer um debate para finalizar, buscando obter dos alunos as impressões do antes e do depois da aula;

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Texto criado para a aula

Filme

Papéis com as questões

TV *pendrive*

Lousa

3.2.1 Texto Didático

O "JEITINHO" BRASILEIRO: OS MODOS DE "NAVEGAÇÃO SOCIAL"

Fernanda Galisteu Lourenção e Maurício Aleixo Fernandes

Quando pensamos em modos de navegação social podemos pensar em formas que utilizamos para chegar a algum lugar, ou talvez para conseguirmos algumas coisas. Navegação social é um conceito cunhado por Roberto DaMatta para nomear os caminhos e jeitos que são dados para chegar a algum lugar ou conseguir alguma coisa. Mas, antes disso, gostaríamos de voltar a uma questão que já fora colocada antes por Roberto DaMatta, que é: O que faz o Brasil, Brasil?

E a resposta mais simples para essa pergunta é: o que faz o Brasil, Brasil é a nossa língua, nossa cultura, nossa mistura. DaMatta é um antropólogo que busca desvendar e até desenhar esse Brasil que ele descreve aqui:

“O BRASIL do povo e das suas coisas. Da comida, da mulher, da religião que não precisa de teologia complicada nem padres estudados. Das leis da amizade e do parentesco, que atuam pelas lágrimas, pelas emoções do dar e do receber, e dentro das sombras acolhedoras das casas e quartos onde vivemos o nosso cotidiano. Dos jogos espertos e vivos da malandragem e do carnaval, onde podemos vadiar sem sermos criminosos e, assim fazendo, experimentamos a sublime marginalidade que tem hora pra começar e terminar. [...] BRASIL com maiúsculas, que sabe tão bem conjugar lei com grei, individuo com pessoa, evento com estrutura, comida farta com pobreza estrutural, hino sagrado com samba apócrifo e relativizador de todos os valores, carnaval com comício político, homem com mulher e até mesmo Deus com o Diabo. Por tudo isso que estamos interessados em responder nas páginas que seguem, esta pergunta que embarga e que emociona: afinal de contas, o que faz o brasil, Brasil?” (DAMATTA, 1986, p.09).

Assim ele foi buscar os fatos e costumes cotidianos do brasileiro, para transformá-los em objeto de estudo científico. O autor construiu o que chama de "identidade social"; para isso, é preciso buscar informações consideradas importantes para aquela sociedade estudada, como leis, idéias relativas à família, casamento, sexualidade, dinheiro, poder político; religião, entre outras. Conseguiu, com essas informações, observar quem é quem e como os indivíduos se portam nessa sociedade.

Para construirmos essa identidade, é preciso utilizar fórmulas que já nos são dadas. Por exemplo, se colocamos que o brasileiro é amante de futebol, de carnaval, de origens diversas, entre outras características elencadas, é porque estamos utilizando a fórmula que o Brasil nos dá. Se falamos de um povo que gosta de beisebol, que segue as leis quando, se pede para não jogar lixo no chão, não estamos falando do brasileiro, mas talvez, do norte-americano e do europeu. Com isso, descobrimos que a sociedade nos dá as fórmulas para fazermos os perfis, os desenhos, mais ou menos como eles são.

Uma das características marcantes no Brasil é a mistura. Desde que os portugueses e espanhóis chegaram aqui, misturaram-se com os índios e negros. Essa característica fica evidente até em nossa culinária, onde juntamos o seco (arroz) com o molhado (feijão), por exemplo.

Para construir essa identidade, DaMatta faz comparações entre as sociedades americana e brasileira. A americana é rígida, que segue leis e não aceita "jeitinhos".

O "jeitinho" brasileiro é um modo de navegação social nacional. DaMatta diz que o “jeito” é um modo e um estilo de realizar as coisas. Como assim, um modo? Ele diz que é, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o pessoal com o impessoal. De maneira geral, é um meio mais pacífico e pode até se dizer, legítimo, de resolver os problemas.

Essa mistura entre o pessoal e o impessoal, DaMatta descobriu que é a grande dúvida do brasileiro. Se ele age como um indivíduo ou como uma pessoa, que foram duas categorias escolhidas por ele para explicar a noção. O primeiro é o sujeito das leis universais; o segundo é o sujeito das relações sociais.

Quem nunca se pegou utilizando esse modo de navegação social? Quem nunca furou uma fila? Quem nunca estacionou em algum lugar proibido, ou utilizou de palavras doces com algum funcionário para conseguir alguma coisa? O que acontece é que, muitas vezes, a invocação da relação pessoal, da regionalidade, do gosto, entre outros fatores externos, acaba ajudando a resolver algum assunto de maneira satisfatória.

Outro modo de navegação social é o “você sabe com quem está falando?” Só que esse, ao contrário do jeitinho, não procura conseguir o que quer pela simpatia e sim pela hierarquização. Mas seja um ou outro, algum "jeito" foi dado.

O "Malandro" é espécie de "especialista" do "jeitinho". É um tipo nacional que está à disposição para ser utilizado por qualquer um que achar que, em determinado momento, a lei pode ser esquecida.

Mas existe o outro lado de tudo isso, pois esses modos de navegação social não foram criados por "deturpação moral". Ele é, muitas vezes, um modo brasileiro de viver e até de sobreviver, num sistema em que as leis não se aplicam para todos e não têm lugar para todos.

Estagiários do LENPES e estudantes no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008



Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o jeitinho promovem uma esperança de tudo juntar numa totalidade harmoniosa e concreta. Essa é sua importância, esse é o seu aceno. Aí está sua razão de existir como valor social. (DAMATTA, 1986, p. 71)

Assim, entendemos sociologicamente e antropologicamente a importância desses modos de navegação social. A questão disso, talvez, seja que ela acaba se espalhando por todas as camadas sociais e se tornando algo típico do brasileiro.

O problema a ser colocado é: que país queremos ser? O que segue a risca as leis? Ou aquele que se apropria do jeitinho? Propomos que essa decisão é mais difícil do que parece.

3.2.2 Sinopse do Filme

É um filme de 8 minutos mais ou menos, criado pelos *Estúdios Disney Company* para apresentar o personagem *Zé Carioca* ao mundo. Possui muitas cores brasileiras, nossa fauna e flora e o Pato Donald se encontra com o *Zé Carioca* que, com todo seu jeito brasileiro, mostra a malandragem para o pato norte-americano.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

Imaginando que os alunos passam pelas situações descritas e expostas durante a aula, a intenção é que entendam que existem meios de navegação social não “politicamente corretos” e que possam, também, entender de onde eles vêm, para que saiam da aula com uma visão diferente pensando que uma característica antes vista como individual agora é vista como social.

4.2 Expressão da Síntese

Através da confecção de uma carta tivesse sido escrita para um estrangeiro que no Brasil, para outro estrangeiro, contando como é o brasileiro. Ele deve constar o porquê de o estrangeiro que escreve ter aquelas impressões.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Mudança de pensamento; entender quando presenciar as navegações sociais nacionais, não colocando mais o problema no indivíduo que pratica, mas em todo um sistema social que dá o suporte para que esse tipo de navegação continue ocorrendo;
- Colocar em questão que país queremos.

6 Análise dos Resultados

Como os exercícios foram feitos de maneira oral, deu para notar que os alunos, ao fazer a descrição do brasileiro, partindo do filme do *Zé Carioca*, falaram que o brasileiro é:

Malandro, tira vantagens
Gosta de futebol e de samba
Receptivo, caloroso
Não se pode confiar
Lutador, perseverante

Nas turmas as quais apresentamos essa aula, os resultados foram os esperados. A visão do Brasil e do brasileiro, frequentemente, é deturpada, mas tem uma lógica. Os alunos ficaram interessados em saber que teóricos da Sociologia estudaram assuntos e temas cotidianos do nosso povo. Trabalhamos algumas imagens retiradas da internet e mostradas na TV *pendrive* para exemplificar o "jeitinho".

REFERÊNCIAS

- DAMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DISNEY. Walt. *Desenho Aquarela do Brasil*. Disponível em - <http://www.youtube.com/watch?v=mQHR8bAojU> acesso em 13/07/2009.
- FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro: J Olympio, 1961.
- HOLANDA, C. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Temática ANÁLISE DO FILME “A FUGA DAS GALINHAS”

Série: Ensino Médio e Normal Médio

Maurício Aleixo Fernandes
Fernanda Galisteu Lourenção

1 Prática Social

1.1 Objetivos

Exibir aos alunos do Ensino Médio e Normal Médio o filme “A fuga das galinhas”: a partir disto, trabalhar alguns conceitos de Karl Marx presentes no filme, assim como fazer com que os alunos do Curso Normal Médio entendam o que é a sociologia, sua importância e como ela está presente em nosso dia-a-dia.

1.2 Listagem dos Conteúdos

- Exibir o filme “A fuga das Galinhas”;
- Como surgiu a sociologia;
- Quem foi Karl Marx e apresentar alguns de seus conceitos como ideologia, classe social e processo ou modo de produção.

1.3 Vivência do Cotidiano do Conteúdo

a. O que já sabem?

Que “A fuga das Galinhas” é um filme realizado em formato de desenho gráfico em que as galinhas tentam fugir de qualquer maneira do galinheiro; e também que a sociologia é uma disciplina existente na grade escolar.

b. O que os alunos gostariam de saber mais?

- De que forma um filme de animação gráfica como “A fuga das Galinhas” pode nos ajudar a entender realidade?
- O que é a sociologia?
- Quem foi Karl Marx?
- O que seus conceitos querem dizer e como eles são aplicados em nossa sociedade?

Estagiários do LENPES e estudantes no Colégio Estadual Altair Mongruel – 2008



2 Problematização

2.1 Discussão Sobre o Conteúdo

Como surgiu a sociologia?

Qual a importância dela?

Qual a influência da sociologia em nosso cotidiano?

Quem foi Karl Marx?

Qual é a importância de seus conceitos?

Como esses conceitos nos ajudam a entender o cotidiano?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Conceitual/científica:** Observamos o porquê do surgimento da sociologia, assim como dialogamos com um dos clássicos das ciências sociais: Karl Marx.
- **Social:** Entender a importância da sociologia, assim como estudar um dos clássicos das ciências sociais que é Karl Marx nos ajuda a entender melhor a sociedade e mundo em que vivemos.
- **Histórica:** Quando e porque surgiu a sociologia, qual a importância do pensamento de Karl Marx para as ciências sociais?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

Exibição do filme “A fuga das Galinhas”

Após o filme, buscamos com os alunos quais as impressões que tiveram, deixando-os manifestarem-se sobre o que acharam da obra, mostrando o que gostaram e o que não gostaram, assim como o que entenderam e o que não foi possível captar do filme.

Em dado momento levantar a questão se alguém sabe ou já ouviu falar sobre o que é a sociologia; a partir daí explicar para os alunos como e o porquê do surgimento dessa ciência, qual sua importância e como ela está presente em nosso dia-a-dia. Com isso em mente trabalhar um dos clássicos das ciências sociais de Karl Marx. Explicar quem foi e qual a importância de seus estudos, para que seja possível entender um pouco melhor nossa sociedade e o mundo em que vivemos. Em seqüência à aula, trabalhar juntamente com alunos, lembrar algumas cenas do filme para ajudar na explicação de o que é a sociologia, como ela surgiu e falar um pouco sobre um dos autores das ciências sociais, Karl Marx, exemplificando com alguns de seus conceitos (Ideologia, Classe Social e Processo ou Modo de Produção), o filme.

Por fim, com os alunos, identificar aspectos da teoria de Karl Marx na realidade social da qual eles estão inseridos, tornando assim possível que consigam fazer as conexões necessárias com ela.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Filme;

Aparelho de DVD;

Lousa;

Giz;

TV *pendrive*

3.2.1 Texto Didático

“A FUGA DAS GALINHAS” UM OLHAR SOCIOLÓGICO

Fernanda Galisteu Lourenção e Maurício Aleixo Fernandes

“Enquanto as galinhas da sinistra granja da Sra. Tweedy sonham com uma vida melhor, uma inteligente galinha chamada Ginger está tecendo planos para escapar voando da cooperativa - para sempre! O único problema é que as galinhas não podem voar... ou será que podem? Todas as tentativas de fuga acabam em ensopado de galinha até que um dia, Rocky, um galo persuasivo, aterrissa aos trambolhões na cooperativa. Não é nada fácil quando Rocky tenta ensinar a Ginger e suas amigas galináceas a voar... mas, com um trabalho de equipe, determinação e um pouco de sorte, o bando destemido trama uma última tentativa ousada em um lance espetacular para conseguir a liberdade! E começam a perceber que a única forma de fugirem deste galinheiro seria se organizando [...]” (Disponível em: http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=41).

Muitos são os olhares e percepções que podemos ter sobre este filme, que traz a tona ideias como a necessidade de planejamento e estabelecimento de objetivos e metas para a consecução algo desejado, a necessidade do trabalho em equipe, o respeito pelas ideias alheias e muitas outras interpretações. Aqui, trabalharemos a luz de um dos clássicos das ciências sociais, Karl Marx. Abordaremos alguns de seus conceitos de, forma sucinta, que ao longo do filme podem ser exemplificados. Mas, para isso, devemos antes ter em mente o que são as ciências sociais em especial, o que é a sociologia. Vejamos.

As Revoluções Industrial e Francesa do século XVIII, e as transformações nas relações de trabalho, economia e sociedade, constituem o ponto de partida para o nascimento da Sociologia, no século XIX. Era uma ciência voltada para a necessidade de entender a sociedade industrial, que desagregava valores seculares de propriedade de hierarquia, substituindo reis, nobres e senhores feudais por uma nova classe dominante formada por industriais, banqueiros e grandes comerciantes. Os antigos servos, presos à terra e à seus senhores dão lugar ao operário (denominado por Karl Marx de proletário). O tempo de convívio familiar e social foi modificado pela hora/trabalho. Essas modificações exigiam respostas eficientes, par tantas preocupações crescentes. Estudiosos na França (Augusto Comte e Emile Durkheim) e na Alemanha (Karl Marx e Max Weber) formularam os primeiros conceitos dessa ciência nova que era a sociologia. Vemos, portanto, que a sociologia é a ciência que estuda as sociedades, enquanto o indivíduo é estudado pela Psicologia. A Sociologia estuda os fenômenos que ocorrem quando vários indivíduos se encontram em grupos e interagem em seu interior.

O objetivo da sociologia é aumentar ao máximo possível o conhecimento sobre o homem e a sociedade, por meio da investigação empírica. Vemos, portanto, que a sociologia cumpre um papel fundamental em um mundo de mudanças e agitações sociais, pois ela permite entender melhor a sociedade em que vivemos e ajuda a entender melhor os fatos e processos sociais. Olhamos agora para um dos autores mais conhecidos das ciências sociais Karl Marx (1818-1883). Marx é um dos principais idealizadores dos conceitos e ideias de socialismo e comunismo. Seu objetivo não era apenas contribuir para o desenvolvimento da ciência, mas propor uma ampla transformação política, econômica e social.

Marx realizou teorias para explicar a vida social, a origem das sociedades, suas estruturas econômicas, sociais, políticas, ideológicas e os vínculos que mantêm entre si. O autor deu ênfase à análise das relações sociais no sistema capitalista. A teoria marxiana compõe-se de uma teoria científica (o materialismo histórico) e de uma filosófica (o materialismo dialético). Aqui trabalharemos um pouco com alguns conceitos presentes em sua teoria-conceitos estes como ideologia, classe social e modo de produção. Marx nos mostra o que seria o modo de produção; porém, para entendê-lo, devemos ter em mente outros conceitos, como o de força produtiva.

Marx propõe que todo processo produtivo combina meios de produção e força de trabalho. Ambas constituem as condições materiais de toda a produção. Sem o trabalho humano nada pode ser produzido e sem os meios de produção, o homem não pode trabalhar. Todo processo de trabalho implica em determinados objetos (matéria prima) e determinados instrumen-

tos (ferramentas ou máquinas). Os objetos ou instrumentos constituem os meios de produção. Já o modo de produção é um conceito (também abstrato, com os demais) para definir os estágios de desenvolvimento do sistema capitalista.

A produção é a forma de organização socioeconômica associada a uma determinada etapa de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção capitalistas. Reúne as características do trabalho preconizado, seja ele artesanal, manufaturado ou industrial. São constituídos pelo objeto sobre o qual se trabalha e por todos os meios de trabalho necessário à produção (ferramentas, máquinas, fábricas, etc.).

Sobre o que seriam as classes sociais, Marx trabalha com a ideia de que elas podem ser entendidas como grupos de pessoas unidas economicamente. Segundo a ótica marxiana, em toda sociedade, existe a classe dominante, que controla direta ou indiretamente o Estado e as classes dominadas por ela, reproduzidas inexoravelmente por uma estrutura social implantada por esses dominadores.

Segundo a visão de Karl Marx, a história da humanidade é a sucessão de lutas de classes, de forma que sempre que uma classe dominada passa a assumir o papel de classe dominante, surge em seu lugar uma nova classe dominada, e aquela impõe a sua estrutura social mais adequada para a perpetuação da exploração. Por fim, vemos que na perspectiva marxiana, a ideologia é um conceito que denota "falsa consciência", ou seja, uma crença mistificante que é socialmente determinada e que se presta a estabilizar a ordem social vigente em benefício das classes dominantes. Quando a ideologia da classe dominante sofre sérios abalos, devido ao surgimento de conflitos sociais (contradições), há riscos de ocorrer uma ruptura da ordem social vigente por um movimento revolucionário.

A FUGA DAS GALINHAS

Sinopse Do Filme – Durante a década de 50, numa granja, em Yorkshire, a galinha Ginger procura desesperadamente uma maneira de escapar ao fim trágico que os seus donos reservaram-lhe e a seus companheiros. Após várias tentativas mal sucedidas, "voando", surge no galinheiro o galo Rocky, com uma ambiciosa promessa: ensinar as galinhas a voar. Mas o tempo de Ginger e Rocky é muito curto: a família Tweedy, dona da granja, compram uma máquina que faz tortas de galinha e que rapidamente entrará em funcionamento e acabará com toda a população do local. Isso se o bravo Rocky não conseguir impedir. Mas ele o fará com a ajuda de todos os habitantes do galinheiro, inclusive os comedores de ovos, os nojentos ratos. (Diretor – Nick Park e Peter Lord)

REFÊRENCIAS:

- SELL, C.E. Sociologia clássica: Durkheim, Weber e Marx. Itajaí: Editora Univali, 2006.
- Quintaneiro. Tânia. Um Toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1995.
- BOTTOMORE, T. B Introdução à Sociologia, 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília, INL, 1973.
- MARX, Karl. ENGELS, F. O Capital. (Coleção Os Pensadores). 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

O aluno deve ter entendimento do que é a sociologia, como demonstrar domínio sobre os conceitos de ideologia, fetiche e classes sociais à luz de Karl Marx; também tenta entender a importância desses conceitos para obter melhor visão sobre nossa sociedade.

4.2 Expressão da Síntese

Os alunos serão avaliados pela participação em sala de aula e por questões levantadas oralmente durante as discussões.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Entendimento sobre a sociologia;
- Conhecimento sobre a importância da sociologia;
- Entendimento dos conceitos de Karl Marx como Ideologia, Classe Social e modo de produção;
- Identificar aspectos da teoria de Karl Marx na realidade social;

6 Análise dos Resultados

Esta aula foi ministrada na I Jornada de Humanidades do Colégio Altair Mongruel, na cidade de Ortigueira, para alunos da 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental. Inicialmente, trabalhamos com os alunos da 7ª série do período da manhã. A experiência foi a melhor possível. Todos os alunos participaram da aula e não houve problema de indisciplina. Os alunos par-

ticiparam da aula fazendo perguntas acerca do filme. Pessoalmente, não esperávamos esta reação dos alunos, já que muitos ali presentes em outra ocasião tiveram já a oportunidade de assisti-lo.

De modo geral, acreditamos ter atingido o objetivo, que era proporcionar aos alunos um olhar diferente do qual eles estavam acostumados a ver um filme, assim como apresentar-lhes um conceito, ou melhor, ministrar uma aula de forma diferente da que supúnhamos, eles estivessem acostumados.

Entendemos que o trabalhar de temas e conceitos sociológicos por meio de filmes (em especial este, um desenho animado) desperta o interesse dos alunos.

Ao utilizarmos algo lúdico atingimos nosso objetivo: que eles tivessem acesso ao pensamento de Karl Marx e descobrissem o que é a Sociologia. A partir da aula, ministrada com base no filme, demonstramos a eles como a Sociologia está presente em nosso cotidiano, muito mais do que pensamos estar. Já em relação à turma da tarde (6ª série), foi um pouco mais complicado. Não sabemos ao certo o porquê, mas tivemos que nos “adaptar”, de várias formas, aos imprevistos ocorridos durante a aula, como a falta de luz, que inúmeras vezes contribuiu para a desatenção dos alunos, assim como o desinteresse dos mesmos pela obra.

No final, buscamos neles as respostas para nossas dificuldades, já que a maioria havia assistido à película. Sugerimos que nos contassem o que acharam dela e suas apreensões sobre a mesma. A partir daí, conseguimos desenvolver uma aula, atingindo o nosso objetivo.

REFÊRENCIAS

- QUINTANEIRO, Tânia. Um Toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. BH. Ed. UFMG, 1995.
- TOMAZI, Nelson Dácio. Iniciação à Sociologia. SP, Atual; 1993
- BOTTOMORE, T. B Introdução à Sociologia, 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília, INL, 1973.
- PARK, N. e LORD, P. Chicken Run – A fuga das Galinhas, DreamWorks Distribuion LLC/UIP. Inglaterra, 2000.

Temática ÍNDÚSTRIA CULTURAL

Série: 1º e 2º anos do Ensino Médio

Wesley Piante Chotolli

I Prática Social

1.1 Objetivos

Definir para os alunos o conceito de indústria cultural, através de uma construção histórica, intentando que eles possam entender que este tipo de indústria não se concentra somente na produção de informações e costumes, mas que também supostamente operariam com uma ideologia manipuladora e capitalista Tal possibilitaria ao educando outro entendimento sobre o tema, com ênfase nos meios de comunicação. Também possibilitar que o aluno possa perceber algumas sutilezas dentro de seu contexto social, ou seja, de todas aquelas informações que lhe são transmitidas e qual o interesse nessa prática.

1.2 Listagem de Conteúdos

- Construir os conceitos de indústria e de cultura;
- Definir o conceito de indústria cultural;
- Apresentar os possíveis tipos de cultura (cultura erudita, popular e de massa);

I Jornada de Humanidades – 2008 - Viagem para Ortigueira



1.3 Vivência Cotidiana

a. O que já sabem?

Meios de comunicação, acesso a informação, globalização, empresas de mídia, criação de hábitos e de costumes.

b. O que os alunos gostariam de saber a mais?

O que se deve aprender com os meios de comunicação?

Como pensar criticamente a indústria cultural?

O que expõe a teoria da indústria cultural?

Existe uma cultura dita superior e uma cultura inferior?

Qual a finalidade das informações passadas pelos meios de comunicação?

2 Problematização

2.1 Discussão de Conteúdos

Como definir indústria cultural?

Quais os objetivos da indústria cultural?

Como surgiu a indústria cultural?

Qual a sua influência em nosso cotidiano?

Existe manipulação por parte dos meios de comunicação?

Qual o acesso a determinadas informações?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Científica:** o conteúdo é um dos temas da Sociologia.
- **Social:** até que ponto a indústria cultural exerce influência sobre nós?
- **Histórica:** quando surgiu e como surgiu a indústria cultural?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Desenvolver os conceitos de indústria e de cultura;
- Definir o que é indústria cultural através da construção anterior;
- Mostrar que não existe somente uma cultura, mas várias culturas e que esta é uma produção humana;
- Apresentar a visão autores sobre cultura e a noção de autores que dividem a cultura em cultura erudita, média e a de massa;
- Fazer a crítica a essa divisão e discutir os meios de comunicação, suas vantagens e desvantagens dentro desse sistema;
- Utilizar o filme “O show de Truman” (The Truman Show – Diretor Peter Weir) e a música “Televisão” de Arnaldo Antunes.

Recursos Humanos e Materiais

3.2.1 Texto didático

INDÚSTRIA CULTURAL

Wesley Piante Chotolli

Era muito comum, ao observar nossa realidade, a utilização do conceito de indústria cultural para justificar tudo aquilo que é produzido e vinculado à mídia, seja ela escrita, falada ou mesmo televisiva. Porém, o que é indústria cultural? Será que ela possibilita a realização de uma espécie de democratização da cultura? Ou, ao contrário, ela simplesmente banaliza tudo aquilo que é produzido? E mais, quais os interesses que estão "escondidos" nessa "transmissão do conhecimento"?

Essas são algumas questões que tentaremos analisar com a finalidade de entender a indústria cultural. No entanto, para tal, é necessário que se analise o desenvolvimento da sociedade capitalista, que deu início a esse processo. Para isso, torna-se essencial a construção de um panorama histórico da definição de alguns conceitos importantes para o tema.

Se utilizarmos as próprias palavras sobre o tema proposto, ou seja, indústria cultural, e analisarmos as mesmas de forma separada, porém dependente, é possível chegar a alguma conclusão? Possivelmente sim, e isso talvez possa servir para nos orientar nesta discussão.

O termo indústria é relativamente novo. Ele surge com a Revolução Industrial no decorrer do século XVIII. É necessário deixar claro que, possivelmente, anterior à essa revolução, teriam existido pequenas organizações semelhantes a ela, porém, em tamanho reduzido, que foram conceituadas de outras formas. Essa indústria que queremos exemplificar surge com a máquina a vapor, com a produção em larga escala, com a contratação de empregados e operários, o que será mais importante nessa análise, a reorganização da nossa sociedade, seja pela nova mentalidade que será produzida, seja pelos costumes originados.

E cultura, o que nos remete? A definição de cultura pode apresentar diversos significados. Porém, aqui será considerado que cultura é toda aquela produção de costumes, hábitos, crenças e mentalidades produzidas pelo homem. Portanto, dentro dessa ampla definição, o folclore, a moda, a música, entre outros, são exemplos de produção cultural.

Agora que sabemos o que significam tais termos, como podemos definir indústria cultural? A resposta ainda não pode ser dada se não fizermos uma análise da história da sociedade.

Como já vimos, a cultura é uma produção apenas humana. Agora, a cultura não é algo que apresenta os mesmos traços, em todas as sociedades. O que isso quer dizer? A cultura européia não é a mesma dos indígenas brasileiros, por exemplo, se considerarmos o período do descobrimento. Mas, e hoje, será que uma cultura pode influenciar outra? É nesse ponto que teremos um choque cultural.

Uma cultura possui traços específicos e característicos de um período e de uma mentalidade, o que em última análise, consiste na construção de seus símbolos e crenças. Quando se entra em contato com outra cultura, alguns traços podem ser incorporados, assim como símbolos, rituais e costumes. Agora, se ainda considerarmos o exemplo do descobrimento, a velocidade em que o contato dessas culturas acontecia, por mais que seja algo brutal, é relativamente lenta, devido às dificuldades de comunicação, locomoção etc.

Mas, quando esse quadro irá mudar?

Essa mudança acontece no ritmo de transformações da sociedade e terá como marco a Revolução Industrial. É com ela e com o processo de comercialização de mercadorias que acontecerá e se intensificará o processo de "globalização". Mas, mesmo assim, o que isso nos possibilita para entender melhor a indústria cultural? Com o desenvolvimento do capitalismo, a produção em larga escala, a necessidade de novos mercados consumidores, entre outros fatores, é necessário que se tenha uma produção mais e mais homogênea.

É com estas novas necessidades que surge uma das maiores invenções do homem, relativas ao processo da informação: o rádio. É com ele que se poderá ter acesso à informação de maneira rápida e dinâmica e, o mais importante, de maneira homogênea. Isso quer dizer que a informação recebida por você é a mesma que a do seu vizinho, seu amigo e as pessoas demais de um grupo social. Isso é o que se chama de *mass-mídia*, ou veículos de comunicação de massa.

Agora você poderia se indagar: e o jornal? E os livros? E as revistas, que são anteriores ao rádio, não seriam formadores de opinião?

Essa conclusão estaria correta porém, é necessário ter a noção de que a população ilustrada, letrada e que tinha acesso a estes meios era uma minoria. Portanto, com o rádio no século XX a informação e o controle ideológico seriam maiores.

Visto tudo isso e considerando que vivemos numa sociedade capitalista, o que acontece com a cultura? Ela tem o mesmo significado que tinha na época do descobrimento de nosso país?

A cultura, como qualquer outro aspecto da sociedade, torna-se uma mercadoria. Ela passa a ser vendida, produzida para um consumo em massa, ignorando os aspectos que definem os limites de cada cultura. O acesso à notícia é muito rápido. A notícia, a informação, os fatos que ocorrem em todo o planeta podem ser descobertos em questão de segundos. Os hábitos, a verdade, o que se deve ler, ouvir e vestir podem ser conduzidos, a partir do controle que a televisão possui em nossas vidas.

Agora, mesmo diante destes fatores, a cultura pode ser algo universal, globalizante, única? Esse processo ainda não aconteceu. Mas, elementos dessa "globalização" podem ser observados. No entanto, qual seria o objetivo de tal indústria cultural?

Com a obtida pelos meios de comunicação de massa, o que se oferece como cultura seriam produtos "desprovidos" de conteúdo crítico: isso seria uma reprodução da vida cotidiana apresentada de outra maneira, ou seja, de uma forma que o receptor não se reconheça naquilo a que é apresentado.

A sensação que temos é a de que a vida social é um prolongamento da obra assistida, com os mesmos tons, mesmos acordes e melodias. O que se tem são traços roubados da vida cotidiana e que não são estranhados pelo expectador, visto que aquilo pareça algo comum. E isto não acontece somente em filmes - as outras artes, sobretudo, a música, passam por esse processo também.

Em termos gerais, o que é oferecido como cultura pela sociedade capitalista, ancorada na indústria cultural, são informações desprovidas de conteúdo crítico, mas que agradam ao receptor, sem que o mesmo se reconheça na mensagem. É um processo de alienação, mascarado por uma produção que resgata aspectos de uma cultura erudita e as transforma em senso comum.

Portanto, através dessa breve discussão, espera-se que o leitor tenha entendido que a indústria cultural e os meios de comunicação de massa possuem interesses muito mais complexos do que somente a democratização da cultura, que, como vimos, possui um sentido diferente do que aquele que nos é passado. É necessário também entender que vivemos em uma sociedade capitalista, em que tudo é transformado em mercadoria. A cultura se torna uma mercadoria, bem como o acesso a ela se torna um bem precioso e poderoso.

3.2.2 Música

Televisão

Compositor: *Arnaldo Antunes/Marcelo Fromer/Tony Belotto*

A Televisão
Me deixou burro
Muito burro demais
Agora todas coisas
Que eu penso
Me parecem iguais

Oh! Cride, fala prá mãe
Que tudo que a antena captar
Meu coração captura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez
Criatura!

O sorvete me deixou gripado
Pelo resto da vida
E agora toda noite
Quando deito
É boa noite, querida....

Oh! Cride, fala prá mãe!...
A mãe diz prá eu fazer
Alguma coisa
Mas eu não faço nada
A luz do sol me incomoda
Então deixa

Oh! Cride, fala prá mãe
Que eu nunca li num livro
Que o espirro
Fosse um vírus sem cura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez
Criatura!
Oh! Cride, fala prá mãe!...

A cortina fechada
É que a televisão
Me deixou burro
Muito burro demais
E agora eu vivo
Dentro dessa jaula
Junto dos animais

A mãe diz prá eu fazer
Alguma coisa
Mas eu não faço nada
A luz do sol me incomoda
Então deixa
A cortina fechada

Oh! Cride, fala prá mãe
Que tudo que a antena captar
Meu coração captura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez
Criatura!
Oh! Cride, fala prá mãe...

É que a televisão
Me deixou burro
Muito burro demais
E agora eu vivo
Dentro dessa jaula
Junto dos animais...

3.2.3 Sinopse do Filme

O Show de Truman – The Truman Show

Diretor: Peter Weir

Sinopse: Pacato vendedor de seguros (Jim Carrey) tem sua vida virada de cabeça para baixo quando descobre que é o astro, desde que nasceu, de um show de televisão dedicado a acompanhar todos os passos de sua existência.⁸

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

O aluno deve demonstrar o domínio sobre o conceito de indústria cultural e as formas como essa indústria se apresenta. Além disso, aprender que a cultura é uma produção humana, e que este tipo de indústria surge para atender a algumas necessidades do homem. No entanto, essas necessidades seriam "mascaradas" por objetivos como o lucro e a alienação das pessoas por parte da indústria cultural.

4.2 Expressão da Síntese

Avaliar os alunos pela participação na aula e por perguntas orais, relacionando os recursos que foram utilizados com os conceitos apresentados.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

Críticas sobre a indústria cultural;
Percepção de que ela é um produto humano;
Compreensão dos objetivos dos meios de comunicação;
Nova postura prática.

6 Análise dos Resultados

Quando trabalhamos a idéia de indústria cultural, seja no ensino médio, seja no fundamental, várias questões surgem a respeito dos veículos de comunicação, da importância deles e da influência sobre nossas vidas. A discussão sobre tais fatores é o ponto de partida para nossas aulas. E por que? Porque, como isso faz parte do cotidiano do aluno, ele mesmo já tem definições e argumentações prontas.

⁸ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/sociedade-dos-poetas-mortos/sociedade-dos-poetas-mortos.asp>>. Acesso em 15/03/2009 às 11h34min.

A temática abordada seria conteúdo para uma unidade e não para uma aula; porém, de certa forma, conseguimos atingir aquilo que foi planejado durante a elaboração. E como fizemos isso? Para que a aula fugisse daquela tradicional, utilizamos os recursos que são possíveis para nós professores, ou seja, algo que está no cotidiano do aluno, que chame sua atenção: o vídeo e a música. No entanto, pensamos que esta atividade não deveria ser entendida como um prolongamento da vida cotidiana desse aluno. Deveríamos chocar o educando, fazer com que ele se auto questionasse a respeito de suas práticas. E para isso selecionamos o filme de Peter Weir, “O show de Truman”.

Este filme mostra a alienação de uma sociedade, um debate entre aquilo que é útil e aquilo que é fútil. E ainda contribui para uma discussão sobre propaganda, acesso a informações, manipulação da vida social, entre outros. O enfoque da nossa aula foi sobre televisão; a música do conjunto Titãs sobre este veículo de comunicação de massa veio a complementar a idéia passada pelo filme. Devido ao tempo, passamos trechos do filme. Talvez com outro planejamento, o filme pudesse ser passado em na íntegra.

Tínhamos em mente que, ao fazer a crítica à televisão e à sociedade em geral, os alunos questionassem suas práticas. E ainda, ao apontarmos questões aos educandos, estes pudessem perceber que vários programas que assistem no seu cotidiano nada mais são do que um prolongamento da sua vida social, an qual eles não se reconhecessem como personagens, mas tornassem esses personagens símbolos de suas vidas.

Uma dificuldade enfrentada foi como passar essa informação sem que o aluno considerasse uma ofensa. Para isso, salientamos que existem diversas contribuições que a indústria cultural e a televisão em si oferecem. A velocidade da informação, os programas que salientam a cultura de um povo, entre outros, foram dados como exemplos. O que tentam trabalhar foi a idéia de que a televisão não é um veículo que contém a verdade absoluta, mas uma ferramenta do cotidiano, que possui seus interesses mercadológicos, visto que é parte de empresas capitalistas.

Por ser um tema vasto, fizemos apenas a exposição do conceito de indústria cultural, mas não tratamos da temática em aspectos gerais. A sugestão que damos é de apresentar autores que estudam os meios de comunicação de massa e a utilização de outros recursos, como tiras de jornais. No entanto, acreditamos que o objetivo da aula foi atingido.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BELOTTO, Tony. *Televisão. Televisão - Titãs*, WEA Records, 1985.
- COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Filme: *O Show de Truman*. Direção: Peter Weir. Estúdio: Paramount Pictures, 1998.

Temática
GRÊMIO ESTUDANTIL

Séries: Ensino Médio

Micheli Souza da Silva

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Pretende-se, com esta aula, debater, junto aos alunos, a importância da organização política dos jovens a partir do Grêmios Estudantil, bem como a importância da participação política na vida do município.

1.2 Listagem dos Conteúdos

Grêmios;
Movimento Estudantil ao longo dos anos;
Organização política dos jovens;

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo:

a. O que já sabem?

Política é uma coisa chata. Eu ainda não voto, por isso não me preocupo com as questões sobre política. Políticos são todos corruptos. As decisões políticas não interferem na minha vida.

b. O que gostariam de saber a mais?

Política e politicagem são coisas diferentes? O que o Grêmios tem a ver com política? Como se pode interferir nas questões políticas sem votar?

Estagiários do LENPES – Casa do Pioneiro/UEL – 2008



2 Problematização

2.1 Discussões sobre o Conteúdo

Como participar das questões políticas do município? E da escola? Qual o papel do Grêmio e do Movimento Estudantil? Como as organizações estudantis podem interferir na pauta política? A política local impede ou inibe a participação do jovens na vida política do município? O que as leis prevêm quanto à organização política dos jovens nas escolas?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Histórica:** trajetória das organizações estudantis nos século XX no Brasil. Como os jovens se organizavam politicamente? O que aprendemos? Qual o acúmulo político dessas lutas? O que conquistamos nas últimas décadas? Quando o jovem entra na cena política nacional?
- **Política:** Qual a importância dos jovens para a vida política do país? Os movimentos políticos juvenis nas décadas de 1960 e 1980, respectivamente; a luta contra a ditadura e a luta pela redemocratização.
- **Social:** jovens na cena política. Como a juventude se organiza politicamente? A passagem das lutas por demandas exclusivamente educacionais e a relação com os Movimentos Sociais.
- **Direito:** quais as conquistas legais ao longo dos anos? As leis 7398/85, 8069/90, 7844/92 e 9394/96.

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

Antes de iniciar o debate, propor aos alunos que levantem quais as necessidades dos jovens em Ortigueira. Propor que façam o levantamento como: De que vocês precisam? Lazer? De que tipo? Pedir para que os alunos especifiquem, no exemplo "lazer", a que tipo de atividade especificamente eles se referem? Salas de teatro, cinema, quadras de esportes, piscinas, concertos musicais?

Listar o levantamento realizado pelos alunos. A partir do levantamento, iniciar o debate acerca das necessidades dos jovens e a quem cabe realizá-las, para que sejam atendidas tais necessidades. A partir desse levantamento, apontar o papel político do jovens ao longo da história e na atualidade.

Sugere-se que a exibição do vídeo da música "Até Quando" de *Gabriel, O pensador* problematize com os alunos algumas questões tratadas em sua letra e como nos posicionamos diante dos problemas no cotidiano, no caso, como forma de instigar a participação dos alunos.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Videoclipe da música "Até Quando" de Gabriel, O pensador;
Imagens (pré-selecionadas) históricas do Movimento Estudantil;
Debates;
Quadro.

3.2.1 Texto Didático

GRÊMIO ESTUDANTIL

Micheli Souza Da Silva

Durante as décadas de 1960 e 1970 no Brasil e no mundo, os holofotes estavam voltados para a juventude. Os jovens franceses iniciaram um movimento que, rapidamente, espalhou-se pelo globo. A juventude entrava em cena como protagonista de uma mudança que estaria por vir.

O legado que os jovens desse período deixaram é a lição de que política é coisa de gente nova, sim! Diante das problemáticas que estes jovens se depararam procuraram se organizar para questionar a ordem vigente e propuseram mudanças que julgavam ser melhores para eles. A grande passagem de demandas que estavam relacionadas a interesse dos jovens estudantes para demandas que abarcavam toda a população é o marco para a organização juvenil.

Hoje, acredita-se existir apatia política nos jovens em comparação aos das décadas de 1960 e 1970. Alguns autores apontam que não há apatia, mas uma nova forma de se organizar; que, na atualidade, os jovens se organizam por demandas mais voltadas à questões de cultura e de identidade. Neste momento, não nos cabe esse debate, mas pontuar que o número de jovens no Brasil tem aumentado, como eles têm se organizado politicamente e como pensam as questões políticas.

Assim como as décadas de 1960 e 1970, o espaço escolar também congrega um grande número de pessoas dessa faixa etária. Daí o interesse em saber como, no interior da escola, estes jovens agem politicamente. Seria isso possível?

Nas duas últimas décadas o país passou por mudanças políticas importantes e garantias legais para organização dos jovens no interior da escola. Se nas décadas em que o Brasil esteve sob o regime militar, era proibida qualquer organização estudantil, sindical, entre outras, as últimas décadas apontam uma possibilidade de a juventude, de novo, organizam-se politicamente na escola através dos Grêmios, Diretórios Centrais e entidades históricas que sobreviveram o referido período.

Ao longo da história, vimos a importância destas organizações na estrutura escolar, na medida em que estas passam a ser um espaço de formação política do jovens, o primeiro contato deles com uma organização capaz de agrupa-los grande número com objetivos comuns ou não, mas um espaço que possibilita o debate entre eles e que pretende ser democrática, pois na escola temos refletido o que está na sociedade, da mesma forma que hoje é possível identificar entre os jovens diversos grupos. O Grêmio possibilita o diálogo destes grupos distintos por demandas que são similares. Se a escola e mesmo a educação visam à formação de cidadãos ativos, que se formem então sujeitos políticos capazes de articular demandas, ler a realidade de forma a compreendê-la na sua totalidade, capazes de dialogar com grupos distintos, que se organizem politicamente para entender e questionar a sociedade ou mesmo a escola e seu modelo, entre outros; o Grêmio estudantil nos parece um caminho viável.

3.2.2 Poema

Analfabeto Político - Bertold Brecht - O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaios das empresas nacionais e multinacionais.

3.2.3 Música

Até Quando?

Composição: Gabriel o Pensador; Itaal Shur; Tiago Mocotó

Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve
Você pode e você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão, virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus sofreu
Num quer dizer que você tenha que sofrer
Até quando você vai ficar usando rédea

Rindo da própria tragédia?
Até quando você vai ficar usando rédea
Pobre, rico ou classe média?
Até quando você vai levar cascudo mudo?
Muda, muda essa postura
Até quando você vai ficando mudo?
Muda que o medo é um modo de fazer censura
(Refrão)

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ser saco de pancada?
(Repete refrão)

Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente
Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente
Você tenta ser contente, não vê que é revoltante
Você tá sem emprego e sua filha tá gestante
Você se faz de surdo, não vê que é absurdo
Você que é inocente foi preso em flagrante
É tudo flagrante
É tudo flagrante
(Refrão x2)

A polícia matou o estudante
Falou que era bandido, chamou de traficante
A justiça prendeu o pé-rapado
Soltou o deputado e absolveu os PM's de Vigário
(Refrão x2)

A polícia só existe pra manter você na lei
Lei do silêncio, lei do mais fraco:
Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
A programação existe pra manter você na frente
Na frente da TV, que é pra te entreter
Que pra você não ver que programado é você
Acordo num tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar
O cara me pede diploma, num tenho diploma, num pude estudar
E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado que eu saiba falar

Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá
Consigno emprego, começo o emprego, me mato de tanto ralar
Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra raciocinar
Não peço arrego mas na hora que chego só fico no mesmo lugar
Brinquedo que o filho me pede num tenho dinheiro pra dar
Escola, esmola
Favela, cadeia
Sem terra, enterra
Sem renda, se renda. Não, não
(Refrão ×2)

Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente
A gente muda o mundo na mudança da mente
E quando a mente muda a gente anda pra frente
E quando a gente manda ninguém manda na gente
Na mudança de atitude não há mal que não se mude
nem doença sem cura
Na mudança de postura a gente fica mais seguro
Na mudança do presente a gente molda o futuro
(Refrão)

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

Ao longo da história, pudemos perceber que os jovens exerceram um papel fundamental diante das questões políticas; porém, para que isto se realizasse foi necessário que eles se organizassem em torno de necessidades que em muitos casos, eram primordialmente questões ligadas à educação e à demandas que só interessavam à eles mesmos. Durante todo o processo, os jovens perceberam que as questões estavam para além desses problemas e que seria possível uma organização política para propiciar mudanças. O Brasil tem um número significativo de jovens que muitas vezes não participa da vida política de suas cidades e mesmo do país, por acreditarem que isso se trata de questões que está longe deles. É importante entender a política como algo que faz parte do cotidiano. A escola pode ser um pólo de educação política de participação, o Grêmios Estudantil pode constituir uma ponte entre as necessidades mais imediatas da faixa etária em jogo, no que se refere ao interior escolar e às necessidades mais gerais da juventude.

4.2 Expressão da Síntese

A partir do texto de Brecht descrever qual a importância e relevância da organização dos jovens em torno da questão política. Como as organizações estudantis podem interferir na política? Comente.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Compreensão do Movimento Estudantil como movimento político;
- O papel político dos Grêmios e a atividade na escola;
- A participação política dos jovens em momentos históricos específicos e seu papel fundamental para o processo de mudança que se seguiu.

6 Análise dos Resultados

Durante o desenvolvimento das aulas os alunos demonstraram uma inquietação no que se refere ao tema **política**.

Quando propusemos aos alunos o levantamento das necessidades da juventude em Ortigueira, foi importante anotar e montar um quadro na lousa, ficando visível as inúmeras necessidades dos alunos. A partir daí, debatemos acerca das responsabilidades políticas.

Pareceu-nos importante fazer um breve resgate das lutas históricas nas quais os jovens tiveram um papel importante: na França em 1968, no Brasil, durante o regime militar, as lutas históricas das entidades estudantis, os “cara-pintadas” do “Fora Collor”, bem como as invasões e ocupações mais recentes dos estudantes por todo o país durante o ano de 2007.

Com estes levantamentos, foi possível demonstrar como, ao longo da história os jovens participam da cena política mundial e no Brasil

A música “Até quando” gerou certo desconforto nos alunos, que pareceram incomodados com a forma incisiva com que o cantor repete inúmeras vezes a pergunta “Até quando?”. Em alguns momentos os alunos não se identificavam com os questionamentos colocados pela canção mas, a partir da leitura do texto de Brecht, perceberam que, muitas vezes, não nos mobilizamos politicamente e que este pode ser um caminho possível para a resolução de alguns problemas com que nos deparamos.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, João. Estudantes e Trabalhadores no Maio de 68. *Lutas Sociais*. São Paulo, SP: NEILS, Julho 2008 (nº19/20)
- BRASIL. Lei nº7398 de 4 de novembro de 1985. Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7398.htm>. Acessado em 24 mar. 2009.
- BRASIL. Lei nº8069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acessado em 14 mar. 2009.
- BRASIL. Lei Estadual nº7844 de 13 de maio de 1992. Assegura a estudantes o direito ao pagamento de meia-entrada em espetáculo esportivos e culturais e de lazer e dá providencias correlatas. Disponível em <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/docs/LE%207844-92.pdf>>. Acessado em 14 de mar. 2009.
- BRASIL. Lei 9394 de 20 de novembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acessado em 14 de mar 2009.
- CASTRO, Mary Garcia. *Juventude e participação no Brasil: re-acessando debates*. *Cadernos Adenauer*. Rio de Janeiro. ano VIII, v.2, 2007, p.85-109.
- Danilo Bueno. Assembléia dos estudantes de graduação da Universidade São Paulo. 2007. 320 x 240 pixels. Disponível em <http://www.eca.usp.br/njr/inf_67_assembleia_estudantes_ocupacao_reitoria.jpg>. Acessado em 19 de mar 2009.
- DEMO, Pedro. *Pobreza Política*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1996 (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 27)
- DALLARI, Dalmo de Abrel. *O que é participação política?* São Paulo, SP: Brasiliense, 1984
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FRIEDEBURG, L. V., HABERMANS, J., OEHLER, CH., WEITZ, F. O comportamento político dos estudantes comparado ao da população em geral. In: *Sociologia da Juventude II: para uma Sociologia diferencial*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1968



I Gincana Cultural no CEAM - 2008

Temática

MEMÓRIA DO TRABALHO

Série: Ensino Médio

Graziele Maria Freire

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Demonstrar ao aluno sua capacidade de interpretação da realidade local vivida por ele, bem como desnaturalizar alguns conceitos pré-estabelecidos sobre memória, trabalho e escola, possibilitando-lhe uma compreensão frente às relações sociais desiguais de trabalho. Possibilitar um conhecimento a respeito do conceito de memória do trabalho, estimulando uma reflexão crítica e um estranhamento em relação aos já estabelecidos

sobre o tema, para que os alunos possam interpretar a realidade local, conhecendo e reconhecendo a memória coletiva da região e do município. Conhecer os diversos tipos de ocupações que existem no município, assim como as oportunidades de emprego da região, constituindo reflexão a respeito da posição social das pessoas nas relações de trabalho, a fim de reconhecer os conflitos dessas relações vividas pelos alunos, para que possam compreender as suas práticas e ações cotidianas, realizando reflexões críticas acerca de suas realidades sociais.

1.2 Listagem de Conteúdos

a. O que é memória:

Memória: identidade;

Memória individual × memória coletiva;

Memória: poder (memória subterrânea);

b. Reconstituição da memória do trabalho no município

- Os diversos tipos de trabalhos;
- Oportunidades de trabalho;
- Emprego e desemprego;
- Escola: Os trabalhos na escola: o do professor, o administrativo, o das merendeiras, o de seus pais, os seus próprios;

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

- O que já sabem sobre o tema;
- Memória de trabalhos que já existiram no município;
- Os trabalhos que eles conhecem: memória do trabalho em olaria, memória do trabalho no garimpo;
- As oportunidades de trabalho que existem no município;
- A identificação das oportunidades de emprego e as contradições do mundo do trabalho: desempregos;
- O que gostariam de saber a mais;
- O que vocês conhecem sobre os trabalhos do município?
- Qual a reconstituição da memória do trabalho?
- Quais desigualdades nas relações de trabalho?
- Como ocorre a desigualdade salarial, a desigualdade de oportunidade de emprego e a desigualdade de gênero, no mundo do trabalho;

2 Problematização

2.1 Discussões sobre o Conteúdo

- O que vocês compreendem por memória?
- Por que algumas memórias são silenciadas?
- Os sujeitos podem compartilhar memória ou a memória é individual?
- Quais as oportunidades de emprego que existe no município?
- O que vocês conhecem sobre os trabalhos do município?
- Vocês conseguem identificar os diferentes tipos de memória do trabalho do município?
Como será que estes tipos de trabalhos eram realizados e como foram construídos ao longo do tempo?
- Todos devem ganhar o mesmo salário?
- As mulheres ganham o mesmo que os homens?
- O que vocês pesam sobre o mundo do trabalho?

2.2 Dimensões de Conteúdo

- **Conceitual:** o que é memória individual e memória coletiva, a memória subterrânea. A memória do trabalho enquanto um referencial de identidade entre os sujeitos, compreendendo que seu reconhecimento possibilita uma reflexão sobre o “mundo do trabalho”;
- **Social:** questionando de que maneira ou até que ponto os sujeitos de diferentes posições sociais guardam a mesma memória do trabalho, ou como ocorre o processo de seleção de memórias sociais;
- **Cultural:** quais as memórias do trabalho que aparecem no cotidiano;
- **Política:** quais as memórias sejam do trabalho ou não, que nos são possibilitadas na vida cotidiana, ou até que ponto há um levantamento das memórias silenciadas;

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didáticas Pedagógicas

No começo da aula haverá uma apresentação do tema proposto, assim como do objetivo geral, relacionando já nesse momento a prática social inicial. Conhecer o que os alunos já sabem sobre o tema e o que gostariam de saber a mais; escrever no quadro os conceitos ou elementos que os alunos apresentarem.

Nesse contexto, perguntar algumas questões da fase de problematização na intenção de construir um conhecimento e abrir para um debate

informativo dos conceitos das fases: a) o que é memória, b) Reconstituição da memória do trabalho do município, apresentando nesse momento os conteúdos de cada conceito.

Serão apresentadas algumas fotos sobre “Memória do Trabalho” da Gincana Cultural do Colégio Estadual Altair Mongruel, em 21 de maio de 2008, articulando as duas fases da aula. Pretendo apresentar na “fase b” uma música que trata do conceito de trabalho e as diversas formas de desigualdades sociais nas relações de trabalho, entre elas as formas de ocupação da mulher, do homem e da criança.

Em seguida, abrir debate relacionando a fase de problematização com a prática social inicial, esclarecendo o que podemos compreender a respeito dos conceitos estudados, debatidos e analisados durante a aula. A proposta de atividade é entregar algumas questões para os alunos sobre o “mundo do trabalho”; nesse momento, a turma se dividirá em grupos para responder e refletir a respeito das questões - isso em um tempo determinado; depois cada grupo apresentará as idéias, os conceitos e as questões, debatidas para toda a turma.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

TV *pendrive*;
Folha de papel sulfite;
Rádio;

3.2.1 Texto Didático

EMPREGO E DESEMPREGO

Grazielle Maria Freire

Texto didático a partir da adaptação do texto: “*Emprego e Desemprego*”, encontrado em: MAZZEU, Francisco José de Carvalho; DEMARCO, Diogo Joel (Coordenação do Projeto). *Emprego e Trabalho*. – São Paulo: Unitrabalho- Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho, 2007. (Coleção Caderno EJA).

Emprego: é a função e a condição das pessoas que trabalham, em caráter geral temporário ou permanente, em qualquer tipo de atividade econômica.

Desemprego: entende-se a condição ou a situação das pessoas excluídas na faixa das “idades ativas” (em geral, entre 14 e 65 anos), que estejam, por determinado prazo, sem realizar trabalho em qualquer tipo de atividade econômica.

Desemprego na América Latina

O potencial de mão-de-obra no continente latino-americano está longe de seu pleno aproveitamento. Na economia agropecuária há um desemprego disfarçado, difícil de calcular em termos estatísticos. Como nessa região do mundo coexistem formas de exploração da terra em regime semifeudal e pré-capitalista, ocorre também o subemprego rural, decorrente da concentração da propriedade da terra.

Calcula-se de 25% a 30% o potencial de trabalho perdido por meio do desemprego e do subemprego.

A taxa de crescimento demográfico, bastante alta nos países menos desenvolvidos, não é a principal causa de subutilização da força de trabalho. O problema se deve basicamente aos graves desequilíbrios e inadequações nos sistemas econômicos e sociais, entre eles a má distribuição de renda.

Desemprego no Brasil

O Brasil tem 7,6 milhões de desempregados, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1999 (PNAD-1999). Ele fica em terceiro lugar em número de desempregados no mundo. Acima dele está a Índia, com quase 40 milhões, e a Rússia, com 9,1 milhões, segundo cálculos feitos pelo economista Márcio Pochmann, da Unicamp. Em agosto de 2000, a taxa média de desemprego foi de 7,15%. Esse cálculo é feito pela Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE nas seis principais metrópoles do país (São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife) e serve como indicativo da taxa global do Brasil.

Esse problema se agrava ao longo da década de 1990. A taxa de desemprego, que era de 4,03% em agosto de 1991, chega a 7,80% em agosto de 1998. Nos primeiros oito meses de 2000, a taxa é em média de 7,65%.

O fator que mais contribui para o aumento do desemprego é o baixo ritmo de crescimento econômico do país. No período 1991-1999, a taxa média anual de incremento do PIB (Produto Interno Bruto) é de apenas 2,5%. Com isso, menos oportunidades de emprego são criadas. As crises externas, como o ataque especulativo na Ásia, em 1997, e a moratória da Federação Russa, em 1998, também contribuem para o crescimento lento da economia brasileira.

3.2.2 Músicas

Pedro Pedreiro⁹

Chico Buarque

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém
Pedro pedreiro fica assim pensando
Assim pensando o tempo passa e a gente vai ficando prá trás
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol esperando o trem, esperando aumento desde o ano passado para o mês que vem
Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém
Pedro pedreiro espera o carnaval

E a sorte grande do bilhete pela federal todo mês
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol
Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem
Esperando a festa, esperando a sorte
E a mulher de Pedro, esperando um filho prá esperar também

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém
Pedro pedreiro tá esperando a morte
Ou esperando o dia de voltar pro Norte
Pedro não sabe mas talvez no fundo espere alguma coisa mais linda que o mundo
Maior do que o mar, mas prá que sonhar se dá o desespero de esperar demais
Pedro pedreiro quer voltar atrás, quer ser pedreiro pobre e nada mais, sem ficar
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol
Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem
Esperando um filho prá esperar também
Esperando a festa, esperando a sorte, esperando a morte, esperando o Norte
Esperando o dia de esperar ninguém, esperando enfim, nada mais além
Da esperança aflita, bendita, infinita do apito de um trem
Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando o trem
Que já vem... (6x)

⁹ Letra disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em: 27 de setembro de 2008, às 14h01min

Supertrabalhador¹⁰

Gabriel, O Pensador

Quem trabalha e mata fome não come o pão de ninguém
Mas quem come e não trabalha tá comendo o pão de alguém (BIS)
É pra ganhar o pão tem que trabalhar
Missão para os heróis que estão dentro do seu lar
O seu pai, sua mãe, são trabalhadores
São os super-heróis, verdadeiros protetores
A superjornalista, o superdoutor
O supermotorista, o supertrocador
O superguitarrista, o superprodutor
E a superprofessora, é que me ensinou
E o supercarteiro, quê que faz, quê que faz?
Manda carta e manda conta pra mamãe e pro papai
E o supergari, o lixeiro, o quê que faz?
Bota o lixo no lixo que aqui tem lixo demais
Cada um faz o que sabe, cada uma sabe o que faz
Ninguém menos ninguém mais, todo mundo corre atrás
E volta pra casa com saudade do filho
Enfrentando o desafio, desviando do gatilho
Mais uma jornada, adivinha quem chegou?
São as aventuras do supertrabalhador

*Sou o supertrabalhador
Alimento minha família com orgulho e amor
Supertrabalhador
São as aventuras do supertrabalhador
Sou o Supertrabalhador
Enfrento os desafios, o perigo que for
Supertrabalhador
São as aventuras do Supertrabalhador
Demorou*

E pra fazer o pão tem que colher o grão
Separar o joio do trigo na plantação
O superlavrador falou com o agricultor,
Que sabe que precisa também do motorista do trator
na cidade, o engenheiro precisa di pedreiro
Mas pra fazer o prédio tem que desenhar primeiro
O sonho do arquiteto, bonito no projeto, virando concreto
Vai virando o concreto!

Quero ser trabalhador, quem não é um dia quis
Minha mãe sempre falou: "Quem trabalha é mais feliz"
Mas tem que suar pra ganhar o pão
E ainda tem que enfrentar o leão
O leão quer morder nosso pão
Cuidado com o leão, que ele come o nosso pão
O leão quer morder nosso pão
Cuidado com o leão, não dá mole não
Supertrabalhador

¹⁰ Letra disponível em: <<http://letras-terra-com-br>>. Acesso em: 27 de setembro de 2008, às 14h35min

Taxista, motoboy, assistente, diretor	Maquinista, sambista, surfista,
Supertrabalhador	historiador
Pipoqueiro, pedagogo, poteiro,	Supertrabalhador
pesquisador	Marceneiro, carpinteiro, ferreiro,
Supertrabalhador	minerador
Ambulante, feirante, astronauta,	Supertrabalhador
ilustrador	Telefonista, salva-vidas, bombeiro,
Supertrabalhador	mergulhador
Comandante, comissário, caixa,	Supertrabalhador
vendedor	Pára-quedista, arqueólogo, filósofo,
Supertrabalhador	pintor
Cozinheiro, garçon, bibliotecário,	Supertrabalhador
escritor	Sapateiro, boiadeiro, farmacêutico,
Supertrabalhador	cantor
	Súper

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

- Existem memórias individuais e coletivas;
- Guardamos uma memória e não outra porque a memória é seletiva;
- A maneira como selecionamos a nossa memória faz parte de nossa identidade;
- A memória pode ser compartilhada entre grupos de indivíduos;
- Existe na escola o trabalho do professor (a), administração, direção, manutenção, e no município existem os trabalhos de olarias, dos garimpos, trabalho rural, trabalho artesanal ou indígena, etc.;
- As relações de trabalho são desiguais, existe um conflito social nas relações de produção, entre eles o salário;
- As mulheres, em nível geral, não ganham o mesmo que os homens;

4.2 Expressão da Síntese

Em grupo os alunos realizaram um debate respondendo algumas questões sobre o “mundo do trabalho”; essas questões envolvem conceitos, conteúdos e análises debatidos e refletidos durante a aula.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Prática Social

- Compreender a noção de memória individual e coletiva;
- Compreender e refletir sobre as relações desiguais no mundo do trabalho;
- Analisar o processo exclusão e inclusão nas relações de trabalho;
- Refletir sobre a memória oficial de trabalho do município;
- Desnaturalizar os preconceitos sobre o desemprego;

6 Análise dos Resultados

Já no começo, os alunos foram motivados a dar exemplos de trabalhos praticados no município de Ortigueira. Enquanto falavam, eram descritos no quadro os exemplos de algumas profissões.

A *prática social inicial* proposta no plano de aula para o Ensino Médio é pensada para construir um ponto de referência para o desenvolvimento das aulas. Por isso, foi importante que permanecessem durante todas as aulas os exemplos de memória do trabalho no quadro, pois no processo de *problematização* os alunos identificavam as ocupações que já existiam no começo do município e falavam sobre as contradições e oportunidades do “mundo do trabalho”.

Quando o plano de aula foi elaborado, esperava-se que conceitos como desigualdade, globalização, tecnologia etc, aparecessem a partir da fase de *problematização*, quase chegando à fase de *catarse*; todavia, esses conceitos apareceram em muitas aulas logo no começo.

Na fase de *problematização*, constituiu-se um processo de reflexão sobre os exemplos mencionados pelos alunos, desnaturalizando os pré-concebidos, como é caso da relação que fizeram entre desemprego e falta de vontade de trabalhar.

Outro assunto freqüente nas aulas foi a questão do desenvolvimento tecnológico contemporâneo. Enquanto analisavam esse fenômeno, narravam a preocupação com a constante cobrança da necessidade de especialização da mão-de-obra.

Também na fase de *problematização* houve a apresentação na “TV *pen-drive*” de fotos selecionadas sobre “Memória do Trabalho” - fotos adquiridas na Gincana Cultural. Muitos alunos conheciam as profissões expostas nas fotografias, como é o caso das olarias e do trabalho agrícola. Todavia, poucos identificavam as práticas do garimpo, ou àqueles ligados à informática.

Nenhuma turma do Ensino Médio realizou a atividade em grupo proposta no plano de aula, os alunos preferiram escrever individualmente seus textos. A maioria entendeu o texto didático sugerido: poucos tiveram dú-

vidas sobre conceitos. Esse texto didático auxiliou-lhes na hora de desenvolvimento de seus textos e a relatar os exemplos dados durante as aulas, assim como as canções de Gabriel Pensador e de Chico Buarque. Os alunos gostaram delas; porém, a maioria não conhecia as letras e acabam sugerindo outras, até mais próximas de sua realidade social.

A fase da catarse começou a ser desenvolvida nas aulas. Percebeu-se que no final os alunos tinham novos comentários, conteúdos e concepções sobre “emprego e desemprego”; muitos refletiam sobre os conteúdos e acabavam entendendo o contexto do tema “Memória e Trabalho”. Percebe-se também através, dos textos produzidos e entregues por eles, que a fase da catarse foi um momento de reavaliar todo conjunto das aulas construídas.

De um modo geral, as aulas no Ensino Médio, assim como as dos outros ensinos, possibilitaram não só uma aproximação maior com a realidade do município, como também me permitiu desenvolver um processo de análise sociológica a partir dos processos de ensino construídos com os alunos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- . Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HALL, Stuart. A Identidade na Pós- Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MARTINS, Jose de Souza. "História e Memória". *A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MARX, Karl. Para a crítica da Economia Política; Salário Preço e Lucro; O Rendimento e suas Fontes: a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas).
- MAGNANI, Jose G. Cantor. Patrimônio Cultural. Curitiba: Secretária de Estado da Cultura e do Esporte, 1985.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. São Paulo: Estudos Históricos, 1989.

Temática
DESIGUALDADE SOCIAL

Série: Ensino Médio e Normal Médio

Nataly Nunes

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Criar condições para que os alunos do Ensino Médio entendam ou elaborem indagações acerca da pobreza, violência e exclusão social existente no Brasil. Propiciar a percepção de que essas questões não fazem parte, apenas, de suas vivências individuais. Demonstrar que práticas políticas e econômicas, mesmo em momentos de crescimento econômico, reproduzem as desigualdades, ao mesmo tempo em que falseiam a realidade (ao considerar que todos os setores da sociedade se beneficiam do crescimento econômico).

1.2 Listagem de Conteúdos

- A desigualdade no Brasil ao longo da história (Romero e Cunha);
- Brasil, um país desigual e não um país pobre.
- Governo FHC: plano real
- Pobreza: crescimento econômico × desigualdade.

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a) O que já sabem?

Desigualdade, violência, pobreza, fome, riqueza, preconceito, desemprego, países ricos e países pobres, escravidão, colonização, concentração de renda, crescimento econômico, PIB, renda *per capita*, governo.

b) O que gostariam de saber a mais?

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo? Quais as origens da desigualdade e por que ela existe? A desigualdade social está relacionada com a história do país? Por que o Brasil é tão desigual? O crescimento econômico é suficiente para reduzir a pobreza? Qual a relação entre desigualdade, pobreza e crescimento econômico? O que poderia ser feito para diminuir a desigualdade? O que os governantes têm feito? Quais as consequências da política econômica atual? Quais os efeitos da desigualdade social? O que é renda *per capita* e PIB? Qual a relação entre os dois?

2 Problemática

2.1 Discussão sobre Conteúdo

Qual a relação que existe entre a história do país e a desigualdade presente na atualidade? Que fatos ou característica da história estão relacionados com as injustiças sociais presentes hoje? Por que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo? Há culpados por existir tanta concentração de renda em nosso país? Quem seriam? O Brasil é tão pobre quanto é desigual? O crescimento econômico é fundamental para a diminuição da desigualdade? Alguma coisa mudou com Plano Real? Primeiro combate-se a pobreza ou a desigualdade? Quanto maior o PIB menor a desigualdade? Quais as consequências da desigualdade social? Qual parcela da população sofre mais com isto? Quais os efeitos da política econômica recente?

2.2 Dimensões dos Conteúdos

- **Histórica:** A colonização do Brasil já revela elementos responsáveis pela desigualdade?
- **Social:** o Brasil é pobre ou é um país que concentra a renda?
- **Econômica:** O crescimento econômico consegue reduzir o número de pobres no Brasil?
- **Política:** A maneira como os governantes conduziram/conduzem o Brasil está de alguma forma relacionada com a desigualdade social?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

Mostra do documentário Ilha das Flores;
Pedir para que os alunos comentem o que viram;
Explicação do professor;
Leitura e discussão do texto didático;
Dinâmica em grupo;
Escrever um comentário individual sobre as dimensões trabalhadas;

3.2 Recursos Humanos e Materiais

TV pendrive
Texto didático
Folha de papel sulfite
Envelope A4
Lápis de cor

3.2.1 Texto Didático

DESIGUALDADE SOCIAL

Nataly Nunes

O QUE É DESIGUALDADE SOCIAL?

“O elemento definidor, por excelência, da concentração de renda de um país está no modo de distribuição entre os dois pontos extremos de uma dada sociedade” (REZENDE, 2001, p.44). Isso implica dizer que enquanto poucos recebem muito, muitos ganham pouco. Por exemplo, no Brasil os 10% mais ricos detêm cerca de 50% do total da renda e os 50% mais pobres detêm 10% da renda total. Esta renda é o PIB (Produto Interno Bruto), ou seja, os rendimentos do país provenientes, principalmente, da agropecuária, indústrias e serviços. O PIB é dividido pela população do Brasil, resultando a renda *per capita*.

Existe um elevado grau de concentração de renda, o que implica também em concentração de oportunidades de vida. Isto resulta na desigualdade social, pois as enormes diferenças nos salários resultam em diferentes acessos à educação, à saúde, trabalho, moradia, alimentação, transporte e lazer.

É importante questionar: quem são as pessoas que sofrem as consequências da desigualdade social?

“É preciso tentar visualizar estas pessoas, o que não é absolutamente difícil, basta sair às ruas e/ou tomar conhecimento do que se passa no interior do país, ou seja, no campo e nas cidades. Nas regiões metropolitanas, os sem-teto, os favelados, os sem-emprego, os catadores de papel [...]. Os acampamentos dos sem-terra, espalhados por todo o país, também podem ser tomados como uma amostra do contingente populacional que vive em condições de vida absolutamente precárias” (REZENDE, 2001, p.49).

I Jornada de Humanidades 30 e 31/10/08 – Apresentação cultural dos alunos.



EXISTE DESIGUALDADE NO BRASIL? DESDE QUANDO?

Na sociedade brasileira estas desigualdades existem e não são atuais, pois desde que os portugueses iniciaram a chamada colonização em 1.500, existia o objetivo de explorar as riquezas naturais e as pessoas e de concentrar riquezas.

Com isto, os primeiros pensadores sociais da realidade brasileira, desde o século XIX (1801 em diante), já traziam elementos que revelavam a existência das desigualdades, pobreza e violência como herança da história, herança da colonização. Assim, o Brasil se ergueu e foi formado em condições que potencializaram a exclusão social. Com isto, “buscar os elementos constituidores desta sociedade sem se ater às condições de desigualdade e violência, por exemplo, é algo impossível, já que as mesmas são as bases sobre as quais se erguem a nação” (REZENDE, 2002, p.74). Compreender as desigualdades são essenciais para se compreender a formação do Brasil.

MAS QUEM ERAM ESTES PENSADORES????

Silvio Romero (1888) marca a primeira fase da sociologia no Brasil e desde então já revela que as condições sociais (escravidão) e econômicas (latifúndio, monocultura e trabalho escravo) estabelecidas na colônia, fixaram as desigualdades no país. Além de constar que a economia do Brasil colônia não gerava meios de sobrevivência para a maioria da população, Silvio Romero afirmava que as condições sociais e políticas da colônia beneficiavam os latifundiários e o governo.

Euclides da Cunha também revelava aspectos que geravam a desigualdade. Para ele, a mineração (1665 -1800), foi fundamental para elevar a miséria e a pobreza, pois houve uma mistura: o ouro e a escravidão, ou seja, a riqueza de um lado e de outro a pobreza, um exemplo revelador da desigualdade econômica e social. Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, de 1902, relatou minuciosamente o movimento de Canudos (1893 -1897). Este movimento revelava as condições de miséria, pobreza e desigualdade em que se encontravam grande parte da população brasileira. A atitude dos governantes em relação ao movimento foi de abafar, silenciar e exterminar os integrantes.

Temos, então, que a desigualdade econômica e social como também o descaso por esta questão, não é particular à nossa época, como também não é um caso específico de algumas cidades ou estados - é um processo que marca a história do Brasil, presente em toda nossa sociedade.

O QUE ACONTECEU NO GOVERNO FHC ????

Para compreender melhor estas questões, vamos tratar de um dos momentos da nossa história, que é o da permanência da desigualdade no Governo FHC (compreende o período que vai de 1995 a 2002). Trata-se de um debate bem mais atual, cujas mudanças ocorridas continuam presentes até hoje, como o caso do Plano Real.

Este período é interessante para compreender a permanência da desigualdade, pois, ao mesmo tempo em que o Plano Real favoreceu o crescimento econômico, não conseguiu minimizar a desigualdade econômica e social. O Brasil continua sendo um país com a renda concentrada, possui a de muitos pobres, mas não é um país pobre: 64% dos países do mundo têm renda *per capita* inferior à nossa. Mesmo assim, é o terceiro país mais desigual.

Tem-se, então, que mesmo que o Brasil cresça e se desenvolva economicamente, como ocorreu em alguns momentos do Governo FHC, não será o suficiente para diminuição da pobreza, pois as riquezas vão continuar concentradas nas mãos de poucos.

O QUE FAZER PARA REDUZIR A DESIGUALDADE?

“A combinação de indicadores de renda, de educação, de infância, de habitação e de longevidade tem sido a tendência de organismos internacionais [...] para classificar as desigualdades sociais” (REZENDE, 2001, p.48). Em função disso é que não se deve associar a diminuição nos índices de desigualdade somente ao crescimento econômico; deve haver uma melhor distribuição de renda, ou seja, diminuição das desigualdades criando oportunidades através da educação, por exemplo. Muitos estudos demonstram que o desenvolvimento econômico é importante, mas não dá para deixar de lado investimentos na educação, na saúde e emprego, como forma de criar oportunidades para os mais pobres.

Tem-se que, no Brasil, o combate à desigualdade econômica e social é fundamental para diminuição da pobreza (entendo a pobreza como insuficiência de renda que não permite o acesso adequado às condições mínimas de sobrevivência como alimentação, moradia, saúde, educação e trabalho).

Durante o Governo FHC deveria existir, junto ao crescimento econômico, políticas sociais redistributivas. O governo deveria gastar mais em áreas que as pessoas mais pobres precisam, pois desta maneira estaria contribuindo para redução das desigualdades, criando oportunidades para os menos privilegiados.

O QUE TEM A VER O "NEOLIBERALISMO"?

Mas como algumas medidas da política adotada pelo Governo FHC estiveram relacionadas com o "neoliberalismo", os gastos sociais não tiveram a mesma prioridade que a estabilização da economia. Na política "neoliberal", o Estado cada vez mais se afasta dos programas de distribuição de renda, não investe com a educação, saúde e trabalho como deveria, pois prefere o crescimento econômico e o pagamento, em parte, da dívida externa.

Seguindo o que vem se repetindo na história, com o Plano Real nada mudou para a grande maioria dos brasileiros, a concentração de renda e de oportunidades permaneceu nas mãos de poucos. A história se repete no Brasil, mudam-se os governantes, mas a política não muda. O país pode até crescer economicamente em alguns momentos, mas a riqueza não é distribuída.

REFERÊNCIAS:

- BARROS, P. R. HENRIQUE, R; MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.15, nº42, 2000.
- BARROS, P. R. HENRIQUE, R; MENDONÇA, R. *Pobreza e políticas sociais*. SP, Fundação Karad Andanauer, 2000.
- OLIVEIRA, L.F; COSTA, R.C.R. *Sociologia para jovens do século XXI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.
- REZENDE, M.J. de. *Boletim Revista da Área de Humanas*. N 40, UEL, CCH, Jan.jun 2001.

3.2.2 Sinopse do Documentário

Ilha das Flores. Gênero Documentário, Experimental. Diretor Jorge Furtado. Elenco Ciça Reckziegel. Ano 1989. Duração 13 min. Cor Colorido. Um tomate é plantado, colhido, vendido e termina no lixo da Ilha das Flores, entre porcos, mulheres e crianças.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

Possibilitar que os alunos entendam os motivos de o Brasil ter um dos maiores índices de desigualdade social, de modo que percebam os elementos (históricos, sociais, políticos e econômicos) que, ao longo da história propiciaram a reprodução das condições de pobreza, injustiça, violência e concentração de renda e de oportunidades.

4.2 Expressão da Síntese

Será feita através da dinâmica em grupo, mais especificamente pelos comentários dos alunos após a atividade. Essa dinâmica consiste no seguinte: Separar a turma em grupos, entre 5 e 6; distribuir para cada grupo envelopes, que conterão uma folha de sulfite (envelope 1), uma folha de sulfite e um lápis rosa (envelope 2), 4 lápis de cor, rosa, azul, vermelho e verde, mas sem folha sulfite (envelope 3), folha sulfite e as 4 cores (envelope 4), folha sulfite e mais 2 cores (envelope 5), folha sulfite e mais 3 cores (envelope 6). Os grupos devem fazer o seguinte: cada cor de lápis só desenha um item, no caso: Vermelho: hospital, rosa: um livro, verde: casa, azul: profissão. Os alunos estão 'proibidos' de desenhar os itens com cores diferentes das determinadas e também não é possível emprestar material de outros grupos. Após os desenhos, pretende-se fazer uma analogia entre as desigualdades de oportunidades entre os grupos para desenhar e a desigualdade social. Os comentários escritos e individuais também serão analisados como expressão da síntese. Segue a dinâmica em grupo realizada pelo 4º ano do Normal médio, como também alguns comentários.



Temática
CONCEITOS DE DURKHEIM.
(COESÃO, SOLIDARIEDADES, INSTITUIÇÕES E ANOMIA)

Turma: Ensino Médio

Alexandre Jeronimo Correia Lima

1 Prática Social

1.1 Objetivos

Dialogar com os alunos os conceitos de coesão social, solidariedade social, instituições e anomia como problemas sociológicos e os conceitos elaborados na teoria durkheimiana no intento de responder a questões fundamentais da sociologia. Através dessas discussões, buscar uma reflexão dos alunos sobre a questão da integração dos indivíduos em sociedade, deles próprios em sociedade e do funcionamento da mesma, contextualizando a proposta de Durkheim com exemplos atuais.

1.2 Listagem de Conteúdos

- Abordar e diferenciar os conceitos de Coesão, Solidariedade, Coesão Social e Solidariedade Social;
- Conceituar junto aos alunos as sociedades de solidariedade mecânica e orgânica, revendo os principais conceitos de Durkheim;
- Contextualizar a proposta durkheimiana de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica com exemplos atuais;
- Procurar entender as funções sociais das instituições de acordo com o método durkheimiano;
- Relacionar o funcionamento das instituições sociais com a idéia de harmonia social;
- Introdução da idéia de anomia para Durkheim;

Professoras do projeto e funcionária do CEAM



1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem?

- Sua noção de sociedade, suas representações sobre o que os fazem procurar determinados grupos.
- O que pensam de instituições como: Polícia; Família; Escola; Hospital; Exército; Futebol; Câmara de Vereadores; Prefeitura; Judiciário; Televisão; Igreja
- Qual o seu ideal de sociedade harmônica, ou seja, qual sua sociedade ideal.

b. O que os alunos gostariam de saber mais?

Por que estudar Durkheim?

Por que os homens vivem em grupo?

O que a sociologia tem a oferecer para entender e melhorar a sociedade?

2 Problematização

2.1 Discussão sobre o Conteúdo

- O que faz com que os homens se mantenham em sociedade?
Por que as sociedades não se desfazem facilmente?
- O que são, e para que servem as instituições sociais?
- Existem doenças sociais? O que seriam elas?
Como Durkheim propõe trabalhar com isso?

2.2 Dimensões do Conteúdo

Científica: o conteúdo é um problema sociológico que remete às origens da sociologia.

Etimológica: Qual o significado das palavras conceituais utilizadas.

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Desenvolver os conceitos de coesão, solidariedade e solidariedade social;
- Simular uma situação na qual os estudantes formem grupos por similitude ou simpatia;
- Relacionar as dinâmicas com os conceitos discutidos;
- Trabalhar junto com os estudantes a confecção de um *folder* que possua linguagem acessível com os conceitos de: Sociedade; Coesão Social; Solidariedade; Solidariedade Mecânica; Consciência Coletiva; Solidariedade Orgânica; Divisão Social do Trabalho;

- Discutir o conceito de instituições sociais e propor uma tarefa em grupo para os estudantes trabalharem com esse conceito;
- Dialogar com eles sobre a idéia de anomia procurando exemplos que se ajustem as teses de Durkheim;

3.2 Recursos Humanos e Materiais

3.2.1 Texto Didático

CAFÉ COM DURKHEIM

Alexandre Jeronimo Correia Lima

Para entendermos de uma forma interessante a teoria de Durkheim, nós a abordaremos da seguinte maneira: uma breve entrevista simulada de Émile Durkheim com a fictícia Revista Cafezinho.

Por causa das festividades do ano da França no Brasil, vários intelectuais franceses falecidos visitaram nosso país para uma série de conferências. Entre eles, destacamos Alexis de Tocqueville, Auguste Comte, Claude Monet, Conde de Saint-Simon, Charles de Montesquieu, Victor Hugo, Edith Piaf e Jean-Jacques Rousseau (suíço de alma francesa). Mas o destaque fica para o sociólogo Émile Durkheim, que concedeu para nossa revista, breve entrevista em uma parada na “Casa do Pão de Queijo” para um cafezinho. Nascido em 15/04/1858 na pacata Épinal, o simpático intelectual disse que concordaria em nos conceder a entrevista se lhe oferecêssemos um “delicioso” pão de queijo. Lá fomos nós!



Imagem disponível em: <<http://www.superlogos.com.tw/main4/pic/durkheim.jpg>>.

RC – Olá, professor, é uma grande honra tê-lo aqui. Mas, o que é sociedade?

DK – *Voilà*, a sociedade é um todo organizado, como os organismos vivos. Um organismo, cujo bom funcionamento depende dos órgãos (as instituições) funcionarem harmoniosamente, interagindo entre si. A sociedade é um conjunto de normas de ação, pensamento e sentimento que não existem apenas na consciência dos indivíduos, mas que são construídas exteriormente, isto é, fora das consciências individuais. Ainda que o todo só se forme pelo agrupamento das partes, a associação “dá origem ao nascimento de fenômenos que não provêm diretamente da natureza dos elementos associados” A sociedade, então, mais do que uma soma, é uma síntese e, por isso, não se encontra em cada um desses elementos, assim como os diferentes aspectos da vida não se acham decompostos nos átomos contidos na célula: a vida está no todo e não nas partes. As almas individuais agregadas geram um fenômeno *sui generis*, uma “vida psíquica de um novo gênero”. Os sentimentos que caracterizam este ser têm uma força e uma peculiaridade que aqueles puramente individuais não possuem. Ele é a sociedade.

RC – E professor, por que os homens vivem em sociedade?

DK – Por que vivemos em sociedade? Existem em nós dois seres: um, individual, “constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com os acontecimentos de nossa vida pessoal”, e outro que revela em nós a mais alta realidade, “um sistema de idéias, sentimentos e de hábitos que exprimem em nós o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte. Tais são as crenças religiosas, as crenças e as práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de toda espécie. Seu conjunto forma o ser social.” Essa outra parte nossa nos obriga a sermos homens que vivem em sociedade, somos o que somos por sermos socializados, ou melhor, adestrados para viver em sociedade.

RC – Como o senhor entende quel uma sociedade unida se mantém?

DK – Primeiro, pode me chamar de Èmile, d'accord? Mas a resposta é **Coesão** - força em virtude da qual as partículas ou moléculas dos corpos se ligam entre si; harmonia; associação íntima; aderência. Traduzindo, “força em virtude da qual os membros do corpo social se ligam entre si”, mas só existe coesão em uma sociedade com solidariedade social. “Os laços que unem os membros entre si e ao próprio grupo” e as amarras entre esses laços devem estar bem fortes, caso contrário podemos encontrar uma situação de anomia ou de esfacelamento de uma sociedade. Ou seja, uma sociedade é composta quando existe solidariedade social e coesão social entre os membros e a própria sociedade. E tem mais, existem dois tipos de solidariedade social, a mecânica e orgânica.

RC – É mesmo, e qual é a diferença entre essas “duas solidariedades”?

DK – Não seria incorreto afirmar que os dois tipos de solidariedade podem conviver em uma mesma sociedade, até porque, mesmo nas sociedades mais primitivas, como as tribos indígenas, existe uma **divisão social do trabalho**, e mesmo nas sociedades mais modernas, como a França, existe uma **consciência coletiva**. Podemos dizer que uma sociedade de preponderante solidariedade mecânica, privilegia a consciência comum, ou melhor, o “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade [que] forma um sistema determinado que tem vida própria”. A consciência comum recobre “áreas” de distintas dimensões na consciência total das pessoas, o que depende de que seja ou segmentar ou organizado o tipo de sociedade na qual aquelas se inserem. Quanto mais extensa é a consciência coletiva, mais a coesão entre os participantes da sociedade examinada refere-se a uma “conformidade de todas as consciências particulares a um tipo comum”, o que faz com que todas se assemelhem e, por isso, os membros do grupo sintam-se fortemente atraídos pelas similitudes uns com os outros, ao mesmo tempo que a sua individualidade é menor. Entende? Os indivíduos se atraem e formam laços de solidariedade social por serem simpáticos uns aos outros e pensarem de forma muito parecida.

Já nas sociedades onde se desenvolve uma divisão do trabalho, a consciência comum passa a ocupar uma reduzida parcela da consciência total, permitindo o desenvolvimento da personalidade. Mas a diferenciação social não diminui a coesão. Ao contrário, faz com que “a unidade do organismo seja tanto maior quanto mais marcada a individualidade das partes”. Os indivíduos se unem justamente por possuírem habilidades diferentes, um sabe plantar, outro sabe cozinhar e eu sei comer. Assim como o homem e a mulher são diferentes, mas juntos formam um todo, os membros que compõem os laços de solidariedade orgânica dependem uns dos outros para se reproduzirem.

RC – Èmile, para finalizar, vamos mudar um pouco de assunto. Todos nós sabemos que você é um grande estudioso da educação. O que acha que deve ser feito nas escolas públicas para melhorar a educação no Brasil?

DK – O objetivo da instrução pública é constituir a consciência comum, formar cidadãos para a sociedade e não apenas operários para as fábricas ou contabilistas para o comércio, “O ensino deve portanto ser essencialmente moralizador; libertar os espíritos das visões egoístas e dos interesses materiais; substituir a piedade religiosa por uma espécie de piedade social.” Isso só acontece se uma geração de adultos realizar uma ação adestradora sobre uma geração de jovens. Se tal não é fato no Brasil,

é porque há um enfraquecimento ou um desvio na instituição social escola. As instituições sociais são os órgãos vitais do corpo social. Está existindo, nesse caso, uma patologia social que deve ser curada com a moralização dos meios de educação. Toda educação consiste num esforço contínuo para inculcar nas crianças maneiras de ver, sentir e agir às quais elas não chegariam espontaneamente. O processo de ensinamento de crianças para a vida em civilização não depende apenas da escola - a família e a igreja também são fundamentais nesse processo. Todas essas instituições devem preparar os indivíduos para a vida em sociedade, fornecendo aos pequenos adultos, instrumentos para a absorção da consciência coletiva. O caso é muito sério! O Brasil só terá o progresso se primeiro alcançar a essa sonhada proporção de educação. É isso.

3.2.2 Folder Explicativo

Alguns dos Principais Conceitos do Pensamento Sociológico de Durkheim

- **Sociedade:** é vista como um organismo, cujo bom funcionamento depende das partes (as instituições) funcionarem harmoniosamente, interagindo entre si.
- **Coesão Social:** é como uma escala que determina o quanto as partes da sociedade funcionam de forma harmoniosa.
- **Solidariedade:** laços que unem os membros da sociedade entre si e ao próprio grupo.

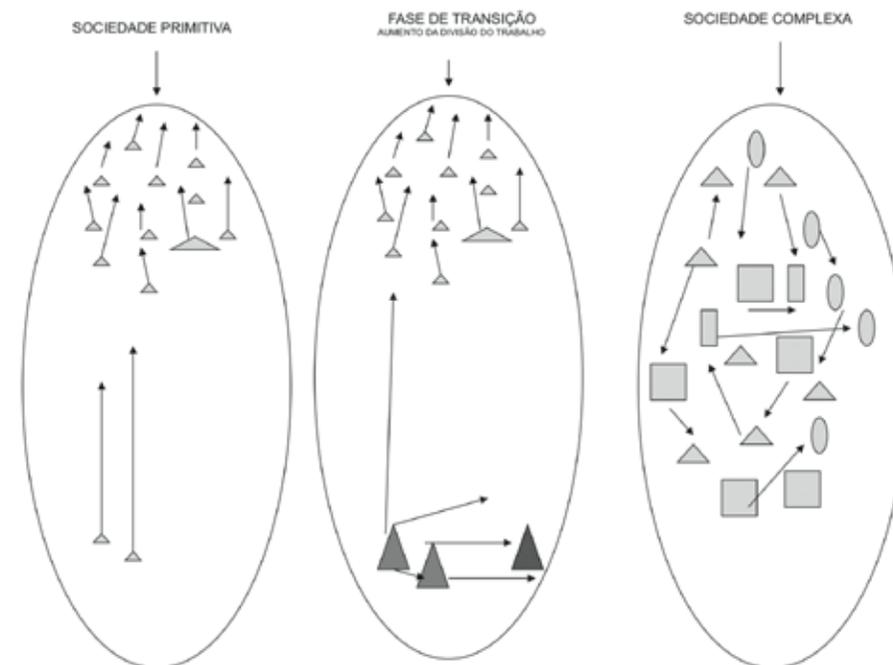
Solidariedade Mecânica: Quando há uma forte presença da consciência coletiva, e uma baixa divisão do trabalho. Os indivíduos se agrupam, formam laços, através da simpatia e das semelhanças que têm em relação uns aos outros. Exemplos: sociedades primitivas, grupos religiosos fechados, militares aquartelados.

Consciência Coletiva: Conjunto de crenças, costumes, maneiras de agir que são partilhadas por todo o grupo.

Solidariedade Orgânica: Quando há uma grande divisão do trabalho e uma alta especialização dos indivíduos. Os indivíduos se agrupam por necessitarem das especialidades desenvolvidas por cada um no conjunto da sociedade.

Divisão social do trabalho: Como os indivíduos se organizam tanto na produção como nos papéis desempenhados na sociedade.

3.2.3 Modelo de Desenho no Quadro:



3.2.5 Quadro Negro e Giz;

E outros dos quais os grupos de alunos solicitarem para suas exposições.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

O aluno deve demonstrar o domínio sobre o aparato teórico de Durkheim para discutir a realidade social, ou seja, ser capaz de responder uma questão sociológica e social fazendo uso dos conceitos do pensador francês. Deve ser capaz de entender e explicar porque há coerência em sua teoria partindo de seus pressupostos.

4.2 Expressão da Síntese

Avaliar os alunos pela participação na aula e por perguntas orais, relacionando os recursos que foram utilizados com os conceitos apresentados.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Perceber que existem diversos meios para se entender a sociedade, sendo que um olhar diferente pode ser também coerente;
- Buscar inspiração em Durkheim para a sua própria formulação de conceitos, refinando sua interpretação de mundo;
- Apropriar-se de códigos sociológicos para retirar novo entendimento da realidade;
- Desconstruir a idéia de uma suposta "genialidade" individual de alguns homens, valorizando a inteligência comum anônima e o produto coletivo de cada um;

6 Análise dos Resultados

O plano foi preparado para uma unidade inteira, foram quatro aulas para a sua realização. Os alunos participaram e demonstraram interesse sobre os temas abordados, mas, muitos deles ainda reclamam de não concordarem com Durkheim. Fazem esse tipo de afirmação, mas não apresentam argumentação sociológica para respaldar o ponto de vista, apenas sentem uma falta de sintonia com as idéias do autor. Quanto às avaliações, todos se saíram bem, pois mesmo que não tenham emergido na teoria durkheimiana, foram instigados, e praticaram o exercício de reflexão e debate, o que precede qualquer construção de conhecimento sociológico.

Percebe-se um grande desafio do professor que está iniciando o aluno no conhecimento sociológico, é passar a idéia de que problemas coletivos demandam respostas coletivas e não individuais. Essa é o "destino" do professor Cesar, do IEL.

Os resultados começam a ser positivos quando um aluno deixa de questionar a postura do indivíduo e passa a duvidar das idéias naturalizadas da sociedade; isso pode ser percebido aos poucos nos alunos desse colégio. Trata-se de um processo mais penoso do que pretende o plano de aula. A impressão que fica é que as cinco etapas da pedagogia histórico-crítica, além de serem empreendimentos surpreendentemente difíceis, não apresentam os resultados na mesma velocidade em que a sociedade capitalista, de produção acelerada, demanda. Isso, ao contrário do que parece, deve ser um bom sinal. Ao menos, pode-se acreditar que sua metodologia, desintonizada das necessidades imediatas do capital, apresenta-se como alternativa nova para a educação do século XXI. Uma alternativa que esteja preocupada com a formação intelectual dos indivíduos, resgatando o conhecimento científico para a pauta escolar. Se os interesses das forças do-

minantes envolvidas no campo da educação forem de preparar cidadãos com capacidade crítica para promover mudanças estruturais na sociedade, o caminho parece começar a se iluminar com essa pedagogia.

Infelizmente, a prática dessa pedagogia parece não conviver harmonicamente com elementos da vida escolar como o controle arbitrário das pautas, das presenças, das notas, até mesmo com a arquitetura das salas de aula.

A despeito da relação com a pedagogia citada, o colégio possui uma boa estrutura para aula de sociologia, mas existem pontos críticos em todo o sistema. O que mais atormenta os professores, além da inadequada remuneração, são as horas atividade, que não correspondem com a realidade da necessidade para uma boa condução dos trabalhos, bem como a falta de coesão entre as matérias interdisciplinares. Ou seja, os professores, especialmente de sociologia, aparentemente, sentem falta das atividades em bloco, nas quais eles construiriam em conjunto os conteúdos. Isso pode ser percebido nos estudantes quando foi preciso relacionar o tema das aulas de sociologia com as de história e as de biologia.

Observação: Esse plano não foi utilizado na I Jornada de Humanidades, contudo é uma proposta didático-metodológica a ser usada na abordagem do assunto com alunos do ensino médio. Sendo este aplicado nas regências exigidas na disciplina de estágio supervisionado no segundo semestre de 2009, em Londrina-PR.

REFERÊNCIAS

QUINTANEIRO, Tânia. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber - 2ª ed. Ver. amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. [tradução: Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, E. Da divisão do trabalho social. [tradução Eduardo Brandão]. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Olhar Crítico. O pensamento de Durkheim e Parsons. Disponível em: <<http://blogs.universia.com.br/jnunes/2008/03/24/o-pensamento-de-durkeim-e-parsons/>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

Faculdade Casper Líbero. A consciência individual de Emile Durkheim. Disponível em: <<http://www.facasper.com.br/cultura/site/ensaio.php?tabela=&id=98>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

Aventuras na História. Café com Marx. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/politica/cafe-marx-435310.shtml>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

Temática

EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO

Série: Ensino Médio

Inês Monique Miranda De Abreu

Lucélia Dos Santos Garcia

Tatiane Vanessa Machado

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Despertar nos alunos a idéia do processo histórico da educação no Brasil, desconstruindo a total atribuição da escola como única responsável pela inserção no mercado de trabalho.

1.2 Listagem de Conteúdos :

- Mostrar a história da educação escolar no Brasil.
- Caracterizar o aluno como responsável por sua construção social .
- Apontar possíveis dificuldades encontradas aos alunos concluintes do ensino médio no mercado de trabalho.
- Esclarecer o papel da escola como uma ferramenta que adapta o indivíduo à sociedade e não apenas como uma ponte ao mercado de trabalho .

Professores e Estagiários do LENPES – 2008



1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabe?

Educação, primeiro emprego, socialização, ambiente escolar, relações sociais.

b. O que gostaria de saber mais?

Quem decide o que deve ser estudado? Quais são as medidas a serem tomadas para inserção no mercado de trabalho? O que se deve fazer para melhorar a escola?

2 Problematização

2.1 Discussões sobre o Conteúdo

- Como desenvolver e qual a importância da educação no Brasil?
- Por que a escola não desenvolve os pré-requisitos necessários para o aluno ingressar no mercado de trabalho?
- Como a escola promove a socialização dos indivíduos?
- Como a escola analisa o mercado de trabalho?

2.2 Dimensões do Conteúdo

- **Histórica:** discorrer sobre a história da educação brasileira, ressaltando algumas características importantes que observamos culturalmente enraizadas na atualidade;
- **Cultural:** despertar no aluno seu dever e responsabilidade como ator da construção de sua realidade;
- **Social:** ressaltar o caráter da escola como uma instituição que prepara o indivíduo, desenvolvendo suas potencialidades, as quais os levam a contribuir na construção da sociedade;

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

- Apresentar pontos importantes da história da educação no Brasil;
- Questionar sobre a função da escola na vida dos alunos;
- Exibir, através de dados estatísticos, como o emprego/desemprego está relacionado ao o grau de escolaridade, e mostra como o tempo na escola influencia no mercado de trabalho;

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Texto didático
- Letra de música
- Texto complementar

3.2.1 Texto Didático

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO

Inês Monique Miranda De Abreu

Lucélia Dos Santos Garcia

Tatiane Vanessa Machado

As primeiras aulas nas escolas foram ministradas pelos padres Jesuítas (a Companhia de Jesus), que ensinaram as técnicas da fala, da leitura e dos números, sempre com o intuito de preparar as pessoas para a vida em sociedade, segundo valores e costumes incutidos pela Igreja Católica.

A escrita, que entre os séculos XII e XVI passou a ser usada como um mecanismo para a transmissão do conhecimento, adquiriu uma nova conotação: além de conhecimento, foi instrumento da mercantilização e de formação de novos profissionais como banqueiros, comerciantes, contadores, etc.

Dos anos 1960 aos 1990, no Brasil, ocorreu a consolidação da sociedade industrial. A industrialização foi vista como fator de desenvolvimento; logo a educação escolar passou a ter o papel de padronização da mão-de-obra que era composta por pessoas vindas do campo, despreparadas para o trabalho na indústria.

Na primeira metade dos anos 1960, a educação brasileira ficou conhecida como "o período dos movimentos de Educação popular", pois o governo de João Goulart tinha a preocupação de eliminar o analfabetismo em quantidade e não em qualidade.

Nessa fase, a educação passou a ser vinculada com o Capital Humano, tendo como objetivo formar o produto, o consumidor e também a mão-de-obra que a indústria necessitava. Esse foi o direcionamento da educação desde então.

É neste ponto que devemos questionar a funcionalidade da escola, não como passaporte para o mercado de trabalho, mas também como um ambiente que desenvolve nos alunos valores, competências e habilidades, as quais contribuem para a formação de cidadãos autônomos, críticos e aptos para continuarem seus estudos, podendo compreender melhor as transformações de seu mundo, para nele intervir de modo ético e responsável.

Concluimos deste argumento que, a princípio, a educação estava voltada para a formação religiosa e depois para o mercado de trabalho, sempre com o intuito de moldar o aluno às suas necessidades. É por este motivo que devemos levantar uma crítica sobre a função da escola e apontar que ela deve proporcionar ao aluno entendimento e questionamento crítico do mundo.

3.2.2 Letra de Música

Estudo Errado

Gabriel, O Pensador

Eu tô aqui Pra quê?
Será que é pra aprender?
Ou será que é pra sentar, me
acomodar e obedecer?
Tô tentando passar de ano pro meu
pai não me bater
Sem recreio de saco cheio porque eu
não fiz o dever
A professora já tá de marcação porque
sempre me pega
Disfarçando, espiando, colando toda
prova dos colegas
E ela esfrega na minha cara um zero
bem redondo
E quando chega o boletim lá em casa
eu me escondo
Eu quero jogar botão, vídeo-game,
bola de gude
Mas meus pais só querem que eu "vá
pra aula!" e "estude!"
Então dessa vez eu vou estudar até
decorar cumpádi
Pra me dar bem e minha mãe deixar
ficar acordado até mais tarde
Ou quem sabe aumentar minha
mesada
Pra eu comprar mais revistinha (do
Cascão?)
Não. De mulher pelada
A diversão é limitada e o meu pai não
tem tempo pra nada
E a entrada no cinema é censurada
(vai pra casa pirralhada!)
A rua é perigosa então eu vejo
televisão
(Tá lá mais um corpo estendido no
chão)

Na hora do jornal eu desligo porque eu
nem sei nem o que é inflação
- Ué não te ensinaram?
- Não. A maioria das matérias que eles
dão eu acho inútil
Em vão, pouco interessantes, eu fico
pu..
Tô cansado de estudar, de madrugar,
que sacrilégio
(Vai pro colégio!!)
Então eu fui relendo tudo até a prova
começar
Voltei louco pra contar:
Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem tirei um cem e eu quero
ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não erre nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já
esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não
entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já
esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não
entendi
Decoreba: esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameba e assim eu
não raciocino
Não aprendo as causas e conseqüências
só decoro os fatos
Desse jeito até história fica chato
Mas os velhos me disseram que o
"porque" é o segredo
Então quando eu num entendo nada,
eu levanto o dedo
Porque eu quero usar a mente pra ficar
inteligente

Eu sei que ainda não sou gente grande,
mas eu já sou gente
E sei que o estudo é uma coisa boa
O problema é que sem motivação a
gente enjoa
O sistema bota um monte de
abobrinha no programa
Mas pra aprender a ser um *ingonorante*
Ah, um ignorante, por mim eu nem
saía da minha cama (Ah, deixa eu
dormir)
Eu gosto dos professores e eu preciso
de um mestre
Mas eu prefiro que eles me ensinem
alguma coisa que preste
- O que é corrupção? Pra que serve um
deputado?
Não me diga que o Brasil foi
descoberto por acaso!
Ou que a minhoca é hermafrodita
Ou sobre a tênia solitária.
Não me faça decorar as capitânias
hereditárias!! [...]
Vamos fugir dessa jaula!
"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)
Não. A aula
Matei a aula porque num dava
Eu não agüentava mais
E fui escutar o Pensador escondido dos
meus pais
Mas se eles fossem da minha idade eles
entenderiam
(Esse num é o valor que um aluno
merecia!)
Íííh... Sujô (Hein?)
O inspetor!
(Acabou a farra, já pra sala do
coordenador!)
Achei que ia ser suspenso mas era só
pra conversar

E me disseram que a escola era meu
segundo lar
E é verdade, eu aprendo muita coisa
realmente
Faço amigos, conheço gente, mas não
quero estudar pra sempre!
Então eu vou passar de ano
Não tenho outra saída
Mas o ideal é que a escola me prepare
pra vida
Discutindo e ensinando os problemas
atuais
E não me dando as mesmas aulas que
eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não
lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma
palhaçada
Refrão
Encarem as crianças com mais
seriedade
Pois na escola é onde formamos nossa
personalidade
Vocês tratam a educação como um
negócio onde a ganância, a exploração,
e a indiferença são sócios
Quem devia lucrar só é prejudicado
Assim vocês vão criar uma geração de
revoltados
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
Agora me dá minha bola e deixa eu ir
embora pro recreio...
Juquinha você tá falando demais assim
eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
Mas é só a verdade professora!
Eu sei, mas colabora se não eu perco o
meu emprego.

3.2.3 Texto Complementar

(SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Porta de colégio*. São Paulo, Ática, 1999. Série Para Gostar de Ler.)

Porta de Colégio

Passando pela porta de um colégio, me veio uma sensação nítida de que aquilo era a porta da própria vida. Banal, direis. Mas a sensação era tocante. Por isso, parei, como se precisasse ver melhor o que via e previa.

Primeiro há uma diferença de clima entre aquele bando de adolescentes espalhados pela calçada, sentados sobre carros, em torno de carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles que transitam pela rua. Não é só o uniforme. Não é só a idade. É toda uma atmosfera, como se estivessem ainda dentro de uma redoma ou aquário, numa bolha, resguardados do mundo. Talvez não estejam. Vários já sofreram a pancada da separação dos pais. Aprenderam que a vida é também um exercício de separação. Um ou outro já transou droga, e com isto deve ter se sentido (equivocadamente) muito adulto. Mas há uma sensação de pureza angelical misturada com palpitação sexual, que se exibe nos gestos sedutores dos adolescentes. Ouvem-se gritos e risos cruzando a rua. Aqui e ali um casal de colegiais, abraçados, completamente dedicados ao beijo.

Beijar em público: um dos ritos de quem assume o corpo e a idade. Treino para beijar o namorado na frente dos pais e da vida, como quem diz: também tenho desejos, veja como sei deslizar carícias.

Onde estarão esses meninos e meninas dentro de dez ou vinte anos?

Aquele ali, moreno, de cabelos longos corridos, que parece gostar de esportes. Vai se interessar pela informática ou economia; aquela de cabelos loiros e crespos vai ser dona de boutique; aquela morena de cabelos lisos quer ser médica; a gorduchinha vai acabar casando com um gerente de multinacional; aquela esguia, meio bailarina, achará um diplomata. Algumas estudarão letras, se casarão, largarão tudo e passarão parte do dia levando filhos à praia e à praça e pegando-os de novo à tardinha no colégio. Sim, aquela quer ser professora de ginástica. Mas nem todos têm certeza sobre o que serão. Na hora do vestibular resolve. Têm tempo. É isso. Têm tempo. Estão na porta da vida e podem brincar. Aquela menina morena magrinha, com aparelho nos dentes, ainda vai engordar e ouvir muito elogio às suas pernas. Aquela de rabo-de-cavalo, dentro de dez anos se apaixonará por um homem casado. Não saberá exatamente como tudo começou. De repente, percebeu que o estava esperando no lugar onde passava na praia. E o dia em que foi com ele no motel pela primeira vez ficará vivo na memória.

É desagradável, mas aquele ali dará um desfalque na empresa em que será gerente. O outro irá fazer doutorado no exterior, se casará com estrangeira, descasará, deixará lá um filho – remorso constante. Às vezes lhe mandará passagens para passar o natal com a família brasileira.

A turma já perdeu um colega num desastre de carro. É terrível, mas provavelmente um outro ficará pelas rodovias.

Aquele que vai tocar rock vários anos até arranjar um emprego em repartição pública. O homossexualismo despontará mais tarde naquele outro. Espantosamente, logo nele que é já um dom-juan. Tão desinibido aquele, acabará líder comunitário e talvez político. Daqui a dez anos os outros dirão: ele sempre teve jeito, não lembra aquela mania de reunião e diretório.

Aquelas duas ali se escolherão madrinhas de seus filhos e morarão no mesmo bairro, uma casada com engenheiro da Petrobras e outra com um fico nuclear. Um dia, uma dirá a outra no telefone: tenho uma coisa para lhe contar: arranjei um amante. Aconteceu. Assim, de repente. E o mais curioso é que continuo a gostar do meu marido.

Se fosse haver alguma ditadura no futuro, aquele ali seria guerrilheiro. Mas esta hipótese deve ser descartada.

Quem estará naquele avião acidentado? Quem construirá uma linda mansão e um dia convidará a todos da turma para uma grande festa comemorativa? Ah, o primeiro aborto! Aquela ali descobrirá os textos de Clarice Lispector e isso será uma iluminação para toda a vida. Quantos aparecerão na primeira página do jornal? Qual será o tranqüilo comerciante e quem representará o país na ONU?

Estou olhando aquele bando de adolescentes com evidente ternura. Pudesse passava a mão nos seus cabelos e contava-lhes as últimas histórias da carochinha antes que o lobo feroz os assaltasse na esquina. Pudesse lhes diria daqui: aproveitem enquanto estão no aquário e na redoma, enquanto estão na porta da vida e do colégio. O destino também passa por aí. E a gente pode às vezes modificá-lo.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

A base da educação antigamente e também hoje continua com o objetivo de moldar o aluno apenas para procurar trabalho. Ela tem em vista que, para obtê-lo, é necessário formação educacional, disposição para participar das aulas e dos assuntos políticos da escola e sociedade.

A escola é espaço de socialização juntamente com a educação que proporcionam o integral desenvolvimento dos indivíduos, tendo sempre em vista que somos produtores e produtos do meio em que vivemos.

4.2 Expressão da Síntese

Com base no texto complementar e na exposição da aula, aplicar uma avaliação em que os alunos possam descrever como se vêem daqui a 10 anos e o caminho que fariam para chegar em seu objetivo, apontando as possíveis dificuldades encontradas no percurso. Esta avaliação tem intuito de chamar atenção do aluno para que eles se preocupem com o futuro, a importância da educação e desta forma, empenhem-se em buscar cada vez mais informações.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Conscientizar o aluno de seu papel enquanto ator social;
- Questionar sobre as funções da escola como instituição;
- Posicionar a escola não apenas como um local de treinamento para o mercado de trabalho, mas que contribua para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

6 Análise dos Resultados

Observação: Esse plano não foi utilizado na I Jornada de Humanidades, contudo é uma proposta didático-metodológica a ser utilizada na abordagem do assunto com alunos do ensino médio.

REFERÊNCIAS

- KUENZER, Acacia Zeneida. Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo - 3ª edição - São Paulo: Cortez, 1997.
- ABRAMOVAY, Miriam. Ensino médio: múltiplas vozes. Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.
- STEPHANOU, M. E Bastos, M.H.C. História e Memória da educação no Brasil- vol. I, 3ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- STEPHANOU, M. E Bastos, M.H.C. História e Memória da educação no Brasil- vol. III – século XIX, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- XAVIER, Ma.E.P História da educação: a escola no Brasil – Maria E.S.P. Xavier, Maria Luisa S. Ribeiro, Olinda Maria Noronha. São Paulo: FTD, 1994.
- OLIVEIRA, Pérsio Santos de. – Introdução à Sociologia. São Paulo: Ática, 2002.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. Porta de colégio. São Paulo: Ática, 1999. Série Para Gostar de Ler.
- O PENSADOR, Gabriel. “Estudando Errado”. In: Ainda é só o começo. A&R: Jorge Davidson Assistente de produção: José Amarílio Júnior, 1995.

Temática
DETERMINISMO OU LIBERDADE INCONDICIONAL

Série: 1º ano do Ensino Médio

Rosangela Menta Mello
Eziquiel Menta

1 Prática Social Inicial do Conteúdo

1.1 Objetivos

Iniciar as atividades dialogando com os estudantes, no sentido de registrar o que os alunos pensam sobre a liberdade. Neste primeiro momento é importante que o Professor estimule a turma a participar e que registre as concepções dos alunos sobre o tema proposto. A seguir, quais as curiosidades que os estudantes possuem sobre o tema e o que gostariam de discutir?

1.2 Listagem de Conteúdos

Determinismo ou liberdade incondicional;

2 Problematização

Diante das questões levantadas pela turma, irão surgir várias concepções, mas nesta aula vamos nos concentrar no determinismo. É importante que neste momento, o professor faça um desafio, ou seja, é a criação de uma necessidade para que o educando, através de sua ação, busque o conhecimento e estabeleça uma relação com os que já possui.

Professores e Estagiários do LENPES – 2008



2.1 Dimensões

Sugestões de questões que podem ser colocadas no quadro de giz para incentivar a turma sobre o tema:

- **Filosófica:** O que é liberdade? Existem várias maneiras de pensar a liberdade? Somos determinados a agir ou não?
- **Histórica:** Todas as pessoas são livres? O homem nem sempre foi livre, mas porque?
- **Social:** A minha liberdade interfere na vida dos outros. Posso me sentir livre sabendo que existem pessoas que não o são.

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

Vamos iniciar a aula lendo o poema de Fernando de Pessoa;

Liberdade¹¹

<i>Ai que prazer Não cumprir um dever. Ter um livro para ler E não o fazer! Ler é maçada, Estudar é nada. O sol doira sem literatura. O rio corre bem ou mal, Sem edição original. E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal Como tem tempo, não tem pressa... Livros são papéis pintados com tinta. Estudar é uma coisa em que está indistinta</i>	<i>A distinção entre nada e coisa nenhuma. Quanto melhor é quando há bruma. Esperar por D. Sebastião, Quer venha ou não! Grande é a poesia, a bondade e as danças... Mas o melhor do mundo são as crianças, Flores, música, o luar, e o sol que peca Só quando, em vez de criar, seca. E mais do que isto É Jesus Cristo, Que não sabia nada de finanças, Nem consta que tivesse biblioteca...</i>
--	--

¹¹Publicado in Seara Nova, nº 526, de 11/09/1937, Fernando Pessoa - Cancioneiro - Este poema está disponível no site dedicado a ele, disponível em <http://www.pessoa.art.br/?p=478>

3.1.2 Sugestões

- Se for possível, os estudantes podem fazer a leitura direto no *site* e tecer seus comentários na página.
- Sugerimos que, inicialmente, seja feita uma leitura silenciosa; depois uma leitura oral, para então iniciarmos as discussões sobre este poema (é importante que o jovem crie o hábito de ler sozinho primeiro, procurando entender o texto; depois acompanhe a leitura coletiva, de tal forma que se habitue a refletir para depois, emitir uma opinião; a leitura e interpretação são fundamentais para pensar filosoficamente):
- Solicite aos estudantes que relatem sua opinião, o que compreenderam sobre o poema. Questões que podem ser levantadas: O que é prazer para o autor? Qual o sentido de estudar? A que tipo de liberdade se refere este poema de Fernando de Pessoa? Você concorda com o autor?

3.1.3 Passe no quadro o seguinte pensamento e depois converse com os jovens

"Uma pessoa pertence unicamente a si mesma. Ela é um ser livre com o direito inalienável de autodeterminação". (Elizabeth Haich)

- Somos originalmente livres?
- Durante a vida, nós, a nossa família, a comunidade em que vivemos constrói um conceito de liberdade de acordo com os valores vigentes, ou seja, para manutenção de um *status quo*, o que remete ao seguinte questionamento: O que é a Liberdade?
- Segundo **Aristóteles**: "é livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não agir, isto é, aquele que é causa interna de sua ação ou da decisão de não agir".
- Para **Sartre** "a liberdade é a escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo. Ele afirma que estamos "condenados à liberdade".
- Um **provérbio popular**, com base na Revolução Francesa e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão diz: "A minha liberdade termina onde começa a do outro."

Diante destas questões vamos pensar um pouco mais. Solicite que os estudantes escrevam em seu caderno suas idéias acerca dessas afirmações.

Passe no quadro mais um pensamento:

"Duvidar de tudo ou crer em tudo. São duas soluções igualmente cômodas, que nos dispensam, ambas, de refletir." (Henri Poincaré)

3.1.4 Sugestão de texto para ser discutido com os estudantes

DUAS TEORIAS SOBRE A LIBERDADE

Rosângela Menta Mello

Determinismo: parte do princípio que tudo que existe tem uma causa, ou seja, a lei de causa e efeito foi determinado por algo ou alguém. Exemplo: quando acreditamos que a nossa vida já está predestinada a algo ou por alguém; quando consultamos horóscopos, cartas, videntes sobre o nosso futuro.

Liberdade incondicional: a liberdade absoluta, do livre-arbítrio, onde o ser humano pode escolher entre uma atitude ou não, independente das circunstâncias. Ou se é inteiramente livre ou então não se tem liberdade.

Sobre estes pontos de vista, o homem é livre ou determinado? Segundo TELES (1996, p.31) "o sentido mais profundo da questão da liberdade é que, se ela não existisse, o homem se misturaria com a natureza, não se diferenciaria das coisas, pois estaria inteiramente submisso ao determinismo." Se considerarmos a situação em que se encontra um dado ser humano, por exemplo, podemos dizer que pelo fato de estar situado em determinada época, em um local, em uma dada família, contexto comunitário, possui uma história de vida que o poderá tornar um ser previsível. Mas, ao mesmo tempo, temos que levar em consideração que este ser humano possui o livre arbítrio, ou seja, tem capacidade de tomar decisões sobre o direcionamento que pretende dar a sua vida, de sua comunidade e de todos que o cercam.

Temos que ter consciência que nossos atos têm conseqüências. Sob este ponto de vista o ser humano possui a liberdade de decidir sobre a sua vida, mas se a decisão tomada for errada, ele poderá deixar de ser livre, assumindo as conseqüências de seus atos.

Segundo Aranha e Martins (1986, p.318), "a liberdade não é a ausência de obstáculos, mas o desenvolvimento da capacidade de dominá-los e superá-los". Percebe-se a importância dos momentos de reflexão que todo ser humano deve praticar, da capacidade de perceber e antever as conseqüências de seus atos.

Na adolescência é muito comum a reivindicação da liberdade. O homem nesta fase de contestação e auto-afirmação passa, segundo Gurdorf (apud ARANHA e MARTINS, 1986, p.319) por momentos em que a "liberdade do adolescente é uma adolescência da liberdade, uma liberdade de aspiração [...] a juventude é tempo de aprendizado da liberdade."

Diante do exposto, o que pensa o estudante:

- Possui liberdade incondicional ou determinada?
- A sua liberdade é permanente ou foi conquistada aos poucos?
- Você é livre? Quem é livre?

3.1.5 Leve os estudantes no laboratório de informática

No laboratório, vamos conhecer um pouco mais sobre o determinismo neste exercício, disponível no UNIFRA em: http://sites.unifra.br/Portals/17/Filosofia/LiberdadeDeterminismo/Liberdade_Determinismo.swf. Neste momento vamos discutir sobre estas questões. Fazer o registro de nossas reflexões no caderno.

3.1.6 Atividade de aprofundamento teórico

Vamos pesquisar em equipe de até três estudantes, o que pensam os filósofos sobre a liberdade, registrando as idéias mais significativas em nosso caderno, anotando o endereço do *site*, o *link* para o texto selecionado, de forma que possamos criar um *blog* com as principais idéias selecionadas e nossas reflexões para compartilharmos na rede com estudantes de outras salas e de outras escolas.

Sugestões de Sites:

- Filosofia: A vivência da liberdade - o *site* apresenta um texto John Searle e sugere três vídeos para assistir na página.
Disponível em <http://www.espanto.info/a10/fa9.htm>
- Páginas de Filosofia: *site* de professores de Filosofia de Portugal, apresenta textos, vários *blogs* e temas separados por categorias:
 - Determinismo e autodeterminação de Fernando Savater, apresenta histórias que ilustram a questão do determinismo, com espaço para postagem de discussões. Disponível em: <http://paginasdefilosofia.wordpress.com/2007/11/03/determinismo-e-a-utodeterminacao/>
 - Determinismo: Thomas Nagel. Disponível em: <http://paginasdefilosofia.wordpress.com/2007/11/03/determinismo-2/>
- Lexicon: Vocabulário de Filosofia, verbete:
 - Determinismo, disponível em: <http://ocanto.esenviseu.net/lexicon/determinismos.htm>
 - Liberdade: <http://ocanto.esenviseu.net/lexicon/liberdade.htm>
- Com Ciência: Crimes e castigos do determinismo de Yuriy Castelfranchi, disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=298>

Sugestões de Vídeos:

- Youtube: Determinismo × Livre Arbítrio:
<http://br.youtube.com/watch?v=dx36mbwMMHc>
- Youtube: Libre albedrio y determinismo:
<http://br.youtube.com/watch?v=ENb82Sw0Lfw&feature=related>
- Vídeo Hunter by Yuval Nathan do site [Sph3re.tv](http://sph3re.tv)
Disponível em http://sph3re.tv/download_hunter_281.htm

Estes vídeos podem nos proporcionar ricas discussões. No primeiro vemos uma situação comum em muitos locais de nosso país, envolvendo menores; no segundo uma discussão sobre o determinismo e no terceiro vídeo a questão do homem primitivo. Quem era mais livre? Qual a relação da liberdade no passado com a atualidade. Somos ou não determinados?

Sugestões de Imagens

Utilizando buscadores na *web*, você poderá sugerir aos estudantes que selecionem as imagens relativas às discussões desta aula, que eles identificam com a situação de sua comunidade, de nosso país, para ilustrarem no *blog*. É importante que anotem o *site* e o endereço para postar no *blog*, ver quem é o autor das imagens e respeitar os direitos autorais.

Sugestão de Música

Existem muitas músicas sobre o tema liberdade, como por exemplo:
[A Doze Stars](#);

Manifesto de Liberdade, Igualdade e União¹²

Harpas soam	Harpas soam
Destoam em meio a gritos de dor	Destoam em meio a gritos de dor
Crianças choram	Crianças choram
Por terem sido tratadas sem amor	Por terem sido tratadas sem amor
	O povo unido jamais será vencido
Políticos corruptos	Assim se dizia antigamente
Acabam com nossa esperança	Mas o povo unido governa sem partido
Pedidos ininterruptos	Se for mesmo inteligente
Por igualdade e mudança	

¹²Música disponível em Música on-line em: http://www.musiconline.com.br/topletras/artista/a_doze_stars/idl/12781/letra/manifesto_de_liberdade_igualdade_e_uniao

Harpas soam	Harpas soam
Destoam em meio a gritos de dor	Destoam em meio a gritos de dor
Crianças choram	Crianças choram
Por terem sido tratadas sem amor	Por terem sido tratadas sem amor
	Um dia apenas harpas soarão
Se a desunião continuar	Não mais juntas a gritos de dor
E a demagogia vencer	Crianças nunca mais chorarão
Políticos irão roubar	Por terem sido tratadas sem amor
Sem a massa perceber	

Apenas será necessária uma medida
Junto à persistência e coração
A hoje indubitavelmente perdida
UNIÃO...

A partir de músicas selecionadas, é possível fazer um trabalho integrado com Língua Portuguesa, produzindo paródias, poemas etc, em que os estudantes poderão expressar seus conhecimentos e posições sobre a liberdade e o determinismo.

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

É chegado o momento em que o aluno expressa a solução encontrada no problema inicial. É quando o conteúdo "empírico" (de senso comum) se torna científico. Passaremos a elaboração teórica da síntese, uma nova postura mental. Os estudantes deverão elaborar um texto dissertativo que expresse suas reflexões sobre o tema proposto.

4.2 Expressão da Síntese

A avaliação também será realizada no decorrer das atividades. Inicialmente, observando a formação de conceitos dos estudantes, analisando seus questionamentos e intervenções, procurando, através do diálogo, perceber se houve apropriação dos conteúdos propostos e uma mudança de postura frente aos problemas levantados, no que se refere a superação de idéias do senso comum para a dimensão filosófica. O professor acompanhará a leitura das produções dos estudantes, fazendo as intervenções necessárias, sugerindo leituras e retomada de conteúdos, se necessário.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

Nova postura prática ante à realidade: intenções, predisposições, prática, novo conhecimento. A questão da liberdade é um tema que merece ser discutido e entendido por todos. Sugerimos que os estudantes escrevam frases de impacto, ilustradas com imagens para serem afixadas no edital da escola, no sentido de levarem as pessoas a refletirem sobre a liberdade. É muito importante, neste momento, que cada indivíduo faça uma reflexão sincera e estabeleça metas em sua vida para que possa usufruir da liberdade em sua plenitude. Solicite ao aluno que registre suas idéias em um texto, para que o professor possa acompanhar suas proposições.

5.2 Auto-Avaliação

Toda a atividade precisa ser acompanhada, no sentido de percebermos o nível de aprendizagem e de elaboração mental diante do tema proposto. Oriente o estudante para ler atentamente a ficha abaixo de auto-avaliação e indique o nível em que se enquadra. É opcional colocar valores em cada nível. O ideal é você organizar este texto no formato de uma tabela, para melhor visualização pelo estudante.

5.2.1 Como você, situa-se diante das seguintes questões?

- **Iniciante** (4,0 pontos):
Apenas leu e pesquisou os temas sugeridos e não apresentou as atividades solicitadas;
- **Aprendiz** (6,0 pontos):
Leu, fez as pesquisas solicitadas e apresentou as atividades com alguns argumentos;
- **Profissional** (8,0 pontos):
Demonstrou bom domínio do assunto, conhecendo a concepção de vários filósofos e apresentou ótimos argumentos que fundamentam sua opinião sobre o tema;
- **Mestre** (10,0 pontos):
Demonstrou excelente domínio do assunto, compreendendo a concepção de vários filósofos e apresentou argumentos sensacionais para fundamentar sua opinião sobre o tema.

I Jornada de Humanidades

Oficina: Determinismo ou Liberdade Incondicional

Rosângela Menta Mello

Material xerocado para os alunos

Liberdade

<i>Ai que prazer</i>	<i>A distinção entre nada e coisa nenhuma.</i>
<i>Não cumprir um dever.</i>	<i>Quanto melhor é quando há bruma.</i>
<i>Ter um livro para ler</i>	<i>Esperar por D. Sebastião,</i>
<i>E não o fazer!</i>	<i>Quer venha ou não!</i>
<i>Ler é maçada,</i>	<i>Grande é a poesia, a bondade e as danças...</i>
<i>Estudar é nada.</i>	<i>Mas o melhor do mundo são as crianças,</i>
<i>O sol doira sem literatura.</i>	<i>Flores, música, o luar, e o sol que peca</i>
<i>O rio corre bem ou mal,</i>	<i>Só quando, em vez de criar, seca.</i>
<i>Sem edição original.</i>	<i>E mais do que isto</i>
<i>E a brisa, essa, de tão naturalmente</i>	<i>É Jesus Cristo,</i>
<i>matinal</i>	<i>Que não sabia nada de finanças,</i>
<i>Como tem tempo, não tem pressa...</i>	<i>Nem consta que tivesse biblioteca...</i>
<i>Livros são papéis pintados com tinta.</i>	
<i>Estudar é uma coisa em que está</i>	
<i>indistinta</i>	

Publicado in Seara Nova, nº 526, de 11/09/1937, Fernando Pessoa - Cancioneiro

Para refletir:

"Uma pessoa pertence unicamente a si mesma. Ela é um ser livre com o direito inalienável de autodeterminação". (Elizabeth Haich)

"é livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não agir, isto é, aquele que é causa interna de sua ação ou da decisão de não agir". (Aristóteles)

"a liberdade é a escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo. Afirma que estamos condenados à liberdade". (Sartre)

*"A minha liberdade termina onde começa a do outro."
(Provérbio Popular)*

"Duvidar de tudo ou crer em tudo. São duas soluções igualmente cômodas, que nos dispensam, ambas, de refletir." (Henri Poincare)

Duas teorias sobre a liberdade

Determinismo:

parte do princípio de que tudo que existe tem uma causa, ou seja, a lei de causa e efeito foi determinada por algo ou alguém. Exemplo: quando acreditamos que a nossa vida já esta predestinada a algo ou por alguém; quando consultamos horóscopos, cartas, videntes sobre o nosso futuro.

Liberdade incondicional:

a liberdade absoluta, do livre-arbítrio, onde o ser humano pode escolher entre uma atitude ou não, independente das circunstâncias. Ou se é inteiramente livre ou então não se tem liberdade.

Sobre estes pontos de vista, o homem é livre ou determinado? Segundo TELES (1996, p.31) "o sentido mais profundo da questão da liberdade é que, se ela não existisse, o homem se misturaria com a natureza, não se diferenciaria das coisas, pois estaria inteiramente submetido ao determinismo." Se considerarmos a situação em que se encontra um dado ser humano, por exemplo, podemos dizer que pelo fato de estar situado em determinada época, em um local, em uma dada família, contexto comunitário, possui uma história de vida que o poderá tornar um ser previsível. Mas, ao mesmo tempo, temos que levar em consideração que este ser humano possui o livre arbítrio, ou seja, tem a capacidade de tomar decisões sobre o direcionamento que pretende dar a sua vida, de sua comunidade e de todos que o cercam.

Temos que ter consciência que nossos atos têm conseqüências. Sob este ponto de vista o ser humano possui a liberdade de decidir sobre a sua vida, mas se a decisão tomada for errada, ele poderá deixar de ser livre, assumindo as conseqüências de seus atos.

Segundo Aranha e Martins (1986, p.318) "a liberdade não é a ausência de obstáculos, mas o desenvolvimento da capacidade de dominá-los e superá-los". Percebe-se a importância dos momentos de reflexão que todo ser humano deve praticar, da capacidade de perceber e antever as conseqüências de seus atos.

Na adolescência é muito comum a reivindicação da liberdade. O homem nesta fase de contestação e auto-afirmação passa, segundo Gurdorf (apud ARANHA e MARTINS, 1986, p.319) por momentos onde a "liberdade do adolescente é uma adolescência da liberdade, uma liberdade de aspiração [...] a juventude é tempo de aprendizado da liberdade."

ALUNO: _____

INSTRUÇÕES

Preencha o formulário, abaixo, manifestando sua opinião sobre a atividade da qual acabou de participar. Ele ajudará a avaliar o seu grau de satisfação em relação à oficina, bem como orientar as futuras atividades relacionadas a este conteúdo, professor ou local. Como referência utilize a legenda ao lado e coloque um "x" na nota que reflete sua opinião.	LEGENDA DE NOTAS		100% ↑ 0%
	5	Ótimo/Totalmente	
	4	Bom/ Maior parte	
	3	Satisfatório/Parcialmente	
	2	Regular/Menor parte	
1	Insatisfatório		

ASSINALE A ALTERNATIVA QUE MAIS CORRESPONDE COM SUA OPINIÃO

CONTEÚDO DAS ATIVIDADES DE PRÁTICA DE ENSINO	NOTA				
	5	4	3	2	1
Os objetivos de ensino foram atingidos...					
Meu conhecimento sobre o assunto melhorou...					
Do que foi ensinado consigo aplicar ou relacionar a formação docente e nas atividades práticas...					
A profundidade e detalhamento do conteúdo foram...					
As minhas expectativas em relação às atividades foram atendidas...					
O tempo utilizado para a apresentação/discussão do conteúdo foi...					

RECURSOS PEDAGÓGICOS E METODOLÓGICOS	NOTA				
	5	4	3	2	1
O material utilizado (recursos tecnológicos: vídeo, TV pendrive) contribuiu para o aprendizado...					
O funcionamento das instalações (salas, iluminação, climatização, etc.) foi...					
A metodologia durante as aulas foi...					

PROFESSORA	NOTA				
	5	4	3	2	1
O domínio do assunto pela Professora foi...					
A clareza e objetividade na exposição do conteúdo pela Professora foram...					
A capacidade de esclarecer dúvidas da Professora foi...					
A relação professor-aluno pode ser considerada...					
A pontualidade e cumprimento dos horários foi...					

PARTICIPANTE	NOTA				
	5	4	3	2	1
A sua pontualidade foi...					
O seu envolvimento nas atividades propostas pelo Professor foi...					
A sua disciplina em sala de aula foi...					

AVALIAÇÃO GERAL	NOTA				
	5	4	3	2	1
A avaliação que faço das atividades de prática de ensino como um todo é...					
A avaliação que faço do meu desempenho, de minha aprendizagem pode ser considerada como um todo é...					

Eu critico: _____

Eu elogio: _____

Eu sugiro: _____

6 Recursos Humanos e Materiais

- Tutorial para blog no site da Escolabr.com disponível em <http://www.escolabr.com/portal/modules/wfchannel/index.php?pagenum=12> . Pedagogia do Blog disponível em <http://br.geocities.com/piechnicki/>
- Vídeos, diversos sites;
- Textos;
- Músicas;
- ficha de auto-avaliação;
- atividades xerocadas;

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1986. p.318-319 .
- TELES, M. L. S. Filosofia para jovens. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.31.



I Jornada de Humanidades – Professores do projeto, estudantes e pais no CEAM.

Temática

IDEOLOGIA

Turma: 3º do Ensino Médio

Sidney Marcelino dos Santos

1 Prática Social Inicial do Conteúdo

1.1 Objetivos

Esse plano de aula será voltado para alunos do Ensino Médio. Pretende-se a compreensão, pelos alunos da conceitualização de Ideologia e de como ela se faz presente em nosso cotidiano e nos influencia diretamente.

1.2 Listagem de Conteúdos

- O que significa Ideologia na linguagem do dicionário;
- Onde vemos Ideologia hoje, como se caracteriza;
- A função da Ideologia dentro de um sistema econômico, político e social como o que vivemos.

1.2 Vivência Cotidiana do Conteúdo:

a. O que já sabem?

Que são influenciados (estimulados) a usar determinadas roupas ou marcas, beber certas coisas, comer determinadas marcas de produtos, frequentar ambientes, falar de forma características, etc. e que tudo isso atende a um propósito.

b. O que gostariam de saber a mais?

Por que é tão difícil ir contra essas “imposições”? Como pensar em uma sociedade sem a influência da Ideologia? Como perceber a Ideologia nas coisas do dia-a-dia?

2 Problematização

2.2 Discussões sobre o Conteúdo

Como a Ideologia nos influencia? Como ela se caracteriza? As diversas formas que ele se apresenta? Como ela se impõe no campo da política, do econômico e do social?

2.3 Dimensões

- **Social/Antropológica:** As sociedades como reprodutoras de uma Ideologia de massas, sem grandes preocupações com a degradação do meio ambiente.
- **Política:** A formação cidadã dos jovens, como ela tem se realizado? Que tipo de cidadão pretende-se formar?
- **Histórica:** Principais mudanças das sociedades modernas.
- **Econômica:** Consumismo desenfreado e sem preocupações com fins dos recursos naturais.
- **Filosófica:** Operalização da Ideologia no tempo e na consciência social.

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didático-Pedagógicas

Iniciar a aula com o clipe da musica Ideologia do Cazuza. A partir dela realizar algumas indagações em relação as imagens e também em relação a letra da música. O que significam aqueles símbolos para eles? Isso é perceptível no seu cotidiano? Você precisa de uma Ideologia pra viver? No que Ideologia se relaciona ao poder? Apresentar o significado da palavra Ideologia no dicionário, a partir desse momento fazer uma reflexão do pensamento de Marx sobre a conceitualização de Ideologia e sua função

no mundo capitalista, fazendo ligações com outros autores. Apresentar, também, durante a explanação da aula, alguns comerciais televisivos para ilustrar como se há intenção de manipular o consumo e como se operacionaliza. A partir do levantamento proposto pelos alunos problematizar o papel da escola e de outras instituições, como elas contribuem para a formação da sociedade em que vivemos.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Clipe “Ideologia” musica Cazuza;
- Imagem selecionada (item 3.2.3);
- Discussão com a turma;
- Vinhetas televisivas;
- Computador;
- Projetor.

3.2.3 Imagem



Fonte: http://www.tropis.org/biblioteca/cuidado_escola.html
(Livro “Cuidado! Escola!”)

4 Catarse

4.1 Síntese Mental

A proposta dessa aula é que ao final os alunos possam ter se apossado do conhecimento que, desde suas mais tenras ações, são motivados por grupos, cujo interesse é encaixá-los em certos grupos de status; para tanto exigem determinados comportamentos: frequentar lugares que possam representar tais status, consumir alguns produtos de marcas, etc. e isso se torna um tanto mais eficiente quando realizado inconscientemente, pelo indivíduo ou pelo coletivo.

4.2 Expressão da Síntese

No último momento da aula pedir que escrevam as impressões da aula, para fins de melhorar a próxima e também escreverem o que a explanação do tema acrescentou aos seus conhecimentos mediatos e se esse conhecimento pode ser aplicado em sua vivência diária.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Visão crítica do consumo;
- Compreensão do papel da Ideologia na sociedade atual;
- A percepção do contínuo processo de mudança da sociedade capitalista ao longo da história;
- Que possam perceber-se frutos desse processo.

6 Análise dos Resultados

Observação: Esse plano não foi utilizado na I Jornada de Humanidades, mas nas regências, na disciplina de Estágio Supervisionado, no Colégio Estadual Olympia M. Tormenta, em Londrina-PR, contudo é uma proposta didático-metodológica a ser usada na abordagem do assunto com alunos do ensino médio.

REFERÊNCIAS

- MARCONDES F., Ciro, O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia. São Paulo: Global, 1987.
- THOMPSON, John B., Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, A Ideologia Alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas 1845-1846, São Paulo: Bom Tempo.
- CHAUI, Marilena, O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos: 13)
- LÖWY, Michael, Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1996.
- GARCIA, Nelson J.O que é propaganda ideológica. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- . Sociologia / vários autores – Curitiba: SEED-PR, 2006. – 266p
- GASPARIN, João L., Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.



Estudantes do CEAM em reunião do grêmio – 2008

Temática
MOVIMENTO ESTUDANTIL:
IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE

Turma: Ensino Fundamental e Médio
(Grêmio Estudantil da Escola)

Ângela Maria de Sousa Lima
Jaqueline Fabeni

1 Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Conhecer o que é o movimento estudantil, entendê-lo como um movimento social importante na conquista e na cobrança dos direitos dos alunos na instância escolar, podendo inclusive saber como atuar, por meio dele, fora desta instituição, afinal quer-se que os alunos desenvolvam cientificamente o conceito de movimentos sociais como atividade social modificadora das relações humanas, demonstrando como eles interferem na dinâmica da vida das pessoas em sociedade;

1.2 Listagem de Conteúdos

- Movimentos sociais no Brasil e suas principais características;
- Movimento estudantil como um importante movimento social;
- Juventude, Grêmio e gestão democrática;
- Grêmios estudantis como órgão representativo dos alunos na realidade escolar e sua importância;
- Propostas dos próprios alunos acerca da formação e da manutenção do grêmios na escola.

1.3 Vivência Cotidiana do Conteúdo

a. O que já sabem

Talvez poucos alunos tenham tido a oportunidade de ouvir falar sobre Grêmios Estudantis; os que conhecem o Grêmios podem ter dúvidas a respeito da autonomia que possuem na escola; alguns alunos podem deixar de exercer os seus direitos na escola e no Grêmios, por não conhecê-los.

b. O que gostaria de saber a mais?

- O que é um movimento social? O que define um movimento social e o difere de outro tipo de organização?
- Que relação pode haver entre movimento estudantil, democracia, cidadania e transformação social?
- Como organizar um Grêmios na escola? O que é necessário para formar uma comissão pró-grêmios? (na concepção da SEED, da escola, do GEEMAS e principalmente, dos próprios alunos)

2 Problemática

2.1 Discussão dos Conteúdos

Durante a problemática, queremos teoricamente, entre outras questões: mostrar aos alunos o que é movimento social na sociedade capitalista, em suas dimensões: histórica, cultural, econômica e política, fazendo um recorte para movimento estudantil, até chegar ao debate da questão da formação do grêmios na escola; demonstrar a atuação histórica do movimento estudantil no mundo, para desmistificar a ideia de que sua organização é uma característica específica da sociedade capitalista; trabalhar historicamente o surgimento do movimento estudantil no Brasil, no Paraná e no município de Ortigueira; esclarecer a diferença existente entre organização social e movimento social; discutir a relevância do grêmios, sua importância para a instituição escolar e para a formação política dos alunos direta ou indiretamente envolvidos; conhecer o trabalho do “GEEMAS” (Projeto

de Extensão do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina), seus serviços prestados à comunidade escolar, suas finalidades no debate com os alunos e os profissionais da educação acerca dos temas educacionais, que ao mesmo tempo constituem objeto de estudo da Sociologia.

2.2 Dimensões do Conteúdo

Conceitual: Há diferenças entre organização social e movimento social?

Histórica: Você conhece a história do movimento estudantil no Brasil? Como ele era durante o regime militar? Como é hoje? Sabem como surgem os movimentos sociais no Brasil e no mundo?

Social: A participação dos alunos no Grêmios pode melhor prepará-los para o exercício da cidadania fora da escola? A atuação das crianças, dos adolescentes e dos jovens no Grêmios pode contribuir futuramente com sua formação profissional, política e humana mais abrangente?

Ideológico: O movimento social pode ser uma das oportunidades de realização de transformações sociais mais efetivas no Brasil e neste município em específico? O movimento estudantil nesta escola pode provocar mudanças no modo dos estudantes conceberem e atuarem na realidade social?

Legal: É preciso conhecer as leis que regem para constituir um grêmios estudantil na escola? Por que é importante compreender como está assegurada legalmente a organização de Estudantes como entidades autônomas representativas dos seus interesses? Por que o grêmios precisa construir um estatuto? Qual a relevância das Assembleias Gerais? Como pode se dar a escolha dos dirigentes e dos representantes do Grêmios Estudantil? Qual a importância do voto direto e secreto de cada estudante?

Política: Os alunos têm direito a participação autônoma nas decisões da escola? Como exercê-la ativamente? Ser cidadão consiste apenas no fato de ter direitos e deveres perante o Estado e os demais cidadãos? O Grêmios precisa atrelar-se a partidos políticos? Como atuarem como sujeitos políticos transformadores da história por meio do grêmios?

3 Instrumentalização

3.1 Ações Didáticas Pedagógicas

Ouvir as impressões iniciais dos alunos acerca do movimento estudantil; Debater com os alunos sobre a formação e atuação dos mesmos no Grêmios; Explicar teoricamente a caracterização dos movimentos sociais/estudantis no Brasil, utilizando conceitos sociológicos para também defini-los; Criar situações de aprendizagem para que os alunos consigam relacionar os con-

teúdos trabalhados com suas impressões a respeito da realidade vivenciada coletivamente na escola, por meio do Grêmio; Ouvir as propostas de atuação dos alunos na escola, através do Grêmio estudantil (as alternativas implementadas e aquelas que querem implementar - quando, como e por quê); sugerir atividades possíveis que possam ser arregimentadas na escola, pensando o Grêmio como canal de representação, de transformação e de defesa dos direitos dos alunos, com o auxílio teórico-metodológico do GEEMAS, parceria esta facilitada por meio da atuação na escola de outro Projeto de Extensão, intitulado LENPES (do Programa Universidade Sem Fronteiras);

3.2 Recursos Humanos e Materiais

Livro e textos;

Folhas de papel sulfite;

Papéis impressões com as questões e as citações;

TV *pendrive*;

folder do GEEMAS sobre grêmio estudantil. (ver em anexo)

4 Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno

Almeja-se que os alunos: compreendam que para a formação de um grêmio estudantil necessitam de um projeto, de uma ideologia e de uma organização; que o movimento estudantil é um movimento social que atua na educação onde os sujeitos são os próprios estudantes; entendam que os movimentos estudantis deram e continuam dando contribuições importantes em muitos momentos históricos no Brasil e em vários países e que por isso sua ação na escola não está desvinculada desse contexto mais abrangente; percebam que a escola pode ser um lugar onde todos exercem sua cidadania e que o Grêmio, como organização que representa os interesses dos estudantes dessa instituição, deve zelar pelo exercício dos direitos dos mesmos; vejam que ele, o movimento estudantil, caracteriza-se historicamente por ser um movimento de resistência à criação de um modelo societário excludente; que o grêmio é uma organização sem fins lucrativos que representa os interesses dos estudantes no interior da escola (através dele é possível que os alunos discutam, criem e fortaleçam inúmeras possibilidades de ação tanto no próprio ambiente escolar como na comunidade do entorno); analisem o Grêmio como um importante espaço de produção de conhecimentos e de instrumentalização destes acerca de temas de interesse dos alunos (por meio de palestras, análise de

filmes, organização de debates, etc); que um de seus principais objetivos é contribuir para aumentar a participação dos alunos nas atividades de sua escola, realizando atividades que podem ser além das de natureza: esportiva; cultural, educacional; social; mas, também, atividades políticas com vistas à organização e conscientização dos estudantes,

4.2 Expressão da Síntese

Roda de discussão sobre o assunto com os alunos pertencentes ao Grêmio estudantil da escola. Cada um comentará o que apreendeu do debate, colocará (por escrito ou oralmente) suas dúvidas e fará propostas para o segundo encontro com o grupo.

5 Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

Espera-se que os alunos tomem ciência e transmitam aos demais estudantes, que o Grêmio é também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e de luta por direitos; compreendam e transmitam aos demais estudantes, que podem contribuir para aumentar a participação dos alunos nas atividades de sua escola, organizando diversas e diferentes atividades que envolvem os interesses dos mesmos, fazendo com que eles tenham voz ativa e participativa nas decisões da escola; conscientizem-se e transmitam aos demais estudantes, que sempre tem algo importante a ser melhorado ou construído no âmbito da escola e que essa função foi delegada a eles pelos próprios, colegas estudantes; entendam e transmitam aos demais estudantes, que o Grêmio precisa atuar em benefício da escola e da comunidade onde residem, mas que sua luta e abrangência pode extrapolar esses espaços; analisem e transmitam aos demais estudantes, que o Grêmio Estudantil é uma das primeiras oportunidades que as crianças, os adolescentes e os jovens têm de participar politicamente de forma organizada das decisões da escola, manifestando sua voz na administração da escola, apresentando suas idéias e opiniões; percebam e transmitam aos demais estudantes, que todos são sócios do grêmio, a partir do momento em que foram matriculados e com freqüência na escola, mesmo que a participação no grêmio seja voluntária; vejam e transmitam aos demais estudantes, que o Grêmio tem autonomia para elaborar propostas, organizar e sugerir atividades para a escola, participando ativamente da organização do calendário e das atividades que serão realizadas na instituição;

5.1 Ações dos Alunos

- Realização de outras reuniões e encontros dos membros do Grêmio com a equipe do GEEMAS (Projeto de Extensão do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina);
- Auxílio teórico e metodológico do GEEMAS, quando solicitado pelos próprios alunos da escola: no planejamento da Assembléia geral, como órgão máximo de decisão do grêmio, composta por todos os alunos da escola; na elaboração de um Estatuto, onde estão os princípios básicos do movimento, seus objetivos principais e suas propostas de estrutura; e nas instruções sobre a elaboração de uma Ata, como registro oficial das reuniões, assembleias e eleições.

6 Análise dos Resultados

Antes de iniciar o diálogo acerca das discussões teóricas sobre os conteúdos específicos acima citados, nos propomos a ouvir os conhecimentos que os alunos já possuíam a respeito dos temas. Só depois de ouvi-los ligamos a TV *pendrive* para, através de autores, constituir o que o movimento social, o movimento estudantil e o Grêmio.

Nossa oficina com a equipe do Grêmio Estudantil do Colégio Altair Mongruel ocorreu na sexta-feira, no dia 31 de outubro, no período noturno. Estavam presentes quase todos os membros do Grêmio, dentre eles o diretor social, o presidente, a tesoureira, o segundo presidente, a secretária geral, a diretora de imprensa acompanhada da suplente, entre outros. O diálogo com eles foi altamente produtivo e pertinente.

Vimos que os alunos da instituição estavam bem representados nos estudantes do movimento, que se mostraram atentos, preocupados, interessados e curiosos em saber mais sobre a temática proposta e sobre as alternativas que almejamos dialogar com eles sobre o chamado “Grêmio democrático”.

Em círculo, em uma das salas de aula da escola, conversamos durante uma hora e trinta minutos. Depois de dizer suas expectativas em relação ao tema e participar da primeira parte do debate mis teórico, os alunos se apresentaram, disseram qual função cada um ocupava dentro da chapa, manifestaram outras dúvidas sobre o movimento, permitindo que a prática social inicial planejada fosse cumprida com êxito.

Junto com suas colocações apontamos outros questionamentos e deixamos claro para o grupo nosso objetivo de trabalho, que como proposto no plano, não visava interferir, de modo algum, na autonomia do movimento e no planejamento de suas ações na escola.

Há de se registrar que nossa intervenção se deu no plano teórico, mostrando-os sociologicamente, com base em diferentes autores, o que é movi-

mento social, o que é movimento estudantil, um pouco da trajetória histórica dos movimentos de juventude no Brasil, em especial durante o período do regime militar e os desafios propostos no momento atual.

Utilizamos um informativo elaborado pelo GEEMAS (Grupo de estudos e extensão de materiais didáticos de Sociologia), que trabalha a temática do movimento estudantil como um dos objetos de estudo.

Contamos rapidamente como se dá o trabalho do GEEMAS nas escolas e, como integrantes do projeto, falamos também em seu nome. Houve uma troca bem aprofundada de informações e conhecimentos sobre o assunto, que aliou teoria e prática dos alunos na escola.

Os alunos auxiliaram na leitura e no debate das questões teóricas, que foram paulatinamente sendo expostas por meio da TV *pendrive* e em tiras digitalizadas entregues a cada um antes da aula. Antes da explicação de cada citação exposta, os mesmos interpretavam-nas e falavam suas expectativas e dúvidas sobre as mesmas. Isso acabou ocorrendo durante todo o encontro.

As funcionárias do colégio também participaram do encontro e expuseram suas opiniões sobre a atuação do Grêmio na instituição, opiniões e alternativas estas que foram bem valorizadas e acatadas pelos jovens. No plano mais prático, os membros do Grêmio falaram suas propostas para a escola, entre elas destacando as que já haviam sido planejadas e aquelas que, naquele momento, despontavam como desafios no âmbito do chamado “Grêmio mais democrático”:

[...] quadra coberta, elaboração de um jornal dos estudantes para a escola, viabilização do funcionamento da biblioteca no período noturno com acesso a rede de internet para os alunos, garantia de funcionárias para a sala de informática, implementação da caixa de som para viabilizar a comunicação com os alunos, organização de diferentes gincanas no colégio, ampliação do espaço do laboratório, viabilização de mais atividades de lazer para os alunos de diferentes séries na escola, organização de times, montagem de um time com a equipe do grêmio estudantil, organização de eventos na escola (Ex: palestras sobre a conscientização sobre a limpeza do prédio), implementação de uma ouvidoria para tentar implementar as propostas trazidas pelos alunos; (Relatos dos alunos, out/2008).

Sáimos bastante satisfeitas com os resultados proporcionados pelo diálogo com os alunos. Tentamos demonstrar que os desafios do grêmio vão muito além do plano mais imediato na escola. Aos alunos sugerimos atividades no que diz respeito ao compromisso da universidade, do curso

de Ciências Sociais, do GEEMAS e do Projeto LEMPES na ampliação do debate sobre o movimento estudantil e nos colocamos a disposição para futuras conversas temáticas.

Entre os objetivos já citados acima, nosso intuito era de que os alunos percebessem a importância da participação da juventude na esfera pública, que os benefícios da participação desses estudantes no Grêmio extrapola as questões da vida cotidiana na escola. O grêmio é também um espaço para se fazer ouvir e criar um canal de diálogo entre: direção/estudantes/comunidade.

Desse modo nossos propósitos não deixaram de ser bastante ousados, ou seja, a atividade teve o intuito de desenvolver com o aluno o sentimento de pertencimento à escola, ao espaço público e ao próprio grêmio como órgão legítimo e privilegiado na representação dos anseios, das necessidades, das lutas e dos direitos dos alunos.

REFERÊNCIAS

- GOHN, Maria da Glória (org) *Movimentos sociais no início do século XIX: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003, Cap.5 pp. 155-211.
- PILÃO, Valéria. *Movimento Estudantil. Livro Didático Público*. Secretaria do Estado do Paraná. Curitiba - Paraná. 2006, pp.266-280.
- PILÃO, Valéria. *Movimentos Sociais*. IN: Livro *Didático Público*. SEED-PR Curitiba - Paraná. 2006, pp.236-247.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*. Revista Sociedade e Estado, UNB, v.21, nº1, 2006, p.109-130.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Pesquisa e ação educativa com os movimentos sociais no campo no Brasil*. (Portugal - no prelo), 16 p.
- SOCIOLOGIA. Vários autores. Curitiba: SEED-PR, 2006. 280 p.
ISBN 85-85380-41
- TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia para o Ensino médio*. São Paulo: Editora: SARAIVA. 2007. p.256.
- TOMAZI, Nelson Dácio. (org). *Iniciação a Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993.
- VENTURA, Z. *1968: o ano que não acabou*. RJ: ed. Nova Fronteira, 1988.

Estudantes do grêmio do CEAM com professora e estagiária do projeto.



COM A PALAVRA:
OS PROFESSORES E OS ALUNOS DO
COLÉGIO ALTAIR MOGRUEL DE
ORTIGUEIRA-PR





I Jornada de Humanidades – Estudantes da 7ª série

REDAÇÕES SELECIONADAS E PREMIADAS DO COLÉGIO ALTAIR MONGRUEL

Prof^a Guiomar Ferreira Kalçoviski

As redações que se seguem foram elaboradas pelos alunos do Colégio estadual Altair Mongruel, sob a orientação da professora Guiomar Ferreira Kalçoviski. Algumas delas participaram do Concurso de Educação Fiscal, do Projeto Agrinho em 2008, outras (como a elaboração do Hino), participaram do Projeto “Resgate do Patriotismo”, outras, ainda, se constituíram como artigos de opinião na Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa.

Bandeira Nacional: O Símbolo da nossa Nação

Beatriz C. do Carmo - 8º B

A nossa bandeira é um dos mais importantes símbolos nacionais do país, ela é representada pelas cores verde, que significa as nossas matas, a natureza do Brasil, o amarelo que significa as nossas riquezas e o azul que representa o nosso céu, e as vinte e sete estrelas, que representam os nossos Estados e o Distrito Federal, tem ainda a frase “Ordem e Progresso”, como se quisesse dizer algo como, temos que ter ordem para podermos progredir.

A bandeira é o símbolo mais importante para o país, tanto que existem leis que punem quem faça algo que não deva com a bandeira nacional. Poder ser o porta bandeira numa olimpíada, jogos ou outras ocasiões é uma honra, é a bandeira que representa o país no mundo, e através dela que eu vou saber quem esta representando cada país.

Nossa bandeira já passou por várias mudanças antes da atual, desde sua forma até as estrelas. Sem dúvida, minha opinião a nossa bandeira nacional é talvez a mais bonita de todas, não porque sou brasileira, mas porque a nossa bandeira tem a forma e as cores marcantes, o verde e o amarelo, quem vê nunca esquece, são as nossas cores que nos representam, portanto, não devemos desrespeitar, mas sim, homenagear aquela que em teu seio formoso retratas este céu de puríssimo azul, a verdura sem par destas matas e o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Bandeira Nacional

Cintia - 7ª C

A bandeira do Brasil foi adotada pelo decreto nº4 de 19 de novembro de 1889. Este decreto foi preparado por Benjamim Constant, membro do governo provisório. Ela foi inspirada na bandeira do Império com a esfera azul-celeste e a divisa positivista 'Ordem e Progresso' no lugar da coroa imperial, deve-se a Benjamim Constant que o sugeriu a Raimundo Teixeira Mendes.

Em 1992, uma lei alterou a bandeira para permitir que todos os 26 estados e o Distrito Federal representado por estrelas. As estrelas não têm o mesmo tamanho, elas aparecem em 5 dimensões, a primeira, segunda, terceira, quarta e quinta grandezas. Estas dimensões não correspondem diretamente às magnitudes astronômicas, mas estão relacionadas com ela. Quanto maior a magnitude da estrela maior é o seu tamanho na Bandeira.

As quatro cores da Bandeira Nacional representam simbolicamente as famílias reais de que descende D. Pedro I, idealizou da Bandeira do Império. Com o passar do tempo esta informação foi sendo substituída por uma

adaptação feita pelo povo dentro deste contexto, o verde passou a representar as matas, o amarelo as riquezas do Brasil, o azul o céu e o branco a paz que deve reinar no Brasil.

Polêmica: Hidrelétrica Mauá

Jessiane B. Gonçalves - 2º A

Atualmente um dos assuntos mais discutidos no meu município e nos municípios vizinhos é sobre a construção da Usina Hidrelétrica Mauá, que será construída no rio Tibagi entre os municípios de Ortigueira e Telêmaco Borba e irá atingir 5,5% da área de biodiversidade da Paraná. Após a construção, a usina fornecerá energia suficiente para atender cerca de 1 milhão de pessoas.

Mas nem todos estão de acordo, grande parte da população procura meios para paralisar a obra, ambientalistas afirmam que a construção da usina irá trazer muitos danos ao meio ambiente e provocar a extinção de várias espécies de animais, muitos já protestaram, mas de nada adiantou, mesmo porque a ordem de serviço para o início das obras já foi assinada pelo governador Roberto Requião.

A população ribeirinha está um tanto quanto preocupada, pois terão que se deslocar dos terrenos em que vivem, para que esse possa ser inundado pela água, logicamente que serão recompensados financeiramente, para que possam se instalar em outros locais.

Acredito que esse empreendimento terá suas vantagens e desvantagens, basta o homem saber utilizar as vantagens para que as desvantagens se tornem pequenas comparado ao crescimento que o município terá, isso devido ao valor financeiro de Ortigueira e Telêmaco Borba, como uma forma

I Jornada de Humanidades – Estudantes do CEAM



de compensação, pelas áreas ocupadas com o reservatório da hidrelétrica. Sem falar que esse empreendimento deve gerar em torno de 1500 empregos diretos e mais de 700 indiretos.

Meu País

Julia Acordi Baumel - 1º A

Ligo a televisão e vejo nas principais manchetes corrupção, corrupção na política, nas empresas, na polícia enfim um país de corruptos, onde ser honesto é estar fora da moda.

Os tributos que nós e as empresas pagamos são elevados, travando nosso enriquecimento que nos traria um bem-estar. Do outro lado estão os governantes que recebem este montante através da arrecadação de impostos e utilizam sua maior parte para benefício próprio, desviando através das empreiteiras, licitações superfaturas. O restante que seria distribuído para benefício do povo é insuficiente, dando para manter a máquina administrativa precariamente funcionando.

Outra consequência dos elevados tributos é a pirataria, pois os produtos nacionais e importados legalmente tornam-se caros. Aí entram os produtos ilegalmente, pois sem tributação tornam-se baratos e atrativos.

Para consertarmos este nosso país, teríamos que lutar contra a impunidade, pois as leis são boas, desse modo acabaríamos com a corrupção e os maus costumes. Sobraria assim mais dinheiro para a educação segurança e saúde.

Usina: Benefício ou Prejuízo

Leandro Barroso P. Guilherme - 3º A

Já foi confirmada a construção da usina, ela vai alagar cerca de 100 quilômetros entre Ortigueira e Telêmaco Borba, é também comprovado que muitas famílias irão perder suas terras, só que as famílias serão indenizadas pela perda de suas terras. Há muitos animais no lugar, e não está comprovado que irão desaparecer do lugar, como também não está comprovado que serão resgatadas todas as espécies, e quem garante que terão um bom lugar para ser transportados para continuarem vivendo no seu habitat natural.

Certamente estamos numa posição que temos que aceitar a construção da usina de Mauá, não temos escolha de qualquer forma vai sair.

Isso vai atingir praticamente todo o município, gerando muito empre-

go para mais de 1.500 pessoas dentro de quatro anos, e depois como ficarão as pessoas? Será que vão arrumar outro emprego? Não sabemos o que acontecerá daqui uma hora, por isso, não podemos julgar.

Muitos moradores são contra, outros a favor, na minha opinião sou e não a favor em alguns critérios; Como por exemplo ela vai trazer benefícios e junto os prejuízos, com certeza algo tem que melhorar, espero que seja os benefícios, pois, a partir daí que o município crescerá em velocidade máxima, mas é bom ressaltar que “crescer” de maneira que não pare mais, cada vez mais, com grandes objetivos ou desenvolvimento.

Penso também nas pessoas que irão perder suas terras, será vão receber ou concordar com aquilo com que elas merecem pelas suas terras, pois, esses pedaços garantem o sustento de cada dia, mas é claro que tem os de boa situação. E aquelas famílias pobres, como irão se sustentar?

Afinal não sabemos se vai ou não dar certo. Resta-nos esperar que tudo dê certo e que melhore a situação das pessoas de nosso município, onde, cada vez mais se multiplique os benefícios.

Bandeira: O Espelho da Nossa Nação

João Lucas Taques

Na minha opinião a bandeira nacional além de ser um grande símbolo, ela representa grande orgulho para nossa pátria, sendo respeitada por todos os cidadãos brasileiros.

Assim como está escrito na bandeira “ordem e progresso” é o que queremos, o Brasil é um país organizado na medida do possível, e que progride todos os dias para um futuro melhor para os nossos cidadãos.

O hino da bandeira retrata o nosso Brasil, falando das imensas matas verdes, fala também da alegria, generosidade e humildade, do povo brasileiro, que junto à suas atrações naturais, como toda costa brasileira, atrações culturais e muito mais riquezas, que fazem do Brasil um ponto turístico desejado por muitos e que nos orgulha ainda mais de sermos um cidadão brasileiro.

Nossa Pátria... Nossa Mãe!

Luana de F. Bartolomei - 8ª A

Inicialmente quero falar da nossa bandeira, esse símbolo nacional que representa o nosso país, sem dúvida é histórica, é a beleza do Brasil. Além disso, quero destacar que devemos ter amor por nossa pátria, assim temos motivos a mais para buscar mudanças.

Na nossa bandeira encontramos três cores, que despertam curiosidade. O verde, representando a natureza, o amarelo as nossas riquezas, o azul representa o nosso céu, sem falar nas estrelas que dão um brilho a mais, representando os estados brasileiros e a nossa capital. O hino nacional é mais uma forma de demonstrar o nosso patriotismo, juntamente com a bandeira, são a nossa marca registrada, a cada dia que passa devemos respeitar cada vez mais nossa bandeira, assim seremos considerados pessoas civilizadas.

O patriotismo parte de cada um de nós, ame seu país, sua bandeira, seu hino, assim estará fazendo sua parte.

Construção: Problema ou Solução?

Wellington Gustavo Pereira - 3º ano

A pacata cidade de Ortigueira no interior do Paraná, sempre teve pequenos problemas que atrapalharam seu desenvolvimento e crescimento.

Porém agora, com a construção da usina hidroeétrica, terão certos benefícios, mas também enormes problemas para nossa região.

Durante vários anos houve discussões sobre como aumentar os empregos, o crescimento econômico e tecnológico da nossa localidade. Mas temos dúvida se poderemos e conseguiremos dar esse passo tão grande pelo nosso município.

Durante audiências em nosso centro cívico, alguns moradores já se mostraram descontentes com a construção, porém outros demonstraram enorme entusiasmo com sua edificação.

Do meu ponto de vista a cidade apresentará um crescimento acelerado no início, pela enorme quantidade de pessoas que estarão envolvidas na construção da usina, após o término acredito que voltará ao seu ritmo normal.

I Jornada de Humanidades – Estudantes da 7ª série



I Jornada de Humanidades – Estudantes da 7ª série

Segundo ambientalistas, as hidroeétricas apresentam gigantesco impacto ambiental, onde são fixadas e com certeza não estamos preparados para sofrer com os problemas causados ao nosso meio ambiente. O povo da região, de onde suas terras serão inundadas, apresenta-se bastante frustrado e deprimido porque acha que terá seu lar e sua história afogado pela represa da usina.

Assim, seria bom que a população e os governantes se inteirassem da realidade e revissem, junto aos órgãos competentes, a situação delicada que a população irá enfrentar com a construção.

Esperança

Willyam João - 8ª A

Seria tão bom se pudéssemos ter um país sem guerra, sem arma, sem violência. Prova disso foi na Olimpíada de Pequim que o país parou para assistirmos aos jogos da seleção brasileira, e a alegria estampada no rosto dos brasileiros, ao ganharmos várias medalhas de ouro, de prata e de bronze. Alegria maior também ao entoar o Hino Nacional e a bandeira ser a mais alta no podium.

Temos orgulho por sermos brasileiros e nos sentirmos felizes em termos o Brasil como país pátrio. Sou cidadão brasileiro, amo meu país, meu maior orgulho é ser brasileiro e poder morar em um PIS onde os costumes e tradições são vividas no cotidiano da nossa vida.

Enfim o símbolo que melhor representa o Brasil é a nossa bandeira nacional, portanto devemos nos sentir honrados por fazermos parte dessa grande nação que a nossa bandeira retrata.

Hino ao Colégio Estadual Altair Mongruel

Lucinéia Ferreira;

Franciele Ferreira; Jane Cassemiro;

Isis Milene Vieira; Rita Priscila Vieira

Autoras da 7ª Série, Turma C:

Nos dias quatorze de dezembro de 1972 Nascia o símbolo da educação Ortigueira nunca mais seria a mesma Pois nascia o orgulho do jovem cidadão Disciplina é seu lema Educação é sua razão.	Altair Mongruel nos faz cidadão, com disciplina e educação
Altair Mongruel nos faz cidadão, com disciplina e educação	As palavras de juntam Para formar uma nova canção São mais de trinta anos educando Uma nova geração. Pode ser grande, pequeno... Não importa o seu tamanho Está sempre em nossos corações. Desde seu nascimento Nos dá orgulho de ter recebido aqui educação.
Quem passou por aqui Nunca se esquece Quem está aqui Recebe o que merece E quem está por vir Está entrando no caminho da educação.	Altair Mongruel nos faz cidadão, com disciplina e educação
Altair Mongruel nos faz cidadão, com disciplina e educação	Prossiga assim porquê Muitos passarão e outros chegarão Para fazer parte de sua história De disciplina e de educação.
Não podemos esquecer da estrutura Que o faz vencer Entre os seus estão os diretores, Professores, secretárias e zeladores	Altair Mongruel nos faz cidadão, com disciplina e educação

RELATÓRIOS DA I JORNADA DE HUMANIDADE ELABORADO PELOS PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL ALTAIR MONGRUEL

Tema

OFICINA DE MATEMÁTICA: CONSTRUÇÃO DE JOGOS

5ª G | 13:00h às 15:00h | 30/10/2008

6ª A | 8:30h às 10:30h | 31/10/2008

5ª H | 13:00h às 15:00h | 31/10/2008

Professores:

Ana Claudia Rosa

Luiz Fernando Martins

Paula Fernanda Siqueira Rosa

Justificativa

Buscando um interesse maior dos alunos no dia-a-dia pela disciplina matemática, entende – se ser necessário propor atividades que despertem o interesse dos mesmos através de situações lúdicas com a construção e execução dos jogos.

Além de ser um objeto sociocultural em que a matemática se encontra presente, o jogo é uma atividade natural no desenvolvimento dos processos psicológicos básicos, supõe um fazer sem obrigação externa e imposta, embora demande exigências, normas e controles.

Por meio de jogos os educandos não apenas vivenciam situações que se repetem, mas aprendem a lidar com símbolos e a pensar por analogia, passam a compreender e a utilizar convenções e regras que serão empregadas no processo de ensino aprendizagem.



A participação em jogos de grupo também representa uma conquista cognitiva, emocional, moral e social para a criança e um estímulo para o desenvolvimento do seu raciocínio lógico.

Um aspecto relevante nos jogos é o desafio que eles provocam nos alunos, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar.

Objetivo

O objetivo desta oficina de construção de jogos é que o aluno desenvolva suas habilidades cognitivas, afetivas e social, ocorrendo um amadurecimento emocional, construído pouco a pouco através da participação na construção e execução dos jogos que foram propostos, onde eles terão a oportunidade trabalhar em grupo e individualmente.

Encaminhamentos Metodológicos

Ensinar matemática é desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas.

Através dos jogos, busca-se alternativas para aumentar a motivação para a aprendizagem, desenvolver a autoconfiança, a organização, concentração, atenção, raciocínio lógico – dedutivo e o senso cooperativo, desenvolvendo a socialização e aumentando as interações dos indivíduos com outras pessoas.

Na realização da oficina será proposta a construção de jogo “O Tangram” e será trabalhado o Bingo da Tabuada.

Depois de construído o jogo os alunos terão a oportunidade de jogar com o mesmo, sendo oferecidas a eles cópias de formas variadas que podem ser formadas com o uso das peças feitas por eles.

Será demonstrado como se pode construir o bingo da tabuada, utilizando materiais existentes em suas casas, e em seguida será feito o bingo, e o aluno ganhador receberá um brinde simbólico a cada partida.

Relatório

Para a realização da oficina de matemática – Construção de Jogos, foram preparadas as salas de aulas onde aconteceriam as atividades, sendo que foram decoradas com exposição de cartazes, referindo-se à importância dos jogos no ensino aprendizagem, a lenda do tangram, com ele é confeccionado passo a passo e também sobre a tabuada que se referia ao bingo.

Iniciou-se a oficina com o vídeo Donald no País da Matemática, o qual mostra as mais diversas formas geométricas presentes em vários contextos de nosso dia-a-dia, como também a presença da matemática nos jogos praticados pela maioria de nós.

Após o filme foi lido os cartazes com os alunos e distribuídos a cada um deles os materiais que seriam necessários para a construção dos jogos: régua, lápis, papel, E.V.A, tesoura, etc. Em seguida a professora explicou passo a passo como construir o tangram e os alunos foram seguindo esses passos e confeccionando cada um o seu próprio jogo. Conferindo se todos conseguiram montar o tangram, os professores propuseram aos alunos que com as peças que se originaram de um quadrado inicial, que eles montassem o mesmo quadrado usando as sete peças que eles tinham acabado de confeccionar. Dando continuidade aos trabalhos foram entregues aos alunos várias figuras referentes a aves, construções e animais, que se formam com as peças do tangram, para que os mesmos tentassem montar usando o seu jogo, dando um tempo para que eles trabalhassem com o tangram.

Trabalhado com o tangram, iniciamos a atividade com o Bingo da Tabuada, antes de iniciar o jogo, os professores explicaram aos alunos, como se faz as cartelas do bingo e os números para serem sorteados, mostrando-lhes os materiais e quais os procedimentos necessários para se concluir as peças do jogo. Logo em seguida se iniciou o bingo, cada aluno que preenchia a cartela toda ganhava a rodada do jogo.

Os materiais confeccionados durante a oficina foram entregues aos alunos para que os mesmos levassem para casa, podendo compartilhar com sua família e amigos, o que eles haviam aprendido naquele dia na escola.

A oficina foi desenvolvida com os alunos de 5º e 6º séries nos períodos matutino e vespertino nos dias 30 e 31 de outubro de 2008.



Conclusão

Concluimos que o jogo é um desafio, fazendo com que os alunos criem táticas, levante suposições e procure soluções. É preciso que o educador aplique jogos, não apenas em certos momentos, mas sempre de forma que verifique o processo de ensino – aprendizagem, trabalhando com questões que envolvam o cotidiano dos alunos, visando um desenvolvimento com sucesso.

As turmas, onde foram desenvolvidas as atividades, tiveram um ótimo desempenho, com grande êxito e, pudemos perceber muito interesse por partes dos mesmos no desenvolvimento das atividades propostas. Esperamos que esses tipos de jogos despertem o gosto nos educandos pela disciplina de matemática.



Tema

CONFECÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

3º Mag. | 19:30h às 21:30h | 31/10/2008

Professoras:

Giselle Vieira Carneiro

Neiva Fátima Szmoski Pereira

Justificativa

Tendo em vista que as brincadeiras têm funções específicas para ajudar o desenvolvimento mental, social e cognitivo e que desde cedo as crianças aprendem brincando, o presente projeto visa tornar as aulas mais interessantes através da confecção e uso de materiais didáticos.

Objetivos

- Fazer da sala de aula um ambiente agradável, estimulante e harmonioso, onde os alunos sintam prazer em estar ali;
- Criar uma atmosfera de trabalho cooperativo, promovendo um bom relacionamento entre os alunos;
- Proporcionar aos alunos a chance de colocar em prática suas idéias na confecção de materiais didáticos;
- Desenvolver a criatividade através dos materiais confeccionados;
- Mostrar que um mesmo conteúdo pode ser trabalhado de diversas formas.

Metodologia

Confecção de materiais didáticos para o uso na alfabetização despertando na criança o gosto pela aprendizagem.

Recursos

Recursos Humanos:

Professores e alunos;

Recursos Materiais:

EVA; papel cartão; glitter; cola; tesoura; barbante; copos descartáveis e outros.

Avaliação

Será através da participação dos envolvidos durante a execução do projeto.

Relatório

Durante a execução do projeto “Confeção de Materiais Didáticos”, foram confeccionados diversos materiais didáticos como: crachá; minhoca letrada; jogo da tabuada; jogo das 4 operações; jogo da roleta; jogo da memória; estória da galinha; entre outros, para o uso na alfabetização em sala de aula, proporcionando aos alunos um ambiente agradável e descontraído.

Acreditamos que o trabalho desenvolvido foi muito proveitoso e trará bons resultados aos alunos do 3º ano de magistério.



Tema

TEATRO E CONFEÇÃO DE CENÁRIO

5ªA e 1ªA | 31/10/2008

Professoras:

Izaíra Ribas Machado

Marlene dos Santos

Justificativa

A necessidade de se trabalhar com oficinas de teatro surgiu porque as peças teatrais são resultados de um conjunto integrado de linguagens. A prática do teatro pode permitir o aprimoramento do diálogo, da capacidade de expressão, da espontaneidade, da liberdade pessoal, do relacionamento com colegas, professores e familiares contribuindo para que as relações com o mundo se ampliem.

Objetivo

- Os objetivos principais da Oficina de Teatro são:
- Incentivar o educando a expressar suas opiniões;
- Procurar formar leitores apreciadores e críticos para o exercício do direito da cidadania;
- Valorizar ações de cooperação;
- Fazer uso da linguagem formal;
- Superar limites corporais, verbais para melhor viver em sua sociedade.
- Melhorar a entonação de voz.
- Promover a pronúncia correta das palavras.

Problematização

Levar o aluno a refletir e questionar:

- Como organizar um roteiro de seqüência de ações?
- Como criar e caracterizar o espaço do qual o texto fala?
- Como construir cenário?
- Quais materiais usar na construção desse cenário.

Relatório

Realizamos trabalhos em grupos na sala de aula para elaborar textos que representassem cenas cotidianas, caracterizar e estabelecer personagens, ações e criar falas. A seguir os textos foram reescritos para a forma de diálogo direto e dinâmico, depois foi feita a distribuição dos papéis para cada integrante do grupo que memorizava a sua fala.

Em contra turno, cada grupo criava e construía seu cenário e realizava ensaios que é fundamental para que cada um soubesse exatamente o seu momento de falar e de como deveriam se movimentar no palco, também para garantir a expressão mais precisa das reações e dos sentimentos de cada personagem. Cada equipe trabalhou bem o seu texto para que as falas estivessem claramente marcadas e bem pronunciadas. No dia 31/10/08, houve a apresentação das peças teatrais para todos os alunos do Colégio, comunidade (pais de alunos), professores e estagiários da UEL.

Recursos:

Recursos Humanos:

Professores e alunos

Recursos Materiais:

Tintas, cartolinas, papelão, cola quente, pincéis, papel crepom, TNT para a confecção dos cenários, TV pendrive e textos variados, etc.

Catarse

A oficina de teatro foi bem aceita pelos alunos e despertou o interesse de outras séries. Também é necessário levar em conta que alguns alunos não quiseram participar diretamente das apresentações por timidez ou medo de errar, mas participaram realizando outras tarefas na elaboração das peças teatrais e na construção de cenários.



Tema

EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO

1ª E | 19:30h às 21:30h | 31/10/2008

Professores:

Luiz Gustavo Larocca

Marliane Barboza de Almeida

Neudes Hirt

Justificativa

O presente trabalho justifica-se pela falta de comprometimento que as crianças, adolescentes e adultos têm em relação ao trânsito.

Objetivos

- Orientar e educar ao trânsito em cruzar a rua, andar com cinto de segurança, etc.
- Orientar a circulação de pedestres, bem como a circulação de bicicletas como veículo, sabendo que o trânsito é um lugar perigoso e que temos que andar preparados, com equipamentos necessários para pilotar uma bicicleta, uma moto, e até mesmo um carro.

Desenvolvimento do Projeto

Os alunos tiveram palestras com a instrutora da auto-escola Dourada sobre o trânsito e regras de circulação, puderam ver o carro da auto-escola, assistiram vídeos educativos, tiveram oportunidade de praticar as regras de circulação, bem como confeccionaram cartazes sobre o assunto tratado.

A oficina foi muito importante, os alunos participaram muito, gostaram do trabalho realizado, e ficaram mais felizes ainda porque receberam uma carteira de habilitação mirim, a qual poderá pilotar bicicleta, patins, patinete, com segurança.



Tema

PINTURA COM MOLDES VAZADOS A BELEZA DAS CORES

6ª A | 8:30h às 10:30h | 30/10/2008

5ª H | 13:00h às 15:00h | 30/10/2008

6ª B | 8:30h às 10:30h | 31/10/2008

Professores:

Eliana Rossi Mello Migliorini

Maria Inês de Oliveira Martins

Vanessa Viviane Pirollo

*“Todos nós nascemos com criatividade e com inclinação
para produzir algum tipo de arte.
Você simplesmente tem que encontrar
uma ou mais formas de expressão artística com as quais se sintam bem”.*

Jordan Ayan

A proposta foi mostrar neste pequeno espaço e momento uma visão de que a capacidade humana é aparentemente ilimitada e que qualquer pessoa pode muito mais do que imagina e realiza.

A nossa oficina de Arte foi para mostrar que mesmo sem aperfeiçoamento e tempo necessário para se aprender técnicas de pintura com molde vazado qualquer um pode realizar uma pintura com efeitos belíssimos e cores variadas, e também descobrir que somos capazes de mais que imaginávamos em poder realizar.

Foi mostrar aos alunos como se pode misturar cores e levá-lo a desejar aprender e querer sempre mais, levando-o à motivação e espontaneidade de um ambiente calmo, pois a pintura é uma terapia, dá uma incrível sensação de paz e vontade de prosseguir, formas surgem em harmonia e proporções.

Diz Jordan Ayan “Todos nós nascemos com criatividade e com inclinação para produzir algum tipo de arte. Você simplesmente tem que encontrar uma ou mais formas de expressão artística com as quais se sintam bem”.

Esta forma pode trazer benefícios em se fazer um trabalho artístico com as próprias mãos ou até uma forma profissional para estar ajudando no rendimento familiar.

Também procuramos mostrar à necessidade de conscientização das crianças para a importância das cores e como podemos transformar tecidos e roupas usando criatividade e todas as cores que possuímos ou podemos criar a partir de outras.



Este trabalho procurou evidenciar a importância das cores em nossa vida e, conseqüentemente, mostrar, também, a importância da matéria de Artes no nosso dia-a-dia. Tendo como principal objetivo o despertar para as artes e a consciência de que podemos criar coisas lindas usando criatividade, fazendo, também, com que nossos alunos de maneira crítica, responsável e construtiva possam ser agentes transformadores, contribuindo ativamente para um ambiente mais colorido e saudável.

O presente projeto acontecerá com as seguintes atividades: conscientização dos alunos do período matutino e vespertino através de uma palestra ministrada pela nossa equipe sobre a importância da matéria de artes no ensino fundamental e médio.

O trabalho também visa a importância de se dar um colorido maior nas coisas, objetos e ambiente onde vivemos.

Pedimos aos alunos que trouxessem de suas casas uma camiseta ou pano para pintar, copinhos plásticos ou bandejas de isopor para que pudessem preparar as tintas e eles mesmos pintassem as camisetas e panos.

Após realizarmos as atividades, esperamos alcançar nossos objetivos que é levar o aluno a manifestar seus sentimentos através da pintura, das cores e da arte, fazendo com que ele veja como é importante darmos um colorido às coisas e a vida.

Justificativa

O presente projeto justifica-se pela necessidade e cumplicidade por parte dos professores e alunos com relação à beleza das cores, e a importância da arte em nossas vidas, e de que forma podemos transformar nosso mundo em um lindo arco-íris.

Objetivos

- Evidenciar o processo de cores e formas.
- Despertar a consciência dos alunos, de maneira crítica, responsável e construtiva para serem agentes transformadores, contribuindo ativamente para que as cores existentes na natureza não se percam através dos tempos.
- Estimular os alunos para trabalhar em grupo, podendo demonstrar seus sentimentos através das artes.

Metodologia Desenvolvida

Conscientização dos alunos, através de palestras ministrada pela nossa equipe sobre a importância das cores e da matéria de Artes no ensino fundamental e médio.

Pintura de tecido ou camiseta com moldes vazados ou a mão livre.

Conclusão

Fazendo uma análise do projeto, já podemos notar alguns resultados, tais como interesse pelo coletivo, participação e organização dos trabalhos, partilha de materiais e principalmente companheirismo.



Sabemos também que as maiores conquistas vamos perceber em longo prazo, já que é um trabalho de estímulo, com isso pretendemos mostrar que, com atitudes e ações conscientes as cores não se perderão e a arte permanecerá eternizada de alguma forma, concreta ou abstrata.

Depoimentos de alunos durante a oficina

–Eu gostei, foi muito legal eu pinte uma pêra e achei que ficou legal.
Andressa Luhm.

–Achei uma aula legal e interessante. Nos divertimos muito pintando.
Geovana Acordi Braumel.

–Eu achei a oficina muito boa, pois eu me diverti e aprendi a pintar.
Tayna Fenanda Lauber Fontoura.

–Foi legal. Eu gostei de pintar, eles tem paciência com a gente. Agora eu sei pintar.
Mariana R. do Carmo.

–Eu gostei muito de pintar desenho em panos. Achei legal, aprendi varias coisas legais.
Mayara Gelinsk Gomes.



Tema
HIGIENE E SAÚDE

5ª C | 8:30h às 10:30h | 30/10/2008

5ª F | 13:00h às 15:00h | 30/10/2008

Professores:

Marlene dos Santos

Teresa Cristina Mercedes

Justificativa

A necessidade de trabalhar este tema surgiu após conversa com os professores que se demonstraram preocupados em relação à falta de cuidados corporais de alguns alunos e, a presença do educador com uma nova visão se torna imprescindível para que o aluno se aproprie do conhecimento científico a respeito do próprio corpo e sobre a importância de colocar em prática certos hábitos que contribuirão decisivamente para sua saúde.

Ao ser incentivado e orientado a tornar estas práticas regulares o aluno perceberá que viverá melhor, o que poderá também aumentar seu rendimento na escola, pois ser saudável é também estabelecer bons hábitos e compreender que nosso corpo merece cuidado e carinho especial e que este tratamento só traz benefícios.

Objetivo

O objetivo principal da Oficina “Higiene e Saúde” é conscientizar os alunos para o direito à saúde, sensibilizá-los para a busca permanente da compreensão de seus determinantes e capacitá-los para a utilização de medidas práticas de promoção, proteção e recuperação da saúde levando-os a perceberem a necessidade de adquirir bons hábitos de higiene, discutir as formas de higiene corporal, bucal, etc., estimular a prática correta de tomar banho, cortar as unhas e cabelos e escovar os dentes.

Problematização

Levar o aluno a refletir e questionar sobre suas atitudes higiênicas.

Como devo cuidar de meus cabelos, dentes e unhas?

Quais cuidados devo ter com meus pés?

Como devo cuidar de minhas roupas?

Como evitar os piolhos?

Quais os cuidados no período menstrual?

Como escovar os dentes corretamente?

Como devo me alimentar?



Relatório

Ilustramos a sala com cartazes referentes ao tema e em seguida conversamos com os alunos a respeito da necessidade de termos bons hábitos de higiene, evitando chulé, piolho, mal-cheiro. Logo após, utilizamos slides que mostravam, através de desenhos, esses cuidados inclusive na alimentação e vestimentas. Na ocasião, apresentamos o enfermeiro-padrão Mauri Cordeiro, que trabalha no Posto de Saúde da Vila Godoi enfatizando a nossa palestra e incentivando os alunos a procurarem o PS quando tiverem alguma dúvida, salientando que lá existem remédios próprios para piolho e chulé, e que de maneira alguma deveriam usar soluções caseiras ou inseticidas, pois isto causa alergia, intoxicação e até mesmo cegueira.

O dentista do Centro Odontológico, Daniel Reis Messaggi, também compareceu, e reforçou sobre a importância do uso da escova de dente, da escovação correta e das consultas regulares.

A seguir realizamos o Bingo da Higiene, onde listamos, no quadro, sessenta palavras relacionadas a saúde e higiene, desses vocábulos os alunos escolheriam nove para completar a cartela e ao ganhador foi dado um kit de higiene contendo shampoo, desodorante, escova de dente, sabonete.

Ao convidarmos o enfermeiro-padrão e o dentista tivemos a intenção de aproximarmos esses dois profissionais da saúde de nossos alunos, instruindo-os para se prevenirem das doenças, das cáries, dos vermes, etc. já que muitos só vão ao Centro Odontológico ou ao Posto de Saúde quando estão com dor de dente ou apresentando algum sintoma de doença.

Logo após aplicaremos o seguinte questionário que também servirá como avaliação da oficina.

Questionário sobre saúde e higiene:

1. Ao perceber que estou com piolho devo
 - () utilizar um remédio caseiro indicado por um conhecido.
 - () raspar a cabeça.
 - () ir ao posto de saúde e procurar tratamento adequado.

2. Na alimentação devemos dar prioridade aos
 - () doces, refrigerantes, frutas carne e salgadinhos.
 - () doces, frutas, carnes, legumes e salgadinhos.
 - () pães, frutas, legumes, verduras e carne.

3. No cuidado com as roupas devemos
 - () lavar as roupas íntimas e meias e colocá-las para secar ao sol.
 - () usar durante a semana a mesma meia e secá-las na sombra.
 - () usar durante vários dias a mesma camiseta.

4. As bactérias que causam o chulé se proliferam
 - () no sol.
 - () com calor e umidade.
 - () com o uso de água e sabão.

5. A melhor forma de ficar livre dos insetos e dos ratos é
 - () usando inseticida em casa todos os dias.
 - () deixando dos restos de comida a mostra.
 - () mantendo a casa limpa, organizada.

6. A melhor forma de combater a cárie é
 - () utilizando uma boa pasta de dente.
 - () chupando bala e pirulito e escovando os dentes muitas horas depois.
 - () fazendo uma boa escovação pelo menos três vezes ao dia.

7. O tempo ideal para uma boa escovação é de
 - () 30 segundos.
 - () 1 minuto.
 - () 3 minutos.

Recursos

Recursos Humanos:

Professores, enfermeiro-padrão e dentista.

Recursos Materiais:

Cartazes, data-show, televisão *pendrive*, material de higiene (shampoo, sabonete, escova de dente), bingo, questionário, etc.

Catarse

A relação higiene × poder financeiro, infelizmente, ainda não está bem definida entre alguns alunos. Para muitos a falta de higiene está ligada à falta de dinheiro. A intenção da oficina era esclarecer que a limpeza, a organização e a saúde são direitos e deveres de todos e independente da classe social.

Tema

HIGIENE E SAÚDE – CUIDADO COM PIOLHO!

6ª C | 8:30h às 10:30h | 31/10/2008

5ª E | 13:00h às 15:00h | 31/10/2008

Professores:

Cirlene da Apª V. Martins

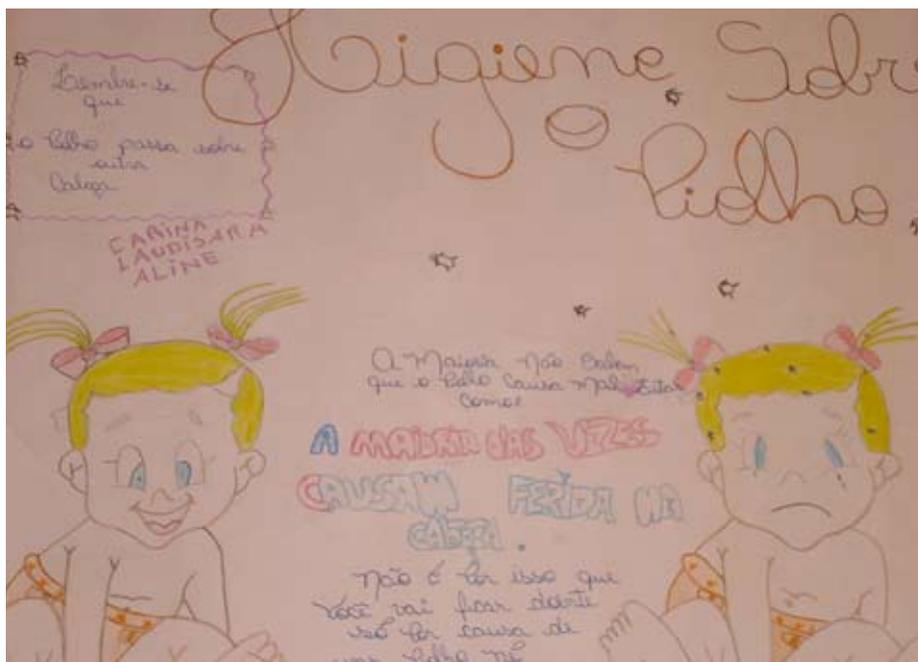
Marina de Lourdes Machado

O que nos levou a desenvolver esse trabalho foi à necessidade de conscientização das crianças para a importância da higiene e da saúde do corpo e, principalmente, da cabeça.

Este trabalho procurou evidenciar a importância da higiene corporal e dos cuidados, principalmente, com os cabelos no dia-a-dia em nossa vida e, conseqüentemente, mostrar, também, a importância de passar esses conhecimentos às outras pessoas. Tendo como principal objetivo o despertar para os cuidados necessários desde criança, passando para a adolescência e, assim, sucessivamente, criando a consciência do quanto a higiene é importante em nossas vidas, fazendo também com que nossos alunos de maneira crítica, responsável e construtiva possam ser agentes transformadores, contribuindo ativamente para um ambiente higiênico e saudável.

O presente projeto acontecerá com as seguintes atividades: conscientização dos alunos do período matutino e vespertino através de uma palestra ministrada pela nossa equipe sobre a importância da higiene para nossa saúde e quais as conseqüências da falta dela no nosso dia-a-dia.

O trabalho também visa à importância de se conservar limpo e higiênico, objetos e ambiente onde vivemos.



Justificativa

O presente projeto justifica-se pela necessidade e cumplicidade por parte dos professores e alunos com relação à saúde e higiene, e a importância desse hábito tão saudável e necessário no nosso dia-a-dia, levando em consideração o problema que será abordado, que é o parasita piolho.

Objetivos

- Estabelecer e divulgar a importância de cuidar de sua saúde e higiene;
- Identificar e saber como se prevenir dos animais nocivos à saúde do homem;
- Investigar sobre os cuidados com determinados alimentos e situações prejudiciais à saúde;
- Pesquisar sobre as formas de prevenção de doenças;
- Reconhecer os diversos cuidados higiênicos;
- Desenvolver a criatividade e imaginação;
- Desenvolver a atenção e o raciocínio.

Metodologia Desenvolvida

- Pedimos aos alunos que trouxessem de suas casas gravuras, recortes de revistas e alguns textos com tema sobre saúde e o parasita piolho, além de cartolinas, tesouras, cola, lápis de cor e que outros materiais necessários para as atividades, seriam fornecidos pela equipe.
- Conscientização dos alunos, através de palestras ministradas pela nossa equipe sobre a importância da higiene ao longo de nossas vidas.
- Confecção de cartazes
- Debate entre os alunos sobre o tema
- Confecção de mural para expor os trabalhos.
- Exibição de vídeos com o tema higiene e piolho.

Conclusão

Fazendo uma análise do projeto, já podemos notar alguns resultados, tais como interesse pelo coletivo, participação e organização dos trabalhos, partilha de materiais e principalmente companheirismo e troca de experiências.

Sabemos também que as maiores conquistas surgirão a longo prazo, porém já começamos perceber algumas mudanças após divulgar o tema a ser trabalhado nas duas séries na qual desenvolveremos os trabalhos, já que é um trabalho de estímulo, com isso pretendemos mostrar que, com atitudes e ações conscientes sobre higiene corporal nosso ambiente será cada vez mais agradável e limpo.

Relatório

O projeto por nós desenvolvido juntamente com os alunos da 5ª e 6ªC nos períodos da manhã e tarde foi de grande valia e satisfação, pois pudemos perceber desde o início o interesse dos alunos pelo tema abordado: os alunos foram muito participativos e criativos ao mesmo tempo, pois criaram cartazes, frases e argumentaram sobre o assunto dando suas opiniões e fazendo questionamentos, principalmente quando se tratou de falar sobre o parasito piolho, que tem gerado tanta polêmica em dados momentos em nossa comunidade escolar.

Porém, nosso projeto terá continuidade, pois toda vez que se faça necessário. Voltaremos a abordar o tema da higiene.

Tema

DST – DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

7ª B | 8:30h às 10:30h | 31/10/2008

6ª H | 13:00h às 15:00h | 31/10/2008

Professores:

Edina Aparecida Bessa

Leniel Harison Mercer

Justificativa

Devido às mudanças comportamentais dos jovens e adolescentes que cada vez mais cedo entram na vida sexualmente ativa, nós professores achamos, cada vez mais, que é necessário realizar palestras e debates na área de sexualidade nas escolas em função do grande crescimento de adolescentes grávidas e o risco do sexo sem preservativos, e as doenças sexualmente transmissíveis.

É importante que os jovens e adolescentes sejam informados sobre o sexo seguro, para que estes possam lidar com a sua sexualidade de forma positiva e responsável. Foi escolhido duas turmas para aplicar este projeto 7ª B no período da manhã e 6ª H no período da tarde, no Colégio Estadual Altair Mongruel, município de Ortigueira-PR.

Objetivos

Diante da problemática de que cada vez mais cedo os adolescentes estão praticando sexo e que até mesmo dentro da sala de aula percebemos muitas vezes que os alunos estão passando por esta fase em que os hormônios está em plena mudança no corpo e cabeça, deixando-os meio desligados do contexto escolar e muito eufóricos com o sexo oposto. O objetivo é orientar sobre como conhecer o próprio corpo, valorizá-lo e conhecer as doenças sexualmente transmissíveis DST.



Metodologia

Através de palestra sobre o tema doenças sexualmente transmissíveis os alunos poderão esclarecer suas dúvidas com o auxílio de um enfermeiro que apresentará por meio de telão, imagens e textos explicativos dando ênfase ao que são DST? As DST são graves? Quais as conseqüências das DST? Como fazer o tratamento das DST? Como fazer a prevenção das DST e do HIV? O que é AIDS? Como se pega o vírus da AIDS? Como evitar a AIDS?

Em cada pergunta será abordado um texto explicando e mostrando várias imagens sobre as doenças. Durante a palestra os alunos farão perguntas e serão respondidas por nós com auxílio do enfermeiro.

Ao final será passado um papel para cada aluno que fazer suas perguntas e colocar em uma caixa sem se identificar, e nós responderemos.

Relatório

A palestra foi muito boa, esclarecendo os alunos sobre doenças sexualmente transmissíveis e que o sexo deve ser praticado de forma segura e responsável.

Através de textos e imagens no telão e na TV *pendrive*, os alunos conheceram sintomas e doenças que causam feridas como: Herpes Genital, Cancro Mole, Sífilis. Doenças que causam corrimentos como: Gonorréia e Clamídia, Tricomoníase, Candidíase. Doenças que causam verrugas: Condiloma Acuminado e AIDS – O que é? Como se pega?

Os alunos gostaram muito, pois participaram com curiosidade, interesse e fazendo perguntas durante e no final da palestra as quais foram respondidas por um enfermeiro.

Levando em consideração que o aluno passa uma boa parte de seu tempo no ambiente escolar, devemos assumir que o papel da escola não se restringe à função de transmissão, de forma sistemática, do conhecimento acumulado pela humanidade, mas, também, deve voltar para o desenvolvimento pessoal do aluno.

É importante que nós professores entendamos melhor nossos alunos, vendo-os nas suas necessidades. Portanto, cabe a nós fazermos com que seus conflitos sejam superados de forma produtiva e responsável.



Tema

COMO ENVELHECER COM SAÚDE

2ª D | 7:30h às 21:30h | 30/10/2008

5ª D | 13:00h às 15:00h | 31/10/2008

Professores:

José Paulino Teixeira Sobrinho

Maria Apª Zandonadi Santos

Valéria Paulino da Silva

Justificativa

O envelhecimento da população mundial vem-se acelerando a cada ano que passa, dando mostras de que teremos uma grande percentual de pessoas idosas, devido aos avanços da medicina e as mudanças de comportamento em relação à saúde e ao estilo de vida, como a realização de atividades físicas. Porém também o descaso, desrespeito e falta de paciência por parte da maioria dos jovens para com os idosos vem crescendo bastante ultimamente, Tem-se verificado isso em matérias de jornais, revistas, TV e, em algumas falas, das crianças nos momentos de rotina escolar, onde comentam e citam situações ocorridas em suas casas, famílias, vizinhança. Por isso, o presente trabalho tem por objetivo levar aos jovens a forma de viver e situações cotidianas dos idosos, tentando assim formar valores e atitudes importantes para o exercício da cidadania e solidariedade desses jovens, assim como, mostrar a eles que a alimentação saudável junto com a prática de exercícios regulares permitirão uma velhice mais tranqüila.



Objetivos

- Ensinar os alunos a respeitar os idosos, tratando-os com carinho, atenção e paciência.
- Ajudar os idosos, começando pelos de sua família, vizinhos e auxiliá-los em suas limitações.
- Conhecer e saber informar alguns hábitos alimentares, além de algumas atividades físicas e mentais que contribuam para uma vida melhor e mais saudável.
- Conhecer o processo de envelhecimento e o porque ele acontece e como acontece.

Desenvolvimento

Apresentação do tema, o porquê se trabalhar com os alunos o tema proposto, a importância de, desde já, o jovem saber como envelhecer com saúde e também poder orientar aos idosos de seu convívio sobre a importância da utilização de filtro solar, atividade física e uma boa alimentação, também saber localizar e informar sobre o que é feito em nossa cidade a respeito dos cuidados com nossos idosos.

Vídeo 1 utilização do "filtro solar" narração Pedro Bial

Vídeo 2 a transformação do ser humano desde que nasce até a idade avançada.

O que é ser velho?

A organização mundial de saúde, a OMS diz que:

- 45 – 59 anos meia-idade
- 60 – 74 anos idoso ativo
- 75 – 90 anos idoso dependente
- > 90 anos muito idoso

Alterações fisio-anatômicas do envelhecimento

Forma do corpo:

- Após 40 anos reduz 1cm/década;
- Reorganização do tecido adiposo;
- maior proporção de gordura subcutânea;
- Esqueleto menos flexível;
- Tônus muscular menos relaxado.

Pele e pêlos:

- Reduz elasticidade (menos tecido subcutâneo);
- Reduz rede capilar e melanócitos = palidez.

Hipotermia

- Comprometimento da Circulação.

Sistema ósteo-muscular:

- Redução de atividade dos osteócitos;
- Perda do Ca⁺⁺ da matriz; Mais acentuado nas mulheres;
- Estabilização precoce das fraturas;
- Fêmur, bacia, úmero e pulso (Colles).

SNC:

- Perda de neurônios progressiva;
- Idosos respondem mal a mudanças de rotinas;
- 50% das depressões em idosos podem se tornar incapacitantes;
- Ciclo paranóico: indiferença familiar, de amigos e da sociedade;
- Mundo novo, sem explicações.

Visão e audição

- 28% dos idosos tem diminuição de audição e 13% tem de visão (capacidade de diferenciar cores e visão noturna);
- Aumenta o risco de colisão a noite;
- Aumento da percepção à dor.

Após apresentações dos slides, foram feitas algumas dinâmicas posicionando os alunos, como se os mesmos fossem idosos.

Dinâmica – escolhemos dois alunos para representar os demais, seus olhos foram vendados com gases para que a visão ficasse turva, algodão no ouvido para que tivessem a sensação de perda auditiva, seus dedos foram presos com esparadrapos para perder parcialmente o domínio motor e o tato, também em suas bocas foram colocados pirulito para que a voz não saísse tão nítida, primeiro fizeram uma leitura do texto:



Texto

SER IDOSO E SER VELHO

Idoso é quem tem muita idade; velho é quem perdeu a jovialidade
A idade causa a degenerescência das células; a velhice, a degenerescência do espírito.

Você é idoso quando se pergunta se vale a pena; você é velho quando, sem pensar, responde que não.

Você é idoso quando sonha; Você é velho quando apenas dorme.

Você é idoso quando ainda aprende; Você é velho quando já nem ensina.

Você é idoso quando se exercita; Você é velho quando apenas descansa.

Você é idoso quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida;

Você é velho quando todos os dias parecem o último da longa jornada.

Você é idoso quando seu calendário tem amanhã; Você é velho quando ele só tem ontens.

O idoso se renova a cada dia que começa.

O velho se acaba a cada noite que termina.

Pois enquanto o idoso tem seus olhos postos no horizonte, onde o sol desponta e ilumina a esperança, o velho tem sua miopia voltada para as sombras do passado.

O idoso tem planos, o velho tem saudades.

O idoso curte a vida. O velho sofre, plena de projetos e a preenche de esperança. Para ele, o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega.

Para o velho, suas horas se arrastam destituídas de sentido.

As rugas do idoso são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso; as rugas do velho são feias porque foram vincadas pela amargura.

Em suma, o idoso e o velho podem ter a mesma idade no cartório, mas têm idades diferentes no coração. Que você, idoso, tenha uma longa vida, mas nunca fique velho

Logo em seguida os alunos tentaram separar alguns grãos de feijão e outros de pipoca, para perceberem a dificuldade da visão e também a do tato. Os alunos que participaram da parte prática, relataram suas dificuldades ao executar as tarefas dizendo que tudo ficou mais difícil de ser executado, porém, não impossível, com muita dedicação as tarefas foram cumpridas, e de forma bem cautelosa.

Vídeo 3 educação promoção da saúde do idoso

Ser idoso no Brasil

A velhice apresenta um conceito histórico e culturalmente construído, talvez por isso o idoso sofre inúmeras discriminações e convive com conceitos pejorativos nessa etapa da vida.

Os idosos brasileiros são vítimas de inúmeros preconceitos, como: abandono, doenças, improdutividade, incapacidade de aprender e de amar, etc. O que se percebe é que grande maioria acredita que o idoso é incapaz de aprender e com essa atitude humilha, e o que não sabem é que a educação permanente subsidia diferentes programas que são oferecidos para essa faixa etária.

O Brasil possui o Estatuto do idoso que foi criado para garantir os direitos a ele reservado. Apresenta em alguns artigos o estímulo para criação de programas educacionais voltados para os idosos.

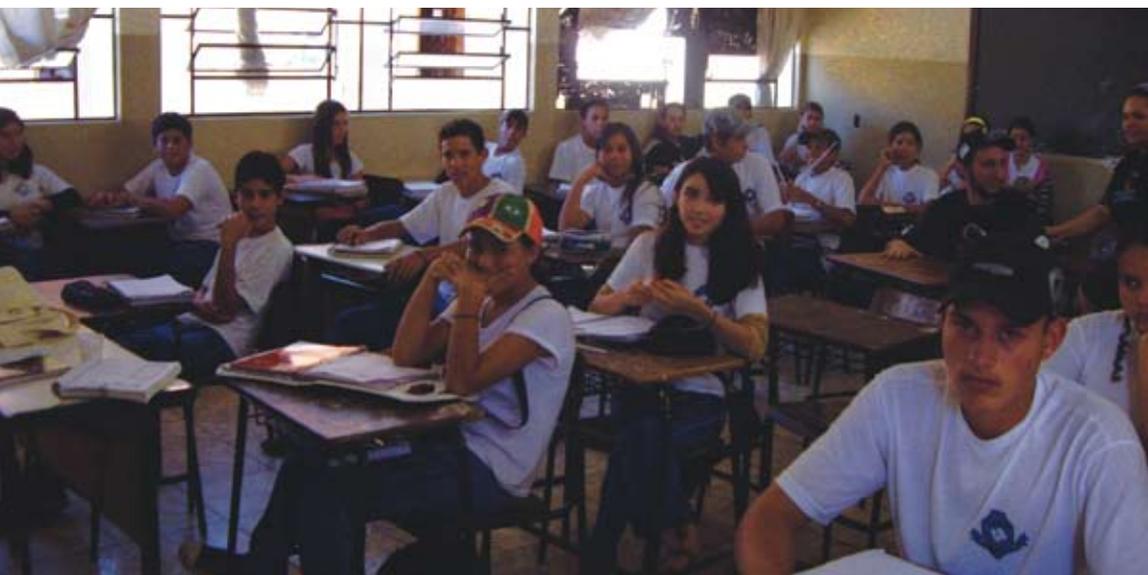
A educação permanente é uma forma de permitir que o idoso consiga acompanhar as constantes evoluções da sociedade, se adaptando e participando cada vez mais da sociedade.

Envelhecer, para alguns, é algo que está fora de si, como se fosse um momento que vai acontecer no futuro, no entanto desde que nascemos estamos vivenciando o envelhecimento, nos transformando continuamente. O que faremos então para driblar os desafios do envelhecimento?

Qualidade de vida na terceira idade

Para se ter um envelhecimento bem sucedido é fundamental manter uma vida ativa, manter o contato com os amigos, participar de grupos de convivência, de orações, participar de trabalhos que tragam algum tipo de resultado seja financeiro ou emocional, viajar, praticar exercícios físicos, dançar, ter laços com a família, uma dieta equilibrada e adequada.

As atividades físicas são importantes aliadas para que os idosos possam ter qualidade de vida, pois as mesmas tem o intuito de integrar os mesmos aprimorando a coordenação motora, equilíbrio, força, resistência, flexibi-





idade e agilidade, além de melhorar as funções orgânicas, também é uma garantia de maior independência pessoal e um efeito benéfico no controle, tratamento e prevenção de doenças como diabetes, enfermidades respiratórias, artrose, distúrbios mentais, artrite e dor crônica.

“Um dos recursos para melhorar a qualidade de vida da parcela da população que está envelhecendo é incentivar a prática de atividades físicas, ou seja, fazer com que os idosos interessem-se em realizar algum tipo de exercício físico, e incentivar o convívio social, minimizando o seu isolamento, possibilitando mudanças positivas nos aspectos psicológicos e social, e em consequência propiciando uma melhor qualidade de vida para os indivíduos de terceira idade.” (MOTA, 2001, p.23)

Vídeo 4 “idosos de Ortigueira”

Antes dos alunos entregarem seus comentários aos professores foi passado a eles o filme uma história de amor que conta sobre uma senhora que aos 80 anos entrou para a faculdade.

Questões para Debate

Como são tratados os idosos na sua comunidade? O que pode mudar?

Para você o que é ter saúde?

Os hábitos que você e as pessoas com quem convive possuem são adequados para estabelecer uma vida com qualidade?

Para se ter saúde faz diferença ser rico ou pobre, ser homem ou mulher?

Conclusão

O envelhecimento de uma população ocorre de forma natural é por isso é importante almejar uma melhoria da qualidade de vida daqueles que já envelheceram. Manter a autonomia e independência é uma tarefa que resultará em conquista social.

Enfim, a prática da atividade física faz com que o idoso se sinta mais útil, independente, com mais esperança e vontade de viver, com mais auto-estima, com maior vitalidade e disposição, tornando os seres mais saudáveis, sociáveis e felizes.

Nossos alunos apresentaram ao final alguns comentários a respeito do que aprenderam com a oficina, alguns abordaram a importância da utilização do filtro solar, da atividade física, da alimentação, outros a respeito de como conviver melhor com os idosos respeitando e ouvindo suas histórias para que estes se sintam importantes, e assim possam ser mais felizes.

Referências

Os vídeos utilizados foram baixados do *youtube*

Revista mundo jovem dos meses de setembro e outubro de 2008

Alguns sites de pesquisa sobre os idosos.



Tema

VALORES HUMANOS

5ª B | 8:30h às 10:30h | 31/10/2008

5ª F | 13:00h às 15:00h | 31/10/2008

Professoras:

Claudia Costa Cabral

Nilva Giane Trajano Gonçalves

Justificativa

Para Madalena Freire, a matéria prima da educação são as pessoas não o conhecimento. E se, a despeito de todas as dificuldades que se possa enfrentar na escola – falta de estrutura, de material, de alimentação – ainda houver gente, há esperança, possibilidade de transformação.

Por isso, ao pensarmos na oficina: “Valores Humanos”, procuramos elaborar algo que fosse significativo para a vida de nossos alunos, e os levassem a refletir sobre os nossos comportamentos enquanto pessoa. Não adianta querermos tratar de assuntos como o meio ambiente, vivência em grupo, política, educação fiscal, civismo, mercado de trabalho, conteúdos específicos de cada disciplina, etc, se não tivermos, no mínimo, respeito por nós mesmos e pelo próximo.

Valores como amizade, tolerância, honestidade, justiça, respeito, solidariedade, igualdade, responsabilidade, etc, hoje um pouco esquecidos, são de fundamental importância e funcionam como um começo para se ampliar a visão sobre o mundo e sobre si mesmos.

Objetivos

- Estimular entre os alunos a reflexão sobre o tema Valores Humanos.
- Conscientizar e resgatar a importância dos valores humanos.
- Auxiliar o nosso aluno a compreender e a exercitar os valores humanos.
- Estimular a prática de boas ações.
- Refletir sobre uma vida melhor, mais participativa e mais fraterna.
- Valorizar as particularidades culturais de cada um.
- Vivenciar através do exemplo e de ações cotidianas os valores humanos.
- Proporcionar e socialização de valores e boas ações com familiares, vizinhos e toda a sociedade.
- Criar um ambiente escolar harmonioso e propício para se ensinar e aprender.

Metodologia

Os valores não surgem na vida em sociedade como um trovão no céu. São construídos na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas escolas, nas manifestações culturais, nos movimentos e organizações locais. Conhecê-los, compreendê-los e praticá-los é uma questão fundamental da sociedade atual. E esse é o nosso grande desafio: buscar e aproveitar todos os espaços e oportunidades para resgatar alguns valores que estão um tanto esquecidos por nós.

Diante disso, realizamos o trabalho da seguinte maneira:

- Síntese do filme: “A corrente do Bem”
- Discussão sobre o filme e sua mensagem.
- Foi proposto aos alunos, que a exemplo do filme A corrente do bem, cada um fizesse uma boa ação e passasse para frente.
- Apresentação e discussão de slides, com as palavras: **Amizade, Tolerância, Honestidade, Justiça, Respeito, Solidariedade, Igualdade e Responsabilidade**, e seus respectivos significados.
- Apresentação e reflexão de fábulas referindo-se a valores.
- Leitura e conversação sobre alguns exemplos de vida.

Em seguida, os alunos realizaram as atividades Faro fino e Memória fotográfica.

Alunos realizando as atividades

Para finalizar, foi proposto aos alunos que representassem em forma de desenho, frases ou texto, a importância do que foi trabalhado em suas vidas.

Atividades:

FARO FINO

Abaixo estão definições de oito atitudes e valores que contribuem para a construção de um mundo melhor. Descubra quais são eles e complete os espaços em branco.

⊙ Dar a cada um o que é seu: _____

⊙ É uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz: _____

⊙ Característica do homem correto, digno, decente: _____

⊙ É ter consciência em relação aos atos que pratica voluntariamente: _____

⊙ Uniformidade, equidade, justiça: _____

⊙ É se dispor a diminuir o sofrimento dos outros: _____

⊙ É querer para o outro tantas coisas boas quanto quer para si. Ser companheiro: _____

⊙ É o sentimento que leva as pessoas a dar atenção às outras, a ter consideração, admiração: _____

MEMÓRIA FOTOGRAFICA

Abaixo, há um desenho de uma situação cotidiana ideal. Observe atentamente cada um dos personagens e ações por 30 segundos. Depois, cubra a imagem e responda as perguntas.

- O que está fazendo o rapaz de jaqueta verde? Que valor está exercitando?
- E a menina de amarelo? Qual é o valor que ela está pondo em prática?
- Há um senhor de chapéu amarelo que está tomando uma atitude em relação à cidade. Que atitude é essa?
- E o menino loiro de blusa azul? Que valor ele está cultivando?
- O rapaz magrinho ao lado do ônibus também está praticando uma atitude exemplar. Que atitude é essa, e qual o valor que se relaciona a ela?



Recursos

- Filme “A corrente do Bem.”
- Apresentação em *power point* das palavras chaves, mensagens, fábulas e exemplos de vida.
- Folhas com atividades.
- TV *pendrive*.
- Rádio com CD.
- Papel e lápis de cor.

Conclusão

Trabalhar o tema “Valores Humanos” é muito complexo, porém de fundamental importância para a construção de um mundo melhor. O conhecimento desses valores amplia a visão do ser humano sobre si mesmo. Entretanto, conhecê-los não é o suficiente para fazer o planeta mudar. Não basta saber, é preciso acreditar no que sabemos. E praticar. Só assim poderemos promover a transformação que se faz necessária.

Percebemos que, durante o desenvolvimento da oficina, houve muito interesse e participação dos alunos, relatando acontecimentos de suas vidas, suas necessidades, seus sonhos, se propondo a divulgar a idéia aos colegas, familiares, vizinhos, etc.

Diante disso, acreditamos que atingimos os nossos objetivos e esperamos que através desse trabalho e de nossas atitudes tenhamos demonstrado aos nossos alunos que viver com **Amizade, Tolerância, Respeito, Justiça, Honestidade, Igualdade, Solidariedade, Responsabilidade**, vale a pena.

Sabemos que é uma pequena contribuição diante de um tema tão grandioso. Esperamos que sirva ao menos como início de um trabalho que deve ser feito, dia a dia, por todos – pais, educadores, familiares, governantes.

Obs: Ressaltamos que esse projeto já foi desenvolvido em outras turmas de 5ª séries como parte do desenvolvimento do Programa Agrinho, porém com mais tempo e mais atividades, como relatório de boas ações realizadas pelos alunos, distribuição de panfletos e adesivos para carro, exposição de trabalhos, banners, faixa, etc.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996.
Ministério da Educação. Caderno de Valores Humanos. Projeto MEC Nestlé. 2005/2006.

*“Sei que meu trabalho é uma gota no oceano,
mas, sem ele, o oceano seria ainda menor”*
Madre Teresa de Calcutá

Tema

CONFEÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS COM RECURSOS RECICLÁVEIS

1º Ano de Formação Docente | 31/10/2008

Professoras:

Maria S. Banach

Patrícia Hernandes Franco

Justificativa

A criação de materiais pedagógicos com sucatas não visa somente o baixo custo, mas uma proposta de mudança de atitude e desafio a nossa capacidade de criar e o prazer de transformar o que era considerado inútil e feio em útil e belo. Essa prática pedagógica ajuda o professor a construir e enriquecer o seu trabalho pelo prazer de criar.

Objetivos

- Levar os alunos ao conhecimento da utilização de materiais pedagógicos recicláveis.
- Desenvolver a capacidade de criar e transformar.
- Conscientização do aproveitamento de materiais recicláveis como preservação do meio ambiente.

Metodologia

As atividades tiveram início com a verificação e escolha e limpeza dos materiais. De acordo com os materiais disponíveis os alunos escolheram o que queriam confeccionar.

Em dupla, confeccionaram vários materiais, os quais, ficaram expostos para os demais alunos do curso.

Conclusão: Sobre as Oficinas

Proporcionou aos alunos o conhecimento da reciclagem como material pedagógico para prática de ensino e com isto atingiu os objetivos propostos.

ATIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS NA
I JORNADA DE HUMANIDADES EM 2008
Claudia Cabral (Org.)



Orquestra Municipal



Teatro: As Novas Aventuras de Chapeuzinho Vermelho em São Paulo
Professora: *Marliane*



Teatro: Vestidinho Vermelho.
Professoras: *Marlene e Izaira*



Música: "Imagine" – John Lenon
Professora: *Guiomar*



Música: "Tomorrow" – Avril Lavigne
Professora: *Guiomar*



Música / Paródia: "O Rap da Geografia"
Professora: *Nilva Giane*



Dança Flamenca
Professora: *Cirlene*



Música / Paródia: "Revolução Industrial"
Professora: *Nilva Giane*



Música / Paródia: “Uma Velha História – Getúlio Vargas”
Professora: *Nilva Giane*



Apresentação de Hip Hop
Professora: *Valéria*



Dança do Ventre
Professora: *Valéria*



Teatro de Sombras – 4º M
Professora: *Hermínia*



Música: "Tente Outra Vez"
Professora: *Marliane*



Música: "My Hero"
Professora: *Izaíra*



Música: "Coletânea MPB"
Professora: *Guiomar*



Músicas Sertanejas
Professora: *Marliane*



Dança Country
Professor: *Giovani*



Apresentação Funk
Professora: *Cirlene*



Apresentação de Dança
Professora: *Valéria*



Música e Dança
Professora: *Izaíra*



Hino Nacional/Música: “Velha Infância”
Professora: *Claudia*



Dança: “Grupo Diante do Trono”
Professora: *Marliane*



Teatro: Chapeuzinho Vermelho às Avestas
Professora: *Marliane*



Teatro: “Homenagem a Eloá”
Professora: *Marliane*



Apresentação Kung Fu
Professora: *Marliane*

Música Gospel
Professora: *Marliane*

Apresentação de Dança – 4º M
Professora: *Valéria*

Teatro: “Não Toque”
Professora: *Liliani*

Música: “O Sol”
Professora: *Liliani*



Lançamento do Livro “*Estrada Boiadeira*”- Escrito pelo Professor Leniel Harison Mercer

Professoras e Funcionárias do CEAM



DESIGUALDADES E EDUCAÇÃO

Como o Colégio Estadual Altair Mongruel está tentando diminuir as desigualdades, superar as dificuldades e garantir uma educação de qualidade.

Claudia Costa Cabral

Todos são iguais e portam os mesmos direitos e deveres.

Fazendo um retrocesso na história, constata-se que o problema das desigualdades sociais vem de muito longe, não se pode medir com precisão o tempo do início dessa questão entre as pessoas que tem alguma coisa e as outras, que não possuem nada.

As desigualdades sociais no Brasil são extremamente acentuadas, deixando a maioria dos brasileiros na miséria. O aumento da pobreza e da exclusão é constatado pelo agravamento cada vez maior das desigualdades sociais, que se refletem diretamente no cotidiano escolar.

Em relação a educação, era privilégio da classe burguesa, onde as crianças tinham professores particulares pagos pelos pais, eram esses que conseguiam continuar seus estudos e terem uma formação; enquanto que para a classe popular – menos favorecida economicamente – restava-lhes servir de mão de obra, sem direito a frequentar uma escola e ter acesso ao conhecimento.

Nos dias de hoje, o desafio da educação é de construir uma sociedade mais justa e igualitária, na qual o ser humano seja visto como fim e não como meio, na qual nossa humanidade possa ser desenvolvida no diálogo e no amor. Isso implica aceitar e respeitar o Outro no seu inacabamento. Esse é o grande legado que Paulo Freire nos deixou.

O direito a educação é reservado a todos. Garantir esse direito, é um dever e torna-se um grande desafio quando nos propomos a não só garantir que todos estejam na escola, mas que essa educação seja igualitária e de qualidade.

Segundo Jean-Louis Derouet, as escolas são, sem dúvida lugares nos quais as pessoas podem reconstituir o laço que deve unir o que está em jogo na sua vida cotidiana às missões gerais do sistema. Seu papel é promover o incremento do conhecimento, a possibilidade para as pessoas desenvolverem suas competências e darem sentido à sua vida pelo saber.

Segundo estudos de Fernando Veloso, economista e professor do Ibmecc Educacional, a escolaridade em geral está aumentando no Brasil, mas a distância entre aqueles de baixa escolaridade e os que tem elevada escolaridade é grande.

Trazendo essas considerações para a nossa realidade, constatamos o quanto precisamos fazer e trabalhar para que consigamos diminuir as desigualdades e as falhas que existem na educação.

Vou primeiramente “apresentar” o Colégio no qual sou gestora escolar, chama-se Colégio Estadual Altair Mongruel – Ensino Fundamental, Médio e Normal, está localizado no município de Ortigueira, no estado do Paraná. Tem aproximadamente 1370 alunos matriculados, distribuídos nos três turnos.

No período da manhã, estudam os alunos com poder aquisitivo um pouco melhor, a maioria deles residem na cidade e percebe-se que a educação para os mesmos é vista como um meio transformador de suas vidas.

No período da tarde, a maioria dos alunos vem da zona rural, e apresenta baixo poder aquisitivo, seus pais quase sempre são analfabetos ou semi analfabetos, nem sempre dão a devida importância a educação de seus filhos e conseqüentemente os filhos também não percebem a educação como mediadora da construção de uma nova sociedade.

No período noturno, a grande maioria é de alunos que trabalham durante o dia e muitos ainda vem da zona rural, percorrendo grandes distâncias para chegar até a escola, isso reflete diretamente na educação e nos baixos resultados obtidos por eles, que desanimam e acabam por desistir ou ficar retidos na série. Enfim, temos três escolas em uma só.

Infelizmente, há algum tempo, o Colégio vem apresentando índices muito abaixo do esperado. A seguir apresento alguns índices que ilustram uma realidade de desigualdades e de índices de evasão e reprovação que são no mínimo preocupantes.

Ensino Fundamental

Período: Matutino

ALUNOS MATRICULADOS	Qtde.	APROVADOS		REPROVADOS		ABANDONO	
		Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa
5ª Série	68	62	91,5%	6	8,8%	0	0
6ª Série	96	85	88,5%	10	10,5%	1	1,0%
7ª Série	76	68	89,5%	6	7,9%	2	2,6%
8ª Série	65	52	80,0%	10	15,4%	3	4,6%
TOTAL	305	267	87,5%	32	10,5%	6	2,0%

Período: Vespertino

ALUNOS MATRICULADOS	Qtde.	APROVADOS		REPROVADOS		ABANDONO	
		Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa
5ª Série	131	112	85,5%	16	12,2%	3	2,3%
6ª Série	141	93	66%	40	28,4%	8	5,6%
7ª Série	110	72	65,4%	34	31,0%	4	3,6%
8ª Série	59	55	93,2%	4	6,8%	0	0
TOTAL	441	332	75,3%	94	21,3%	15	3,4%

Ensino Médio

Período: Matutino

ALUNOS MATRICULADOS	Qtde.	APROVADOS		REPROVADOS		ABANDONO	
		Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa
1º Ano	64	55	86,0%	05	7,8%	04	6,2%
2º Ano	67	57	85,1%	07	10,4%	03	4,5%
3º Ano	28	28	100,0%	0	0	0	0
TOTAL	159	140	88,0%	12	7,5%	07	4,5%

Período: Noturno

ALUNOS MATRICULADOS	Qtde.	APROVADOS		REPROVADOS		ABANDONO	
		Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa
1º Ano	86	58	67,5%	15	17,4%	13	15,1%
2º Ano	55	37	67,3%	12	21,8%	06	10,9%
3º Ano	63	50	79,4%	12	19,0%	01	1,6%
TOTAL	204	145	71,2%	39	19,0%	20	9,8%

Ensino Normal-Magistério

Período: Noturno

ALUNOS MATRICULADOS	Qtde.	APROVADOS		REPROVADOS		ABANDONO	
		Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa	Qtde.	Taxa
5ª Série	30	20	66,7%	06	20,0%	04	13,3%
6ª Série	21	17	80,9%	01	4,8%	03	14,3%
7ª Série	16	15	94,0%	01	6,0%	0	0
8ª Série	17	17	100,0%	0	0	0	0
TOTAL	84	69	82,1%	08	9,6%	07	8,3%

Diante desse quadro, podemos afirmar que há igualdades de condições? Visto que recebemos alunos de todos os níveis sociais, econômicos e culturais que se possa imaginar, e ainda agrava-se mais com os altos índices de distorção idade/série.

Em 2005, o IDEB do Colégio foi de 2,4, enquanto que a média o Paraná foi de 3,3, o que faz com que nosso Colégio fosse incluído no Programa PDE – Escola, programa este do Governo Federal em parceria com a SEED e Núcleo Regional de Educação, com o intuito de contribuir para a superação das dificuldades apresentadas pelas escolas.

Apresento a seguir algumas ações desenvolvidas com a ajuda do PDE-Escola, tendo como objetivo contribuir na melhoria dos índices apresentados pelo Colégio.

Cursos de Aperfeiçoamento

Para Professores e Funcionários - para que possam melhorar a qualidade de suas aulas, tornando-as mais criativas e interessantes; para que os funcionários sintam-se realmente como parte integrante na educação de nossos alunos.

Para os alunos - para que percebam a educação como um processo de formação de verdadeiros transformadores, capazes de tentar mudar o mundo.



Alunos do Ens. Médio



Alunos do Ens. Médio



Oficina de Geografia



Oficina de Matemática



Alunos do Ens. Médio



Alunos do Ens. Fundamental

Oficina de Ed. Física



Curso sobre Avaliação



Palestra sobre Aids



Palestra sobre Aids



Para os pais e comunidade escolar – para chamá-los à responsabilidade na educação de seus filhos, não só na escola mas em casa também.



Curso para os pais



Curso para os pais

Além disso, foram adquiridos materiais pedagógicos como livros, jogos, assinaturas de periódicos para enriquecer a prática pedagógica e despertar nos alunos o interesse pela leitura e pelo conhecimento. Contamos também, desde o ano de 2008, com o apoio da UEL no desenvolvimento de projetos do Colégio, através do LENPES – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia - Universidade sem fronteiras.

Com essas ações, estamos tentando diminuir as desigualdades existentes entre os nossos alunos no que diz respeito aos níveis sócio, econômico e culturais que refletem na escola e resultam numa exclusão natural, pois geralmente são aqueles que vem de famílias que enfrentam uma vida cheia de ameaças, como: desemprego, violência, pobreza, desestruturação familiar e um futuro incerto, que apresentam baixo rendimento escolar, que não concluem seus estudos e que dificilmente chegam a ingressar em uma Universidade.

Quando se fala em ingresso em Universidades, essa desigualdade se acentua ainda mais. A maioria das vagas de Cursos mais concorridos em Universidades Públicas são ocupadas por alunos advindos de escolas privadas e que muitas vezes tiveram ainda oportunidade e condições de fazer um curso preparatório. Isso no mínimo é contraditório, uma vez que são Universidades Públicas e que ao meu ver deveriam atender prioritariamente alunos de escolas públicas. Estes, por sua vez - falo pela realidade

do meu Colégio – na sua maioria, quando querem prosseguir nos estudos se veem obrigados a ingressar em Instituições privadas e nem sempre nos Cursos que teriam interesse. Isso quando se trata de alunos com condição financeira para tanto, os demais são excluídos automaticamente.

Penso que uma das falhas mais graves está no sistema e na ineficácia da distribuição e aplicação dos recursos destinados à educação. Porém, não podemos mais nos apoiar em discursos que pregam que a educação não pode mudar enquanto não houver mudanças estruturais no sistema. É necessário acreditar no que diz Gadotti, que, apesar da educação não poder sozinha transformar a sociedade em questão, nenhuma mudança estrutural pode acontecer sem a sua contribuição.

Concluindo esse trabalho, acredito que, apesar de todas as dificuldades e desigualdades ainda existentes na educação, a escola pode e deve fazer mais do que preparar vestibulandos e formar técnicos para a competição mecânica. Deve alfabetizar politicamente, construir cidadãos, dar noções de justiça, conscientizar o estudante da importância do seu papel na sociedade, sendo capaz de contribuir e modificar a sociedade. Enfim, a educação precisa ser plena de princípios que promovam a igualdade no respeito a diversidade.

*“A educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda”*

(Paulo Freire)



I Gincana Cultural no CEAM – 2008

GINCANA CULTURAL: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADES

Grazielle Maria Freire

Na temática do Patrimônio e Memória as propostas de ensino e pesquisa desenvolvidas pelo LENPES no Colégio Estadual Altair Mongruel buscou compreender os signos que geralmente acompanham as construções sociais (materiais e imateriais), que são formadas através de um referencial identitário.

Compreende-se que por meio deste referencial são produzidos valores compartilhados que possam subsidiar uma construção mais ampla de cidadania; Assim, com esses referenciais podem ser consolidadas ações cotidianas de transformação da realidade social, a qual é construída por conflitos, desigualdades, diferenças e contradições sociais. Dessa maneira, levam-se em conta os significados produzidos coletivamente pelo homem comum. Criam-se espaço de fala, onde pessoas da sociedade civil envolvidas com a proposta do grupo são motivadas a falar do passado, estabelecendo relações entre situações particulares e situações coletivas.

A memória e as identidades fazem parte do processo de construção simbólica do patrimônio cultural, no qual os significados, bem como os sentidos, são atribuídos à cultura material e imaterial, portanto, um trabalho que faz parte da dinâmica social.

[...] Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituído do sentimento de identidade, tanto individualmente como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p.5).¹³

Foi assim que passamos a considerar –com a comunidade do Colégio–, o patrimônio como os suportes da cultura material e imaterial, como portadores de verdadeiras redes de significância, uma urdidura de sentidos atribuídos à memória e à história.

Considerando a cultura ‘como um processo através do qual os homens, para poderem atuar em sociedade, tem que constantemente produzir e utilizar bens culturais’ (Durhanm, op.cit: 28) podemos associar patrimônio a esses bens; ou, em outros termos: se a cultura é um conjunto de códigos o patrimônio é a série de falas que só adquirem inteligibilidade por referência àqueles códigos. A noção dessa forma, aponta para aspectos de exterioridade da cultura: objetos, técnicas, espaços, edificações, crenças, rituais, costumes, etc. [...]. (MAGNANI, p.3, 1985).¹⁴

Algumas atividades propostas pelo LENPES referentes à Memória e ao Patrimônio foram realizadas na escola, com a mobilização da própria equipe do projeto e pelos professores, funcionários e alunos desta instituição. Entre essas atividades podemos destacar a prática da Gincana Cultural, realizada no dia 21 de maio de 2008, na qual foi adotada a sistemática em dividir a escola em quatro grandes equipes, compostas por alunos e professores da manhã, tarde e noite, sendo que cada equipe pesquisou e montou uma mostra fotográfica com as seguintes temáticas: “Memória da Escola”, “Memória do Trabalho”, “Memória do Patrimônio Cultural Urbano” e “Memória do Patrimônio Cultural Ambiental”.

¹³POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.200-212.

¹⁴MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Patrimônio Cultural*. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte – Coordenadoria do Patrimônio Cultural. Curitiba, 1985.

No dia 21 esses grupos organizaram quatro exposições com materiais, documentos e vídeos. A avaliação dos trabalhos de pesquisa era alternada com provas de competição esportiva e jogos que também eram pontuadas, saindo, ao final uma equipe vitoriosa. No encerramento, houve uma apresentação de “hip-hop” em que as equipes apresentaram suas coreografias, ao som de música e letra composta sobre os temas pesquisados.

Nesse evento, os alunos bolsistas do LENPES se prepararam para ficarem três dias na cidade, permitindo-lhes conhecer a dinâmica da cidade e da escola, estabelecendo uma proximidade maior com os alunos do Colégio, através de atividades como: aulas, palestras, organização da Gincana, etc. Na realidade, professores e alunos já vinham trabalhando durante os quinze dias que antecederam a culminância dos trabalhos.

A proposta da gincana era promover um maior envolvimento entre o grupo LENPES com os alunos, professores e funcionários do colégio, bem como reconstituir a memória do patrimônio cultural de Ortigueira.

Durante a realização da Gincana pode-se perceber como esse evento proporcionou uma integração entre alunos, funcionários e professores na realização das atividades propostas pelo grupo organizador, mobilizando durante duas semanas toda a escola, culminando com exposição dos trabalhos de pesquisa e atividades lúdicas e esportivas.

Como um dos resultados da Gincana, destacamos a confecção do livro “A Estrada Boiadeira”, escrito pelo Professor Leniel Harison Mercer. Nesse livro, o professor narra a abertura de uma estrada na região de Ortigueira, nos anos de 1902, conforme lembranças de sua família; Trata-se de uma memória subterrânea, ou seja, que permanecia até então no esquecimento, e que agora encontra-se registrada neste caderno.

I Gincana Cultural no CEAM – 2008. Estagiário e estudantes



A ESTRA DA BOIADEIRA

Autor: Prof. Leniel Harison Merce



Ilustração: *Claudia Maria de Sousa Lima*

Produção: Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa de Sociologia (LENPES): Consolidação da Formação de Professores e da Integração entre Universidade e Escola pela Superação das Desigualdades Sócio-Educacionais no Estado do Paraná (Ações em Ortigueira/2007-2009). PROJETO “**Universidade Sem Fronteiras**” – SETI/PR

Este material recebeu apoio do CCLH e Gráfica da UEL para a primeira publicação em 2008.

Dedicatória

Nós, do Projeto LENPES “Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa de Sociologia” (Consolidação da Formação de Professores e da Integração entre Universidade e Escola pela Superação das Desigualdades Sócio-Educacionais no Estado do Paraná - Ações em Ortigueira/2007-2008), dedicamos este trabalho: primeiramente ao Sr. Euclides Mercer Júnior e ao Sr. Leniel Harison Mercer por terem confiado suas memórias à equipe do Projeto LENPES e por nos dar a honra de eternizá-las neste livro; aos professores, funcionários, alunos e equipe pedagógica do Colégio Estadual Altair Mongruel, que recebeu esta universidade e este Curso de Ciências Sociais, de braços abertos, sendo realmente parceiros em todas as atividades propostas; a Claudia Maria de Sousa Lima, aluna de Graduação do 3º Ano de Educação Artística da UEL, que gentilmente aceitou ilustrar todo o texto; aos profissionais da educação da Secretaria Geral do CLCH e da Gráfica da Universidade Estadual de Londrina, que nos concedeu a impressão deste material de apoio pedagógico; aos responsáveis pelo Projeto Universidade Sem Fronteiras, da SETI-PR, em especial a Profª Lígia Pupatto, que ao materializar seu sonho, permitiu que todos nós saboreássemos dos frutos do que é realmente um trabalho de parceria universidade/escolas de educação básica e de compromisso social com a democratização da produção e da disseminação do saber.

Gratos! Professores e Estagiários do LENPES.



Equipe de Trabalho do LENPES nesta etapa

Profª Ms. Adriana de Fátima Ferreira
Profª Dra. Ana Cleide Chiaroti Cesário
Profª Dra. Ana Maria Chiaroti de Almeida
Profª Ms. Ângela Maria de Sousa Lima
Profª Dra. Maria José de Rezende
Profª Dra. Silvana Aparecida Mariano
Prof Dr. Ricardo de Jesus Silveira
Profª Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva (Coordenadora do Projeto)
Wesley Piante Chotolli
Sidnei Marcelino dos Santos
Micheli Souza da Silva
Nataly Nunes
Mariana Albuquerque Laiola da Silva
Grazielle Maria Freire
Vanessa Cristina de Franceschi
Luciano Roberto Costa (1º Sem/08)
Rafael Magalhães Pinto Peretti (1º Sem/08)



PREFÁCIO

Quando o grupo do Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa de Sociologia (LENPES), projeto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina e ligado ao **Programa Universidade Sem Fronteiras**, da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia e de Ensino Superior – SETI, que atua no Colégio Estadual Altair Mongruel de Ortigueira, promovendo ações de consolidação da formação de professores e da integração entre Universidade e Escola pela superação das desigualdades sócio-educacionais, me propôs escrever o prefácio dessa história emocionante escrita pelo professor Leniel Harison Mercer sobre a abertura da *Estrada Boiadeira*, baseada no relato de seu pai Euclides Mercer Júnior sobre a participação de seus antepassados, pude confirmar a importância de se recuperar e registrar a memória que não está contada nos livros e reconhecida pela História oficial.

Por fazer parte, na maioria das vezes, de uma memória sobre a história de trabalhadores que desbravaram terras e regiões, onde hoje florescem muitas cidades e atividades econômicas importantes, foram esquecidas ou ficaram perdidas no passado. Entretanto, o LENPES ao aliar atividades de ensino, extensão e pesquisa no Colégio Estadual Altair Mongruel de Ortigueira, ao tornar público o presente relato, está abrindo novos caminhos para se entender o significado do Patrimônio em regiões que foram ocupadas mais recentemente, considerando a heterogeneidade cultural, permitindo a apreensão de redes de sociabilidade, modos de vida de diferentes grupos e o registro da história, através da memória coletiva e do cotidiano. Registra-se a memória coletiva de forma diferente daquela efetivada por grupos hegemônicos que privilegiam ‘grandes acontecimentos’ e personagens ‘notáveis’. O trabalho do LENPES ao privilegiar a memória dos coadjuvantes demonstra micro-relações e espaços ‘intersticiais’ criados no cotidiano e relacionados a processos sociais mais amplos, expressando a história circunstancial, conforme considera o sociólogo brasileiro José Martins Rodrigues.

Assim, inspirado nesse autor, o pressuposto principal que norteia os trabalhos do LENPES é o de que no cotidiano os homens tecem relações sociais e se apropriam de lugares, territórios, atribuem valores, significados e fazem uma leitura sobre o mundo, espaços, relações sociais do passado e do presente. Melhor dizendo, o cotidiano é o lugar onde o homem constrói a sua história em vistas das circunstâncias que se encontra, defronta passado e presente, valores e vontades, sonhos e possibilidades. Nessa medida, consideramos que na história local e cotidiana estão as circunstâncias da História. Essa “história circunstancial”, marcada pela junção de fragmen-

tos da circunstância e cujo sentido é atribuído ou ditado pela História. Essa história local não tem a mesma escala de tempo dos grandes processos históricos. Por isso mesmo, seus agentes e personagens não podem captar de imediato o significado histórico de suas ações, de seu trabalho e, até, de suas idéias. Nem imediatamente, nem diretamente. Talvez por isso que somente agora a saga dos homens que abriram *A Estrada Boiadeira* pôde ser contada, rememorada e finalmente registrada.

É a partir dessa perspectiva que os trabalhos de pesquisa deste grupo de docentes e alunos da UEL, sobre o registro da memória coletiva de Ortigueira e região do Norte do Paraná, são desenvolvidos. Ou seja, tomando como referência o olhar do “insignificante” em relação à História que se desenrola apesar dele e ao redor dele. Aquele protagonista ausente e invisível para a História e a memória oficial. A 1ª Gincana Cultural, realizada no mês de maio, no Colégio Estadual Altair Mongruel, demonstrou que reconhecer a identidade de grupos, cidades e regiões, significa respeitar a sua memória e seu passado, bem como os laços com seu presente. Enfim, desvendar este constante diálogo entre presente e passado, constituindo a memória coletiva e os denominados “laços de continuidade entre passado e presente”, como afirma o historiador e sociólogo francês Maurice Halbwachs, muitas vezes esquecidos e silenciados pela memória e história oficial.

Portanto, O relato da abertura da *Estrada Boiadeira* através daqueles que a vivenciaram permite reconstituir uma “outra história”, ou seja, aquela do homem comum, este mesmo homem que não está presente nos relatos e documentos oficiais e que através de suas vivências, no presente, recorda o passado da região do Norte do Paraná, e de Ortigueira.

Esse entendimento do processo histórico por outra ótica possibilita uma melhor compreensão sobre a complexidade do presente. Segundo o historiador Jacques Le Goff “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

Assim, nos trabalhos do LENPES, passado e presente, História e memória, real, representações e imaginário mesclam-se nos documentos, fotos e falas, revelando significados dos espaços, região e de Ortigueira, ou seja, como foi, é ou deveria ser sob os olhos de quem realmente participou de sua construção, a exemplo da família MERCER.

Londrina, 20 de outubro de 2008.

Prof. Dra. Ana Maria Chiarotti de Almeida (LENPES/UEL)

RESUMO

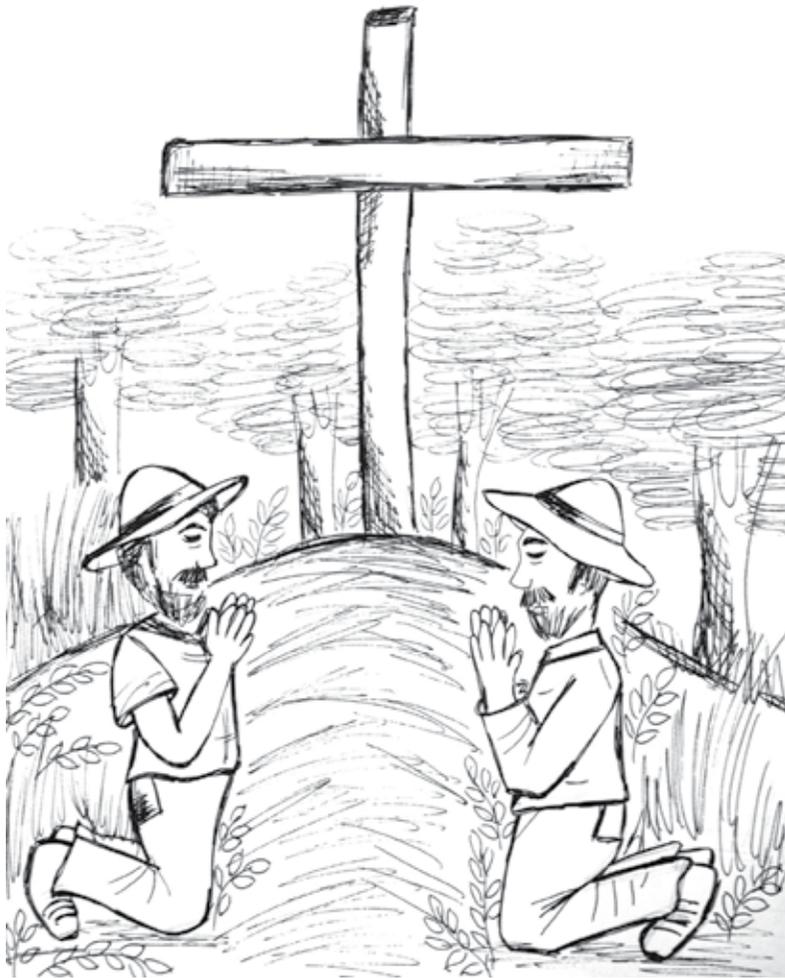
O LENPES (Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa de Sociologia/UEL) é um projeto que visa a integração da universidade com a sociedade, em especial com o Colégio Estadual Altair Mongruel, do município de Ortigueira-PR. A equipe de trabalho desenvolve atividades (tais como cursos, jornadas, oficinas, palestras, gincanas, exposições e materiais didáticos), por meio da troca de conhecimentos e experiências junto aos professores, funcionários, equipe pedagógica e alunos do colégio. A partir desta troca e do mapeamento da realidade sócio-educacional, busca-se a criação de metodologias de pesquisa e de ensino, capazes de apontar para a diminuição das desigualdades do município de Ortigueira, como também consolidar a licenciatura em Ciências Sociais.

Número do Cadastro: 020.026.000.000 (LENPES)

A Estrada Boiadeira, no Norte do Paraná, teve início no marco zero (P.P: ponto de partida), por volta do ano de 1902, às seis horas da tarde, às margens do Rio Ivaí, no Salto da Ariranha, no município de Rio Branco do Ivaí, através do rumo de dois graus à direita ao pôr do sol, exatamente onde o sol se põe, passando em seguida à esquerda da atual cidade de Ivaiporã, em um local que na época era chamado de Bananeira.



Depois passou o Rio Formoso, adjacente ao município de Cruzeiro do Oeste, cujo nome se fez jus devido um funcionário que na época era chamado de “Camarada”, por ter falecido nesse local. Então, Euclides Harrison Mercer e Edmundo Alberto Mercer (agrimensores) responsáveis por esse trabalho, propuseram colocar uma cruz de madeira de cerne duríssimo de bom diâmetro e bem alta, a qual mais tarde foi encontrada por desbravadores que deram nome ao município de Cruzeiro do Oeste.



Com este importante trabalho, através daqueles remotos sertões, fizeram a travessia de mais um rio, o Rio Piquiri, onde todo o cenário era realmente natural, de um ar puro e sem contaminação de gases tóxicos e problemas de toda ordem que a atual sociedade apresenta.



Com perfeita saúde e felizes, seguiram no mesmo rumo, por mais alguns quilômetros, mas como a alimentação que haviam trazido estava no fim, os tropeiros voltaram rumo a Ortigueira e posteriormente a Tibagy, e, em seguida passaram ao patrimônio de Reserva para também comprar as mercadorias, objetos de uso pessoal, remédio, bem como roupas, sapatos, enfim o que faltava.



Quando regressaram, após vários dias, se aproximaram às margens do mesmo rio. Outro pequeno obstáculo eram os cavalos com cargueiros, uma vez que o curso fluvial das águas estava bastante rápido e com ondas elevadas de forte intensidade.



Naqueles dias havia chovido muito. Forçar a passagem era inviável e poderia acontecer o inesperado.



Então esses homens esperaram até que parasse de chover e as águas do rio diminuíssem sua altura e velocidade. Aí passaram normalmente. Isso durou vinte dias.



Esse fato e outros assinalaram bastante a vida desses homens, que ficaram contando história por muitos anos, ou seja, por mais de uma geração, até que algum dia, alguém tomou iniciativa e escreveu a presente história, que fala de um passado não tão distante, uma vez que estão sendo registrados, tornando esse passado presente.



Pois bem! Os homens que estavam esperando na outra margem do rio tinham apenas sal. Por esse motivo, durante esse tempo ficaram caçando animais, pescando e comendo frutas.



Para caçar era bastante fácil. Os homens voltavam quase no final da tarde através da picada, ou seja, da estrada e matavam suas caças preferidas.



Todos ficavam admirados quando viam as pessoas na estrada ou entre aquelas majestosas árvores com mais de trinta metros de altura.



As noites ofereciam perigos constantes, devido ao grande número de onças existentes e andantes naquelas remotas paragens do norte paranaense. Sair nesse período era muito arriscado. Se saísse, tinha que ter muita preparação, como boas armas e cachorros ferozes.



Mesmo durante o dia a selva oferecia múltiplos perigos. Entre outros, a grande variedade de serpentes de médias e grandes proporções, ora venenosas ou não. Elas ficavam entre folhas, ramos ou iminente à toras cilíndricas de árvores velhas que caíram de maneira natural, ou seja, através de ventos, uma vez que as mesmas estavam secas e com raízes fracas, por isso caíam facilmente, quando chovia e ventava forte.



Do município de Ortigueira e regiões adjacentes foram pessoas trabalharem na abertura e construção inicial e final da Estrada Boiadeira, inclusive uma pessoa deste município em referência: Salatiel Taques. Ele tinha na época, apenas 12 anos de idade que acompanhou o pessoal, por ser muito corajoso e trabalhador.



A amplitude da picada da frente era de 6 metros, onde 30 homens trabalhavam e atrás mais 30 homens completavam nessa proporção 20 metros. As árvores eram cortadas com machados rentes ao chão e depois arrastadas dos lados de maneira que a mesma ficasse aberta e transitável na medida equivalente de 6 metros, para que as boiadas oriundas do Mato Grosso passassem nos próximos anos. Havia mais três pessoas que ajudavam os agrimensores: Euclides Harrison Mercer e Edmundo Alberto Mercer; totalizando, portanto 65 homens neste importante trabalho, que com a absoluta certeza contribuiu muito para o desenvolvimento e o progresso do povo paranaense.



Numa certa altura da abertura dessa estrada, o agrimensor Euclides Harrison Mercer, se encontrava deitado quando de repente observou uma ave denominada Jacutinga, exatamente em uma árvore em cima de onde estavam os cozinheiros próximos ao acampamento às margens da estrada.



Então ele pegou rapidamente uma arma de nome vinchesti de 12 tiros e atirou com muita precisão na cabeça da ave, a qual caiu exatamente dentro da vasilha que ali estava. Isso foi um fato real que aconteceu e por isso mereceu e merece destaque, por ser verdadeiro e contado por meu pai há vários anos e sempre da mesma maneira, sem oscilar para mais ou para menos. Isso foi e será sempre fantástico!



Uma vez que a ave caiu dentro da panela, foi apenas tirar as penas e em seguida prepará-la juntamente com outras carnes que havia no barraco do acampamento.



Nesse dia todos almoçaram, como sempre alegres e admirados com o acontecido, pois realmente foi e será sempre um fato muito interessante e difícil de acontecer, pois a realidade de hoje é outra. E nesta perspectiva é inviável o mesmo acontecer, em função de muitas aves estarem em extinção.



Certo dia, nesse mesmo trabalho, dois cachorros pequenos latiram rumo a uma enorme árvore inclinada. O primeiro agrimensor em referência, mencionado no início desta história, com mais cinco homens foram ver o que estava acontecendo. Chegando lá era uma onça que estava muito furiosa. Nesse instante, por voz de comando do responsável, todos atiraram e o animal caiu de onde estava, mas ainda vivo.



Com isso a onça pegou com suas fortes garras e com àquelas unhas afiadíssimas, segurando uns dos cachorros e trazendo à boca, moendo a cabeça do mesmo. Já outro teve mais sorte, não morreu, apenas levou um enorme arranhão, desde a cabeça até a calda. Logo em seguida o felino agressor deixou de existir, mas proporcionou deixar viva esta história para você analisar, amigo leitor, pois o desafio da vida foi e sempre será preservar o homem, como um ser pensante e criativo na esfera da vida, para que pense e analise humanamente todas as circunstâncias da vida na esperança de um futuro melhor.



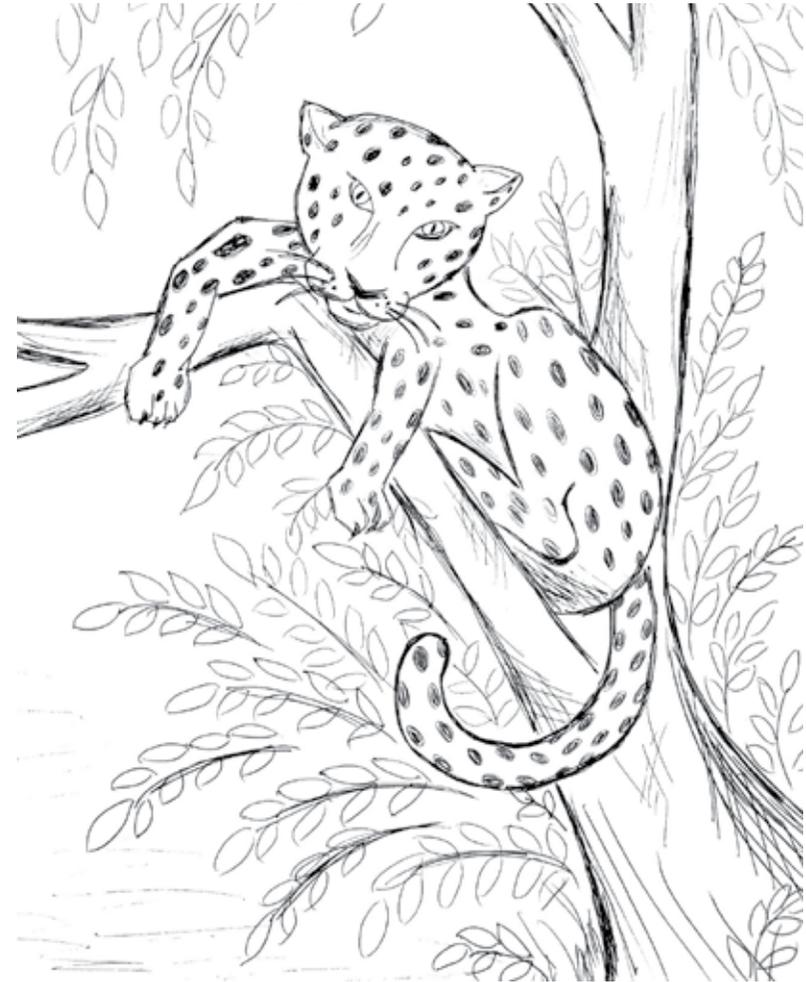
Cada momento dessa história retrata um pedaço da vida daqueles homens que estavam a lutar entre àquelas enormes árvores intocáveis em um passado não tão distante, porém próximo à medida que você está lendo e entendo nas entrelinhas esses verdadeiros registros.

Nesta mesma trilha aberta a golpes de machado e outras vezes de facões, certa manhã, a uma distância bem próxima no meio da mata, todos ouviram um barulho diferente, como algo que estava sendo raspado e era exatamente a imaginada onça velha que estava aranhando e tirando pequenos filetes de carne contida dentro de uma égua-madrinha que havia morrido ali, não há muitas horas. Como a mesma não tinha mais dentes, então o único recurso da onça amiga era usar apenas as unhas.



Naquela época e não há muito tempo atrás, ou seja, há uns setenta e cinco anos, a égua madrinha, que era a mais velha da tropa, seguia na frente junto com os demais integrantes, que seguiam a mesma em todos os lugares que a ela andava.

Talvez essa égua fosse amiga da onça ou das irmãs da mesma, que tinham bons dentes e por isso a mataram e deixaram apenas o esqueleto para velha onça saborear. Nesse sentido, há um dito popular que diz: “amigo da onça”, o qual poderá ser analisado e interpretado por você nesse eminente momento.



Seguindo através da trilha, sentido oeste do Estado do Paraná, outro dia pela manhã, quando o agrimensor Euclides Harrison Mercer foi lavar o rosto em uma mina de água, colocou o pé direito próximo a uma tora cilíndrica de madeira que servia como passagem de um lado para outro de um pequeno riacho, foi picado por um urutu-dourado.



Como ele se encontrava adjacente ao acampamento e ao barraco improvisado naquelas remotas paragens entre distantes rincões, andou rapidamente e chegando lá dentro do mesmo, pegou um tição com brasa que estava no fogo e apagou sobre a mordida de ambos os lados no local que foi aproximadamente a cinco centímetros, acima do joelho e também do cano da bota.



Foi obrigado a fazer isto, embora o método não fosse recomendado através da medicina, porque estava muito distante do recurso e este acontecimento pegou-o de surpresa. Por sorte que os tropeiros vindos da cidade Tibagy no Paraná, chegaram aproximadamente depois de uns quinze minutos do ocorrido com vários medicamentos, já preparados por ele mesmo quando estava em Ortigueira, uma vez que o mesmo também era farmacêutico. A profissão aprendeu com seu pai Frederico Harrison Mercer que estudou engenharia química na Universidade de Oxford na América do Norte, vindo para o Brasil por volta ano de 1802.

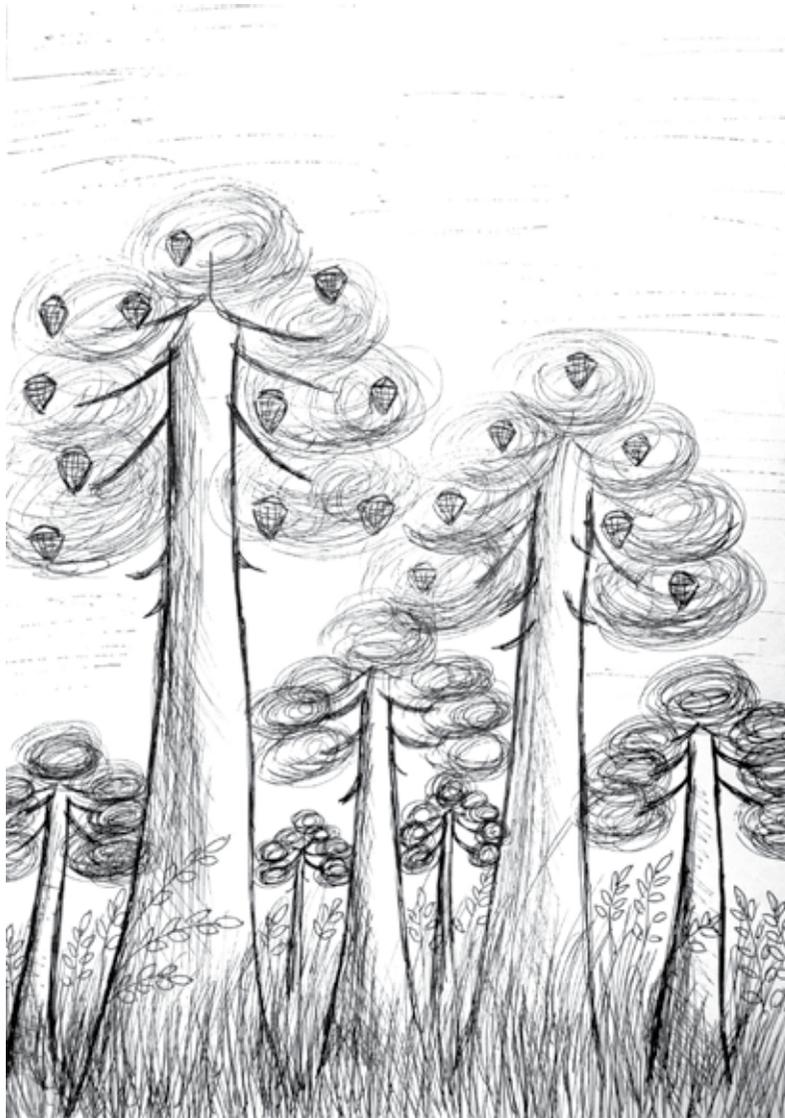


A pessoa acima ofendida através da serpente ficou aproximadamente quinze dias deitado na cama com a perna inchada e inclinada para cima, outras vezes deitado, porém com perna na mesma posição. O mesmo sempre que se lembrava da ocorrência dizia que:

“próximo de árvores caído e até mesmo de capinzais tem muita probabilidade da existência de serpentes venenosas e que a mesmas podem picar as pessoas no momento de desatenção, isto é, quando as mesmas menos esperam; ainda dizia que todo o cuidado ainda é pouco, em se tratando de andar trabalhando ou mesmo passeando no meio das selvas, pois a mesma apresenta diversas surpresas; exigindo assim muita atenção e sempre que as pessoas desejarem adentrar as matas; antes recorram às pessoas mais velhas ou àquelas que tenham experiência no assunto; não esquecendo, jamais de falar com a pessoa certa e na hora certa”.



Dando prosseguimento na medição e também na abertura da estrada, seguindo sempre rumo oeste, mas o imprevisto estava para acontecer, quando de repente, todos começaram a observar lugares íngremes ali entre pedras e gigantescas árvores e uma grande porção de araucárias, com muitas pinhas, contendo umas infinidades de pinhão. Mas era impossível passar ali na mesma reta que estavam seguindo desde o começo que era de dois graus à direita, onde o sol se põe.



Foi preciso, então os agrimensores estudarem um meio de passar naquela amplitude acidentada. A situação foi analisada e seguiram ao rumo de noventa graus à direita na distância de duzentos metros, depois ao rumo de noventa graus à esquerda na mesma distância anterior e posteriormente oscilou ao rumo de noventa graus à esquerda também na distância de duzentos metros e finalmente voltaram noventa graus à direita, prosseguindo então no mesmo rumo de dois à direita onde o sol se põe, com esse procedimento; puderam passar àqueles lugares de difícil acesso. Mas durante o processo de passagem, puderam chegar até bem próximos aos pinheiros e puderam tirar muitos pinhões, os quais comeram assado e também cozido.



Andaram um pouco mais por ali e puderam ter acesso a uma linda caverna que continha no teto muitas estalactites, atualmente conhecida como concreção mineral alongada e pontiaguda que pende do teto da mesma, já no solo a existência de estalagmites que é formada através da queda lenta de águas contendo também concreção mineral; formando assim lindas pedras pontiagudas que aparentemente tinha a forma de grandes velas, tanto no teto como no solo. Todos gostaram do lugar e continuaram trabalhando e contando histórias verdadeiras como sempre. Eis a questão.



Se aproximando do final e todos já muito cansados, no entanto muito animados por estarem quase concluindo esta eminente estrada; depois de muitas lutas e sacrifícios no emaranhado de cipós e muitos obstáculos que aquelas matas virgens proporcionava a todos àqueles que ali estavam e também de estarem bem iminentes de concluírem o sonho de todos os presentes e porque não dizer dos paranaenses que há vários anos esperava pela elaboração final desse trabalho e que estavam prosseguiram sempre em toda extensão sentido Rio Branco do Ivaí à Mato Grosso Sul através do rumo magnético de dois graus à direita exatamente onde o sol entra, ou seja, sentido poente ou ocidente sentido contrário ao ponto cardinal do nascer do sol, ou seja, do leste ou do oriente.



Chegaram, portanto a margem do magnífico e atraente Rio Paraná que faz divisa com o Mato Grosso do sul, mas, como o final desse trabalho ainda estava há vários quilômetros, teriam ainda de prosseguirem no mesmo rumo, mas como neste local a travessia era impossível, foi necessário procurarem um meio de solucionar este problema. Havia por ali alguns paraguaios e alguns outros homens que sabiam da existência de um lugar onde os tropeiros e homens que estavam a pé poderiam passar com sucesso para o outro lado desse curso natural de água mais ou menos caudaloso que iria e que vai desaguar no mar; foram, então todos para esse lugar, chegando lá era o Porto Mendes.



Todos passaram com sucesso, pois águas não eram profundas e também a amplitude toda era formada de lajem, ou seja, através da formação de uma grande rocha existente na totalidade daquele solo, naquele horizonte em que olhos de todos se descortinaram, observando a natureza naquelas remotas paragens e sentindo o vento com certeza de maneira natural, através de uma leve brisa, quase imperceptível, porém não contaminável e sem excesso de gás carbono como nos dias atuais, havia ali muitas espécies de animais e pássaros hoje inexistentes.



Quando em terras do Mato Grosso do sul rumo oeste, muitos funcionários ou camaradas na época assim conhecidos voltaram para Ortigueira, Tibagy, Reserva e regiões contíguas desses municípios sobre as responsabilidades dos agrimensores já mencionados. O agrimensor Euclides responsável geral por está tão importante estrada que assinalou com certeza toda região do Norte Paranaense, em seguida ele contratou alguns paraguaios que havia por ali para trabalharem como auxiliar de serviços gerais: para cortarem aquelas grandes árvores e alguns cozinheiros para trabalharem no barraco do grande acampamento para prepararem alimentação suficiente para a turma que estavam trabalhando e com muita vontade de terminar está tão empolgante jornada histórica que com certeza assinalou todo o percurso e porque não dizer a vida de todos os participantes.



Os paraguaios que foram contratados para cozinhar, perguntam para o agrimensor responsável geral, mais ou menos assim: *–Como tiligústia la officiõn del comandá;* que traduzido ali no momento por populares disseram que significava: Qual é posição que o senhor gosta de temperar; com mais ou menos sal?

Em se tratando dos Paraguaios que estavam trabalhando no serviço do corte das árvores; os tais possuíam grandes facões denominados de machetes que serviam como foice e até mesmo machado. O tempo para a realização desse serviço, ou seja, da Estrada Boiadeira foi de três anos e sete meses, a qual teve início, como já foi descrito no Salto da Ariranha, Rio Branco do Ivaí fazendo travessias de vários rios, inclusive do Rio Paraná; percorrendo uma boa extensão em território do Mato Grosso do Sul até que cheguem aos primeiros fazendeiros.



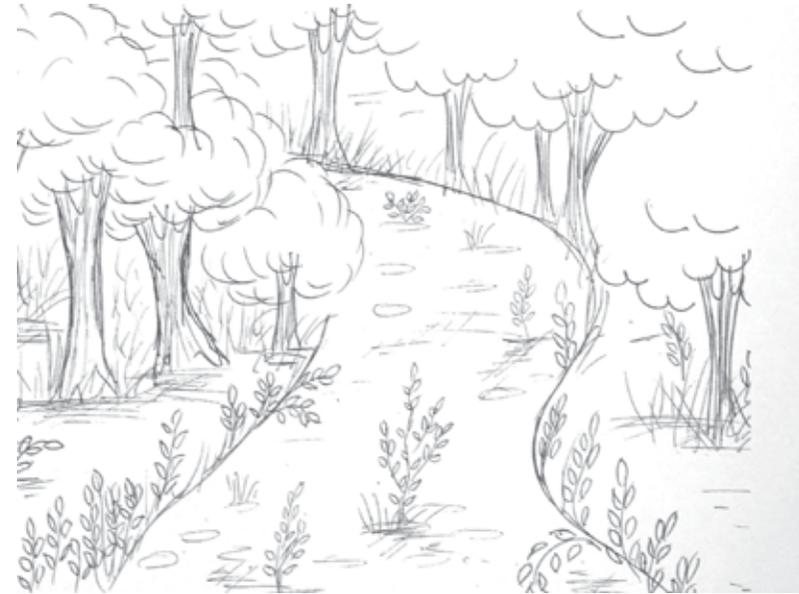
Como não havia mais nada a fazer, todos voltaram às suas origens, mas deixaram a estrada terminada e transitável para que boiadas do Mato Grosso e também do Paraná passassem com frequência e sem problemas através da mesma nos próximos anos. Aqui também merece destaque um fato interessante com referência a volta de Euclides Harrison Mercer que ao chegar à cidade de Ortigueira, seu filho seu filho Antenor Taques Mercer não o conheceu e perguntou a sua mãe:

–Mãe quem é aquela pessoa de cor morena que está chegando no terreiro de nossa casa? Sua mãe respondeu:

–É seu pai menino, corra encontrá-lo, o mesmo saiu às pressas e abraçou seu pai com grande alegria, após três anos e sete meses de seu pai estar fora de casa e também distante da família, mas por motivo nobre e justificável.



Até hoje existem sinais da Estrada Boiadeira em regiões do Norte do Paraná. É só conferir e ver que a história é verdadeira. A história acima foi contada e escrita por volta de cento e seis anos depois do ocorrido, exatamente no dia primeiro de agosto de dois mil e oito, no Município de Ortigueira.



História Escrita Por:
Leniel Harison Mercer

Contada Por:
Euclides Mercer Júnior



AS PERCEPÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA PEQUENA CIDADE PARANAENSE: UMA LEITURA SOCIOLÓGICA DE SUAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS¹⁵

Maria José de Rezende

Introdução

A finalidade dessa reflexão é discutir as disposições¹⁶ e percepções socioculturais dos estudantes do ensino médio de uma escola pública do Estado do Paraná. Verificar-se-ão suas representações de mundo,¹⁷ suas visões sobre a realidade em que estão inseridos, suas percepções acerca da educação, da escola, do ensino, das desigualdades sociais e políticas e das exclusões, de modo geral. Conforme nos diz Lahire

“uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc. Trata-se de fazer aparecer os princípios que geraram a aparente diversidade de práticas. Ao mesmo tempo, essas práticas são constituídas como tantos outros indicadores” (LAHIRE, 2004, p.21).

A pesquisa foi realizada com os alunos do ensino médio matutino da Escola Estadual Altair Mongruel, situada na cidade de Ortigueira, Estado do Paraná. Ela foi proposta como parte das atividades desenvolvidas pelo LENPES/UEL (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Sociologia) que executa um conjunto de ações dentro do projeto *Universidade Sem Fronteiras*, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná.

No dia 09 de maio de 2008 foram feitas algumas palestras para os alunos do ensino médio da *Escola Estadual Altair Mongruel* sobre o seguinte tema: *Desigualdades sociais no Brasil hoje*. No final das referidas exposições, alguns membros do LENPES - Maria José de Rezende, Silvana Aparecida Mariano e Nataly Nunes – entregaram para os (as) alunos (as)

¹⁵Professora de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Membro do LENPES (Laboratório de Ensino, pesquisa e extensão em Sociologia), da UEL.

¹⁶Não se entrará aqui nas diversas correntes que constituem a sociologia disposicionalista e nem nos embates desta última, a qual é uma derivação da teoria da ação. Sobre isto, ver: (LAHIRE, 2004; 2004a).

¹⁷Sobre as representações sociais dos jovens, ver: (CRUZ; 2006; ALMEIDA, PACHECO & GARCIA; 2006; SANTOS & ALÉSSIO, 2006).

do ensino médio um caderno com algumas questões que visavam detectar quais eram as suas percepções acerca da escola, do saber escolar, da vida escolar, da vida social, das múltiplas formas de desigualdades e dos caminhos e descaminhos das mudanças sociais no país. Eles foram incumbidos de dissertar livremente sobre tais questões, levando em conta a realidade social na qual eles (elas) estão inseridos (as).

Esclarece-se que os (as) alunos (as) têm entre 14 e 18 anos, sendo que a grande maioria se situa entre 15 e 17. Poucos trabalham, mas todos expressam, enfaticamente, o desejo e a necessidade de trabalhar. A maioria afirma que sua maior preocupação está relacionada com a possibilidade ou não de conseguir, no futuro, um emprego.¹⁸ Eles dizem que prezam as relações familiares, as relações de amizade e as oportunidades que o saber escolar podem proporcionar-lhes. Alguns alunos (as) declararam viver em famílias ampliadas, ou seja, moram numa casa onde habitam também os avós e os tios. A maioria enfatizou que possuem uma grande estima e admiração pela família e pelos professores. Mesmo quando fazem críticas são ponderados e não deixam de exaltar os esforços que pais e professores fazem para os encaminhar rumo a uma vida melhor, com menores sofrimentos.

Das 53 pessoas que responderam às perguntas, 24 declararam viver na zona urbana, 19 na zona rural e 6 não informaram. Houve, ainda, alguns (4) que dizem que não moram nem na área urbana nem na área rural.¹⁹ Vivem numa espécie de lugar que o cientista social, Gilberto Freyre (1982; 1987), chamava de *rurbano*, justamente por ter características mistas tanto de um quanto de outro. É um espaço que não se define segundo as tipologias mais usadas, ou seja, tipo urbano e tipo rural. Freyre afirmava que as vilas rurais eram espaços mistos e não podiam ser definidas nos termos convencionais.

¹⁸Numa pesquisa recente, o Datafolha formulou 120 perguntas para 1.541 jovens em 168 cidades. Tentou-se traçar um perfil do jovem brasileiro entre 16 e 18 anos. Quando indagado sobre seu maior sonho, um percentual de 33% afirmou que seus maiores sonhos são referentes a obtenção de uma profissão ou de um emprego. Se forem tomadas todas as respostas verifica-se que quase a totalidade dos seus sonhos está relacionada à obtenção de trabalho, dinheiro, casa, carro/moto, etc. Veja-se o que mais desejam os jovens: “18% trabalhar em uma profissão (como médico e advogado); 15% emprego; 14% casa própria; 12% terminar os estudos; 10% ter uma família; 9% ganhar dinheiro; 4% ter carro; 3% ter negócio próprio; 3% ser feliz; 2% viajar; 2% ser bem sucedido; 1% um mundo sem violência” (JOVEM século XXI (2008). Datafolha)

¹⁹Alguns declararam: “Eu moro em uma vila atrás do Jardim Alvorada. É uma zona urbana, (...) aqui não parece ser muito urbano e nem muito rural. Mas é urbano sim” (Estudante nº 18, 15 anos, 2º ano).
“Onde eu moro não é zona urbana nem rural é dividido” (Estudante nº11, 15 anos, 2º ano)

Vê-se, abaixo, as perguntas sobre as quais os (as) estudantes deveriam dissertar longamente, já que eles e elas receberam um caderno de 50 folhas onde deveriam desenvolver as questões apresentadas a seguir. Observe-se que foram entregues 160 cadernos para os alunos do matutino. Foram devolvidos, devidamente respondidos, 53 cadernos. Destes, a grande maioria, ou seja, 43 foram respondidos pelas alunas e somente 10 cadernos respondidos pelos alunos. Quase 80% das respostas foram dadas pelas estudantes; houve, então, um empenho maior destas últimas, mesmo porque, no decorrer das palestras, observou-se que as salas de ensino médio do matutino tinham, em algumas turmas, um número um pouco maior de mulheres que de homens, mas não numa proporção que justificasse essa diferença, ou seja, conforme poderá ser constatado abaixo 18% dos meninos e 43% das meninas aceitaram o desafio posto pelas investigadoras. Pode-se dizer, então, que um dos primeiros dados constatados é que, nas turmas da manhã, as estudantes se empenharam mais para participar da pesquisa.

Distribuição dos (das) alunos (as) do ensino médio por gênero – Turno Matutino:

Série	Nº de meninos	Nº de meninas	TOTAL
1º A	13	26	39
1º B	9	15	24
2º A	8	24	32
2º B	15	20	35
3º A	12	17	29

Fonte: Colégio Estadual Altair Mongruel. Dados recolhidos por Nataly Nunes.

Em razão desse fato, serão feitas, no decorrer das análises dos materiais dos alunos e alunas, algumas distinções entre as respostas das meninas e as dos meninos. Tais distinções poderão ser constatadas nas reflexões acerca das desigualdades de gênero que serão realizadas pela professora Silvana Aparecida Mariano e cujo objetivo é precisar melhor as posições deles diante de algumas questões que refletem diferenças no modo de perceber a vida social. Basta dizer que, ao serem indagadas sobre as desigualdades entre homens e mulheres, quase a totalidade das estudantes mostraram-se convictas de que há desigualdade de gênero no âmbito da família e do trabalho, principalmente. Os meninos, 8 de 10, falaram muito pouco sobre essa questão. Todavia, é preciso ressaltar que os alunos, com raríssimas exceções, foram muito mais breves em todas as respostas e não somente nas

respostas sobre desigualdade de gênero. Ou melhor, responderam muito mais brevemente todas as questões perguntadas. Vê-se abaixo as questões formuladas a todos (as) os (as) estudantes do ensino médio.

Qual é a sua série escolar?

Seu primeiro nome é:

Descreva como é a sua vida em casa, no trabalho, na escola.

Procure responder às seguintes questões em seu texto. Por favor, escreva longamente sobre cada uma das questões abaixo.

(Escreva livremente como se você estivesse contando o seu dia-a-dia. Fale sobre as suas preocupações, suas alegrias, suas tristezas, suas dificuldades, suas esperanças. Do que você mais gosta e do que você não gosta em sua vida. O que você aprende na escola ajuda você no seu dia-a-dia? Como você gostaria que fosse a sua vida? Você gostaria de trabalhar em que? O que você espera da escola? Como a escola poderia mudar a sua vida? Como você utiliza o que a escola lhe ensina? Como é sua família? O que ela diz para você sobre o ato de estudar? Você lê livros, revistas, jornais? Quais? Quantos livros você lê durante o ano? Você utiliza a *internet*? Conversa com amigos pela *internet*? Faz pesquisa na *internet* para trabalhos escolares? Você vive na zona rural ou na zona urbana? Trabalha? O que você faz no seu trabalho? Você conhece outras cidades? Quais? Você gosta de estudar? Que matéria você gosta de estudar? Por que você frequenta a escola? O que você objetiva alcançar com os seus estudos?)

Escreva o máximo que puder.

Além desse conjunto de questões foram apresentadas aos (as) estudantes, também, as seguintes indagações:

Escreva livremente algumas informações sobre você: idade, sexo, tipo de trabalho, ocupação ou atividade, local onde mora (na cidade ou na área rural), etc.

Você considera que meninos e meninas, mulheres e homens, são tratados igualmente na escola, na família, no trabalho? Para você, homens e mulheres deveriam ser tratados da mesma forma? Se não, em quais situações devem ser tratados diferentemente? Como as pessoas deveriam ser tratadas na escola, no trabalho? Você sente que é tratado/a diferente pelas pessoas que vivem na cidade pelo fato de você habitar na zona rural? Você considera que as pessoas mais pobres recebem tratamento diferente pelo fato de serem pobres? Quem é responsável pela pobreza no Brasil? Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas? É possível, para um país como o Brasil, diminuir a pobreza? Como? Quem poderia agir diminuindo a pobreza (o governo? as empresas? O próprio pobre?) Por que você acha que existem tantas pessoas pobres no Brasil? A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?

Todas essas indagações visavam extrair elementos de suas falas para tecer um perfil dos alunos do ensino médio. Não um perfil caracterizado pela quantidade a partir de inúmeros dados objetivos, mas sim um perfil sociocultural que com alguns traços, permitissem traçar o esboço de um retrato sociológico dos (das) estudantes. Observe-se que se está dizendo esboço e não um retrato bem delineado, mesmo porque a construção de um retrato sociológico mais acabado exigiria uma pesquisa muito mais profunda com os alunos e toda sua rede de sociabilidade. Esses elementos levantados podem servir para a construção de outros instrumentos que levem à compreensão de outros traços formadores de um retrato sociológico nos moldes postos por Bernard Lahire (2004).

Bernard Lahire afirma que a construção de um retrato sociológico exige o cumprimento de todo um percurso que ainda não foi cumprido por essa pesquisa. Um retrato sociológico é constituído a partir do mapeamento e da compreensão das atitudes e das disposições²⁰ dos indivíduos estudados. A atitude deve ser entendida como a disponibilidade para um tipo de agir (COULON, 1987; 1995) orientado por determinados valores. Não é possível, diz Lahire, reconstruir as disposições sociais senão a partir de um material empírico que permita a constatação da variabilidade ou não de comportamentos e atitudes, o que só é possível fazer levando-se em conta o contexto social no qual os indivíduos estão inseridos. Dessa forma, o retrato sociológico só pode ser construído se houver uma extensa pesquisa sobre as propriedades do contexto social, o que implica uma investigação não só do tipo de interações que os indivíduos possuem, mas também do lugar que eles ocupam no âmbito da interação. O estudo deve, assim, dar conta dos contextos, das práticas e das relações estabelecidas. Somente a partir daí é possível elaborar a gênese das diferentes disposições dos indivíduos pesquisados. Isso exige uma ampla pesquisa acerca da socialização dos indivíduos (LAHIRE, 2004; 2006; 2004a).

²⁰“Toda disposição tem uma gênese que, pelo menos, podemos nos esforçar para situar (instância de socialização e momento da socialização) ou para reconstruir (modalidades específicas da socialização). A sociologia disposicional está ligada fundamentalmente a uma sociologia da educação, no sentido amplo do termo, isto é, a uma sociologia da socialização. (...) A noção de disposição supõe que seja possível observar uma série de comportamentos, atitudes e práticas que seja coerente; ela proíbe pensar na possibilidade de deduzir uma disposição a partir do registro ou da observação de apenas um acontecimento. A ocorrência única, ocasional, de um comportamento não permite, em nenhum caso, que se fale de disposição para agir, sentir ou pensar dessa ou daquela maneira. A noção de disposição contém, portanto, a idéia de recorrência, de repetição relativa, de série de recorrência, de repetição relativa, de série ou de classe de acontecimentos, de práticas” (LAHIRE, 2004, p.27).

Observe-se que nenhum desses passos já foi cumprido na íntegra por essa pesquisa. Por isso, não se estão construindo retratos, mas sim esboços que poderão vir a ser, futuramente, com o desdobramento dessa pesquisa, retratos nos moldes considerados por Lahire.

Pode-se indagar: Por que foram feitas as perguntas mencionadas anteriormente e não outras? Elas não seriam banais e, portanto, desinteressantes para uma abordagem sociológica? Levando-se em consideração as pistas de Bernard Lahire, pode-se dizer que os relatos dos estudantes eram às vezes dotados de fortes elementos psicológicos. Mas eram também, muitas vezes, repletos de dados que permitem uma leitura sociológica de suas experiências vividas.²¹ É interessante assinalar que alguns estudantes construía sua narração tentando alcançar o que eles supunham ser o objetivo da pesquisa. Ao tentar esse alcance eles, de certa forma, mostravam um esforço para ordenar suas falas a partir de algumas “chaves de compreensão de sua vida” (LAHIRE, 2004, p.314) que revelam suas disposições sociais e suas atitudes diante dos desafios que a sua geração²² enfrenta.

As perguntas feitas aos estudantes com o objetivo de ajudar a compreender as suas percepções, as suas disposições e as suas atitudes em relação ao saber escolar objetivavam, entre outras coisas, entender quais são as suas expectativas acerca do saber adquirido na escola. Suas falas deixam evidenciado que eles relacionam fortemente o saber escolar com a perspectiva de arrumar um trabalho futuramente. Essa expectativa aparece como o amalgama do devir, o qual é concebido como algo que deve responder às expectativas, principalmente, da família. Todas (os) as (os) estudantes ressaltaram que a família os incentivam a estudar porque é este o único caminho para se obter uma vida melhor no futuro. Bernard Charlot afirma:

²¹“Para compreender o social em estado dobrado, individualizado, é preciso ter um conhecimento do social em estado desdobrado; ou, em outras palavras, para explicar a singularidade de um caso, é preciso compreender os processos gerais dos quais esse caso é apenas o produto condensado” (LAHIRE, 2006, p. 30).

²²“Os princípios de classificação do mundo social, até mesmo os mais naturais, referem-se sempre a fundamentos sociais. [...] A própria noção de idade – a que é designada em números de anos – é o produto de determinada prática social. [...] Se a idade cronológica e as divisões que, por seu intermédio, se tornam possíveis podem ser consideradas noções sociais, as categorias que ela permite distinguir não chegam a formar grupos sociais. Com efeito, as divisões ‘aritméticas’ da escala das idades podem vir a ser categorias nominais (os velhos, os jovens, os adolescentes) sem designar grupos sociais definidos nesses termos” (LENOIR, 1998, p.66).

“Queria lembrar [...] que o ‘mundo’, ‘eu’ e o ‘outro’ não são meras entidades. O ‘mundo’ é aquele em que a criança vive, um mundo desigual, estruturado por relações sociais. ‘Eu’, ‘sujeito’, é um aluno que ocupa uma posição, social e escolar, que tem uma história, marcada por encontros, eventos, rupturas, esperanças, a aspiração a ‘ter uma boa profissão’, a ‘tornar-se alguém’, etc. ‘O outro’ são pais que atribuem missões ao filho, professores que explicam de maneira mais ou menos correta, que estimulam ou, às vezes, proferem insuportáveis ‘palavras de fatalidade’. Não há relação com o saber senão a de um sujeito. Não há sujeito senão em um mundo e em uma relação com o outro. Mas não há mundo e outro senão já presentes, sob formas que preexistem. A relação com o saber não deixa de ser uma relação social, embora sendo de um sujeito” (CHARLOT, 2000, p.73).

As perguntas postas aos (às) alunos (as) objetivam captar as suas disposições sociais, políticas e culturais. Todavia, a questão essencial que foi destacada no segundo bloco de questões refere-se à disposição para atividades públicas e coletivas. Ou seja, visava-se, com aquele tipo de questionamento, entender o quão profundo é, em sua vida, o processo de individualização. Que tipo de soluções e propostas eles consideram viáveis para combater a pobreza e as desigualdades sociais e educacionais. Eles revelaram uma dada atitude em relação não só à escola e à família, mas também em relação às instituições políticas e governamentais. Ficou evidenciado também que é uma exceção aquele (ou aquela) estudante que vislumbra qualquer possibilidade de uma ação coletiva, de uma participação reivindicativa através de associações, grêmios, etc. Demonstrar-se-á que as posturas centradas em ações individuais têm de ser lidas à luz de uma crescente perda de significado da ação política²³ capaz de construir um espaço público²⁴ de reivindicação.²⁵ Isso ficou visível na fala de uma estudante:

²³“Contra essa política de despolitização, é preciso restaurar a política, isto é, o pensamento e a ação políticos, e encontrar para essa ação seu ponto certo de aplicação” (BOURDIEU, 2001, p.61).

²⁴Sobre a perda de significado da causa comum, ver: (BAUMAN, 2000; 1999; 2003, 2004).

²⁵“Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo o mais do discurso público. O ‘público’ é colonizado pelo ‘privado’, o ‘interesse público’ é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimo melhor). As questões públicas que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis” (BAUMAN, 2001, p.46).

“Não sei bem o objetivo dessa pesquisa de vocês, mas espero ver algum resultado enquanto é tempo, porque alguém tem de fazer alguma coisa por nosso município. Talvez não sejam vocês a fazerem, mas vocês podem ser o primeiro passo para que no futuro eu me orgulhe de ser brasileira. Estou colocando minhas esperanças em vocês, tenho só 14 anos e muitas decepções, ajudem-me a superar essas decepções” (Estudante 33, 1º ano B).

Esclarece-se que ficou estabelecido em conversa com os (as) estudantes que eles (elas) não seriam identificados (as) nominalmente no decorrer das discussões acerca de suas dissertações. Era opcional a identificação através do primeiro nome. Solicitamos que não deixassem de informar a idade, o sexo e o ano escolar. Muitos fizeram questão de escrever uma nota biográfica com várias informações sobre a vida pessoal. Mas conforme foi previamente acertado, os (as) alunos (as) não serão identificados (as) pelos seus respectivos nomes, mas sim por uma numeração aleatória que vai de 1 a 53. Ou seja, estudante 1, estudante 2, estudante 3, estudante 4 e assim sucessivamente.

Esse tipo de identificação, somente através de um número e não através de seus respectivos nomes, foi-lhes proposto como uma maneira de incentivá-los (las) a responder às diversas questões postas pela pesquisa, ou seja, para que eles (elas) não se sentissem constrangidos (as) em razão da possibilidade futura de suas respostas serem discutidas publicamente através de artigos, debates, comentários, etc. Acredita-se que suas escritas foram bastante desinibidas em razão desse acerto feito entre os (as) pesquisados (as) e as pesquisadoras. Mantém-se, então, aqui o compromisso firmado com eles (as) de não tornar públicos os seus respectivos nomes.

1 A percepção das (dos) estudantes sobre a escola, o conhecimento e a vida escolar

Conforme afirma Florian Znaniecki (1945);

“todas as escolas são grupos sociais com uma composição definida e pelo menos rudimentos de organização e estrutura. Sua existência depende basicamente da atividade combinada dos seus membros – os que ensinam e os que aprendem. (...) Cada escola enquanto grupo social mantém um certo grau de autonomia interna, uma ordem que lhe é específica, similar à de muitas escolas, mas diferente de outros tipos de grupos, uma vez que os papéis de professores e alunos são essencialmente diferentes dos papéis dos membros de quaisquer outros grupos, e que a organização e estrutura da escola não podem ser incorporadas às de qualquer outro grupo” (ZNANIECKI, 1945, p.214).

Considera-se que a percepção dos alunos acerca da escola, do saber escolar e da vida escolar traz à tona a complexidade das relações sociais que se processam no interior da instituição escolar. Como a escola forma um grupo social dotado da capacidade de produzir, no seu interior, uma compreensão nos alunos (as) que lhes permite a formulação de uma discussão acerca dos diversos papéis que compõem esse grupo, verifica-se que os (as) estudantes, ao menos aqueles (as) que responderam à pesquisa, conseguem detectar com bastante clareza as dificuldades pelas quais passa a escola no que tange a sua impossibilidade de responder, do ponto de vista da inovação tecnológica, da expansão de laboratórios, da biblioteca e do número de salas de aulas, aos desafios postos na atualidade. Eles atribuem essas dificuldades aos governantes, de modo geral.

“A maioria das escolas são instituídas; regem-se por normas estabelecidas segundo interesse de outros grupos, e, no caso do Brasil, ajustadas necessariamente às normas básicas ditadas pelo poder público. São, pois, o que Znaniecki (1947) chama ‘grupos institucionalizados’, isto é, os que ‘são essencialmente produto da cooperação dos seus próprios membros, mas cujas funções coletivas, e posições, são parcialmente institucionalizadas por outros grupos sociais’. [...] Mas se é um grupo estável, com localização, população, sistema de normas e finalidade, deve forçosamente apresentar uma diferenciação interna, apresentando segmentos dispostos de modo definido. Mais ainda: a sua dinâmica interna dá lugar a formações específicas, mantidas por um sistema de normas e valores também internamente desenvolvidos. [...] É verdade que esta diferenciação da escola depende em parte da estrutura social externa, de tal forma que as diversas escolas de uma região, ou país, apresentam similaridades não apenas da superordenação estabelecida pelos grupos instituidores, mormente o Poder Público, mas na própria vida social internamente desenvolvida.²⁶ É, num plano mais profundo, todas as escolas de uma determinada civilização têm muito de comum na sua sociabilidade interna, devido às tendências comuns da sociabilidade infantil e juvenil” (CANDIDO, 1987, p.109).

Muitas vezes, os estudantes relacionam tais dificuldades a um tipo de política externa instituída que se tem mostrado ineficiente para solucionar os problemas que, segundo eles, mais afetam o universo escolar. Quando se referem aos muitos fatores que impedem um melhor apren-

²⁶Entre os estudos sociológicos clássicos da escola podem-se destacar: (ZNANIECKI, 1987; MANNHEIM, 1987; BLAU; 1987; AZEVEDO, 1951; TEIXEIRA, 1987).

dizado, eles (elas) se reportam quase sempre à falta de estrutura física da escola e ao abandono pelo poder público que, segundo eles (elas), fazem muitas promessas nos períodos eleitorais, mas cumprem muito pouco no que tange à melhoria da escola enquanto espaço de socialização de um conhecimento que deve, segundo vários alunos, ocorrer levando-se em conta a necessidade de construção de um saber mais prático e menos abstrato. Por isso, reivindicam laboratórios e salas de pesquisa. Observe o que dizem os (as) estudantes:

“o que eu espero da escola é que os professores tenham maior formação em suas matérias e que eles²⁷ construam outro colégio, porque não têm mais salas para os alunos estudarem. Eu, por exemplo, não estudo em uma sala, eu estudo no que era o ‘laboratório de ciências’. Alguns alunos estudam em um pedaço da biblioteca que foi dividida ao meio. Eu não sei como no ano que vem, os alunos vão estudar, porque não tem mais salas, nem estão construindo nenhuma sala, mas o que mais precisa é construir um colégio novo” (Estudante nº35, 14 anos, 1ª série).

“Eu também espero que a escola mude para melhor, que ensine milhares de crianças e adolescentes deste país. Está ficando cada vez mais difícil de arrumar um emprego, principalmente aqueles que não têm estudo completo. A escola pode mudar minha vida, através do que ela nos ensina e nos deixa cada vez mais capacitada para o mercado de trabalho” (Estudante nº2, 15 anos, 2ª série).

“Espero que ela (a escola) melhore. Ela anda bem mal. Não tem laboratório na escola e está faltando até salas para os alunos. Eu espero que ela melhore em quase tudo, pois ela anda de mal a pior. A escola poderia mudar a minha vida proporcionando mais estudos, alguns cursos que poderiam nos ajudar, proporcionando também umas aulas diferentes, que nos ajudassem” (Estudante nº3, 15 anos, 2ª série).

“A (...) educação é precária. Estudo neste colégio desde a 5ª série e nunca (...) entrei num laboratório de ciências ou informática. Em toda escola deveria existir um laboratório de ciência ou informática para as aulas (ciência, química e biologia). Os alunos precisam não só da teoria, mas também da prática para aprofundarem o conhecimento. Outro problema é a falta de salas, onde, muitas vezes, há superlotação, fazendo com que a aprendizagem se torne mais difícil” (Estudante nº18, 15 anos, 2ª série).

²⁷A estudante não define quem seriam eles.

As (os) alunas (os) fornecem, através de suas reflexões, elementos importantes para a compreensão do intercruzamento de perspectivas positivas e negativas acerca das possibilidades que a escola oferece, hoje, ao jovem. Ao mesmo tempo que eles (as) detectam elementos positivos na sociabilidade escolar como um todo, eles (as) detectam também alguns embaraços gerados pela precariedade das condições de ensino que vivenciam, ou seja, ao terem de estudar em espaços inapropriados, tais como pedaços da biblioteca, em espaço de um ex-laboratório, etc., eles (as) sentem-se abandonados (as) pelo poder público que não investe recursos na melhoria escolar. Os alunos não estão dizendo que aprendem menos por conta disso, mas sim que, se tivessem melhores condições físicas, poderiam explorar melhor aquilo que a escola se empenha em passar-lhes cotidianamente. Poderiam assim se preparar mais adequadamente para o mercado de trabalho.

Entre os 53 indivíduos (alunas e alunos) que dissertaram sobre as questões atinentes à escola, ao conhecimento escolar e à vida escolar, há quase uma disposição geral para reconhecer o espaço escolar como dotado de elementos muito mais positivos do que negativos. São apontadas como positivas as relações estabelecidas com os colegas e com os professores, o conhecimento que adquirem, a fuga do analfabetismo, a não-condenação à falta de oportunidade (de estudo, de emprego), a possibilidade de se transformarem em bons cidadãos e obterem uma vida digna, a possibilidade de escaparem da pobreza e da exploração em trabalhos pesados e difíceis e a possibilidade de terem um trabalho no futuro. Quando falam dos aspectos negativos da vida escolar, geralmente as (os) estudantes ressaltam as dificuldades que vivenciam por conta das salas superlotadas, da biblioteca pouco adequada, da inexistência de laboratórios de informática e de salas de pesquisa, da necessidade de um conhecimento mais prático e menos abstrato, do atropelo resultante da concentração das avaliações em uma única semana, da falta de perspectiva de continuidade dos estudos por não haver escolas superiores públicas no município de Ortigueira.

É interessante destacar que os elementos positivos estão muito mais presentes nas falas das (dos) estudantes do que os elementos negativos. Ganham prevalência em suas discussões muito mais os aspectos positivos da vida escolar do que os negativos. A seguir serão apresentados alguns trechos de seus argumentos para ilustrar o que foi dito no parágrafo anterior. É preciso esclarecer que, muitas vezes, um (a) estudante resalta tanto elementos positivos quanto negativos. Pode-se dizer que há respostas que destacam somente os aspectos positivos, mas não há as que expressam somente elementos negativos. É comum encontrar falas que levantam os dois aspectos, mas sempre com ênfase nos elementos positivos.

Entre os aspectos positivos ressaltados pelos (as) 53 alunos (as) foram escolhidos as seguintes falas para demonstrar suas convicções de que a escola não é só um local de aprendizado de conteúdos. É também um local de aprendizado social. Eles (as) dizem:

“Um bom lugar para se tornar amigo de uma pessoa é na escola; lá nós aprendemos a ser coletivos, a compartilhar idéias e resolver questões em grupos, que é um ótimo exercício para uma pessoa aprender a se relacionar com outras. É só falar em escola, o que nos vem à cabeça é aprender a ler e a escrever, mas na escola você não aprende só isso, você aprende sobre as culturas de diferentes povos do planeta, sobre civilizações que já viveram e foram extintas, aprende sobre a história desde a nossa casa até outros países. [A escola] ensina a viver em sociedade, a conviver com as diferenças, etc. A escola muda completamente a nossa forma de pensar, agir e viver, ela nos faz refletir sobre a nossa vida e sobre a sociedade, ela dá outros rumos, ela abre portas para o mundo, ela ajuda a compreender o mundo diferente daquilo que era comentado por nossos avós que não tinham nenhum conhecimento de ciência, de química, física, geografia, filosofia, sociologia, etc” (ESTUDANTE, nº9, 16 anos, 3º ano).

“Tudo que aprendemos é na escola, com os professores, [com] os amigos e até [com] os inimigos. Aprendemos a lidar com as situações críticas e práticas de cada dia, vivendo-as, pois a melhor forma de conhecer é experimentando. Todos nós somos educados com um só pensamento: melhorar sempre. A fórmula para melhorar é admitir o erro” (Estudante, nº5, 16 anos, 2º ano).

“[...] É na escola que aprendemos tudo ao nosso redor, tudo sobre os nossos antepassados, e tudo o que passa na atualidade. Devemos ter a escola como nossa segunda casa e os professores e os diretores como nossos segundos pais, pois são eles que vão nos ensinar sobre ‘tudo’. Eu também gostaria que a escola dispusesse de mais meios de aprendizado. Nosso colégio deveria ter uma sala de pesquisa, uma sala maior para a biblioteca e um laboratório. Com esses equipamentos com certeza os alunos iriam aprender mais. Como eu espero que a escola venha a ensinar mais, espero que os alunos, que nela estudam, também venham a se interessar mais nas aulas e se dediquem mais aos estudos” (Estudante nº10, 17 anos, 3º ano).

“Eu utilizo o que a escola ensina no meu dia-a-dia, porque, por exemplo, as minhas aulas preferidas são as aulas de Sociologia. [Elas] me ensinam a não discriminar as pessoas pela sua aparência, condição financeira, seu jeito de andar, de falar, de cantar. (...) Eu acho que [com] tanta discriminação [existente] no mundo, o mundo não vai para frente. E eu ainda vejo hoje em dia as pessoas discriminando as outras pela sua cor de pele” (Estudante nº35, 14 anos, 1º ano).

“Esse ano estou me surpreendendo com o que esperava da escola. Antes esperava apenas obter um conhecimento sobre algumas áreas (exemplo: na matemática conseguir realizar algumas expressões e equações). Esse ano alguns professores estão demonstrando como utilizar meu conhecimento em sistemas em que nunca achava que iria usar. Por ironia do destino esse ano é o último no colégio (...). De qualquer forma estou adorando ir à escola e [acho] ótima a forma [como] os professores estão lecionando. Esse ano a escola superou as expectativas” (Estudante nº48, 17 anos, 3º ano).

“A escola nos ensina muitas coisas. (Ensina) a discutir e a chegar a conclusões. Eu creio que isso nos ajuda futuramente, até mesmo, em um emprego. (...) Nos ajuda a ter controle sobre nós mesmos” (Estudante nº23, 15 anos, 2º ano).

“Na escola eu também pude aprender a respeitar mais as pessoas a não ser racista. E com o ensinamento que a escola me passou e me passa eu adquiri todo conhecimento que eu tenho hoje” (Estudante nº30, 16 anos, 2º ano).

Entre os aspectos negativos que foram ressaltados pelos alunos acerca da escola, podem-se destacar as seguintes falas:

“Espero que [com] a escola não aconteça o [que aconteceu] em outros países capitalistas como os Estados Unidos, e que não ocorra essa divisão que está ocorrendo. E que principalmente eu possa formar como um bom aluno que aprendeu e se tornou uma pessoa com dignidade, sabedoria e educação. A escola poderia mudar a minha vida se me desse condição e estrutura para um bom conhecimento. Eu vejo que no Brasil as escolas públicas parecem ter a meta de acabar com o analfabetismo, [mas] ensina de maneira fraca para formar alunos, sem a preocupação de passar conhecimento” (Estudante nº14, 15 anos, 2ª série).

Uma estudante de 15 anos, do 2º ano, afirma que espera que a escola;

“Melhore em vários aspectos: professores mais qualificados e melhores salas de aula. Os professores devem aplicar as avaliações no dia em que desejarem, pois a semana de provas, existente na minha escola, só causa transtornos no estudo; [...] às vezes há três provas em um dia com matérias do bimestre inteiro para estudar. Acho que a semana de provas deveria ser extinta, porque a preocupação de assimilar o conteúdo do bimestre de cada matéria (o que é muito) faz com que o nível das notas [seja baixo]. [É necessário também] criar um laboratório de ciência e informática. [...] A escola nos ensina a viver em sociedade. Com ela aprendemos a ter educação, a respeitar o próximo e as leis. A escola já mudou a minha vida, porque com ela aprendi que sem o respeito e a dedicação às coisas boas da vida, não formaremos um mundo melhor” (Estudante, nº16, 15 anos, 2º ano).

Conforme foi dito anteriormente, mesmo quando os (as) alunos (as) levantam algumas críticas eles (as) o fazem de modo construtivo. Desejam uma escola melhor. Temem que a escola pública passe por um processo de deterioração como em alguns outros países. Há uma demonstração de que conhecem a situação da escola pública em outros lugares onde ela está passando por um processo de deterioração. Quando o aluno mencionou o abandono das escolas públicas nos EUA, ele, por certo, entrou em contato com alguns tipos de reportagens e/ou de documentários, etc. que levantavam essa problemática. Essa discussão tem sido feita, com muita frequência, pelo sociólogo Loic Wacquant (2003; 2001; 2001^a) em seus textos *As prisões da miséria*, *Os condenados da cidade* e *Da América como utopia às avessas*, o que demonstra que o aluno, mesmo não tendo um conhecimento dessas obras, está expressando uma preocupação de grande relevância, ou seja, com o crescente descaso, por parte dos governantes, em relação à educação e à escola pública, de modo geral. Note a fala de Wacquant abaixo e veja como tem fundamento a preocupação do estudante de 15 anos da Escola Altair Mongruel:

“É, todavia, a escola que simboliza melhor a pauperização avançada do setor público (...). Abandonado [por todos] o sistema educacional de Chicago tornou-se uma espécie de ‘reserva escolar’ onde as crianças do gueto são confinadas pela falta de outra opção. (...) Um quarto somente dos estudantes alcança o segundo grau escolar no tempo certo e a maioria esmagadora é orientada para os cursos profissionais que são meros desvios.

O nível escolar é tão baixo que um aluno pode concluir seu curso na escola Martin Luther King sem ser capaz de escrever uma frase completa ou resolver problemas de frações elementares” (WACQUANT, 2003, p.174).

As indagações dos alunos acerca das possibilidades e dificuldades da escola pública, hoje, expressam sua vivência e suas experiências atravessadas por elementos que eles observam cotidianamente. Ao se depararem com salas abarrotadas de alunos, com a falta de laboratórios, de salas de pesquisa, de melhoramentos na biblioteca, etc., eles intuem que o problema tem raízes profundas e tem conexão com muitos outros problemas sociais que eles vivenciam no dia-a-dia. Eles estabelecem, quase que sempre, uma conexão entre pobreza, falta de oportunidade, desigualdade e educação. Muitos dizem que a pobreza está relacionada diretamente ao pouco investimento dos governantes em uma educação pública de qualidade. Veja o que uma estudante diz:

“A falta de informação e o comodismo (...), fazem com que o dinheiro desse país vá parar nas mãos de poucos, [aqueles] que tem coragem de pagar por uma bolsa a exorbitante quantia de 40.000 reais. A igualdade desse país está muito longe de acontecer. Os governantes não se preocupam com a população mais pobre. Só nas campanhas eleitorais é que eles vêm até os municípios fazer promessas. Faz muito tempo que minha cidade precisa de mais uma escola de 5ª a 8ª série e de ensino médio, ou profissionalizante; nas campanhas vários candidatos fazem promessas mas nunca cumprem. Minha sala de aula é superpequena e tem 26 alunos. Meu irmão está na 6ª série com 27 alunos em uma sala em que mal cabem as carteiras; estas ficam todas coladas umas às outras. Quantos políticos já passaram por aqui e até agora nada. Essa parte da escola é conhecida como “Carandiru”. Isso é assustador, parece que lá estão só os bandidos” (Estudante nº33, 14 anos, 1º ano).

1.2 Escola e trabalho: os desafios mencionados pelos (as) estudantes do ensino médio do Colégio Altair Mongruel

Pode-se dizer que a totalidade dos estudantes concebe a escola como um meio que ajuda a obter algum tipo de trabalho no futuro. Eles (as) insistem que as aspirações que os (as) levam a frequentar os bancos escolares, estão inteiramente vinculadas à possibilidade futura de conseguir um emprego. Muitos (as) dizem que é esta a razão principal de sua permanência na escola. Para eles (as) a escola é o único caminho que os (as) conduz a

um emprego e/ou a um trabalho que lhes garantirá uma vida melhor. Eles (as) afirmam que suas famílias os (as) incentivam a estudar para vencer os obstáculos que estão presentes na sua vida cotidiana. Para todos (as) a escola aparece como a esperança de dias menos sofridos por ajudar na obtenção de melhores empregos. Tanto os (as) estudantes que habitam na zona rural quanto os (as) estudantes que vivem na zona urbana insistem que a escola só tem razão de ser se cumprir a sua tarefa principal: preparar os alunos para o mundo do trabalho.

Ocorre que uma parte expressiva deles (as) apresenta algumas dúvidas quanto à possibilidade da escola cumprir ou não essa promessa. Eles (as) afirmam que em cidades menores há pouca possibilidade de emprego pelo fato de não haver indústrias, mas também, consideram que a inexistência de cursos superiores no município de Ortigueira torna-se uma dificuldade a mais em sua futura vida profissional. Há um elemento interessante que deve ser mencionado: a indisponibilidade e o não-desejo de migrar para outras regiões e cidades do país. Os alunos (as) praticamente não manifestam a vontade de deixar o lugar em que vivem para ir morar em outras regiões do país onde haveria maior possibilidade de empregos.

Quase todos (as) dizem que a família os (as) incentiva a estudar porque somente através da escola eles conseguirão obter um bom trabalho. Mas eles (as) parecem não considerar interessante a possibilidade de sair da cidade em que vivem e ir para outros lugares seja para trabalhar, seja para estudar. Não se visualiza, em suas falas, essa disposição de se lançar ao mundo em busca de trabalho e/ou de estudos. Em vários momentos, os (as) jovens fazem defesa de melhorias no município, na cidade, na escola para que eles possam continuar vivendo ali mesmo. Muitos afirmam que querem muito continuar os estudos após o ensino médio, mas como não podem pagar cursos privados, consideram essencial que haja universidade pública mais ao seu alcance.

Todos (as) dizem que têm como objetivo principal arrumar um bom emprego a fim de ter recursos financeiros suficientes para levar uma vida confortável. Dizem desejar ter casas, filhos, boa alimentação, empregos interessantes e acesso a alguns bens de consumo. Vários (as) alunos (as) parecem crer que a escola os retirará das condições de vida difíceis nas quais se encontram. Há percepções diferentes acerca do futuro em razão das condições em que se encontram no momento. Há, por exemplo, alguns jovens que parecem temer que a fome e a pobreza se façam presente no seu futuro. A escola aparece como uma promessa de fuga tanto das condições de exploração em que vivem alguns de seus pais, quanto da falta de expectativa que cerca a vida cotidiana daqueles que não tiveram

acesso aos bancos escolares. Alguns dizem que entre as suas principais preocupações está a fome e que não gostariam que houvesse fome no mundo. A fome aparece como resultante da falta de emprego, da falta de oportunidade e da falta de instrução.

A associação entre escola e trabalho aparece na fala de todos (as) os jovens, o que não significa que a totalidade deles só vê a escola como realizadora desse objetivo. Muitos dizem que, além de formar trabalhadores, a escola deve formar também bons cidadãos, os quais não se discriminam uns aos outros, antes se preocupam com a vida dos demais indivíduos da sociedade. Ser cidadão é sinônimo, em algumas falas, de ter oportunidade de superar a pobreza e o desemprego. Saber lidar com a diferença também aparece na fala de alguns estudantes (o E9, por exemplo) como a base para a condição cidadã. O aluno E48 faz uma afirmação tentando relacionar a realização profissional com a condição cidadã. Ele diz:

“Eu gostaria de trabalhar numa profissão em que houvesse troca de informação entre mim [e aquele] com quem estarei dialogando. Por isso adoraria ser professor, de preferência de alunos adolescentes ou jovens, porque esses conseguem formar sua opinião; isso em um ser humano acho uma coisa muito especial. Pretendo trabalhar na área de Letras, Linguística, Literatura, porque estão relacionadas à cultura brasileira (sou extremamente patriótico). Demonstrar que somos um povo que possui histórias e também uma língua própria e que não somos dependentes de outras línguas” (Estudante nº48, 17 anos, 3º série).

Professores e estagiários do LENPES - IPAC/UDEL



Quadro 1 - Conhecendo melhor os (as) alunos (as) pesquisados e suas expectativas em relação a uma profissão futura

Estudante					
número	Idade	Sexo	Série	Local de Moradia	Profissão que deseja exercer
E1	15	F	2º	Zona rural	Ambientalista ou bióloga
E2	15	F	2º	Zona urbana	Professora
E3	15	F	2º	Zona Urbana	Advogada
E4	17	F	2º	Não informado	Profissão ligada a Informática
E5	16	F	2º	Zona Urbana	Contadora
E6	15	F	1º	Zona Rural	Secretária ou comerciária
E7	14	M	1º	Zona Rural	Administrador de empresas
E8	15	F	2º	Não informado	Professora de Educação física
E9	16	M	3º	Vila Rural	Profissão ligada a informática
E10	17	F	3º	Zona Rural	Policia
E11	15	F	2º	Nem rural, nem urbano	Não informou
E12	17	F	2º	Zona Rural	Cabeleireira
E13	16	F	2º	Zona Urbana	Enfermeira
E14	15	M	2º	Zona Rural	Ambientalista
E15	15	F	2º	Vila fora da cidade	Promotora
E16	15	F	2º	Zona Urbana	Veterinária
E17	17	F	2º	Zona Urbana	Não informou
E18	15	F	2º	Zona Urbana*	Professora
E19	16	F	3º	Não informou	Profissão ligada área industrial

*(mas tem dúvida se é urbana ou rural)

Estudante					
número	Idade	Sexo	Série	Local de Moradia	Profissão que deseja exercer
E20	16	F	3º	Zona urbana	Administradora de empresa
E21	16	F	1º	Zona Rural	Dentista
E22	14	F	1º	Zona Rural	Comerciária
E23	15	F	2º	Zona Rural	Fisioterapeuta ou desenhista ou locutora
E24	17	F	1º	Zona Urbana	Bancária ou técnica em computação
E25	17	F	1º	Não informado	Professora
E26	16	F	2º	Zona Urbana	Não informou
E27	14	F	1º	Zona Rural	Veterinária
E28	14	F	1º	Zona Rural	Bom emprego sem especificar
E29	14	F	1º	Urbano e rural	Veterinária
E30	16	M	2º	Zona Rural	Advogado ou médico
E31	14	F	1º	Zona Urbana	Psicóloga
E32	15	F	2º	Zona Urbana	Executiva ou médica
E33	14	F	1º	Zona Urbana	Arqueóloga
E34	14	F	1º	Não informado	Advogada ou costureira
E35	14	F	1º	Zona urbana	Promotora
E36	15	F	1º	Zona Urbana	Trabalhar em empresas
E37	17	F	2º	Zona Urbana	Advogada ou juíza de direito
E38	14	F	1º	Zona Urbana	Contadora ou administradora de empresa
E39	17	F	2º	Zona rural	Gerente

Estudante número	Idade	Sexo	Série	Local de Moradia	Profissão que deseja exercer
E40	16	F	2º	Zona Rural	Ainda não sabe
E41	17	F	3º	Zona Urbana	Ter uma empresa
E42	19	F	3º	Zona Rural	Não sabe
E43	18	F	2º	Zona Urbana	Enfermagem
E44	17	F	3º	Zona Urbana	Deseja um bom emprego sem especificar
E45	18	F	3º	Zona Urbana	Agrônoma
E46	17	F	3º	Zona Rural	Psicóloga
E47	15	M	1º	Zona Urbana	Esteticista e cabeleireiro
E48	17	M	3º	Zona Urbana	Deseja cursar Letras
E49	16	F	2º	Zona Rural	Professor de educação física ou Treinador
E50	18	M	1º	Zona Urbana	Não informou
E51	16	M	2º	Zona Rural	Polícia ou carreira no Exército
E52	14	M	1º	Não informou	Ator
E53	14	M	1º	Zona Urbana	Engenheiro

1.2.1 Escola, trabalho e pobreza

A visão de mundo que os (as) alunos (as) apresentam, ao discutirem a possibilidade de alcançar um trabalho, inscreve-se numa percepção da vida social que vigorou na chamada, por Bauman (2001; 2005), de modernidade sólida, ou seja, mesmo que já se detectem algumas dúvidas em relação à possibilidade deles (as) conseguirem um emprego, prevalece uma percepção de mundo assentada na ideia de que o emprego estável é o caminho para manter a pobreza afastada. Quando falam sobre esta última sempre a associam à falta de emprego, de instrução e de oportunidades. Nota-se que eles imaginam um futuro no qual deveria haver garantias de emprego para todos. Sugerem ações governamentais e empresariais que tenham como objetivo a empregabilidade.

“A modernidade sólida era, de fato, também o tempo do capitalismo pesado – o do engajamento entre capital e trabalho fortificado pela mutualidade de sua dependência. Os trabalhadores dependiam do emprego para sua sobrevivência; o capital dependia de empregá-los para sua reprodução e crescimento. Seu lugar de encontro tinha endereço fixo; nenhum dos dois poderia mudar-se com facilidade para outra parte – os muros da grande fábrica abrigavam e mantinham os parceiros numa prisão compartilhada. A fábrica era seu habitat comum – simultaneamente o campo de batalha para a guerra de trincheiras e lar natural para esperanças e sonhos” (BAUMAN, 2001, p.166).

Quando falam de suas esperanças, fica evidente que colocam a possibilidade de obter um emprego que seja capaz de lhes garantir mobilidade social. Os fracassos são, por eles, analisados como produzidos seja pela falta de oportunidade de arrumar um trabalho seja pela pouca disponibilidade, de alguns (as), de empenhar todos esforços em busca de um emprego que garanta a saída da condição de carência material. Quando sugerem formas de combater a pobreza, por exemplo, eles (as) operam com uma combinação que pode ser resumida da seguinte maneira: parte da solução, para evitar que mais e mais pessoas caíam na miséria, cabe ao governo e aos empresários, parte cabe às próprias pessoas incumbidas de encontrar formas de sair do empobrecimento. As soluções não são puramente individuais, mas eles (as) dão um peso significativo às soluções individuais para resolver problemas sistêmicos²⁸ (BECK, 1992; BAUMAN, 2001), como é o caso da dificuldade de conseguir empregos na atualidade.

²⁸Bauman diz que Ulrich Beck tem toda razão ao afirmar: “a maneira como se vive torna-se uma solução biográfica das contradições sistêmicas” (Beck, 1992: 137).

Mesmo quando os (as) estudantes falam que seus sonhos são uma profissão que lhes garanta uma certa autonomia, pois poderiam trabalhar como profissionais liberais, eles (as) sempre enfatizam que são sonhos pelos quais eles lutarão, mas que seus objetivos mais imediatos estão vinculados à busca de emprego estável que lhes garanta uma renda razoável para que possam realizar seus objetivos tais como: ter uma casa, família, filhos e estima social. Observe o que falam os (as) estudantes:

“Eu tenho esperança de que um dia esse mundo será melhor (...). Que vão se acabar os roubos, as guerras, as mortes, a fome, e essas coisas ruins. Minhas esperanças (...) são: ter uma boa formação, arrumar um bom emprego, me casar e fazer a pessoa que eu amo, que é o meu namorado, 100% feliz” (Estudante nº18, 15 anos, 2ª série).

“O meu maior sonho para o futuro é estar formada (não sei ao certo para qual profissão) e me dedicar inteiramente a minha carreira. Para isso, desde já estou me dedicando e espero que meus esforços sejam recompensados e um dia eu consiga chegar lá. Sonho em entrar em uma faculdade ou universidade, me formar, conseguir emprego e ter uma vida estabilizada sem maiores preocupações” (Estudante nº16, 15 anos, 2ª série).

“Eu queria ter uma casa [que fosse] minha e da minha mãe, numa cidade onde estivessem pessoas conhecidas, [houvesse] oportunidades de emprego, lazer e onde eu possa investir em estudos profissionalizantes. (...) Quero me dedicar aos estudos, a faculdade, pois sei que o mercado de trabalho é competitivo e as portas se abrem aos bons profissionais” (Estudante nº15, 15 anos, 2ª série).

“As vezes me preocupo [com] o que fazer depois de completar os estudos do ensino médio. Na mente de nós adolescentes vem: trabalhar ou continuar os estudos profissionais. Penso em como é [grande] a falta de oportunidades que nos deixa sem grandes expectativas de cursar uma faculdade. A falta de dinheiro para [cursar] uma faculdade nos deixa sem conclusão da profissão futura. Estudar e trabalhar. (...) Só nos resta trabalhar aonde não necessita de formação. (Exemplo: indústrias, fábricas, entre outros). Mas quando se trata de um sonho de [mobilidade]²⁹ é mais complicado” (Estudante nº14, 15 anos, 2ª série).

²⁹A estudante utiliza a palavra projeção.

“Gostaria de não ter tanta necessidade. Gostaria de trabalhar em uma loja, mas pretendo fazer um curso de cabeleireira. Espero que a escola me ajude a alcançar meus objetivos, afinal é para isso que ela serve. E que ela me ajude a ter uma vida melhor. Estudo porque, através do meu estudo, pretendo ter um futuro melhor e conseguir um emprego” (Estudante nº12, 17 anos, 2ª série).

“A escola pode mudar a minha vida. Quando eu for trabalhar em algum serviço eles vão pedir o nível de escolaridade e eu vou apresentar um certificado. Vou trabalhar e ganhar meu dinheiro honestamente. Isso tudo graças ao ensinamento que a escola me concedeu. Ela pode mudar minha vida também porque no futuro eu sei que eu vou poder conseguir um trabalho e eu não vou precisar roubar ou matar por causa de dinheiro” (Estudante nº30, 16 anos, 2ª série).

Todas as falas dos (as) alunos (as) enfatizam a relação da escola com a perspectiva de conseguir um emprego. Para eles, a escola faz parte de um sistema propiciador das condições para a inserção dos (as) estudantes no mercado de trabalho. O peso que eles (as) atribuem à instituição é muito maior do que o peso que eles (as) atribuem às suas próprias ações e aos seus próprios esforços. A escola deve esforçar, através de suas atividades, para prepará-los (as) para o emprego. Eles precisam esforçar-se também, mas entendem que existe uma força (a da instituição escolar) maior que eles (as) que garante a empregabilidade. É interessante notar que essa posição se inverte um pouco quando eles (as) propõem caminhos para superar a pobreza no Brasil. Uma parte deles (as) considera que os indivíduos, isoladamente, têm grande responsabilidade por serem pobres. Essa discussão será feita em um dos itens seguintes.

Eles se mostram convictos de que o emprego existe, as chances existem, as oportunidades existem. Se eles se mantiverem firmes na escola, as coisas acontecerão de modo satisfatório, acreditam. A disponibilidade de quase todos (as) para envidar esforços na formação escolar deve-se ao fato de que estamos diante de um grupo de pessoas com grau de diferenciação social pequeno. Quanto mais diferenciado é o grupo estudado, maiores são as diferenças em atitudes e disposição. Diz Lahire:

“O grau de extensão e heterogeneidade dos universos, grupos ou indivíduos freqüentados; trata-se de ver especialmente se o pesquisado sofreu uma exposição (...) a contextos socializadores (instituições, grupos) ou a indivíduos (pais com disposições sociais diferentes, membros da família, pessoas

próximas da família, amigos, professores, agentes de instituições culturais ou religiosas com as quais o pesquisado tenha podido se identificar) portadores de princípios de socialização diferentes” (LAHIRE, 2004, p.26).

Os estudantes pesquisados se reportam sempre a contextos socializadores muito parecidos. Ao relatar a vida em suas famílias nucleares ou ampliadas, em seus ambientes domésticos e escolares, eles (as) revelam que há muitas semelhanças nos contextos socializadores dos quais participam. Isso explica, ao menos em parte, a proximidade de suas percepções de mundo, de suas visões acerca da escola e do mundo do trabalho.

“É verdade que, incontestavelmente, encontramos nos trabalhos de Pierre Bourdieu (1998; 2007) o maior esforço de explicitação em matéria da teoria disposicionalista da ação. Em sua obra encontram-se, especialmente, as noções de interiorização das estruturas objetivas ou de incorporação das estruturas sociais, de esquema, de disposição, de sistema de disposições, de fórmula geradora ou de princípio gerador e unificador das práticas, de habitus, de transponibilidade ou transferibilidade dos esquemas ou disposições” (LAHIRE, 2004, p.25).

Conquanto estejam, algumas vezes, em graus diferentes de condição material - uns em melhores condições, outros em piores - isso não gera uma percepção social diferente acerca da relação entre trabalho e escola. Obter um trabalho - eles sempre fazem referência à meta de conseguir um bom trabalho - aparece como uma condição fundamental para que eles (as) possam se distanciar mais e mais da pobreza material. Não importa o quão longe - às vezes mais, às vezes menos - estão da privação material, aquilo em que eles insistem é que estão dispostos a encontrar formas de distanciamento de toda penúria material que uns parecem conhecer mais de longe e outros mais de perto.

Um outro dado que aparece em suas falas é que a escola os pode ajudar a romper com o ciclo de pobreza ao qual seus familiares estão sujeitos. Alguns mencionam a vivência dos pais os quais têm experiência de muitas dificuldades no trabalho e de reduzidos ganhos salariais. Percebe-se que está implicitamente pressuposto que tal sofrimento social advém, segundo os (as) jovens, da pouca escolaridade dos pais, a qual é responsável pela falta de oportunidade para romper com as dificuldades causadas tanto pelos trabalhos difíceis que realizam quanto pela circunscrição de sua existência à não-possibilidade de sair de tais condições para ingressar em uma situação melhor quanto à renda e à valorização pessoal.

Quando falam de suas famílias, os (as) jovens fazem questão de enfatizar que elas valorizam muito a escola como o único meio disponível para tentar alcançar outro tipo de vida. A socialização familiar destes (as) estudantes parece essencialmente reforçadora de que a escola é o lócus, por excelência, de transfiguração de sua vida. Por isso, eles parecem ter pouca dúvida quanto ao fato de que a escola está, certamente, realizando essa tarefa titânica de os (as) encaminhar para novas possibilidades de existência social.

Não se está dizendo que os (as) alunos (as) não questionam, algumas vezes, se esse futuro será mesmo promissor. Em alguns momentos eles (as) levantam dúvidas sobre isso. Mas suas dúvidas em nenhum momento põem em xeque o papel da escola na efetivação de uma vida profissional satisfatória. Questionam sim a capacidade da sociedade de responder positivamente as suas expectativas passíveis de serem viabilizadas, principalmente, pela escola. Veja o que diz uma estudante de 14 anos:

“Aqui na cidade não há emprego para todos; a desigualdade social é muito grande; o ensino não é muito bom. Não há cursos de inglês ou qualquer outro idioma, não tem cursinho pré-vestibular, cursos superiores para que possamos nos profissionalizar, e isso me assusta muito, pois é possível que muitas de nós, no futuro, não trabalharemos em algo que nos dê prazer e sim no emprego que conseguirmos (se conseguirmos). (...) Queremos ser grandes profissionais dentro de uma área de trabalho que escolhermos e estudamos (...). Uma grande empresária? Ou vou viver sempre sem expectativa de um futuro melhor e acabar sendo uma dona de casa, com filhos, marido, cheirando a fritura e deprimida como a maioria das mulheres de minha cidade. (...) Como todos os adolescentes eu tenho o direito de sonhar e cabe à sociedade nos ajudar a torná-los realidade” (Estudante nº33, 14 anos, 1ºB).

1.2.2. - Escola, trabalho e oportunidades: mas quais?

Na atualidade, há um discurso recorrente das políticas públicas, dos programas sociais, dos governantes, das lideranças da sociedade civil, dos agentes voluntários, das Organizações Não-Governamentais, dos gestores educacionais, dos organismos internacionais (Nações Unidas, por exemplo) em torno da necessidade de geração de um desenvolvimento humano que fortaleçam as oportunidades sociais. É interessante assinalar que a educação é apresentada, por quase todos, como capaz de gerar, nos indivíduos pobres e não-pobres, as condições de desenvolvimento da capacidade de inserção no mundo do trabalho, o que levaria à realiza-

ção profissional e pessoal. Esta perspectiva aparece fortemente enfatizada nas falas dos (as) alunos (as) do ensino médio do Colégio Estadual Altair Mongruel. Para eles, a pobreza, o desemprego, a miserabilidade, a exclusão e a desigualdade a que as pessoas, em várias circunstâncias, acabam sujeitas, são frutos da falta de oportunidades.

Os (as) estudantes consideram que a melhoria do ensino se dará através da melhoria das escolas, bibliotecas, salas de pesquisa e salas de informática, isto é, segundo eles (as) uma forma de ampliar as oportunidades de emprego e de trabalho de modo geral. Sua visão é extremamente otimista em relação aos frutos produzidos por um ensino que utilize diversas formas de tecnologias. Sua postura não é gerada pelo acaso. A geração que possui, hoje, entre 14 e 17 anos, tem convivido, desde o nascimento, com mensagens constantes, através dos meios de comunicação, principalmente, que asseguram que uma educação assentada em um aproveitamento máximo das tecnologias disponíveis garante um lugar no disputado mercado de trabalho.

O Relatório de Desenvolvimento Humano, de 2001, preparado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) dedica-se inteiramente ao debate sobre o papel das novas tecnologias na criação de oportunidades sociais através do desenvolvimento humano.

“As tecnologias da informação e das comunicações (TIC) também podem ter um impacto importante no desenvolvimento, porque podem: contribuir para superar os obstáculos do isolamento social, econômico e geográfico; aumentar o acesso à informação e à educação; e possibilitar que as pessoas pobres participem num número maior de decisões que afetam as suas vidas. Ao avaliar o potencial das TICs, o relatório (RDH2001; 2001a) salienta as novas oportunidades para ampliar as formas de ação política (como a campanha mundial por e-mail que ajudou a derrubar o Presidente Estrada, das Filipinas em janeiro); redes de saúde (como na Gâmbia e Nepal); aprendizagem à distância (como na Turquia); e criação de empregos (como na Costa Rica, África do Sul e Índia). Sakiko Fukuda-Parr (2001:3), a principal autora do relatório, diz que isto é apenas o começo: ‘as TIC são verdadeiramente um avanço tecnológico para a democracia e a expansão do conhecimento em benefício das pessoas pobres’” (AS NOVAS tecnologias são fundamentais para reduzir a pobreza, 2001:3).

A crença na possibilidade de que a educação e as novas tecnologias habilitem a todos para enfrentar os desafios postos pelas novas condições sociais advindas da globalização financeira e tecnológica, que faz minguar

os postos de trabalho e exacerba as desigualdades, tem suscitado muitos questionamentos. O cientista social Gosta Esping-Andersen faz a seguinte afirmação: “Os promotores mais simplórios da ‘terceira via’ acreditam que a população, por intermédio da educação, pode ser adaptada à economia de mercado e que o problema social desaparecerá. Essa é uma falácia perigosa. A educação, o treinamento e o aprendizado vitalício podem não ser o bastante” (Esping-Andersen, 2007: 194).

Muito raramente detecta-se alguma dúvida nas falas dos estudantes sobre as oportunidades sociais geradas pela educação. É esta última promotora, por excelência, de melhorias sociais que levarão todos os (as) estudantes a uma melhor condição de vida. Sua postura se aproxima da de alguns técnicos das Nações Unidas que insistem que é indubitável que a educação associada às novas tecnologias levará a muitas melhorias sociais.

“Mark Malloch Brown, administrador do PNUD, afirma: ‘Ignorar os progressos tecnológicos na medicina, agricultura e informação poderá significar a perda de oportunidades para transformar a vida das pessoas mais pobres’ (Brown, 2001: 1). (...) O RDH/2001 apresenta uma discussão excessivamente generalista quanto a possibilidades de converter os avanços tecnológicos em melhorias sociais para todos e não somente para alguns. Não há uma precisão sobre os desafios que teriam de ser enfrentados para vencer as exclusões, em relação ao acesso às novas tecnologias, em contextos sociais, econômicos, culturais e políticos tão distintos como são as várias regiões do mundo. Há uma tentativa, por parte do relatório, de passar uma visão extremamente otimista das novas tecnologias e de seus efeitos sobre a redução da pobreza. As transformações tecnológicas atuais (tais como: chip de computador para armazenamento de informações, internet, engenharia genética, entre outras) são apontadas como capazes de democratizar a informação, a participação, o conhecimento, as oportunidades de emprego, o acesso a novos medicamentos e a novas formas de cultivar a terra. Discutidos assim, em termos gerais, tais processos tecnológicos são apresentados como dotados de grande capacidade de habilitação das pessoas mais pobres e excluídas para alcançar um melhor nível de bem-estar. Contudo, verifica-se que o RDH/2001 não situa suficientemente o debate no modo como o processo de expansão tecnológica se assenta numa ultraconcentração de riqueza e de poder que nega, inteiramente, os propósitos postos pelas Nações Unidas. Além dos fatores gerais que governam uma globalização financeira e tecnológica concentradora de poder e riqueza numa escala exorbitante (Furtado, 2001; Bauman, 1999; Bourdieu, 2001), há também os fatores internos de cada país que impedem, em maior ou em

menor escala, um desenvolvimento humano passível de habilitar os indivíduos para participar da distribuição da renda nacional (Furtado, 1999)” (REZENDE, 2007, p.292).

Esses elementos estão sendo apontados para demonstrar que os (as) estudantes não estão agindo isoladamente, ao insistirem na educação como forma de expandir às oportunidades sociais. Eles (as) estão, na verdade, repetindo algo que tem sido alardeado, de diversas maneiras, em sua vida cotidiana. Os conteúdos escolares atuais têm impulsionado essa visão de mundo baseada naquilo que Bauman (2005) chama de constante reciclagem dos indivíduos. Portanto, é preciso não esquecer que os (as) alunos (as) estão se posicionando, mesmo não tendo plena ciência disso, no âmbito de um amplo debate político contemporâneo: aquele que insiste que os indivíduos mais pobres podem ser reciclados para que possam, de alguma forma, cavar um lugar de menor dificuldade de sobrevivência. Este debate é contraposto àquele que insiste que os segmentos mais pobres não podem ser reciclados e, portanto, devem ser removidos do convívio social através de políticas de segurança violentas e intolerantes (Wacquant, 2001; 2001a). Os (as) estudantes parecem crer que a educação é o único caminho capaz de tornar os indivíduos viáveis socialmente dando-lhes oportunidades. Associam, com muita frequência, a educação às novas tecnologias como elementos integrados num mesmo processo de criação de novas oportunidades de trabalho. Mas, para todos eles, a formação escolar proporciona, com ou sem o treinamento em tecnologias, novos caminhos, novas perspectivas. Vejam seus argumentos:

Espero que “o governo dê verbas para a construção de novas salas de aula, dando maior oportunidade para aprender o que ainda não aprendi. Passando adiante e tirando boas notas” (Estudante 29, 14 anos, 1ª série).

“Eu espero da escola mais recursos para os alunos, (para assim), cada dia, aprenderem mais, terem acesso a internet, pois muitos deles não podem (utilizar as novas tecnologias) [por não possuírem] recursos para fazerem cursos (por conta própria). (...) Ainda não utilizo a internet mais pretendo fazer um curso para melhorar minha vida” (Estudante 27, 14 anos, 1º ano).

“Me preocupo muito com meus estudos, pois quero crescer através deles. (...) Sem o estudo você não consegue trabalhar numa área mais avançada. Através do estudo você consegue” (Estudante nº21, 16 anos, 1º ano).

“O governo deveria oferecer cursos profissionalizantes para as pessoas pobres, para que quando (...) fossem em busca de emprego, pudessem ter um currículo para apresentar. Na minha opinião, a pobreza no Brasil ocorre por vários motivos: as pessoas pobres não concretizam seus estudos, porque têm que trabalhar para se manter, [faltam-lhes] oportunidades (...) na sociedade, [faltam-lhes] recursos (para fazer uma faculdade) para quem já terminou o ensino médio” (Estudante nº18, 15 anos, 2ª série).

“O governo deveria enviar mais verbas para os estados que têm pessoas que têm menos condições e investir na educação porque é nas crianças que estudam que veremos um país melhor. É claro que a pobreza não é culpa do próprio pobre, pois o governo tem deixado de investir nos jovens, na educação. Isso [os] tem [levado] a buscar outras formas de sobrevivência como (...) o crime e as drogas” (Estudante nº13, 16 anos, 2ª série).

“Sei que, hoje, sem estudo, a gente não é ninguém. (...) Eu gosto de estudar porque tenho planos e objetivos para o meu futuro, porque quero ser alguém na vida; (...) para isso, preciso de estudo” (Estudante nº15, 15 anos, 2º ano).

“Frequento a escola para ter um futuro melhor e garantido” (Estudante nº16, 15 anos, 2º ano).

“Eu frequento a escola para ter um futuro. Eu tenho como objetivo (...), com os meus estudos, [formar-me] para alguma coisa que eu goste de fazer” (Estudante nº11, 15 anos, 2º ano).

Nota-se que nas diversas falas está embutida a crença nas oportunidades (de melhor trabalho, melhor emprego, melhor salário, melhor sobrevivência) que a educação é capaz de propiciar. O fracasso escolar aparece como algo que se manifesta exatamente pela falta de novas oportunidades. Todavia, há algo interessante a ser destacado nas falas dos (as) estudantes: nenhum deles (as) considera-se fadado ao fracasso³⁰ por ser da zona rural,

³⁰Charlot no texto *O fracasso escolar: um objeto de pesquisa inencontrável* (Charlot, 2000, p.16 oferece muitos elementos para problematizar essa percepção dos alunos de que o fracasso escolar não existe, parece que eles intuem que o que existe são alunos em situação de fracasso. Há algumas condições que podem produzir o fracasso, como por exemplo, as más condições de ensino e de aprendizagem, a desatualização dos conteúdos, tecnologias, bibliotecas e laboratórios, etc.

por ser mais pobre, por ser membro das classes populares, etc. Não se verificou também qualquer desconfiança em relação às possibilidades de construir boas oportunidades de emprego em razão de qualquer deficiência sociocultural³¹ (ou seja, ser membro dos grupos com capital cultural diferente daquele que é veiculado como necessário para o sucesso escolar não aparece como elemento definidor da falta de oportunidades).

Analisando-se os diversos argumentos de todas (os) alunas (os) que defenderam a educação, a escola e o ensino como forma de ampliar as oportunidades sociais, observa-se que elas (es) concebem que as oportunidades de trabalho e de emprego, propiciadas pela formação escolar, são indistintas para todos (as). Em momento algum houve dúvidas quanto à vinculação dos estudos à melhoria de condição socioeconômica, ou melhor, não foi dito que a formação escolar funciona para uns e não para outros. Foi dito sim que os alunos (as) que puderem continuar os seus estudos (por serem melhores de vida) terão melhores oportunidades de emprego. Para os (as) estudantes, não é pelo fato de ser pobre que se têm tolhidas as oportunidades, mas sim por não se ter acesso a uma educação continuada e que abranja os vários níveis de ensino.

Assinala-se que muitos (as) deles (as) revelam uma angústia muito grande em relação à falta de possibilidade de dar continuidade aos estudos após o ensino médio. Quase todos (as) estudantes que participaram da pesquisa enfatizam que gostariam muitíssimo de fazer um curso superior, mas consideram que isso não será fácil, já que não há universidades públicas no município e/ou num outro município próximo. Consideram, então, que suas oportunidades de trabalho estarão diminuídas pela impossibilidade de dar continuidade aos estudos.

2 As percepções das alunas e dos alunos sobre as desigualdades sociais, a pobreza e a vida política nacional

Há algo que deve ser destacado: as (os) estudantes discorreram menos sobre as desigualdades sociais, a pobreza e a vida política nacional do que sobre a escola e sua possibilidade de gerar condições de empregabilidade

para eles e elas. Evidentemente, aqueles primeiros temas exigem maiores esforços de compreensão porque desafiam significativamente o entendimento deles (as) acerca dos processos produtores e reprodutores das desigualdades. Isso não é, porém, algo atinente só às (aos) jovens do ensino médio. Todos os grupos sociais têm dificuldades para conhecer claramente as condições sociais geradoras das desigualdades. Todavia, é perceptível que as (os) alunas (os) que se arriscaram a refletir sobre essas últimas, fizeram-no com muitas ressalvas, muitas contradições e muitas incertezas.

Quando indagados por que umas pessoas são muito pobres e outras são muito ricas no país e se é possível ao Brasil diminuir a pobreza, os estudantes hesitam em atribuir ou não, aos próprios indivíduos, as responsabilidades tanto para a prevalência das extremas desigualdades, quanto para as dificuldades de sair das condições de pobreza. As suas falas, muitas vezes, buscam responsabilizar os indivíduos pela pobreza. Ora eles (as) responsabilizam o governo, ora as empresas, ora o próprio pobre. Alguns (umas) dizem que o pobre tem uma culpa significativa pelas condições em que está inserido. Outros (as) consideram as empresas e o governo responsáveis pelo quadro de miserabilidade vigente no país. E há, ainda, aqueles (as) que consideram responsáveis pela pobreza tanto o governo e as empresas quanto os próprios pobres. Vê-se no quadro, a seguir, o que pensam as alunas e alunos sobre as desigualdades e a pobreza:

³¹Bernard Charlot afirma que existem diversas formas da teoria da deficiência. John Ogbu (1978) distingue três. Em primeiro lugar, a teoria da privação: a deficiência é o que falta para as crianças terem sucesso na escola. Em segundo lugar, a teoria do conflito cultural: a deficiência é a desvantagem dos alunos cuja cultura familiar não está conforme com a que o sucesso escolar supõe. Em terceiro lugar, a teoria da deficiência institucional: nesse caso, a deficiência é uma desvantagem gerada pela própria instituição escolar em sua maneira de tratar as crianças das famílias populares” (Charlot, 2000, p.26).

Quadro 2: Conhecendo melhor os (as) alunos (as) do ensino médio e suas percepções sobre as desigualdades e a pobreza

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E1	“A falta de estudos e a falta de empregos é responsável pela pobreza no Brasil”	As pessoas ricas tiveram melhores oportunidades		E1	“É possível sim diminuir a pobreza no Brasil. É só os políticos saberem administrar o dinheiro público no Brasil e acabar com a corrupção. Investir numa educação mais avançada nas escolas públicas e aumentar as vagas nas faculdades públicas”	O governo (dando melhor educação e qualificação	“A pobreza no Brasil é culpa das pessoas pobres, mas também de outras pessoas”
E2	A falta de empregos	Por conta da tecnologia. “As ricas são aquelas que têm suas empresas e cada vez mais estão inseridas nas tecnologias; assim eles enriquecem cada vez mais, enquanto muitas pessoas ficam cada vez mais pobres porque perdem o emprego por causa da tecnologia”		E2	Sim. É possível.	“Os pobres têm de agir para conquistar seu emprego em empresas em vez de serem substituídos por máquinas. Assim o Brasil poderia diminuir a pobreza”	“No Brasil há muitas pessoas pobres e a culpa por essas pessoas serem pobres é delas mesmas. Não sabem lutar por seus direitos e conquistar seu espaço na sociedade”
E3	“Eu acho que não é de ninguém. Eu acho que a pobreza vem da pessoa mesma, depende também das oportunidades que ela teve na vida, ou seja, se a pessoa tiver oportunidade ela terá um bom serviço (emprego)”	Por causa das oportunidades distintas que as pessoas possuem.		E3	Sim. É possível	O presidente da República e os governadores e também as pessoas pobres. “O presidente e governadores poderiam criar alguns projetos pois só o Fome Zero não basta”	“Às vezes sim, às vezes não. As vezes o pobre não tem culpa porque o Brasil (...) não dá quase nenhuma oportunidade”
E4	Não respondeu	Não respondeu		E4	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E5	“A pobreza é um fato que ocorre em vários outros países. Parte dessa culpa cabe à política, porque as pessoas pobres pagam impostos como as de alto e médio nível e deveriam receber tratamento igualmente”	Porque o dinheiro público não é devolvido para a população em forma de educação e de saúde.		E5	Sim. Combatendo a corrupção.	Todos juntos. “Começando na época das eleições. Cabe a nós colocarmos um cidadão de bem que roube o menos possível dos brasileiros”	Uma parte da culpa é dos políticos e a outra “cabe a nós mesmos. Somos cidadãos que para tudo dizemos amém, seja certo seja errado”.
E6	O próprio pobre porque não se esforça suficientemente	Existem ricos porque eles se esforçaram. Encontram bons empregos e acabam ficando ricos		E6	Sim	O governo e as empresas	Sim, porque o pobre não trabalha e não estuda.
E7	O presidente e os governadores	Por causa da má distribuição de renda que vem de muitos anos.		E7	Sim	O governo e as empresas	As vezes não (é porque não se tem emprego) Às vezes sim, pois nem sempre os pobres querem trabalhar.
E8	Não respondeu	Não respondeu		E8	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E9	A exclusão e as desigualdades sociais	As pessoas são pobres pelo analfabetismo, desemprego e falta de oportunidades.		E9	Sim. Com investimento na educação e em programas que beneficiem os mais pobres	O governo investindo, a longo prazo, na saúde, na educação, na criação de oportunidade de emprego e facilitando a entrada dos pobres na universidade.	“O indivíduo não é pobre porque quer, mas sim por falta de oportunidades de emprego”
E10	A má-distribuição da renda e a má administração dos governantes.	“Os pobres não têm oportunidades. Eles quase não têm estudos, falta educação e, além disso, são discriminados. A minoria da população brasileira é rica desde o tempo da escravidão e por causa do regime político”		E10	Sim. Dando oportunidades aos mais pobres. Dando financiamentos, subsídios, educação e formação.	O governo. “Porque é do governo que vem o benefício para a população, como a reforma agrária, com terra e o recurso para a pessoa desenvolver sua propriedade”.	“Um pouco, porque se os pobres se organizassem e fizessem reivindicações juntos poderiam mudar”.

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E11	Responsável é a origem. Pobreza e riqueza vêm de família.	Existem pessoas pobres por falta de emprego e de vontade. Também porque o pobre não luta pelos seus direitos.		E11	Sim, talvez é possível. As empresas gerando mais emprego e menos discriminação. E havendo mais responsabilidade, no país, em geral.	O governo, em primeiro lugar, auxiliando os empresários a gerarem mais emprego, em segundo lugar, aumentando o salário mínimo.	A pobreza é culpa da família que não consegue dar oportunidades aos filhos e não faz planejamento familiar
E12	Não respondeu	Não respondeu		E12	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E13	A falta de oportunidades.	Porque não há oportunidades iguais.		E13	Sim, através do crescimento econômico e do desenvolvimento, nas pessoas, de uma crença em si mesmas	O governo deveria enviar mais verbas para as regiões mais pobres. Verbas para serem investidas na educação	Não. A pobreza não é culpa do pobre, mas do governo que não investe na educação.
E14	O governo, as desigualdades e o capitalismo.	Devido à ganância do ser humano.		E14	Sim, dando maiores oportunidades para todos e combatendo a corrupção, a desigualdade e o preconceito.	O governo e as empresas. E também os pobres lutando pelos seus direitos.	Não. É culpa da corrupção.
E15	O governo, as empresas e os próprios pobres.	“A pobreza aumenta e existem uns mais beneficiados do que outros, pela má distribuição de renda”.		E15	Sim. “Qualquer país pode sair da pobreza, acho que depende de todos. O governo não pode dar tudo de mão beijada aos pobres, mas sim incentivar as empresas e outros órgãos a dar emprego”.	Governo, pobres e empresas. “Vamos mudar o nosso país, vamos crescer juntos, vamos dar as mãos, negros, brancos, pobres, ricos. Vamos lutar todos por direitos iguais”.	Sim. “O pobre muitas vezes se contenta com o pouco e com o apoio do governo que doa alimentos, roupa. Ele acha que não precisa trabalhar e continua sendo pobre”.

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E16	Os governantes, pois eles não melhoram o ensino. Os impostos são desviados e as empresas não são competitivas.	Porque há má distribuição de renda. “A maior fatia está nas mãos de poucos e estes são os que financiam as eleições no país”		E16	“Sim, porém a longo prazo. (...) Haveria necessidade de um maior repasse dos impostos em benefício do povo”	O governo	O pobre tem culpa pelo seu comodismo e conformismo. Mas os maiores responsáveis são “os governantes que temem em investir em conhecimentos, infra-estrutura e geração de empregos, pois assim haveria uma maior cobrança”
E17	Não respondeu	Não respondeu		E17	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E18	O capitalismo e cada um de nós. “Na minha opinião se o país fosse socialista, a pobreza não iria acabar, mas iria diminuir”.	Falta de trabalho e de oportunidades (profissionalizantes) tem agravado a pobreza		E18	Sim, desde que todos se esforcem.	O governo (melhorando a educação e as oportunidades de todos)	É responsabilidade de todos e não somente de alguns.
E19	Os governantes	Em razão da má distribuição de renda		E19	Sim	O governo	Não. A pobreza é devida à falta de emprego e de instrução.
E20	O próprio pobre	Os pobres são pobres porque são acomodados àquilo que o governo oferece. As ricas são ricas porque têm objetivos e lutam por eles.		E20	Não. Há pobre demais.	Não respondeu.	Sim. O pobre não pensa no futuro.
E21	Não respondeu	Não respondeu		E21	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E22	O presidente Lula	“Pela falta de organização do Brasil e pela má distribuição”		E22	Talvez	Todos os governadores, presidentes e deputados. Os prefeitos de cada cidade e todas as pessoas que podem ajudar.	Não. Os políticos são culpados pela pobreza.
E23	Não sei	Não sei		E23	Não sei	Não sei	Não sei

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E24	A falta de emprego leva as pessoas e a pobreza”	Os ricos têm empregos bons. Os pobres não conseguem emprego.		E24	Sim é possível “se o governo trazer fábricas, empresas e empregos para as famílias pobres”.	Governos, presidentes e senadores. Eles poderiam fazer uma reunião visando criar emprego para a cidade.	De jeito nenhum a pobreza é culpa do pobre. É a falta de moradia, de alimento, de emprego. “A culpa é dos líderes que não sabem agir certo”.
E25	Eu acho que é o governo	Porque há alguns que só pensam em si e não pensam nas outras pessoas.		E25	Não respondeu.	Não respondeu.	Não respondeu.
E26	O governo	Falta de investimento social.		E26	Sim, pois um país como o Brasil tem recurso para fazer tudo.	O governo. “Parando de roubar o dinheiro do povo e começando a colocá-lo em escolas, postos de saúde, tirando as pessoas da rua e construindo casas para eles”.	Não. “A gente vê na televisão ou mesmo na rua as pessoas catando lixo para sobreviver. Essas pessoas não tiveram estudos. A culpa não é delas, pois, se o governo tivesse ajudado elas antes, não teria acontecido isso”.
E27	“As pessoas responsáveis pela pobreza são os presidentes e os prefeitos corruptos que se apoderam do dinheiro que com muito esforço nós brasileiros conseguimos”	“Muitas vezes as pessoas são ricas por roubarem os outros ou então por seu próprio esforço, mas há poucas pessoas honestas no mundo. E muitas são pobres por serem roubadas pelos prefeitos corruptos ou por terem caído no vício”.		E27	É possível. O Brasil é muito rico em matéria-prima. É preciso saber aproveitar isso para construir um país melhor.	O governo pode ajudar a diminuir a pobreza.	Às vezes é culpa das drogas. Às vezes é culpa da falta de estudos e de emprego. Outras vezes a culpa é da discriminação contra as pessoas pobres, doentes e negras.
E28	Não respondeu	Não respondeu.		E28	Sim. As autoridades poderiam comandar melhor o país.	Os governantes deveriam preocupar-se mais com os pobres.	Não. O pobre não tem culpa pela pobreza que há no Brasil. “São cobrados muitos impostos dos pobres”.

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E29	Falta de emprego	Toda riqueza fica nas mãos de poucos. Aumentam os desfavorecidos que possuem muitos filhos e pouca escolaridade.		E29	Sim, se o governo levasse a sério a administração, cumprisse a lei. Cada um tem de fazer a sua parte. As empresas e o próprio pobre.	Sim. O brasileiro tem de trabalhar mais, economizar mais e o governo deve desperdiçar menos. “Os projetos do governo para diminuir a pobreza, ninguém leva a sério”.	Às vezes, porque há falta de perspectiva acerca do futuro. “o país é capitalista. Vai sempre haver pessoas menos favorecidas”.
E30	“Sei lá. Talvez o governo ou talvez deputados, prefeitos, vereadores e senadores”	Há pessoas que ganham muito e outra que não ganham nada. “Acho que o dinheiro que é gasto com jogadores de futebol poderia ser aplicado na pobreza no Brasil”.		E30	Sim. O governo deveria investir mais na pobreza do Brasil. “Deveria empregar mais pessoas”. O pobre deveria estudar e trabalhar mais.	Governo, empresa e os próprios pobres.	Um pouco é do pobre porque não estudou. Mas nem toda culpa é do pobre.
E31	Falta de emprego e a violência	Porque elegemos corruptos		E31	“O Brasil não muda mais”. Mas o brasileiro não desiste jamais.	Não respondeu	Não. A culpa é da corrupção.
E32	Não respondeu	Porque os ricos aproveitam as oportunidades que possuem e os pobres não.		E32	É possível. Com mais educação e mais ação.	O pobre tem de ter mais atitude.	Sim. Pelo comodismo diante dos programas do governo.
E33	O rico por desejar sempre ficar mais rico e o pobre que se acostuma a sua condição.	“A falta de informação e o comodismo dessas pessoas, faz com que o dinheiro desse país vá parar nas mãos de poucos, que tem coragem de pagar por uma bolsa a exorbitante quantia de 40 mil reais. A igualdade desse país está muito longe de acontecer”		E33	Sim, mas “para acabar com a pobreza no Brasil não tem uma receita”.	Sim, se todos os interessados no assunto se unirem tudo pode mudar, nada é impossível. Só não podemos cruzar os braços e esperar que os governantes se mobilizem”.	Em parte sim, em razão do comodismo.

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E34	O governo	É porque o governo contrata somente gente rica para trabalhar.		E34	Sim., mas para isso o pobre deveria ter direito a ter emprego.	O governo deveria possibilitar emprego para todos. O pobre tem de procurar emprego.	As pessoas são pobres por falta de emprego. Mas o pobre tem culpa também pela sua pobreza.
E35	A sociedade como um todo. Às vezes dizem que os governantes são culpados, “mas quem votou neles foi a sociedade”.	Não respondeu.		E35	É possível. Como? “Dando mais capacidade para as pessoas arranjam um bom emprego”.	As empresas poderiam dar mais chances para os pobres trabalharem. O governo deveria ofertar cursos profissionalizantes	Os pobres são pobres porque ninguém dá chance para eles trabalharem. A culpa pela pobreza é um pouco do pobre e um pouco do governo.
E36	O presidente, pois falta serviço para as pessoas.	A pobreza deve-se à falta de emprego.		E36	Sim. Dando serviço aos pobres	O governo e as empresas.	Não. Ninguém deseja ser pobre.
E37	O governo. A falta de estudo é a principal causa da pobreza.			E37	Sim	O governo dando estudo para a população pobre. As empresas dando trabalho. Os próprios pobres esforçando-se mais.	Não. A pobreza deve-se à falta de estudo adequado para o desenvolvimento de um trabalho também adequado.
E38	Não respondeu	Não respondeu		E38	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E39	Presidente, governantes, empresas, avanço tecnológico, [tudo isso] faz diminuir o emprego e a própria pobreza.	Os ricos tiveram sorte e oportunidades. Os pobres não tiveram sorte nem oportunidades		E39	Sim, mas isso só seria possível se houvesse o aumento do emprego e se os pobres resolvessem trabalhar. E também se os ricos resolvessem dividir o que possuem e se as tecnologias não acabassem com o emprego dos mais pobres.	Todos. Governantes, ricos e pobres.	Em parte sim.

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E40	Falta de investimento nas escolas públicas.	O rico tem melhores oportunidades e melhores estudos.		E40	Diminuir, sim. Acabar, não.	O governo, as empresas e os próprios pobres.	Em parte sim, mas somente em parte.
E41	Não respondeu	Não respondeu		E41	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu.
E42	Todos somos responsáveis pela pobreza no Brasil.	Não sei. Talvez seja o destino.		E42	Sim	Todos devem agir visando diminuir a pobreza.	A sociedade como um todo é culpada pela pobreza. Às vezes a pobreza é culpa do pobre.
E43	Não respondeu	Não respondeu		E43	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E44	“O governo pela falta de programas que auxiliem o desenvolvimento social. E as grandes multinacionais (...) que detêm um grande capital, muitas vezes conquistados através da exploração e/ou da escravização”.	É uma situação presente desde a época da escravidão. Os negros saíram da escravidão sem um lugar para ir e sem dinheiro. Assim, continuaram a trabalhar por péssimos salários. “Até hoje vivemos em um país com muitas desigualdades. Muitos não conseguem ter uma formação escolar adequada e acompanhar o mercado de trabalho. O racismo (...) contribui para o aumento das desigualdades”.		E44	Sim. Melhorando a educação. Desenvolvendo projetos que levem ao crescimento de oportunidades de trabalho. Programas que levem os jovens a serem empreendedores.	Todos aqueles que podem aumentar as oportunidades.	Não.
E45	O presidente	O desemprego aumenta a pobreza		E45	Sim. Como? Dando ao povo a dignidade de ser um trabalhador.	Aqueles que têm o poder em suas mãos.	Não. Os pobres não têm culpa de ter um presidente que não os ajuda a subir na vida.

Estudante número	1. Quem é responsável pela pobreza no Brasil	2. Por que umas pessoas são muito pobres e outras muito ricas			3. É possível a um país como o Brasil diminuir a pobreza	4. Quem poderia agir para diminuir a pobreza (o governo? As empresas? O próprio pobre)	5. A pobreza é culpa do próprio pobre ou não?
E46	Parte da responsabilidade cabe ao governo. Outra parte a todas as pessoas.	Por causa da má distribuição de renda.		E46	Sim. Investindo em tecnologias. O governo dando assistência e as empresas, dando trabalho e qualificação.	O governo e o próprio pobre. Um não pode ficar esperando pelo outro. "O governo fica esperando o pobre e o pobre fica esperando o governo".	Não.
E47	A falta de estudos e de emprego	Pela falta de trabalho e de estudos.		E47	Sim, se os pobres tivessem mais estudos.	Os pobres deveriam estudar mais.	Não respondeu.
E48	Talvez o governo	Em razão da má administração dos governantes. Há também outros antecedentes.		E48	Não respondeu.	Todos. "A pobreza é fruto do desemprego, da habitação, do saneamento e de outras coisas".	Não respondeu.
E49	Não respondeu	Não respondeu		E49	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu.
E50	Não respondeu	Não respondeu		E50	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu.
E51	Não respondeu	Não respondeu		E51	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
E52	O governo.	Não respondeu		E52	É muito difícil.	O governo	Não.
E53	Não respondeu	Não respondeu		E53	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu

2.1 A percepção dos(as) alunos(as) pesquisados sobre a pobreza e suas causas

Os dados apresentados no quadro acima demonstram que 65% dos (as) estudantes que responderam à pesquisa assinalaram que a pobreza possui causa social. A falta de estudos, de emprego e de oportunidades é apontada como potencializadora das condições de pobreza e de miserabilidade no país. Eles destacaram que a falta de investimento e de desenvolvimento sociais e a ausência de melhorias educacionais e de políticas públicas são as principais responsáveis pelas condições de pobreza vigente no país.

Nota-se que as (os) alunas (os) tentam identificar as causas sociais da pobreza. Poucos (as) jovens atribuem causas unicamente individuais para a situação de miserabilidade. Isso é um dado extremamente positivo, já que há uma tentativa expressiva dos meios de comunicação, das campanhas publicitárias e até mesmo de muitos governantes e de diversos segmentos sociais preponderantes de atestar que o pobre é o único responsável pela sua condição de pobreza. Era de se supor que as (os) estudantes teriam grandes possibilidades de somente reafirmar o debate atual de que os pobres devem se empenhar individualmente para solucionar os seus problemas. Eles fazem esta afirmação, mas defendem que há também a necessidade de o governo e os empresários agirem em favor do combate à pobreza.

Uma parte expressiva deles (as), ou seja, 20 estudantes entre 53, destacam que acreditam que as soluções para a pobreza estão nas mãos do governo. É ele que deve implementar melhorias educacionais, políticas de emprego, programas de desenvolvimento social, condições de acessibilidade ao mercado de trabalho, oportunidades de qualificação profissional, investimento em áreas que favoreçam os mais pobres através do combate às exclusões e à corrupção.

Não há um entendimento por parte dos (as) estudantes de que os pobres devem virar-se por conta própria. Alguns deles (as) insistem que os pobres têm também de procurar meios de melhorar a sua condição de vida. Mas, são poucos os (as) alunos (as) que atribuem essa tarefa somente aos próprios pobres. A maioria assinala que reconhecem razões sociais para a existência e a perpetuação da pobreza extrema no país. Observa-se que, quase sempre, os (as) estudantes estão se referindo à chamada pobreza absoluta. Eles não vêem a condição de pobreza relativa como um grande problema. Para muitos deles (as), quando os indivíduos têm um trabalho e um ganho razoável já é possível manter a pobreza afastada.

Ao discutir as condições de pobreza eles (as) parecem crer firmemente que a formação educacional proporciona caminhos para a abertura de oportunidades no mercado de trabalho e que tais oportunidades são anti-

dotos contra a miserabilidade. Há uma forte associação em suas falas entre a pobreza e a falta de estudos. Esta última, por sua vez, aparece relacionada diretamente à falta de emprego e à inviabilidade no mercado de trabalho. Para uma parte deles (as) ter um trabalho (no comércio, na indústria, no setor de serviços, de modo geral) já significa um distanciamento da miserabilidade e da discriminação que a pobreza traz consigo. Mesmo que eles (as) tenham como objetivo alcançar, no futuro, trabalhos mais qualificados, é visível que eles (as) possuem uma visão positiva de todo trabalho que permite alcançar as condições para se afastarem da pobreza absoluta.

É interessante destacar que eles (as) parecem associar pobreza e discriminação. Para eles (as), aquela primeira é causa desta última que, por sua vez, faz crescer as dificuldades para romper com a miserabilidade. Um dos efeitos mais drásticos da pobreza é justamente, dizem eles, o preconceito que as pessoas desta condição sofrem. Não obstante fazerem essas reflexões como queixas pessoais, eles (as) conseguem externar a preocupação com os efeitos não só objetivos, mas também subjetivos da pobreza.

As (os) estudantes intuem, de forma ainda bastante incipiente, que as soluções para a pobreza devem possuir um caráter público. Por isso defendem ações que envolvam os governantes, os empresários, os administradores públicos e os próprios pobres. Todavia, quando mencionam estes últimos, os (as) alunos (as) supõem a necessidade de um empenho pessoal contínuo dos mais pobres na superação dos obstáculos que os empurram para a miserabilidade. Há, então, uma co-responsabilização destes últimos na busca de saídas para as suas condições. Dezesete estudantes consideram necessário um maior empenho dos pobres para vencerem as dificuldades socioeconômicas a que estão submetidos. Mas é preciso ressaltar que, enquanto alguns destacam somente a necessidade de um empenho dos próprios pobres para superar a falta de estudos, de oportunidades e de empregos, outros (as) estudantes acrescentam que esta superação só se realizará se forem vencidos os comodismos que fazem com que os pobres não se empenhem para sair dos programas de assistência do governo.

Essa questão do comodismo foi bastante destacada pelos (as) estudantes (veja-se, no último quadro apresentado, E6; E7; E15, E16; E32) Alguns deles ressaltam que a falta de empenho, por direitos, é reflexo desse comodismo (veja-se E2; E5; E10). Eles (as) não se referem somente ao conformismo em face da escassez e da carência dos meios básicos de sobrevivência, mas também ao comodismo diante da inação reivindicadora de direitos por parte dos mais pobres. Conquanto sejam pouquíssimos os (as) alunos (as) que fazem referências à luta por direitos, deve-se observar que nem eles (as) aplicam a si essa mesma explicação ante as dificuldades enfrentadas, por

eles (as), nas carências que vivenciam na escola, por exemplo. Ou seja, eles (as) também dizem que necessitam de muitas melhorias na escola (mais salas de aulas, laboratórios de ciência e de informática, biblioteca maior, etc.), mas em momento algum eles atribuem a si próprios a necessidade de lutar pelo direito de terem uma educação pública de maior qualidade.

Quando lançam um olhar de fora e à distância sobre os mais pobres, eles (as) relatam que parte das dificuldades (falta de oportunidades, falta de emprego, falta de instrução, falta de qualificação, etc.) pelas quais passam os pobres está relacionada diretamente ao fato deles não lutarem pelos seus direitos. Mas eles (as) não aplicam essa mesma fórmula quando discutem as dificuldades (educacionais, profissionais, etc.) pelas quais eles passam, o que evidencia que é mais fácil convocar os outros para participar da solução de seus problemas do que convocar a si próprios.

A E10 afirma que “se os pobres se organizassem e fizessem reivindicações”, conjuntamente, as coisas poderiam mudar. A E2 diz ainda que “no Brasil há muitas pessoas pobres e a culpa de serem pobres é delas mesmas. Não sabem lutar por seus direitos e conquistar seu espaço na sociedade”.

Um dado que chama a atenção em suas falas é a quase ausência de uma perspectiva centrada na defesa de direitos sociais quando falam da pobreza e das desigualdades. Não é por acaso que mencionam muito rapidamente a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas. No entanto, não possuem clareza sobre como tais políticas poderiam ser. Eles intuem que o investimento em educação, formação profissional, qualificação, etc. tem de partir do governo, mas nem sequer mencionam o Estado. Eles insistem que o governo tem a maior responsabilidade para com os pobres. Alguns criticam os programas que conhecem (o programa bolsa-família, por exemplo) porque estes semeariam conformismos e comodismos entre os mais pobres, mas deixam evidente que não sabem o que colocar no lugar dos programas sociais. Isso tem de ser analisado à luz das condições sociais brasileiras que têm perpetuado a não-sedimentação de políticas públicas capazes de dar respostas eficientes no campo da distribuição da renda e da diminuição das desigualdades sociais.

Os (as) alunos (as) estão, na verdade, somente demonstrando que desconhecem possibilidades de ações efetivas do Estado no campo de políticas institucionais capazes de reverter a concentração e a má distribuição de renda. E desconhecem-nas não por uma mera ignorância, desconhecem porque não há, de fato, no país, tais políticas. Alguns (umas) estudantes mencionam a má administração e a má aplicação do dinheiro público como fator de exacerbação das condições de pobreza. Eles (as) parecem supor que uma melhor aplicação dos recursos sociais seria uma forma de combater os males

advindos da perpetuação da pobreza. Quase nunca falam em desigualdades sociais e deixam claro que para eles a relação entre pobreza e desigualdade é algo muito difícil de entender. Isso não é algo que diz respeito somente a estes alunos do ensino médio. Fazer a distinção entre pobreza e desigualdade, bem como compreender a sua articulação não é algo, de fato, fácil.

O modo como os (as) alunos (as) insistem na responsabilidade dos governantes na busca de soluções para os problemas relacionados à pobreza, demonstra que há, por parte deles, uma convicção de que o poder público deve ser o agente, por excelência, de encaminhamento de ações que resolvam o desemprego, a falta de qualificação profissional e os problemas educacionais que são apontados como os principais responsáveis pela perpetuação da pobreza no país. Vejam-se, por exemplo, as suas respostas na coluna acerca da possibilidade de diminuir a pobreza no Brasil.

Assim, pode-se dizer que não se visualizam em suas falas quaisquer menções a algo que lembraria as defesas de um estado mínimo que se retiraria dos investimentos sociais. Eles (as) parecem desejar um Estado que intervenha garantindo educação pública, qualificação profissional e condições de empregabilidade. Para eles (as), os governantes devem, até mesmo, intervir junto às empresas para que elas tenham maiores condições de gerar mais empregos, já que a falta destes é tida como a grande responsável pelas condições de pobreza.

Os governantes devem empenhar-se, dizem os (as) estudantes, para ampliar as oportunidades dos indivíduos mais pobres. Este empenho deve ocorrer tanto no campo educacional quanto no campo da vida social e econômica como um todo. Quando indagados (as) sobre quem poderia agir para diminuir a pobreza no Brasil, alguns (umas) estudantes responderam que o governo deveria “investir, a longo prazo, na saúde, na educação e na criação de oportunidades de emprego facilitando a entrada dos pobres na universidade” (E9). Uma outra aluna diz: o principal agente de luta contra a pobreza é o governo, “porque é do governo que vem o benefício para a população, como a reforma agrária, com terra e o recurso para a pessoa desenvolver a sua propriedade” (E10). Outra estudante diz ainda o seguinte: o governo, em primeiro lugar, tem de auxiliar “os empresários a gerarem mais empregos e, em segundo, tem de aumentar o salário mínimo” (E11). Pensando em termos regionais uma estudante afirma: “o governo deveria enviar mais verbas para as regiões mais pobres [investirem] na educação” (E13).

Essas falas demonstram que há uma expectativa enorme destes (as) jovens em relação às ações dos governantes. Eles parecem esperar, de fato, ações sociais. Todavia, eles parecem desconhecer que não há possibilidade de práticas políticas eficazes sem a geração de um espaço público por onde

possam fluir as demandas sociais capazes de balizar as ações dos governantes. Eles (as) possuem uma visão que enaltece o papel dos governantes, mas entendem que esses últimos agem muito mais por boa vontade do que em resposta a pressões sociais. É evidente que essa percepção deles (as) acerca da política não é algo que emergiu do nada. Ela está inserida numa sociedade que tem dificuldades de construir espaços públicos capazes de capacitar politicamente os grupos sociais para se enfrentarem publicamente e construir meios de lutas por direitos e por melhores condições de vida. Suas falas expressam claramente essa enorme dificuldade. Por isso, eles vêem os governantes como uma solução que paira sobre a sociedade. A dissociação entre Estado e sociedade³² vem à tona em suas propostas de ações para combater a pobreza e a miserabilidade. Conforme afirma Celso Furtado:

“(…) A crise que aflige nosso povo não decorre apenas do amplo processo de reajustamento que se opera na economia mundial. Em grande medida ela é o resultado de um impasse que se manifestaria necessariamente em nossa sociedade, a qual pretende reproduzir a cultura material do capitalismo mais avançado, privando assim a grande maioria da população dos meios de vida essenciais. (...) Somente a criatividade política [impulsionada] pela vontade coletiva poderá produzir a superação desse impasse. Ora, essa vontade coletiva requer um reencontro das lideranças políticas com os valores permanentes de nossa cultura. Portanto, o ponto de partida do processo de reconstrução que temos de enfrentar deverá ser uma participação maior do povo no sistema de decisões. Sem isso, o desenvolvimento futuro não se alimentará da autêntica criatividade e pouco contribuirá para a satisfação dos anseios legítimos da nação” (FURTADO, 2002: 36).

A construção de uma vontade coletiva capaz de provocar mudanças significativas no campo das melhorias educacionais e socioeconômicas não é sequer aventada pelos (as) estudantes, o que se explica pelas suas vivências em um país marcado pela dificuldade de construir meios efetivos de participação política.

Por fim, um outro dado que merece destaque nas falas dos (as) estudantes relaciona-se as suas percepções sobre o modo como a sociedade deve lidar tanto com o pobre quanto com as condições de pobreza. Há, na atualidade, a divulgação de dois grandes grupos de sugestões quanto ao modo como os pobres devem ser vistos e tratados. Há inúmeras mensagens explícitas

³²Raymundo Faoro desenvolveu uma enorme discussão sobre a dissociação entre o Estado e a sociedade que vigora no Brasil (Faoro, 1989; 1994; 1985; 1990; 1991; 1991*; 1981).

ou subliminares que sugerem formas de lidar com os mais pobres. Ou seja, estes devem ser reciclados e reintroduzidos no mundo do trabalho, mundo este cada vez mais restrito, ao menos no que diz respeito ao trabalho formal, ou devem eles (os mais pobres) ser afastados, o máximo possível, dos lugares públicos (ruas, parques, praças, prédios públicos, etc.). São as propostas que enaltecem a repressão aos mais pobres e sugerem que sejam tratados como um estorvo que deve ser afastado para as periferias, as prisões, etc.

Pode-se dizer, então, que diante das duas posturas (os mais pobres devem ser reciclados ou devem ser removidos do convívio social)³³ mais exaltadas, hoje, pelos governantes, administradores públicos, administradores privados, empresários, meios de comunicação, etc., os (as) estudantes, na sua maioria absoluta, ficam com a primeira opção. Ou seja, acreditam piamente que os mais pobres devem ser reciclados; por isso sugerem cursos, programas sociais, formação educacional, qualificação profissional, oportunidade de emprego e de escolaridade.

Deve-se ter em mente que defender a reciclagem dos mais pobres é muitas vezes uma forma de não enfrentar a questão das desigualdades e da justiça social. Conforme afirma Ulrick Beck;

“Mas que significa justiça social num mundo em que um quinto é rico e quatro quintos são pobres? E além disso, é preciso levar em conta que não se trata apenas do empobrecimento verdadeiramente dramático da esmagadora maioria da sociedade mundial, mas também do fato de que a miséria material aumenta com a perda da voz pública própria. A frase de Brecht ‘a gente não enxerga os que estão no escuro’ exprime justamente esse duplo escárnio da não-presença pública da maioria mundial de pobres sem voz nem voto, que, ademais, geralmente têm pele escura e para os quais a justiça social chega, quando muito, na forma de esmola, nas doações feitas por ocasião das grandes catástrofes. Num mundo assim, confundir ‘justiça social’ com ‘igualdade de oportunidades’, (...) obriga a aceitar a desigualdade como resultado” (Beck, 2003: 99).

Conforme afirma Zygmunt Bauman (2005), essa postura sobre a possibilidade de reciclagem situa-se num amplo processo de individualização dos problemas sociais. Os indivíduos devem lutar para se viabilizarem no mercado de trabalho. É uma postura que, apesar de melhor do que aquela

³³Sobre estas duas perspectivas que, na atualidade, disputam espaço no imaginário social, nas práticas políticas, nas ações voluntárias, nas atividades das ONGs, nos programas sociais governamentais, etc., ver as discussões empreendidas por: (BAUMAN, 2005; WACQUANT, 1999; 2001, 2001*).

que advoga que os mais pobres devem ser removidos do convívio social, tende a supor que é possível resolver individualmente problemas sistêmicos (BAUMAN, 2001). Por isso, examinando o quadro de respostas dos (as) alunos (as) temos muitas sugestões que vão ao encontro das posturas que desejam ver a implementação de programas para os mais pobres se viabilizarem economicamente e socialmente. Está aí a razão de os (as) estudantes dizerem que o combate à pobreza extrema passa pela co-responsabilização tanto dos governantes e das empresas quanto dos próprios pobres.

Um dado que deve ser posto em relevo é que os (as) estudantes possuem uma postura não-preconceituosa, não-discriminadora e não-criminalizadora dos mais pobres. Salvo algumas exceções, conforme pode ser constatado no quadro 2, a maioria deles acredita que os mais pobres possuem condições para afastar de si a pobreza. Por isso sugere aos governantes programas e ações que melhorem as condições de ensino e de profissionalização. Para os (as) estudantes, os mais pobres podem sair da miséria através de um esforço coletivo que envolve governantes, empresários e os próprios pobres. Todavia, sobressai em suas respostas a responsabilização dos governantes. São eles, dizem os (as) alunos (as), que devem criar as condições para que os mais pobres possam sair da miséria. Eles (as) acreditam firmemente na possibilidade de o país diminuir a pobreza e gerar muitas possibilidades para os pobres e não-pobres, de modo geral. Considera-se interessante terminar este texto com a fala de uma aluna de 15 anos, do 2º ano. Comentando o instrumento de pesquisa empregado - que deu voz aos (às) estudantes ao lhes perguntar o que pensam da escola, do ensino, do país, da pobreza e da vida social como todo - ela diz:

“Achei muito interessante esse tipo de trabalho. Ele deveria ser feito sempre em todos os níveis de ensino, para que houvesse uma avaliação melhor, equiparando-se os resultados; algo deve ser feito para melhorar a educação do país. O Brasil tem capacidade, estrutura e muito mais para que [haja] uma educação de primeiro mundo ao alcance de todos e com igualdade, pois assim teremos ótimos profissionais na construção de um país com desenvolvimento [e isso nos faça] cada vez mais orgulhosos de sermos brasileiros. Que este trabalho não permaneça só no papel, que ele saia por aí aos quatro ventos e que o seu retorno [traga com a força de um] vendaval ótimos frutos, excelentes estudantes e, [por fim], profissionais cada vez mais qualificados” (Estudante nº16).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ângela Maria de O; PACHECO, Juliana Garcia; ALVES GARCIA, Lorena Francisca de T. (2006). Representações sociais da adolescência e práticas educativas dos adultos. In ALMEIDA, Ângela Maria et al. (orgs) *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudo em representações sociais*. Brasília, UNB, p.135-150.
- AS NOVAS tecnologias são fundamentais para reduzir a pobreza mundial. (2001) PNUD/ONU, 10 jul. Disponível em: <www.undp.org/hdr2001>. [Acessado em: 10/05/2007].
- AZEVEDO, Fernando de (1951). *Sociologia educacional: introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com os outros fenômenos sociais*. São Paulo, Melhoramentos.
- BLAU, Peter (1987). Componentes burocráticos dos sistemas escolares. In PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice (orgs.) *Educação e sociedade*. São Paulo, Nacional, p.150-162.
- BAUMAN, Zygmunt (2000) *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt (1999) *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt (2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt (2003) Entrevista. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 out.2003. C. Mais, p.4-9.
- BAUMAN, Zygmunt (2004) Entrevista. *Tempo Social*, São Paulo, v.16, nº1, p.301-325, jun. 2004.
- BAUMAN, Zygmunt (2005) *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BECK, Ulrich (1992) *Risk society: towards a new modernity*. Londres: Sage.
- BECK, Ulrich (2003). *Liberdade ou capitalismo*. São Paulo, Unesp.
- BOURDIEU, Pierre (2001) *Contrafogos2*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BOURDIEU, Pierre (1998). *Savoir Faire: Contribution à une théorie dispositionnelle de l'action*. Paris, Seuil.
- BOURDIEU, Pierre (2007). *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, Porto Alegre, Zouk.
- BROWN, Mark Malloch (2001) apud As novas tecnologias são fundamentais para reduzir a pobreza mundial, mas as deficiências do mercado entravam este processo. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2001*. Disponível em: <www.undp.org/hdr2001>. [Acessado em 10/05/07].

CANDIDO, Antônio (1987). A estrutura da escola. In PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice (orgs.) *Educação e sociedade*. São Paulo, Nacional, p.107-128.

CHARLOT, Bernard (2000). *Da relação com o saber*. Porto Alegre, Artmed.

COULON, Alain (1995). *A Escola de Chicago*. São Paulo, Papirus.

COULON, Alain (1987). *L'Ethnomethodologie*. Paris, PUF.

CRUZ, Fátima Maria Leite (2006). Representações, identidade e exclusão social: o fracasso escolar em matemática. In ALMEIDA, Ângela Maria et al. (orgs) *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudo em representações sociais*. Brasília, UNB, p. 151-184.

ESPING-ANDERSEN, Gosta (2007). Um Estado de bem-estar social para o século XXI. In GIDDENS, A (org.) *O debate global sobre a terceira via*. São Paulo, Unesp, p.193-244.

FAORO, Raymundo (1989). *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, 8ªed. Rio de Janeiro: Globo.

FAORO, Raymundo (1994) A modernização nacional. In *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, p.95-115.

FAORO, Raymundo (1985). *Assembléia constituinte: a legitimidade recuperada*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

FAORO, Raymundo (1990). Réquiem para mais um plano. *Isto É/Senhor*. São Paulo: nº1095, p.23, 12 set.

FAORO, Raymundo (1991). A triste “modernização”. *Isto É/Senhor*. São Paulo: nº1113, p.47, 23 jan

FAORO, Raymundo (1991a). O governo da ineficiência. *Isto É/Senhor*. São Paulo: nº114, p.4-8, 30 jan. Entrevista.

FAORO, Raymundo (1981). *Assembléia constituinte: a legitimidade recuperada*. São Paulo, Brasiliense

FUKUDA-PARR, Sakiko (2001) apud AS NOVAS tecnologias são fundamentais para reduzir a pobreza mundial. PNUD/ONU, 10 jul. Disponível em: <www.undp.org.hdr2001>. [Acessado em: 10/05/2007].

FREYRE, Gilberto (1982). *Rurbanização: o que é?* Recife, Massangana.

FREYRE, Gilberto (1987). *Homens, engenharias e rumos sociais*. Rio de Janeiro, Record.

FURTADO, Celso (2001). *O capitalismo global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FURTADO, Celso (1999). *O longo amanhecer*. São Paulo: Paz e Terra.

FURTADO, Celso (2002). *Em busca de novo modelo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

JOVEM século XXI (2008). Datafolha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul.2008. Caderno especial

LAHIRE, Bernard (2004) *Retratos sociológicos*. Porto Alegre, Artmed.

LAHIRE, Bernard (2004a) *Entrevista. Educação e pesquisa*. São Paulo, mai.ago.

LAHIRE, Bernard (2006) *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre, Artmed.

LENOIR, Remi (1998) Objeto sociológico e problema social. In *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis, Vozes, p.59-106

MANNHEIM, Karl e STEWART, William Alexander Campbell (1987) O subgrupo de ensino. In PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice (orgs.) *Educação e sociedade*. São Paulo, Nacional, p.129-137.

OGBU, John (1978). *Minority education and caste*. Nova York, Academic Press.

RDH/2001 – Panorama Geral: Poner el adelanto tecnológico al servicio del desarrollo humano apud Relatório do Desenvolvimento Humano 2001: Fazendo as novas tecnologias trabalhar para o desenvolvimento humano. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh>>. [Acessado em: 11/05/07].

RDH/2001a – Transformações tecnológicas actuais – criação da era das redes apud Relatório de Desenvolvimento Humano 2001, p.27-63. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/integras/index.php?>> [Acessado em 24/07/07].

REZENDE, Maria José (2007). As novas tecnologias podem ser coadjuvantes no processo de cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU. *Investigación & Desarrollo*, Colômbia, v.15, nº2, p.288-319.

SANTOS, Maria de Fátima de S. e AIÉSSIO, Renata Lira de (2006). De quem é a culpa? Representações sociais de pais das zonas urbanas e rural sobre adolescência e violência. In ALMEIDA, Ângela Maria et al. (orgs) *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudo em representações sociais*. Brasília, UNB, p.111-134.

TEIXEIRA, Anísio (1987) A educação escolar no Brasil. In PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice (orgs.) *Educação e sociedade*. São Paulo, Nacional, p.388-413.

WACQUANT, Loic (2001). *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

WACQUANT, Loic (2001a). *Os condenados da cidade*. Rio de Janeiro, Revan.

WACQUANT, Loic (2003). Da América como utopia às avessas. In BOURDIEU, Pierra (org.) *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes.

ZNANIECKI, Florian (1945) Social Organization and Institutions. In GURVITCH, George e MOORE, Wilbert (orgs.) *Twentieth Century Sociology*. New York, The Philosophical Library, p.214-215.

ZNANIECKI, Florian (1987) A escola como grupo instituído. In: PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice (orgs.) *Educação e sociedade*. São Paulo, Nacional, p.104-106.



